

MARIANA ELIAS GOMES

**CELEBRAÇÕES DA SEMANA SANTA EM MARIANA (MG): uma análise do
discurso de moradores e turistas**

ILHÉUS - BAHIA

2008

MARIANA ELIAS GOMES

**COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA EM MARIANA (MG): uma análise do
discurso de moradores e turistas**

Dissertação apresentada, para obtenção do
título de Mestre em Cultura & Turismo, à
Universidade Estadual de Santa Cruz.

Linha de Pesquisa: Memória, Identidade e
representações culturais

Orientador: Prof. Dr. Odilon Pinto de
Mesquita Filho

Ilhéus – BAHIA

2008

MARIANA ELIAS GOMES

**COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA EM MARIANA (MG): uma análise do
discurso de moradores e turistas**

Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Cultura & Turismo, à Universidade Estadual de Santa Cruz.

Linha de Pesquisa: Memória, Identidade e representações culturais

Orientador: Prof. Dr. Odilon Pinto de Mesquita Filho

Ilhéus/BA, 18/04/2008

Prof. Dr. Odilon Pinto de Mesquita Filho
UESC – BA (Orientador)

Prof. Dr. Marco Aurélio Ávila
UESC - BA

Prof. Dr. Wladimir da Silva Blos
UESC - BA

Observei as culturas de todas as terras
soprem em torno de minha casa, e
outros ventos soprem as sementes da
paz, pois viajar é a língua da paz.

Mahatma Ghandi

Dedico esta pesquisa a Deus e a minha família, de onde busquei a força e a coragem para esta caminhada.

AGRADECIMENTO

Agradeço, em primeiro lugar, àquele que me proporcionou participar desse grande sonho: Deus, mais presente em minha vida do que nunca.

À Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, ao Mestrado em Cultura e Turismo e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, pela oportunidade da realização deste Curso.

Agradeço ao professor Odilon Pinto de Mesquita Filho, por ser um orientador presente, paciente e interessado. Por seus ensinamentos de paciência (“Cada dia com sua agonia”), perseverança (“Oxi, menina, não se aperreie tanto”), os quais lembrarei em minha caminhada acadêmica e pessoal.

Aos professores Ana Claudia Cruz e Silva, Janete Ruiz de Macedo, Moema Midlej, Paulo Fraga, Sócrates Guzman e ao querido Henrique Tome da Costa Mata, que fizeram do ensino uma arte, e assim inspiraram a cada um de nós.

À Brenda, aos professores Sandra Maria Pereira do Sacramento e Marco Aurélio Ávila, e a todos estagiários, pelas portas da Secretaria estarem sempre abertas, mesmo que à distância, e pela amizade.

A todos aqueles que foram entrevistados, agradeço pela disponibilidade.

Aos amigos muito importantes nesta caminhada, que compartilharam tantas aulas, discussões e aprendizados em sala de aula e também nas viagens e pizzarias. Em especial, às minhas companheiras de casa Malu e Paula, pessoas que levarei comigo onde for. Pelas belas surpresas em forma de amigos: Ed, Fê, Hana, Pri, Pitty, Astor, Urbano, Angye, e a todos os colegas de classe: obrigada pela presença de cada um neste momento da minha vida. À Aline, que em terras mineiras conheci uma grande pessoa e também uma grande amiga.

À terra grapiúna, Ilhéus, que me acolheu de braços e mares abertos.

Aos meus pais, irmãos e cunhada, avó, pelo incentivo, rezas, conselhos.

Aos meus grandes amigos, que sempre acreditaram em mim: Ló, Vivi, Ju, Carol, Mariana, Alonso, Cris.

Ao João Paulo, mais do que namorado, amigo, companheiro. Por ser força e compreensão. Pela paciência e amor, muito obrigada!

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Figuras	ix
INTRODUÇÃO	12
Aspectos históricos da cidade de Mariana, primaz de Minas Gerais	16
A festividade religiosa da Semana Santa em Mariana	18
Análise do Discurso de Linha Francesa	20
1. PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	24
1.1. A Semana Santa em Mariana, MG, enquanto patrimônio imaterial	24
1.1.1. Patrimônio imaterial: históricos e conceitos	24
1.1.2. O patrimônio imaterial no Brasil	30
1.1.3. O patrimônio imaterial e a sua relação com o turismo	35
1.1.4. A Semana Santa em Mariana: patrimônio imaterial festejado através da religiosidade e mantido por meio da memória coletiva.....	40
1.2. A Semana Santa em Mariana-MG, enquanto atrativo turístico cultural religioso ...	46
1.2.1. A atividade turística: aspectos conceituais	46

1.2.2. A cultura e o turismo	50
1.2.3. O Turismo Cultural	57
1.2.4. O Turismo Cultural Religioso	61
2. O DISCURSO DOS MORADORES LOCAIS DE MARIANA SOBRE AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA	67
2.1. Formação Ideológica nos discursos dos moradores locais sobre as comemorações da Semana Santa	67
2.2. Formações Discursivas nos discursos dos moradores locais sobre as comemorações da Semana Santa	73
2.2.1. A Formação Discursiva FD-1	74
2.2.2. A Formação Discursiva FD-2	87
2.3. Confrontos entre as formações discursivas dos moradores, FD-1 e FD-2, sobre as comemorações da Semana Santa em Mariana	97
3. ANÁLISE DO DISCURSO DOS TURISTAS SOBRE AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA EM MARIANA-MG	101
3.1. Formação Ideológica nos discursos dos turistas sobre as motivações em visitar Mariana durante a Semana Santa	101
3.2. Formações Discursivas nos discursos dos moradores locais sobre as comemorações da Semana Santa	108
3.2.1. A Formação Discursiva FD-1	108

3.2.2. A Formação Discursiva FD-2	
118	
3.3. Confrontos entre as formações discursivas dos moradores, FD-1 e FD-2, sobre as comemorações da Semana Santa em Mariana	123
4. CONSIDERAÇÕES	FINAIS
.....	127
4.1. As comemorações da Semana Santa, enquanto patrimônio imaterial	129
4.2. O discurso da Semana Santa em Mariana enquanto atrativo turístico	131
REFERÊNCIAS	
.....	134
APÊNDICES	
.....	145
ANEXOS	
204	

COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA EM MARIANA (MG): uma análise do discurso de moradores e turistas

Autora: Mariana Elias Gomes

Orientador: Prof. Dr. Odilon Pinto de Mesquita Filho

RESUMO

A cidade de Mariana, a 102 km da capital Belo Horizonte, é considerada em seu conjunto enquanto uma obra de arte e está inserida em espaço emblemático que referencia a história, a memória coletiva e a cultura da região. Em seu vasto repertório patrimonial de inegável importância turística, destacam-se bens de natureza imaterial, com especial atenção às festividades religiosas. Como objeto deste estudo, tem-se a Semana Santa, festa devocional do calendário católico que atrai à cidade milhares de visitantes todos os anos. A pesquisa se justifica por reunir os diferentes significados que os festejos religiosos da Semana Santa em Mariana (MG) têm – em termos de patrimônio imaterial e de atrativo turístico para os moradores locais e para os turistas, e visa a oferta de subsídios à organização dos festejos e ao planejamento turístico. O trabalho desenvolveu-se a partir da metodologia da Análise do Discurso (AD), de Linha Francesa, através da análise qualitativa dos discursos pesquisados. A análise mostra que os moradores locais têm opiniões divergentes, orientadas ora pelo respeito às tradições, ora pelos benefícios que a atividade turística apresenta. O mesmo ocorre com turistas em relação à festividade religiosa e recursos naturais, culturais e históricos enquanto principal motivação para o deslocamento.

Palavras-chave: **Cultura > Turismo> Patrimônio imaterial > Mariana > Semana Santa**

THE HOLY WEEK IN SANTA MARIANA (MG): an analysis of the speech of residents and tourists

Authoress: Mariana Elias Gomes
Guide: Odilon Pinto de Mesquita Filho

ABSTRACT

The city of Mariana, 102 km from the capital Belo Horizonte, is considered as a work of art, and is inserted in a space emblematic referenced to history, collective memory and culture of the region. In his vast repertoire undeniable importance of heritage tourism, it is immaterial nature of goods, with special attention to religious festivities. the Holy Week is an object of this study, the Catholic devotional festival that attracts thousands of visitors to the city every year. The research is justified by gathering the different meanings that the religious celebrations of Holy Week in Mariana - MG, in terms of intangible heritage and tourist attraction for local residents and for tourists, aiming to offer subsidies to the organization of celebrations and trip planning. The work is developed from the analysis of Speech, French Line, through qualitative analysis of the speeches searched. The analysis shows that the local residents have differing opinions, guided by respect for traditions, and also for the benefits that tourism presents. The same happens with tourists in relation to the religious feast and natural resources, cultural and historical as the main motivation for the shift.

Keywords: Culture> Tourism> Heritage immaterial> Mariana > Holy Week

LISTA DE FIGURAS

01 – Circuitos Turísticos de Minas Gerais	
108	
02 – Folder Semana Santa, Igreja Católica de Mariana (MG)	
204	
03 – Reportagem Semana Santa em Mariana	
205	
04 – A Rua Direita enfeitada para a Procissão da Ressurreição	
206	
05 – Casa residencial na Rua Direita, enfeitada para a Procissão da Sexta-Feira da Paixão	
207	
06 – Praça Minas Gerais, durante Sermão da Sexta-Feira Santa	
208	
07 – Praça Minas Gerais, durante Sermão da Sexta-Feira Santa	
209	

INTRODUÇÃO

Mais rico que as lavras de ouro que aflorou abundante em nossos rincões, exala de nossos púlpitos barrocos um aroma adocicado de fé que não esconde das ruas o semear da cristandade por estas terras mineiras¹.

Fundada em 16 de julho de 1696, a primeira cidade de Minas Gerais, que se transformou na primeira capital do Estado, recebeu o nome de Mariana em 23 de abril de 1745, em homenagem à esposa do rei de Portugal Dom João V, Dona Maria Ana D'Áustria. No dia 06 de julho em 1945, foi elevada à categoria de Monumento Nacional, sendo tombada em seu conjunto arquitetônico e paisagístico.

Distante 102 km de Belo Horizonte, capital do Estado, Mariana ocupa posição de destaque por ser a primeira cidade e a primeira capital de Minas, detentora de exemplares significativos da arte barroca desenvolvida nos séculos passados e que podem, ainda hoje, ser apreciados, especialmente nas igrejas, museus e ruas seculares. Da mesma forma, são destaques em Mariana os casarios e os prédios da época que ficou conhecida como Ciclo do Ouro, além de personagens como os bandeirantes, inconfidentes e poetas da região².

Toda essa riqueza se perpetua ainda hoje, não apenas nos anais da história, mas também se mostra viva nas tradições e na forte religiosidade que ainda impregnam as famílias, comunidade e a própria cidade. Tal riqueza se expressa especialmente no barroco mineiro, que revela a fé e a criatividade, que foram desenvolvidas e fortalecidas – são consideradas importantes patrimônios locais.

Apesar do grande destaque dos livros, documentos e estudos da região recair sobre seus aspectos materiais, atualmente o olhar de visitantes, estudiosos e

¹ Prefácio no livro Igreja de Mariana: 261 anos de história, 100 anos como diocese 1906-2006 (2006, p. 13).

² O poeta mais famoso que residiu na cidade foi o simbolista Alphonsus de Guimaraens, que escreveu o Hino da cidade de Mariana, além de diversos poemas que versavam sobre a Semana Santa da cidade. Sua obra, predominantemente poética, consagrou-o como um dos principais autores simbolistas do Brasil. Em referência à cidade em que passou parte de sua vida, é também chamado de "o solitário de Mariana", a sua "torre de marfim do Simbolismo".

moradores se volta também para os patrimônios imateriais da cidade, tais como suas festividades religiosas e manifestações culturais, folclóricas e musicais – representativas no contexto local e nacional e que se refletem positivamente na atividade turística do município.

Devido aos aspectos histórico-culturais citados, a cidade possui grande potencial para o desenvolvimento do turismo cultural. Somado a isso, também é observada uma tendência na sociedade moderna atual de manifestação constante de interesses por uma nostalgia em relação a objetos e situações que se referem ao passado (URRY,1990).

Essa segmentação do turismo compreende as atividades relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e, também, dos eventos que buscam valorizar e promover os bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2006, p.10). Nesse contexto, a cidade oferece uma série diversificada de atrativos turísticos culturais, destacando-se os de natureza religiosa.

Sendo a sexta diocese criada no Brasil³, a religiosidade fica marcada em Mariana como um elemento primordial na sua concepção identitária. No que se refere aos atrativos religiosos, um evento de destaque no calendário municipal é a Semana Santa⁴, festa devocional católica, que atrai à cidade milhares de visitantes. A festividade é considerada um patrimônio cultural imaterial local. Da mesma maneira, é também um atrativo turístico cultural e religioso que gera demanda composta por pessoas interessadas em presenciarem e vivenciarem as festividades dessa celebração cristã.

A partir de tal constatação, o que se pretendeu com esta pesquisa foi analisar as comemorações da Semana Santa em Mariana, enquanto patrimônio imaterial e atrativo turístico cultural-religioso. Para atingir tal objetivo, construiu-se

³ Criada em 06 de dezembro de 1745, através da Bula papal “Candor Lucis Aeternae” do Papa Bento XIV, a diocese de Mariana foi a sexta diocese criada no Brasil, depois do Bispado da Bahia (1555), Rio de Janeiro (1676), Olinda (1676), Maranhão (1677) e Pará (1719). Depois de 161 anos, foi elevada à categoria de Arquidiocese, juntamente com o bispado de Belém do Pará, pelo Papa Pio X, em primeiro de maio de 1906 (SANTIAGO, 2006, p. 11).

⁴ A primeira celebração da Semana Santa foi em 1.682 pelos cristãos. Ela é uma das conclusões do Concílio de Nicéia, regido pelo Papa Silvestre I e patrocinado pelo imperador Constantino, em 325 d.C, que determinou a doutrina da Igreja Católica, transformada em religião oficial do Império Romano. Desde então, festejam-se em oito dias a paixão, morte e ressurreição de Cristo, sendo esses festejos estendidos para todos os países católicos.

uma análise qualitativa dos festejos da Semana Santa da cidade de Mariana, adotando-se a metodologia da Análise de Discurso, de Linha Francesa.

Destarte, o problema que esta pesquisa investigou está relacionado a aspectos do discurso dos moradores locais e do discurso dos turistas sobre as comemorações da Semana Santa, em Mariana-MG. Diante dessa problemática, o objetivo geral da pesquisa foi analisar aspectos do funcionamento do discurso sobre a Semana Santa, em Mariana, a partir das falas dos moradores locais e dos turistas.

Por objetivos específicos, tem-se a análise de aspectos do funcionamento do discurso sobre tais festejos religiosos, enquanto patrimônio imaterial e atrativo turístico cultural-religioso. Em especial, foram enfocadas, na visão dos moradores locais, as mudanças que vêm ocorrendo nas comemorações religiosas e o principal motivo dos turistas para escolherem Mariana como destino turístico.

Como justificativa da importância e da necessidade dessa pesquisa, esta análise pode oferecer às autoridades municipais e estaduais, às agências de turismo e aos empresários, subsídios para o planejamento turístico e para a programação e a manutenção desta festa religiosa, favorecendo a sustentabilidade da atividade no local.

Além disso, o trabalho apresenta, do ponto de vista teórico, uma revisão da literatura sobre a metodologia da Análise de Discurso de linha francesa, e também da literatura sobre patrimônio cultural imaterial e turismo cultural religioso. Do ponto de vista prático, destaca aspectos positivos e negativos apontados por moradores e visitantes sobre o evento.

A atividade turística é compreendida como um instrumento de coesão social e desenvolvimento cultural, o que vai além do seu caráter econômico, ou da sua capacidade de gerar emprego e renda. Conciliar a atividade turística com a preservação e valorização das culturas locais é uma perspectiva que apresenta grande potencial como estratégia de desenvolvimento humano.

Este trabalho se divide em quatro capítulos. Na Introdução, são apresentados alguns aspectos histórico-culturais da cidade de Mariana e das comemorações da Semana Santa, os objetivos e a justificativa da pesquisa, além da metodologia da Análise do Discurso de linha francesa, através de uma abordagem histórica e conceitual da metodologia utilizada pela pesquisa.

No primeiro capítulo, “Princípios Teórico-Metodológicos”, são apresentados os princípios teórico-metodológicos referenciados pela pesquisa.

Através do item “A Semana Santa em Mariana, MG, enquanto Patrimônio Imaterial”, são enfocados os tipos de patrimônios, suas conceituações, desenvolvimento, além da sua relação com a atividade turística. Logo após, em “A Semana Santa em Mariana - MG, enquanto Atrativo Turístico Cultural e Religioso”, são abordados aspectos da atividade turística, com enfoque no turismo cultural religioso e sua relação com cultura, identidade, memória e religião.

No segundo capítulo, “O discurso dos moradores locais de Mariana sobre as comemorações da Semana Santa”, é feita a análise de enunciados de moradores sobre as comemorações da Semana Santa e sobre a participação da atividade turística na dinâmica do evento. Esse discurso dos moradores se divide em duas Formações Discursivas sobre as mudanças que vêm ocorrendo nas comemorações.

No terceiro capítulo, “Análise do Discurso dos turistas sobre as comemorações da Semana Santa em Mariana-MG”, é feita a análise de enunciados de turistas sobre as comemorações. Esse discurso dos turistas se divide em duas Formações Discursivas sobre a principal motivação para o deslocamento à cidade de Mariana.

No quarto capítulo, foram apresentadas as Considerações Finais, incluindo algumas propostas que visam fornecer subsídios aos interessados pela organização e manutenção dos festejos, enquanto manifestação cultural imaterial e enquanto atrativo turístico cultural religioso.

Aspectos históricos da cidade de Mariana, primaz de Minas Gerais

A descoberta do Ribeirão do Carmo, à margem do qual nasceu a cidade de Mariana, tem sido motivo de controvérsia entre os historiadores. Salomão de Vasconcellos (1947) pondera ter sido a bandeira do paulista Salvador Fernandes Furtado, cujo capelão era o padre Francisco Gonçalves Lopes, a primeira a encontrar, em 1696, o ribeirão rico em pepitas de ouro, que tomou o nome de Nossa Senhora do Carmo, hoje conhecido como Ribeirão do Carmo.

De acordo com os estudiosos, os bandeirantes costumavam adentrar o território, provenientes em grande parte da região de Taubaté, São Paulo, tendo no grupo um sacerdote católico. Daí a presença, na bandeira liderada por Salvador Fernandes Furtado e Miguel Garcia, do Padre Francisco Gonçalves Lopes, quando chegaram às terras, que denominaram Arraial do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo. Nomearam-na assim em homenagem à Virgem do Carmo, por ser a chegada no dia que lhe era dedicado: 16 de julho. Um dos primeiros atos oficiais se deu com a celebração da missa por aquele sacerdote. Estava dessa forma consignado, no longínquo ano de 1696, um marco religioso, considerado como o batismo do novo território (SANTIAGO, 2006, p. 19).

Assim que foi construído o primeiro povoado, este chamou-se Vila de Albuquerque, em homenagem ao Governador e Capitão Geral Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Foi fundada em 8 de abril de 1711, pelo ato oficial da 1ª Câmara, mas a Carta Régia de 14 de abril de 1712 mudou o nome para Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão do Carmo. E, finalmente, pela Carta Régia de 23 de abril de 1745, a vila foi definitivamente consagrada com o nome de Mariana. Outra consequência desse documento foi a instituição dos bispados, desmembrados do Rio de Janeiro: Mariana e Diamantina, ao norte do Estado.

Localizada à margem do histórico Ribeirão do Carmo, Mariana se destaca pelo bairro antigo, com belas construções e numerosas igrejas, dentre as mais conhecidas⁵:

⁵ Informações disponíveis em: <http://www.mariana.mg.gov.br/chMariana/ini.asp>. Acesso: Jan/2008; <http://www.mariana.mg.gov.br/monumentos.htm>. Acesso: Maio/2006.

- Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana – com a capela original erguida em 1703, é a principal Igreja da cidade.
- Igreja de Nossa Senhora do Carmo – início da construção em 1784, pela iniciativa da Irmandade Nossa Senhora do Carmo.
- Igreja de São Francisco de Assis – início da construção em 1763, pela iniciativa da Irmandade de São Francisco.
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário – construída entre 1752 e 1758, pela iniciativa de três irmandades de pretos: São Benedito, Santa Efigênia e do Rosário.

Além das principais igrejas, há também as capelas mais conhecidas:

- Capela de Sant'Ana – início da construção em 1720.
- Capela de Nossa Senhora dos Anjos da Arquiconfraria de São Francisco – início da construção em 1784, pela iniciativa dos irmãos da Ordem do Cordão de São Francisco.
- Capela do Seminário Menor – capela localizada dentro do Seminário Menor.
- De Nossa Senhora da Boa Morte; De Nossa Senhora das Mercês;
- Do Senhor dos Passos;
- De Sant'Ana do Morro;
- Capela do Rosário Novo;
- Capela de São Gonçalo.

A cidade e suas construções se espalham seguindo a configuração do vale, com as torres das igrejas emergindo dos telhados, gerando uma organização espacial peculiar. Além do visual arquitetônico, todo o conjunto se inscreve no quadro das montanhas características da região da Serra do Espinhaço.

A importância histórico-cultural e religiosa da cidade se deve, primeiramente, ao fato de ter sido o primeiro arraial da região de Minas Gerais, e de ter se tornado a primeira vila, denominada Vila Real de Nossa Senhora do Carmo, no ano de 1711. Mais tarde, haveria de se tornar também a primeira cidade do estado, já que era a única cidade mineira do período colonial no ano de 1745.

A religiosidade esteve bastante presente em toda a sua história, por diversos motivos. Além de abrigar o primeiro bispado e arcebispado da região, foi a primeira cidade a receber um Seminário, fundado em 20/12/1750 – primeiro

estabelecimento de ensino de Minas Gerais, sob a proteção de Nossa Senhora da Boa Morte.

Em Mariana, se construiu a primeira Casa de Intendência das Minas e Casa de Fundição do Ouro, onde hoje funciona a Casa de Cultura, na Rua Frei Durão. A construção do prédio data de 1730, sendo o local escolhido para hospedar Dom Pedro II, e onde morou o inconfidente Cláudio Manoel da Costa, na época da Inconfidência Mineira.

Quanto à política, a cidade também se afirma histórica, por ter sido a sede da primeira Comarca e da primeira Câmara. Em 4 de julho de 1711, foi realizada a primeira eleição direta e livre nas Minas Gerais. O povo foi às urnas eleger seus vereadores, sendo Presidente da Câmara Pedro Frazão de Brito. Os documentos da primeira eleição democrática de Minas se encontram no Museu Arquidiocesano, aberto à visitação.

No que se refere à arquitetura, a cidade construiu a primeira ponte de Tábua de Minas Gerais, em 1713. Na metade do século XIX, foi construído o Colégio Providência, primeiro colégio da Congregação Vicentina na região, e também o primeiro estabelecimento de ensino feminino do Estado.

Assim, nota-se a grande importância da história e da cultura da cidade de Mariana para a identidade da região, estando a Igreja Católica sempre presente, no passado e no presente. Nesse sentido, uma das memórias religiosas ainda preservadas são as comemorações da Semana Santa, reflexo do passado, ainda hoje percorrendo e enfeitando as ruas da cidade.

A festividade religiosa da Semana Santa em Mariana

O evento da Semana Santa é considerado um importante elemento cultural e religioso da identidade da cidade de Mariana. Esta festividade se destaca todos os anos pela representação e celebração da morte e ressurreição de Jesus Cristo, ocorrida há mais de 2.000 anos. Da mesma maneira, a festividade é notória pela tradição e celebração da cultura local, vivenciada pela população e, ao longo dos anos, compartilhada por um número cada vez maior de visitantes que chegam à cidade. Através dessa relação, durante a semana específica no calendário litúrgico

católico, observa-se na cidade uma convivência harmônica da religião local com a atividade turística.

No Brasil, há festejos de Semana Santa em toda a sua extensão, mas Brandão (1989) avalia que algo diferente ocorre em cidades como Mariana, Ouro Preto, Sabará, Diamantina, Vila Boa de Goiás, ou Pirenópolis, quando se trata de chamar à cena velas enormes, óleos, palmas verdes, motetos, gestos de contrição e tempos de silêncio dados à contemplação, que os mais velhos querem ainda fervorosa. Eis que em suas imagens de dor absoluta, de sofrimento e morte, os seres considerados mais sagrados, Jesus Cristo e Maria, são mostrados nas procissões e nas celebrações mais próximos à dor e à fé dos que delas participam.

Moura (2001) esquematiza de forma sucinta os três estratos intelectuais que compõem a celebração da Semana Santa de forma geral, segundo a Igreja Católica.

A celebração da Semana Santa, que é uma rememoração da vida de Jesus Cristo, obedece a três estratos intelectuais. O primeiro é o erudito, por meio dos rituais herdados da Idade Média, no interior dos templos católicos, muitas vezes celebrados em latim com requintes de expressões verbais e cenográficos, a exemplo do sermão de descendimento da cruz; o lava-pés; o círio pascal e outras cerimônias. O segundo, de caráter popular, corresponde às encenações da paixão e morte de Cristo; a procissão de encontro e a procissão de enterro. O terceiro nível, o folclórico, está ligado ao rompimento das aleluias que pode ocorrer no sábado ou no domingo de Páscoa (MOURA, 2001, p. 42).

Agindo de acordo com os preceitos acima descritos, a cidade de Mariana sempre apresentou marcas da religiosidade, o que se entende até os dias atuais. As marcas coloniais podem ser vistas na liturgia das comemorações, com traços herdados de Portugal e Espanha, a partir do século VXIII, início da colonização local.

A cidade também é palco de singulares manifestações da arte barroca mineira, observadas principalmente nos cânticos próprios e nos hinos compostos, exclusivamente, para a festividade⁶.

⁶ Em visita ao Museu da Música que existe na cidade, encontram-se hinos e canções criados para a Semana Santa de Mariana.

Ainda hoje, o Arcebispo passa a maior parte do tempo na cidade, durante as festividades religiosas nesse período. O Bispo é responsável também pela benção dos óleos que serão usados por mais de cem paróquias no ano seguinte, nas cinco regiões pastorais, ocupando praticamente um quinto do território do Estado de Minas Gerais. Estes óleos são usados nos sacramentos do Batismo, Crisma e Unção dos Enfermos.

Portanto, devido aos aspectos históricos, culturais e religiosos apresentados, o evento da Semana Santa em Mariana é um importante patrimônio imaterial da cidade, sendo que é, ao mesmo tempo, um atrativo turístico de grande potencialidade, considerado uma das principais ofertas turísticas da cidade.

Análise do Discurso de Linha Francesa

O trabalho desenvolveu-se a partir da metodologia da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Por discurso, compreende-se o lugar do confronto ideológico, não podendo ser estudado fora da sociedade, uma vez que os processos que o constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado, da mesma maneira, de suas condições de produção. Orlandi (2005, p. 30-31) destaca que as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória (a maneira como esta “aciona”, faz valer as condições de produção). Ao considerá-las em sentido estrito, as circunstâncias da enunciação são o contexto imediato; ao considerá-las em sentido amplo, passam a incluir o contexto sócio-histórico e ideológico. As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita ao equívoco e à historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário (id, p. 40).

Diferentemente da análise de conteúdo, que utiliza textos, léxicos, para encontrar o sentido do enunciado, a AD não considera a linguagem tão transparente assim. Ou seja, ao invés de ver o enunciado tal como é, a AD se questiona sobre o seu processo de significação, enquanto uma espessura semântica, ou discursividade (ORLANDI, 2005, p. 18).

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2005, p. 15).

A pesquisa constituiu-se por uma análise qualitativa (CORIOLANO, 2005, p. 51), buscando compreender como a língua faz sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2005, p. 15). Destarte, a AD procura mostrar que a relação linguagem-pensamento-mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Ao contrário, cada termo possui a sua própria especificidade.

Segundo Orlandi (1999, p. 43), os conceitos nucleares da AD são o de discurso e o de ideologia. Cardoso (s/d) explica que o conceito de ideologia de Althusser (“Formação Ideológica”), e o conceito de discurso de Foucault (“Formação Discursiva”) são as duas vertentes que influenciam a corrente francesa da AD.

Brandão (1995, p. 83) afirma que o desafio dessa metodologia é o de realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente lingüísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia⁷. Ao mesmo tempo, a AD de orientação francesa luta contra qualquer forma de cristalização do conhecimento, contra a “territorialização, o enquadramento, a delimitação dos domínios do saber” (Courtine, 1984, apud BRANDÃO, 1995, p. 83).

Assim, a AD não irá trabalhar, como é feito na Lingüística, apenas com a língua fechada nela mesma, mas sim com o discurso em si, um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto promotor de sentidos entre os locutores.

Segundo Brandão (1995, p. 83) esta metodologia opera com o conceito de ideologia, a qual envolve o princípio da contradição que está na base das relações

⁷ Brandão (1995, p. 24) cita Ricoueur (1977), ao atribuir à ideologia a função geral de mediadora na integração social, na coesão do grupo. Esse papel se caracteriza pela presença de cinco traços: 1. A ideologia perpetua um ato fundador inicial; 2. A ideologia é dinâmica e motivadora; 3. Toda ideologia é simplificadora e esquemática; 4. Uma ideologia é operatória e não temática; 5. A ideologia é intolerante devido à inércia que parece caracterizá-la.

de grupos sociais, cujas idéias entram em confronto, numa constante correlação de forças. Considera também as noções de interpretação ou assujeitamento e de Aparelhos Ideológicos de Estado (religião, família, escola, universidades) que governam, regulam e direcionam essas relações.

Brandão (1995) afirma que a AD procura não eliminar essas contradições, mas, ao contrário, fazê-las aflorar na materialidade lingüística do discurso, apreendê-las nas formas de organização discursiva, possibilitando captar as relações de antagonismo, de aliança, de dissimulação, de absorção que se processam entre diferentes formações discursivas.

A linguagem, enquanto discurso, é um universo de signos que são instrumento de comunicação e suporte de pensamento. O discurso é interação, modo de produção social. O discurso não é neutro nem natural, mas está contido na intencionalidade, sendo o lugar de manifestação das ideologias, dos agentes coletivos e que consubstancia relações inter-individuais. Foucault (1969, apud BRANDÃO, 1995, p. 27) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Cabe à AD descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos.

Apesar de dispersos, Orlandi (2005) afirma que a AD não irá trabalhar com os discursos de forma abstrata, mas, sim, tomando a língua enquanto um elemento mundial, viva, repleto de significados, falas de sujeitos, inúmeras produções de sentido, que fazem parte de suas vidas, tanto enquanto sujeitos ou membros de determinada sociedade.

Desta maneira, o discurso se apresenta enquanto um elemento mediador entre a relação do homem e a realidade que o cerca, engajando ambos (BRANDÃO, 2005, p. 12). Nesse ínterim, a AD se apresenta enquanto um lugar de conflito ideológico, uma vez que serve para mediar esta relação.

Relacionando esta metodologia e os objetivos da pesquisa, foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas com 12 moradores, incluindo empresários e comerciantes ligados ao turismo, líderes religiosos, fiéis, responsáveis por órgãos públicos e privados ligados ao evento e à atividade turística. Já com os turistas, foram feitas 14 entrevistas de forma aleatória, entre os dias 05 e 09 de Abril de 2007, com os que visitaram a cidade no período da Semana Santa.

Antes da aplicação do questionário, realizou-se um pré-teste, a fim de identificar os aspectos que poderiam ser aperfeiçoados no instrumento. Em um primeiro momento, selecionou-se, tanto nas entrevistas com moradores locais, quanto nas entrevistas com turistas, os enunciados ligados ao tema em estudo. Em seguida, identificou-se uma Formação Ideológica no discurso dos moradores locais e outra no discurso dos turistas. Essa identificação foi feita por meio do agrupamento parafrástico dos enunciados, conforme repetissem uma mesma posição ou a ela se opusessem.

A identificação da Formação Ideológica no discurso dos moradores e no discurso dos turistas permitiu que, pelo mesmo processo de paráfrases, fossem analisadas as duas Formações Discursivas que dominam o discurso de moradores e as duas Formações Discursivas que governam o discurso dos turistas.

1. PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.1. A SEMANA SANTA EM MARIANA-MG, ENQUANTO PATRIMÔNIO IMATERIAL

1.1.1. PATRIMÔNIO IMATERIAL: HISTÓRICOS E CONCEITOS

Preservar a memória de fatos, personagens ou manifestações, por meio de construtos que as comemoram, narram ou representam, é uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas, e se apresenta em cada uma delas das mais variadas formas⁸, de acordo com cada sociedade. Estes construtos são considerados enquanto patrimônios, e atualmente são alvos constantes de pesquisas, estudos e ações que visam ao seu desenvolvimento, com um aproveitamento maior por parte da sua população, e posteriormente por parte dos turistas.

Contudo, a porção imaterial dos patrimônios nem sempre foi valorizada por parte dos responsáveis políticos, ficando subestimados em relação aos patrimônios materiais. Neste capítulo, é feita uma revisão de conceitos básicos sobre patrimônio imaterial, que é compreendido enquanto um conjunto de bens indispensáveis para a construção da identidade de uma nação.

Inicialmente, vale observar que Gonçalves (2003) destaca o caráter milenar dos patrimônios, por não serem simplesmente uma invenção moderna e estarem presentes no mundo clássico e na Idade Média. A modernidade desenvolvida pelo ocidente “apenas impõe os contornos semânticos específicos” ao

⁸ Ainda que o patrimônio sirva para unificar cada nação, as desigualdades em sua formação e apropriação exigem estudá-lo também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos. Esse princípio metodológico corresponde ao caráter complexo das sociedades contemporâneas. Nas comunidades arcaicas, quase todos os membros compartilhavam os mesmos conhecimentos, tinham crenças e gostos semelhantes, um acesso aproximadamente igual ao capital cultural comum. Na atualidade, as diferenças regionais ou setoriais, originadas pela heterogeneidade de experiências e pela divisão técnica e social do trabalho, são utilizadas pelas classes hegemônicas para obter uma apropriação privilegiada do patrimônio comum. Consagram-se como superiores certos bairros, objetos e saberes porque foram gerados pelos grupos dominantes, ou porque estes contam com a informação e formação necessárias para compreendê-los e apreciá-los, quer dizer, para controlá-los melhor. (CANCLINI, 2000, p. 195).

patrimônio, que também está presente nas sociedades tribais (GONÇALVES, 2003, p. 22).

O conceito moderno de patrimônio remete à França do século XIX. Motivada pelas idéias do Iluminismo e com o objetivo de impedir o vandalismo que em alguns períodos acompanhou a Revolução Francesa, surgiu no país uma visão idealizada dos monumentos históricos, pela primeira vez apoiada jurídica e institucionalmente.

Assim, o termo patrimônio de fato, surge com a Revolução Francesa, reportando-se ao que é gerado enquanto patrimônio, nascido de razões práticas e ajustado à ideologia do Estado Nacional. Para evitar a destruição (o “vandalismo”, neologismo cunhado à época para condenar a desaparecimento dos bens produzidos pelo “gênio do povo francês”) era preciso proteger e catalogar as propriedades remanescentes, pois, além da destruição muitas delas foram vendidas: da monarquia, dos aristocratas imigrados e da Igreja (CAMARGO, 2002).

Dessa maneira, o termo patrimônio no mundo ocidental foi, durante muito tempo, associado unicamente a coisas corpóreas, tangíveis. Dava-se, assim, valor extremo a grandes construções como palácios, castelos, fortalezas, pontes e igrejas, enfim, a construções arquitetônicas que se destacavam devido a sua imponência histórica e artística⁹, em detrimento da porção imaterial que também compunha a cultura de um lugar.

Porém, durante a Revolução Francesa, a concepção se estendeu aos edifícios de um passado medieval mais recente, que também eram considerados obras de arte, testemunhos do saber humano, ou mesmo, de uma história. Assim, “os monumentos históricos, os saberes e as práticas que os rodeiam, institucionalizaram-se com a criação dos primeiros instrumentos de preservação – museus e inventários” (SANT’ANNA, 2003, p. 47). Nesse momento, surgiu e consolidou-se a idéia de patrimônio nacional, que passou a incluir tanto os bens

⁹ Funari (2006, p. 20) destaca três características dos primeiros pensamentos sobre patrimônio: primeiramente, no que se referia à construção das leis e diretrizes que versavam sobre os patrimônios, sua conservação, quando o patrimônio era entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação. Em segundo lugar, aquilo que é determinado como patrimônio é o excepcional, o belo, o exemplar, o que representa a nacionalidade. Uma terceira característica é a criação de instituições patrimoniais, além de uma legislação específica.

materiais quanto os imateriais, para responder a um apelo nacional e também atender a uma conveniência econômica.

Essa nova percepção não surgiu, contudo, de uma reflexão européia e ocidental, mas da prática de preservação oriunda de países asiáticos e do chamado Terceiro Mundo, cujo patrimônio, em grande parte, é constituído de criações populares anônimas, não tão importantes em si por sua materialidade, mas pelo fato de serem expressões de conhecimentos, práticas e processos culturais, bem como de um modo específico de relacionamento com o meio ambiente (SANT'ANNA, 2003, p. 49).

Apesar do grande avanço obtido nessa época, com a expansão nos campos ideológicos que tratavam do tema, este possuía ainda grande complexidade, e, somente após a Segunda Guerra Mundial, é que os bens imateriais de uma sociedade começaram, lentamente, a serem vistos como bens patrimoniais em si, sem a necessidade da mediação de objetos, isto é, sem que objetos fossem chamados a representá-los, fosse através dos monumentos, quadros, ou outra forma de representação material.

Historicamente, o mundo passava por grandes mudanças políticas, culturais e sociais. Tais mudanças, de certa forma, influenciaram o relacionamento dos poderes público e privado com os seus bens patrimoniais. O mundo passava por mais uma reforma, ao ver na cultura de cada lugar o impulso à sobrevivência e ao respeito próprio. Funari (2006, p. 20) indica que a ênfase dada ao patrimônio nacional atinge seu ápice no período entre 1914 e 1945, quando as duas guerras mundiais eclodiram sob o impulso do nacionalismo.

Segundo Cecília Londres (1997), essa idéia nacionalista garantiu o estatuto ideológico do patrimônio, sendo o Estado Nacional o responsável pela garantia de sua preservação. A noção de patrimônio estaria inserida em um projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional, servindo ao processo de consolidação dos Estados-nação.

Quanto à construção identitária, a questão do patrimônio situa-se numa encruzilhada que envolve tanto o papel da memória e da tradição nesse processo, quanto os recursos a que têm recorrido os Estados modernos na objetivação e legitimação da idéia de nação, sendo que o patrimônio “tem um significado muito

forte com o conceito de nação, pois ambos carregam o símbolo dos acontecimentos históricos de um povo” (BARBOSA, 2001, p. 68).

Entretanto, apesar de sua importância simbólica para os países, o mundo ocidental começou realmente a considerar uma visão ampla dos bens patrimoniais em 1972, após a aprovação da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco, onde países do Terceiro Mundo reivindicaram e propuseram a realização de estudos como instrumentos de proteção às manifestações populares com valor cultural.

Como consequência desta e de outras reivindicações, no ano de 1989, durante a XXV Conferência da Unesco, realizada em Paris, o conceito de patrimônio cultural imaterial abarcou efetivamente a cultura tradicional e popular, fazendo menção de tratamento especial às culturas que não são dominantes, por meio da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular ¹⁰.

Até este momento, os bens de natureza imaterial ainda estavam sujeitos aos mecanismos de titulação e proteção postergados aos bens materiais, que obtinham maior visibilidade e recebiam, assim, maior atenção dos poderes públicos e privados, uma vez que estavam com a arte e a arquitetura em seu favor.

A partir desta e de outras reivindicações, iniciava-se o processo de classificação das diversas formações humanas e culturais, tais como as festas, as danças, as comidas típicas de cada região, manifestações religiosas e artísticas – opondo-se ao chamado patrimônio “pedra e cal”. Tal concepção passou a considerar os aspectos da vida social e cultural, e, como sugere o próprio termo, a ênfase passou a recair menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos imateriais de determinada comunidade.

A partir desse momento, o termo patrimônio cultural passou a ser subdividido entre material e imaterial, referindo-se e englobando o conceito antropológico de cultura enquanto referência de todo fazer humano em sua totalidade, incluindo desde objetos, conhecimentos, até as capacidades e valores próprios.

¹⁰ Tal documento foi aprovado pela Conferência Geral da Unesco, e recomenda aos países membros a identificação, a salvaguarda, a conservação, a difusão e a proteção da cultura tradicional e popular, por meio de registros, inventários, suporte econômico, introdução do seu conhecimento no sistema educativo, documentação e proteção à propriedade intelectual dos grupos detentores de conhecimentos tradicionais. Em síntese, instrumentos bem diversos dos comumente utilizados na salvaguarda do patrimônio cultural de natureza material (SANT’ANNA, 2003, p. 50).

O patrimônio cultural – ou seja, o que um conjunto social considera como cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos – não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos; a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos (CANCLINI, 1990, p.99).

O autor afirma assim que os bens materiais, tais como os monumentos, desenhos urbanísticos, estruturas físicas, entre outros, não deixaram de ter a sua importância valorizada, mas foram acrescentados os valores referentes ao fazer humano e toda a sua complexidade cultural.

Passou-se a valorizar determinado objeto ou bem patrimonial não apenas pela sua história, ou antiguidade, mas também e, principalmente, apoiando-se em valores e sentimentos de pertença da população em relação ao bem. Vale aqui destacar que tais sentimentos, inúmeras vezes, não estão ligados a questões monetárias, ou de valor artístico, mas sim a questões muitas vezes subjetivas, simbólicas e repletas de sentido.

No que se refere à preservação dos bens imateriais, Gonçalves (2003) aponta que, atualmente, não é proposto o seu tombamento; todavia, sugere-se a implementação de ações no sentido de serem registradas as práticas e as representações sociais, para que ocorra o acompanhamento e verificação da sua permanência e identificação das suas transformações ao longo dos anos¹¹. O patrimônio imaterial passou a ser compreendido enquanto uma totalidade de culturas, de sistemas de significação, o que ampliou as questões referentes à sua proteção e preservação, de forma mais dinâmica. A principal razão para se preservar um patrimônio cultural, segundo o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA-MG (2006) é a melhoria da qualidade de vida da comunidade, que implica em seu bem estar material e espiritual, e na garantia do exercício da memória e da cidadania, já que a preservação visa à continuidade das manifestações culturais.

¹¹ O IPHAN atualmente apresenta 11 bens imateriais registrados no Brasil: Ofício das Panelas de Goiabeiras (ES), Arte Kusiwa dos Wajãpi (AP), Círio de Nazaré (PA), Samba de Roda no Recôncavo Baiano (BA), Viola-de-Cocho (MT/MS), Ofício das Baianas de Acarajé (BA), Jongo no Sudeste (RJ), Cachoeira de Iauaretê (AM), Feira de Caruaru (PE), Frevo (PE) e o Tambor de Crioula (MA).

Marshall (2007) acrescenta que esta preservação inclui as expressões culturais de tipo performático, assim como os saberes e fazeres de comunidades tradicionais. Na maior parte dos casos, sua aplicação visa ao reconhecimento dos eventos tradicionais, manifestações, entre outros exemplos de patrimônios, agregando valores e promovendo meios de sua preservação e promoção, o que inclui o registro e a documentação, bem como medidas de proteção social, cultural e econômica, incluindo-se aí a atividade turística. Todas estas opções são consideradas no que se refere à preservação dos bens culturais, e não apenas um tombamento como única forma de se preservar o patrimônio imaterial, pelo contrário.

Estabeleceu-se um domínio que rompeu com a noção de congelamento do bem cultural, preceituado pelo tombamento, como única via de sua proteção, pondo a dinâmica da vida no foco de suas ações. Agora, trata-se então, menos da proteção e sim das questões relacionadas à preservação. Lida-se com bens culturais cuja natureza processual põe questões mais árduas e difíceis de serem apreendidas e protegidas (OLIVEIRA, 2007, p. 04).

Diante desta concepção mais viva e dinâmica de preservação dos patrimônios imateriais e, objetivando a padronização dos estudos, a Unesco estabeleceu, em 2003, um critério que visou à diferenciação das manifestações culturais, através da seguinte classificação:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do patrimônio cultural imaterial;
- b) Artes do espetáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza;
- e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional.

Dessa maneira, apesar de não serem suficientes para garantir os direitos culturais dos seus detentores, é possível que através de ações como a identificação, inventários, documentações e registros, os estudos sobre patrimônios imateriais ganhem corpo teórico e seja ressaltada a sua importância, uma vez identificados como essenciais à relação humana com seus antepassados e a sua história, além de destacada a necessidade vital de valorização e promoção das inúmeras atividades humanas, através de seus representantes artísticos e culturais.

1.1.2. O PATRIMÔNIO IMATERIAL NO BRASIL

No que se refere ao contexto brasileiro, a idéia de que patrimônio cultural não é composto apenas por edifícios e obras de arte erudita, mas também pelo produto da alma popular, através do patrimônio imaterial, remonta inicialmente à década de 1930. O projeto elaborado pelo poeta modernista Mário de Andrade para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, em 1936, no período do governo de Getúlio Vargas, estava em consonância com as alterações em curso na Europa.

Ao lado das jazidas funerárias, dos sambaquis, das cidades lacustres, dos mocambos, da arquitetura popular, estavam no rol patrimonial de Mário de Andrade os vocabulários, os cantos, as lendas, a medicina e a culinária indígena, a música, os contos, os provérbios, os ditos e outras manifestações da cultura popular (SANT'ANNA, 2003, p. 51).

Nesse período, foi composto pelo escritor e musicólogo Mário de Andrade o anteprojeto original do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPAN), optando por seguir o modelo português, inicialmente com a função de inscrever os bens e valores culturais em Livros do Tombo. Do inicial SPAN, sigla original proposta pelo escritor, ficou mais conhecido como SPHAN, quando foi acrescentada a categoria 'Histórico'. Este órgão já mudou de nome algumas vezes, sendo que hoje tem a nomenclatura oficial IPHAN, uma vez que do inicial Serviço passou para Instituto (CORRÊA, 2007).

A criação deste importante organismo federal de proteção ao patrimônio, ao final dos anos 30, foi confiada a intelectuais e artistas brasileiros ligados ao movimento modernista, dando visibilidade ao desejo que datava do século XVII de proteger os monumentos históricos do país. A criação dessa Instituição obedeceu a um princípio normativo, que é atualmente contemplado pelo artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil. Neste artigo, fica estabelecido que cabe ao poder público, com o apoio da comunidade, a proteção, preservação e gestão do patrimônio histórico e artístico do país.

Assim, uma das principais heranças da criação do IPHAN foi a discussão sobre patrimônio, história e cultura. Como consequência do interesse do poder

público sobre a herança patrimonial do país, destaca-se a introdução, na Constituição Federal, de um conceito mais largo de patrimônio. Passou-se a incluir também os bens de natureza material e imaterial “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (IPHAN, 2000, p. 83-91). Porém, apesar deste avanço, Oliveira (2007, p. 02) avalia que o patrimônio cultural imaterial só foi objeto de reflexão mais detida a partir de 1997, com a proposta da Carta de Fortaleza¹². Desse modo, já são mais de sessenta anos de pesquisas, catalogações, inscrições e tombamentos, patrocinados pelo IPHAN. Em conformidade com a Unesco, são considerados:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Pellegrini Filho (1993, p. 92) ressalta que o significado dos patrimônios culturais é muito amplo, sendo incluídos outros produtos do sentir, do pensar e do agir humanos, variadas peças de valor etnológico, arquivos e coleções bibliográficas, desenhos de sentido artístico ou científico, peças significativas para o estudo da arqueologia de um povo ou de uma época, e assim por diante.

Ratificando este viés cultural dos patrimônios, Barretto (2000) acrescenta que estão incluídas as artes que transcorrem no tempo, assim como a dança, a literatura, o teatro e a música. Bákula (2000, apud NORRILD, 2002, p. 13) considera também que são inclusos “os objetos do passado mais os costumes, celebrações, objetos, crenças, tradições, bailes, cantos, línguas, técnicas, modas, usos, expressões e modismos e elementos alheios que se incorporam a uma cultura viva”.

¹² Em comemoração aos seus 60 anos de criação, o IPHAN promoveu em Fortaleza, de 10 a 14 de Novembro de 1997, o Seminário "Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção". O objetivo do Seminário foi recolher subsídios que permitissem a elaboração de diretrizes e a criação de instrumentos legais e administrativos visando a identificar, proteger, promover e fomentar os processos e bens "portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (Artigo 216 da Constituição), considerados em toda a sua complexidade, diversidade e dinâmica, particularmente, "as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artística e tecnológica", com especial atenção àquelas referentes à cultura popular.

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=268>>. Acesso em Nov/2007.

Assim, a noção de patrimônio cultural é bastante ampla, incluindo os bens tangíveis e intangíveis, valorizando “não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos” (BARRETTO, 2000, p. 11).

O patrimônio cultural, considerado por determinado conjunto social como expressão de sua cultura, possui o objetivo de sustentar sua identidade e o diferenciar de outros grupos, e não abarca apenas os monumentos históricos, mas também o desenho urbanístico e outros bens físicos, e a experiência vivida condensada em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens culturais (CANCLINI, 1990, p. 99).

Devido ao alto nível de transformação ocasionado tanto pela pós-modernidade quanto pelas novidades geradas pela alta tecnologia, que afetam diretamente e de forma mais forte a cultura de cada local e os seus patrimônios, há “o desafio de uma transformação cultural que apresenta a necessidade de uma maior amplitude e eficácia nas políticas e programas de conservação e criação do patrimônio cultural” (ARIZPE & NALDA, 2003, p. 221). O patrimônio cultural não é um objeto estático, imóvel, e sim um emaranhado de vivências e valores que precisam ser respeitados, para que possa sobreviver, por exemplo, às inúmeras interferências trazidas pela modernidade, dentre elas o turismo.

Os instrumentos de reconhecimento e valorização dos bens culturais imateriais criados pelo governo brasileiro consideram a natureza dinâmica e processual desses bens, promovendo ainda a interação dos aspectos materiais e imateriais do patrimônio cultural que proporcionam uma concepção mais rica e ampla.

Tais bens culturais imateriais são transmitidos de geração a geração, sendo recriados pelas comunidades e grupos que, em função de seu ambiente, interação com a natureza e contexto histórico, transformam suas danças, suas músicas, a matéria-prima utilizada na confecção de produtos, sua identidade e continuidade, sendo daí reconhecida a sua importância, devido à responsabilidade de oferecer subsídio para o fortalecimento da identidade e também garantir a qualidade de vida dos agentes envolvidos. Assim,

a compreensão contemporânea do patrimônio deixou de se ater apenas às qualidades estéticas do bem em si, ampliando-se ao cotidiano da vida, no exercício da cultura e no desenvolvimento sócio-econômico das comunidades, constituindo-se em um dos fatores responsáveis por sua identidade e qualidade de vida. (CARSALADE, 2001, p.54).

Uma vez que o caráter simbólico ajuda a definir o que seja o patrimônio, se faz necessária a mobilização de recursos para sua conservação e exposição (Prats, 1997, apud NORRILD, 2002, p. 11), evitando que o patrimônio se torne um bem sem utilização ou apreço por parte da comunidade, ou que tenha seu uso e sua dinâmica atrelados a outros interesses que não os da própria comunidade.

Com o objetivo de mobilizar não apenas recursos, como também interesses, estudos e pesquisas, foi elaborada uma classificação pelo IPHAN¹³, através da qual os bens imateriais são divididos em quatro livros, com o objetivo de ampliar as possibilidades de preservação da diversidade do patrimônio imaterial. São eles:

- Celebrações – para as festas, rituais e folguedos que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e outras práticas da vida social;
- Saberes – para o registro de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- Lugares – destinado à inscrição de espaços como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas e formas de expressão;
- Formas de Expressão – para a inscrição de manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.

Tais livros são importante instrumento de classificação, inventário e proteção dos bens imateriais que enriquecem o território e a cultura brasileira. Devido à sua enorme diversidade cultural, não é tarefa fácil criar estratégias de planejamento e gestão de um grande legado como o que possui o Brasil, o que exige ações divergentes no que se refere tanto à manutenção quanto à utilização destes bens.

¹³ IPHAN. Decreto número 3.551, de 04 de Agosto de 2000.

Como tentativa de unir o país, independente de suas diferenças regionais, segundo o IEPHA (2006), o patrimônio cultural de um povo lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade, e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica. Os sentimentos que o patrimônio evoca são transcendentais, ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida das pessoas, o que inclui os bens de natureza material e imaterial.

Sobre esta subdivisão, o IEPHA (op. cit) analisa que patrimônio cultural apresenta-se sob diversas formas. Sob a forma de bens imateriais, compreende toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical, até a sua memória oral, passando por elementos caracterizadores de sua civilização. Sob a forma de bens materiais, o patrimônio divide-se em dois grupos básicos: bens móveis - grupo que compreende a produção pictórica, escultórica, material ritual, mobiliário e objetos utilitários e bens imóveis - que não se restringem ao edifício isoladamente, mas compreendem, também, seu entorno, garantindo sua visibilidade e fruição. No acervo de bens imóveis que constituem o patrimônio de um povo e de um lugar, incluem-se os núcleos históricos e os conjuntos urbanos e paisagísticos, importantes referências para as noções étnicas e cívicas da comunidade.

Dado que o patrimônio imaterial é constituído por bens culturais de natureza extremamente dinâmica e altamente diversa, é preciso pensar em políticas diferenciadas que respondam à sua preservação. Oliveira (2007, p. 03) indica que os conhecimentos produzidos sobre esses bens culturais são organizadores das políticas voltadas para sua preservação.

A ampliação do conceito de patrimônio utilizada pelas políticas públicas, a inclusão de outras formas de expressão sócio-culturais como patrimônios materiais e imateriais são avanços, em parte conquistados com apoio das mídias e dos projetos transnacionais, sendo hoje inegável a atribuição de um lugar aos bens materiais e imateriais das culturas de origem/influência africana e indígena, aos sítios arqueológicos, à literatura de cordel, cantigas regionais, ao saber fazer (presentes no anteprojeto de Mário de Andrade de 1926-27 embora não seguidas na prática do IPHAN até 1980), porém ainda permanecem muitas questões a serem problematizadas (SCOCUGLIA, 2006, s.p).

Dentre essas questões, inúmeras e complexas, destaca-se a questão da utilização turística, que será abordada no próximo tópico. Todos os avanços obtidos ao longo do último século devem estar em consonância com a atividade turística, e também os significados a ela atribuídos em meio ao processo.

1.1.3. O PATRIMÔNIO IMATERIAL E A SUA RELAÇÃO COM O TURISMO

É comum observar estudos sobre a relação entre patrimônios materiais e imateriais e a atividade turística (ALFONSO, 2003; BANDUCCI, 2003; MOURA, 2001). Até mesmo a Organização Mundial do Turismo - OMT (1998, apud NORRILD, 2002) sugere a definição dos chamados patrimônios turísticos, ao definir que “patrimonio turístico es el conjunto de bienes materiales e inmateriales que constituyen la materia prima que hace posible el desarrollo del turismo¹⁴” (NORRILD, 2002, p. 19).

Entretanto, o patrimônio imaterial não é um simples atrativo turístico, mas um elemento capaz de destacar e oferecer subsídios para compreender a identidade cultural de cada comunidade, fonte que a impulsiona a uma cultura compartilhada, a experiências vividas entre pessoas de diferentes localidades e vivências, e, assim, ter seu significado respeitado. A opção pelo desenvolvimento turístico deverá conciliar-se aos objetivos de manutenção do patrimônio, do uso cotidiano dos bens culturais e da valorização das identidades culturais locais.

Segundo Sahlins (1997), as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente através de valores e significados, que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. A sociedade local, seja em um país, uma região, ou um local específico, é compreendida enquanto uma coleção de indivíduos ou indivíduo coletivo, através da posse de seu patrimônio cultural ou da cultura que define a própria identidade.

Os sentimentos que o patrimônio evoca são transcendentais, ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida

¹⁴ “Patrimônio turístico é o conjunto de bens materiais e imateriais que constituem a matéria-prima que faz possível o desenvolvimento do turismo” (tradução livre).

das pessoas. Patrimônio cultural é, portanto, a soma dos bens culturais de um povo. O patrimônio cultural dos mineiros é o conjunto dos bens culturais de Minas Gerais, portadores de valores que podem ser legados às gerações futuras.

As referências de identidade são construídas e desconstruídas num processo dialético, onde ocorre não uma perda, mas uma transformação, um deslocamento de identidades no contato com o outro e com as mais diversas influências externas. Assim, as trocas culturais que ocorrem entre os agentes envolvidos na atividade turística, leia-se os visitantes, os moradores, políticos, empresários que trabalham e se relacionam diretamente ou não com os visitantes, devem ter como cerne de conduta o respeito pelo outro.

Além do contato entre os próprios moradores, este intercâmbio cultural que ultrapassa os limites geográficos da localidade e que se torna possível através da prática turística, segundo Chaney (apud KUPER, 2002), evidencia a cultura de cada lugar, de cada grupo de pessoas, e representa a ponte que une os indivíduos e suas identidades coletivas. Cada cultura não se basta por si só, ou seja, toda cultura é multicultural, é o resultado de uma miscelânea, de empréstimos e misturas que ocorreram, embora em ritmos diferentes, desde os primórdios da humanidade. Este contato, assim, está presente em cada cultura, de maneira conjunta, uma vez que se torna:

necessário sempre ter a visão dos indivíduos formando parte de um ecossistema do qual são parte ativa; dominando às vezes, mas sem perder de vista o feito de que ao serem membros em interação com outros integrantes, as alterações feitas por uns afetarão os outros, de forma positiva ou negativa (ALFONSO, 2003, p. 102).

Desta maneira, não se deve pensar em culturas superiores ou inferiores, mas sim em culturas distintas, que entram em sintonia de uma maneira pacífica através do turismo, se ele for estabelecido de forma planejada, visando à obtenção de benefícios para os indivíduos envolvidos.

A partir da tendência geral do turismo contemporâneo em valorizar os aspectos ligados à cultura local, notou-se que a autenticidade, a identidade, o patrimônio, a história e as particularidades dos lugares têm sido requisitados pelo turista moderno. Posto isso, afirma Trigo (2000, p. 112) que “o interesse das pessoas

pela história, a arte e a cultura em geral tem gerado grandes projetos integrando cultura e turismo”.

É notável o interesse de governos e empresários turísticos em explorar não apenas as belezas cênicas ou naturais da sua região, como também em oferecer aos visitantes a possibilidade, o que ocorre em alguns lugares, de forma prioritária, de também conhecer e apreciar manifestações culturais típicas, tais como a culinária, as formas de expressão, festividades, comemorações religiosas, enfim, entrar em contato com o modo de viver e de se relacionar com o mundo daquela comunidade.

Neste íterim, entretanto, é preciso observar que – ao se falar de manifestações culturais – o turismo não está lidando apenas com uma simples mercadoria, como um cartão-postal, por exemplo, mas sim de uma gama de símbolos e significados que são construídos em busca da formação da identidade do local. Brandão destaca a importância, por exemplo, da Semana Santa para os moradores locais, e como esta se relaciona com a atividade turística.

A Semana Santa é um festejo tradicional porque congrega como participante as mais diversas categorias de pessoas “do lugar” e “de fora”. Tende a ser cada vez mais articulada, de ano a ano, de modo a comportar diferenças intencionais de participação. Para as autoridades eclesásticas, os fiéis membros de irmandades e confrarias e para as inúmeras outras pessoas religiosas da cidade e de outras próximas, a Semana Santa não é apenas um acontecimento religioso; ela é o mais importante monumento cerimonial de um calendário litúrgico, que de certo modo se divide em suas grandes partes: antes e depois da Páscoa. Os acontecimentos são promovidos, qualificados e controlados pelas próprias autoridades religiosas (BRANDAO, 1989, p. 58-59).

Assim, para que ocorra de maneira a ser uma interferência positiva na dinâmica do evento, o uso turístico deve buscar maneiras para atuar no sentido do fortalecimento das culturas com as quais se envolve. A relação entre patrimônios culturais e turismo deve fundamentar-se em dois pilares: tanto na existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas, quanto na possibilidade de que o turismo sirva como um instrumento de valorização da identidade cultural, através da preservação e conservação do patrimônio em questão.

Assumir o patrimônio na sua integridade e diversidade implica na sua reformulação em termos de lastro cultural, expressão de identidades e diferenças, de consensos e conflitos, que permitem identificar os processos que originaram tais bens, assim como sua valorização, articulando-se a densidade histórica com os significados mais recentes, produzindo, portanto, ressignificações que não se confundem com o uso indiscriminado da visitação turística (RODRIGUES, 2007, p. 24).

De acordo com o Ministério do Turismo (2006), a utilização turística dos bens culturais – produto do processo cultural, que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo e do ambiente que o cerca – requer ações que os valorizem e promovam, ao mesmo tempo em que mantenham sua dinâmica própria e permaneçam ao longo do tempo. A existência dessas ações resulta em possibilidades de que sejam difundidos os conhecimentos sobre esses bens, facilitando à população o acesso e o usufruto, e contribuindo para o apreço à sua própria identidade e memória.

A atividade turística, nesse contexto, pode tornar-se ambígua, devido à necessidade de conciliar a prática social e os objetivos econômicos, o lazer com o trabalho, e os desejos de visitantes e anfitriões (ÁVILA, 2006). Mediar tais conflitos de maneira adequada representa um desafio para os agentes envolvidos neste processo. A cultura e os patrimônios, além de serem importantes elementos que motivam as viagens, devem ter sua dinâmica independente do turismo, evitando que se tornem apenas simples produtos turísticos.

Para que isso ocorra, é preciso considerar os aspectos que envolvem a história e o significado desses bens para a população, acentuar a participação conjunta dos órgãos públicos, empresários, líderes locais e população em geral. Assim, também é necessário potencializar seus atrativos, ao mesmo tempo em que são traçados os limites em relação à sua utilização turística.

Rodrigues (2007) indica que as responsabilidades quanto à preservação e à manutenção dos patrimônios culturais pertencem ao Estado (enquanto normatizador e muitas vezes proprietário), ao setor privado (enquanto promotor do turismo e, por vezes, proprietário dos bens patrimoniais), e também à demanda turística e à população residente. Torna-se vital que esses agentes construam uma relação de responsabilidade e compromisso com os bens, uma vez que o patrimônio

imaterial não é simplesmente um produto a ser comercializado mas, sim, mantenedor de sentimento de pertença, identidade e valorização de uma cultura.

A comunidade é a verdadeira responsável e guardiã de seus valores culturais. O patrimônio cultural pertence à comunidade que produziu os bens culturais que o compõem. Não se pode pensar em proteção de bens culturais, senão no interesse da própria comunidade, à qual compete decidir sobre sua destinação no exercício pleno de sua autonomia e cidadania.

Para preservar o patrimônio cultural é necessário, inicialmente, conhecê-lo através de inventários e pesquisas realizadas pelos órgãos de preservação, em conjunto com as comunidades. O passo seguinte será a utilização dos meios de comunicação e do ensino formal e informal para a educação e informação das comunidades, visando desenvolver o sentimento de valorização dos bens culturais e a reflexão sobre as dificuldades de sua preservação. A preservação do bem cultural está vinculada à sua correta utilização e integração ao cotidiano da comunidade. A atuação do poder público deve ser exercida em caráter excepcional, quando faltarem recursos técnicos ou materiais ou, ainda, organizações coletivas capazes de assumir as ações de preservação necessárias (IEPHA, 2006).

São diversas as formas de proteção do patrimônio cultural, desde o inventário e cadastro até o tombamento, passando pelo estabelecimento de normas urbanísticas adequadas, consolidadas nos planos diretores e leis municipais de uso do solo e, até, por uma política tributária incentivadora da preservação da memória.

Segundo Simão (2006, p. 17), a proteção do patrimônio cultural extrapola hoje os muros do Estado e alcança a sociedade, chamando a todos a serem atores em uma ação integrada que beneficie e própria sociedade através dos seus bens culturais e patrimoniais.

Nesse sentido, Gramont (2006) afirma que o pensar e o atuar em relação ao Patrimônio Cultural, bem como em relação ao seu contato e à sua integração com a comunidade onde está inserido, devem estar disponíveis permanentemente para reflexões e modificações conceituais e práticas, estando dispostos a analisar tais mudanças como parte de uma construção cultural.

1.1.4. A SEMANA SANTA EM MARIANA: PATRIMÔNIO IMATERIAL FESTEJADO POR MEIO DA RELIGIOSIDADE E MANTIDO ATRAVÉS DA MEMÓRIA COLETIVA

Uma festividade religiosa popular é, geralmente, um momento onde os sujeitos se misturam e convivem por um mesmo objetivo. É também quando várias ações são ritualizadas, numa mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, torcer, cantar, orar.

Dentro do contexto de Mariana, cidade do interior de Minas Gerais, essas festas se mostram tão religiosas e, sobretudo tradicionais, quanto tudo mais que é vivido ali, envolvendo aspectos de sua história, suas tradições, seus costumes. No caso específico do evento da Semana Santa, é possível observar que, além de todo o ritmo de festividade desta comemoração, ela oferece ainda uma sensação de estar parada no tempo, de maneira soleníssima, o que pode ser vivenciado nas missas, novenas, rezas lentas e procissões de um comovente pesar (Brandão, 1989, p. 44), valorizando a tradicionalidade que lhe é característica.

A festa é tida e vivida como tradicional, e justamente essa tradicionalidade é um de seus pontos fortes. Há diferenças sociais muito importantes aí. Elas dão a uma mesma idéia: o poder simbólico do tradicional (aquilo que é antigo, foi vivido e significado por ancestrais legítimos; é consagrado e, portanto, desejado no estado em que existe sem modificações) possui sentidos diversos (BRANDÃO, 1989, p. 52).

A prática de se comemorar a morte e ressurreição de Jesus Cristo está presente em diversas culturas em todo mundo, não sendo considerada uma atividade recente, pelo contrário. Com a difusão do cristianismo e o predomínio da Igreja entre os séculos IV e XV, período que abrangeu a Antiguidade tardia e Idade Média, o caráter aristocrático foi acrescido de um outro elemento, de força simbólica e coletiva: o caráter religioso, expresso tanto em formas materiais e espirituais, que mostravam a força da Igreja. Ao mesmo tempo, esta se fazia presente na vida dos moradores desde os mais simples aos mais abastados, sendo o que Brandão (1989,

p. 54) chamou de devoção coletiva, capaz de encantar seus moradores e também os visitantes vindos de lugares distintos.

Em um contexto macro, é visível que no Brasil, país dominado por uma cultura católica, vinda de Portugal, que por sua vez era repleta de referências espanholas, a religiosidade se fez presente em toda a sua história. Em Minas Gerais, esta especial singularidade é ilustrada pelo barroco, estilo de arte considerado e compreendido como um misto de espetáculo e fé.

Tinhorão (2000, p. 105) ilustra a exuberância barroca na época do Ciclo do Ouro, uma vez que o sentido profundo dessa intenção de comover pelo esplendor da aparência nas Minas Gerais foi bem captado por Afonso Ávila em seu estudo *Iniciação ao Barroco Mineiro*:

Ao lado do arraigado religiosismo do colonizador português e de seus descendentes brasileiros, concorria para o caráter monumental emprestado aos templos a própria orientação até então seguida pela Igreja Católica, que buscava enfatizar o poder temporal da religião através da forma e do brilho exterior do culto. Daí o aspecto espetacular que assumiram as celebrações litúrgicas, quando toda a população das vilas mineiras parecia tomada de um êxtase ao mesmo tempo festivo e religioso.

Atualmente, o Estado apresenta uma grande oferta de festas religiosas, que unem o sagrado e o profano, através dos bailes e quermesses, onde o divino e o humano se encontram, além de serem elementos que ajudam a caracterizar e a fortalecer a identidade cultural de cada localidade. Acrescentando valores múltiplos a este fortalecimento identitário, Getz (2002) destaca ainda que os eventos tradicionais podem ser vistos também como instrumentos de interpretação da comunidade, levando o povo a ter um contato direto com fatos e objetos históricos, recriando eventos ou modos de vida, aumentando assim o seu conhecimento e apreço às tradições e à sua própria identidade. Tais tradições possuem valor para a comunidade a partir do momento em que fazem parte de seu cotidiano, e também

quando são vivenciados de maneira simbólica, por meio de rituais, e são essenciais à manutenção da própria identidade daquela comunidade ao longo dos anos.

Segundo Thompson (1998, p. 163-165), tradição possui um significado de um *traditum* – isto é, qualquer coisa que é transmitida ou trazida do passado, e que de alguma maneira é vivenciada ao longo dos anos dentro de uma comunidade. Para o autor, é útil distinguir quatro diferentes aspectos de tradição, quais sejam os aspectos hermenêutico, normativo, legitimador e identificador, como visto abaixo. Na prática, esses quatro aspectos se imbricam e se fundem uns com os outros, misturando-se, mas ao distinguí-los tem-se um sentido mais claro do que é implicado na existência da tradição.

O aspecto hermenêutico é um conjunto de suposições aceitas como verdadeiras sem exame prévio, que fornecem uma estrutura para a compreensão do mundo, como um meio de dar sentido ao mundo. Já o aspecto normativo abarca um conjunto de pressuposições, crenças e padrões de comportamento trazidos do passado e que podem servir como princípio orientador para as ações e as crenças do presente, enquanto o aspecto legitimador reafirma que a tradição pode, em certas circunstâncias, servir como fonte de apoio para o exercício do poder e da autoridade. Finalmente, há o aspecto identificador, que age enquanto um conjunto de pressuposições, crenças e padrões de comportamento trazidos do passado. As tradições fornecem material simbólico para a formação da identidade tanto em nível individual quanto em nível coletivo, criando um sentido de pertença.

Da mesma maneira, toda tradição é uma busca de se manter viva a memória coletiva de um povo. Segundo Le Goff (1990, p. 477), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Neste sentido, na constante tentativa de se preservar a memória de um local, eventos que busquem reviver o passado são repletos de valor, seja este simbólico ou cultural, e por isso devem ser preservados.

Sobre a relação entre passado e presente, Henry Rousso (s.d.) afirma que essa união se modifica segundo a dinâmica da realidade de cada tempo e indica que a memória é um elemento a mais na construção e na restauração do sentido de identidade, reconhecimento e estima do grupo de pessoas.

A memória (...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é

aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, 'coletiva', como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, p. 94-95, s.d.).

Assim, o passado e suas referências marcadas no território, as manifestações culturais tradicionais, repassadas de geração em geração, as formas de fazer – objetos, alimentos, festas – voltam, na virada do milênio, a serem valorizados. Começa-se a sentir, novamente, necessidade de entender o passado como um referencial para a construção do futuro e como um processo contínuo de fruição (SIMÃO, 2006, p. 15).

Segundo Rodrigues (2001):

A memória social será tão mais significativa quanto mais representar o que foi vivido pelos diversos segmentos sociais e quanto mais mobilizar o mundo afetivo dos indivíduos, suscitando suas lembranças particulares. Nestas e só nestas, alcançado pelo sentimento e sustentado pela sensação, o passado é reconstruído plenamente. Feito de fantasias, parecendo sempre melhor que o presente, ele aflora idealizado, porque reconstruído por nós que já não somos o que éramos e, movidos pela nostalgia, que queremos que ele nos traga de volta as sensações já vividas. (RODRIGUES, 2001, p.18).

Ao se pensar na memória de um povo, são fundamentais os movimentos sociais de manutenção de heranças históricas, onde toda a população se une em busca de um só objetivo, buscando salvar o passado, para assim poder oferecê-lo aos que vierem depois. Para que isso ocorra, “a memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas” (ORTIZ, 1994, p. 133), prática viva e, portanto, dinâmica.

A memória coletiva se estrutura internamente como uma partitura musical, ou seja, é vivida através de um sistema estruturado, onde os atores sociais ocupam determinadas posições e desempenham determinados papéis (HALBWACHS, 1939, apud ORTIZ, 1994, p.133). Não há como uma partitura se transformar em música sem a participação dos musicistas; da mesma maneira, não existe memória coletiva

sem a participação do seu povo. A memória de determinada população atua como uma operação ideológica, acarretando o desenvolvimento de um processo psíquico-social de representação de si próprio que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas e das coisas.

Segundo Pollak (1992, apud BATISTA, 2006, p. 29), a memória é um elemento que constitui o sentimento de identidade individual e coletiva, na medida em que “ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade, de coerência de uma pessoa e de um grupo em sua reconstrução de si”. Sobre isso, Pollak (1989, p. 09) ainda acrescenta que manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum seriam as duas funções essenciais da memória comum.

No que se refere à memória e sua ligação com comemorações religiosas como a Semana Santa, Freire e Pereira (2002, p. 123) irão destacar que estas festividades são importantes no processo de recomposição da identidade tanto no âmbito municipal quanto nacional e que, por isso mesmo, merecem atenção especial dos poderes públicos e privados. As festividades religiosas são entendidas por um viés que privilegia rituais nacionais e também locais, exaltando-se sentimentos de identidade e respeito.

Faz sentido afirmar, assim, que a memória coletiva, vivida através dos seus patrimônios, é um elemento essencial para a construção da identidade de um povo, atuando como um elo que une a população e a sua história. Compreender determinado patrimônio histórico-cultural como responsável por representar o passado é uma tentativa de se compreender a própria identidade de um povo, que está intimamente ligada à memória, tanto através dos bens materiais, quanto pelos bens imateriais, o que é o caso da festividade da Semana Santa.

No que se refere à questão temporal, um patrimônio imaterial, vivido através de uma manifestação cultural, não se apresentará da mesma maneira ao longo dos anos. Segundo Oliveira (2007, p. 05), é preciso sempre observar que as expressões da cultura devem ser compreendidas como partes, fragmentos de totalidades culturais que, sujeitas à dinâmica da história, estão em permanente transformação. Uma manifestação preservada não necessariamente será a mesma que ocorria há vinte anos atrás, mas sim aquela que ao longo dos anos consegue manter o seu significado entre os seus moradores, e atinge o seu objetivo de unir

aquele grupo de pessoas dentro de um contexto social e histórico, a favor da memória coletiva e da identidade e união local.

Relacionando-se os conceitos de patrimônio e memória coletiva, através da festividade religiosa, observa-se a união desses elementos dentro de uma comunidade. Isso se torna possível uma vez que, segundo Le Goff (1990, p. 443), a memória coletiva é fortemente penetrada pela religião, ao mesmo tempo em que Oexle (1976, p. 80, apud LE GOFF, 1990, p. 443) afirma que a religião católica, bem como o judaísmo, são “religiões da recordação”.

Atos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental (LE GOFF, 1990, p. 443).

Neste sentido, o evento religioso é um instrumento utilizado pela Igreja para se tornar viva na memória dos seus fiéis. A partir do momento em que essa vivência alcança também os turistas, essas celebrações passam a fazer sentido não apenas para os moradores, mas também para os visitantes, através de práticas de fé que, muitas vezes, estão repletas de significados históricos e culturais.

Além da liberação momentânea, as festas apresentam um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva. A dramatização dos símbolos e das alegorias no interior da festa tende a justificar ou explicar uma doutrina. Há sempre uma crença a ser defendida. Toda festa tem uma longa história que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência (MOURA, 2001, p. 38).

A Semana Santa não é apenas a celebração da morte e ressurreição de Cristo, mas é também a oportunidade de que, através do forte simbolismo que o evento carrega em si, a própria Igreja se mantenha viva na memória dos fiéis e, da mesma maneira, em um segundo momento contribua para o fortalecimento dos sentimentos de memória coletiva entre os próprios moradores.

Assume-se aqui a prática turística fundamentalmente enquanto um exercício onde são realizadas trocas simbólicas e, nesse sentido, compreende-se também a busca pelo divino em seus diversos espaços de manifestação, através das celebrações e rituais, através da sua união com o humano.

Brandão (1989, p. 85) afirma que a força da festa e de suas seqüências de celebrações está, entre outras coisas, no estabelecimento ritual da diferença, quando se significam contextos e relações de trocas entre diferentes categorias de pessoas e, depois, no consagrar simbólica e afetivamente o domínio de poderes e sentidos em que tudo isso se passa, dentro e depois do que acontece.

1.2. A SEMANA SANTA EM MARIANA-MG, ENQUANTO ATRATIVO TURÍSTICO CULTURAL RELIGIOSO

1.2.1. A ATIVIDADE TURÍSTICA: ASPECTOS CONCEITUAIS

Desde o início do século passado são realizados estudos sobre o turismo, buscando classificá-lo, epistemologicamente, através de diferentes linhas de pensamento e interesse científico¹⁵. Fundamentada na multidisciplinaridade, a atividade busca subsídios em conceitos desenvolvidos nas áreas da Economia, Geografia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Direito, História, Educação, entre outras áreas científicas que trabalham de forma direta ou indireta com os assuntos interligados à sua essência.

A partir dessa interdisciplinaridade, alguns estudiosos concordam que o turismo não seja uma ciência e sim um fenômeno, ou mesmo um campo de estudo, o que se explica, por exemplo, pelo fato de que o mesmo, enquanto prática institucionalizada, tenha surgido em meados do século XIX, portanto há pouco tempo

¹⁵ “Como atividade intelectual, a ciência é, antes de todo uso prático, um instrumento na luta pela existência, na luta dos homens com a natureza e com os homens: suas hipóteses, diretrizes, seus modelos e suas abstrações surgem dessa luta e antecipam, conservam ou alteram as condições sob as quais essa luta se passa” (MARCUSE, 2001, p. 101). Em relação ao turismo, os primeiros estudos oficiais sobre a atividade foram desenvolvidos a partir de 1910, pelo economista austríaco Herman Von Schullard, que conceituou a atividade enquanto “todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (MOESCH, 2000, p. 10).

quando comparado com o período de maturação e consolidação das diversas outras ciências. Partindo dessa assertiva, não parece ousado afirmar que o turismo, por si só, ainda hoje carece de credibilidade intelectual. Todavia, muitas são as correntes que defendem que o turismo já possui um *status* de ciência, ao passo que outras vertentes o defendem como uma disciplina autônoma e também existem aqueles que o consideram como um campo multidisciplinar do conhecimento.

Baseado no pressuposto acima delineado, Arrillaga (1976) constata que nada é próprio ou exclusivo a essa atividade no campo teórico, pois neste são contempladas ferramentas metodológicas utilizadas por outros setores do conhecimento humano, ou seja, são adotadas por outros saberes científicos. Os esquemas mentais, elementos básicos para se alcançar o *status* de ciência, em que o turismo se aporta, também não lhe são próprios. Além disso, este não goza de verdadeira autonomia, nem doutrinal, nem didática, tese defendida por Andrade (1999, p. 37), que indica que a atividade “faz uso permanente de princípios, recursos e conclusões de ciências e técnicas dos mais variados ramos da atividade humana”. Siqueira (2003, p. 73) complementa que este fenômeno é um dos exemplos mais expressivos de uma área científica onde impera a dificuldade de definição de conceitos, uma vez que ele próprio está eivado de dubiedades e ambigüidades.

Cooper *et. Al.* (2001) confirmam que não há dúvidas de que o turismo é uma área temática ou um campo de estudos, mas destacam que, no momento, ele ainda carece de uma base teórica que lhe permita tornar-se uma disciplina, devido à grandeza e à complexidade que o envolvem e o caracterizam.

No que concerne às diferenças entre as suas divergentes definições, Beni (2000, p. 32) destaca os seguintes campos: acadêmico, empresarial e órgãos governamentais. Nestes campos, são estudadas basicamente três tendências: a tendência econômica (onde são reconhecidas as implicações econômicas ou empresariais do turismo), a tendência técnica (quando são estudados conceitos que fornecem uma estrutura especulativa e teórica que identificam as características essenciais para distinguir a atividade de outros fenômenos similares) e, por fim, a tendência holística (que procura abranger a essência total do assunto).

Por sua vez, Andrade (1999) apresenta a atividade como um conjunto de prestação de serviços, vinculada às técnicas de comunicação, de administração e de economia, funcionando como um produto composto ou uma combinação de bens e serviços, cuja funcionalidade depende de uma série de conhecimentos operacionais

e de necessária dedicação para o atendimento cabal dos requisitos da oferta e das exigências da demanda e do mercado atual.

O turismo corresponde, além disso, ao complexo de serviços relacionados aos deslocamentos, transporte, alojamento, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento. É, assim, uma reunião de indivíduos, empresas, organizações e lugares, que se interligam de determinada maneira a fim de proporcionar uma experiência de viagem, através de uma “atividade multidimensional e multifacetada, que tem contato com muitas vidas e atividades econômicas diferentes” (COOPER *et al*; 2001 p. 41).

Construindo uma visão sistêmica da atividade, Andrade (1999, p. 38) afirma que esta compõe um conjunto de bens e serviços com o objetivo principal de atingir o planejamento, a promoção e a execução de viagens, além dos acima citados serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais, em um período pré-determinado.

Entre tantas vertentes distintas, a Organização Mundial de Turismo – OMT¹⁶ determina que não existe uma definição correta ou incorreta da atividade, uma vez que a cada definição apresentada, apresenta-se uma nova forma de se pensar e compreender a atividade. Da mesma maneira, Fernandes (2002, p. 22/b) considera que o “importante não é encontrar uma definição perfeita para o turismo e sim compreendê-lo, entendê-lo, estudá-lo como fenômeno que efetivamente é”.

A fim de oferecer uma base conceitual, a Organização avalia que:

o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante as suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano com finalidade de lazer, negócios e outras (OMT, 1998, p. 38).

Além de números e estatísticas, existe a tendência de se considerar o turismo através das suas perspectivas humanas e sociais. A partir desse olhar, pode ser considerada enquanto uma atividade holística (SILBERBERG, 1995), que serve

¹⁶ A OMT é a principal organização internacional no campo do turismo. Sua missão consiste em promover e desenvolver o turismo como meio de fomentar a paz e a compreensão entre os países, através do desenvolvimento econômico e o comércio internacional (tradução livre).

como instrumento de interação entre culturas distintas, podendo oferecer um elevado número de benefícios aos agentes envolvidos.

Azevedo (1997, p. 147) acrescenta o seu lado pedagógico, através das aprendizagens constantes, na percepção de outras realidades e diferentes estilos de vida, na utilização saudável do tempo ocioso, na preservação de bens culturais, além da assimilação de novos papéis e funções. Esta função pedagógica possibilita ainda o crescimento individual dos visitantes, além de favorecer as trocas culturais entre estes e os moradores. O turismo age, assim, como um instrumento que visa à interação de culturas, interligando, apresentando novos ambientes, pessoas e experiências, em um lugar distante do cotidiano, do obrigatório.

Apesar da diversidade de conceitos apresentados, Beni (2000, p. 35) destaca que as mais diversas noções apresentam, entretanto, alguns elementos comuns ou relativamente diferentes entre elas, que convém serem destacados, tais como: a viagem ou deslocamento (sem deslocamento não existe turismo); a permanência fora do domicílio (estritamente vinculado à viagem, o elemento de permanência fora da própria residência habitual é parte integrante do conceito de turismo); a temporalidade (elemento característico, porém insuficiente para configurar sozinho o fenômeno); e o objeto do turismo (o elemento concreto do fenômeno traduz-se no equipamento receptivo e no fornecimento dos serviços para a satisfação das necessidades do turista). Partindo dessa base comum, cada campo teórico tenderá a observar aspectos distintos em suas teorias, e formar a enorme diversidade que é vista no campo de estudos sobre o turismo.

Destarte, assim como acontece em várias áreas do conhecimento, cada área científica irá apresentar uma percepção distinta no que se refere à atividade, que nasceu como mais uma “invenção” da modernidade, e que demonstra ser uma das mais importantes fatores econômicos e sociais da atualidade. Sua importância se dá uma vez que é capaz de envolver ao mesmo tempo culturas distintas, e colocar lado a lado instituições, preceitos, línguas, comidas e interesses, através do deslocamento e aprendizados mútuos criados pelo contato visual e também pelas experiências vividas pelos sujeitos.

1.2.2. A CULTURA E O TURISMO

Dentre todas as questões abordadas acima, merece destaque dentro deste estudo a relação da atividade turística e a cultura, que engloba tanto os visitantes quanto aqueles que os recebem no local escolhido para a viagem. Considerada como um elemento de diferença, e enriquecimento das relações sociais entre povos distintos, a cultura é tida como um legado social herdado pelos indivíduos dentro de uma comunidade. Da mesma maneira, por ser um vetor de desenvolvimento, falar de cultura significa falar de processos contínuos de trocas, as quais se deve ter em conta em estudos e projetos culturais. O início desses estudos se refere à própria conceituação dada à cultura, como está descrito abaixo:

cultura é aqui o conjunto dos instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, ciências, artes, mitos) para permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real. Os instrumentos ditos culturais são "equipamentos" coletivos ou grupais, postos à disposição de todos (SODRÉ, 2001, p. 85).

A discussão sobre cultura é intensa (e extensa), os conceitos são inúmeros e às vezes contraditórios, construídos por antropólogos, sociólogos, folcloristas, bem como por estudiosos de outras áreas que se vêem envolvidos por suas particularidades. Um conceito bastante utilizado indica que, ao se pensar sobre cultura, pensa-se numa série de elementos, entre estes os hábitos, valores, formas de pensar, interpretar e juízos sobre o mundo (LEMOS, 1996, p. 30), ou seja, refere-se à forma daquele grupo de pessoas se relacionarem com o mundo que as cerca.

Segundo Canclini (1983, p. 29), cultura corresponde a uma cadeia de produção de determinados fenômenos que contribuem, “mediante a representação ou reelaboração simbólicas das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social”. Desta maneira, cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação de sentido dentro de determinada comunidade.

Outrossim, a cultura se dá enquanto um conjunto de aspectos que garantem a coesão social e a sua transformação natural, que irão depender da estrutura social e histórica à qual o grupo está interligado, de forma dinâmica. Cada

grupo social só se faz dessa forma, a partir do momento em que existem afinidades entre os seus indivíduos – e tais afinidades serão construídas e identificadas a partir das suas manifestações culturais.

O IEPHA (2006) evidencia que a cultura seria o conjunto de atividades e de modos de agir, costumes e instruções de um povo. É o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência transformando a realidade, enquanto processo composto por permanente evolução, diversificado e rico, enquanto propulsor do desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade. Uma vez que não é estanque, mas pelo contrário vivo, a cultura age enquanto fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais, ao longo da sua existência.

Segundo Santos (1994), a cultura seria um produto da história de cada sociedade, não apenas um conjunto de práticas e concepções ou uma parte da vida social, dizendo respeito a todos os aspectos da vida social e à história de determinado lugar. Uma vez produto da sua história, constrói e busca manter a identidade própria de cada lugar, englobando todos os aspectos que dizem respeito ao sentido e à construção e manutenção da memória coletiva da localidade.

Nessa busca constante, o homem próprio se amarra a teias de significados criados e recriados por ele próprio (GEERTZ, 1989), sendo que através desta constante construção, em uma ação simbólica repleta de significados, ele acaba por forjar a própria estrutura cultural que gera o sentido de união dentro do grupo.

Warnier (2000, p. 11) irá apresentar a cultura enquanto uma totalidade complexa que compreende as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade, possuindo assim certas características inatas à humanidade, tais como: o fato de que nenhuma cultura poderá ser transmitida de forma independente à sociedade que a alimenta – a cultura é assim, socializada; e a certeza de que as culturas são singulares, extraordinariamente diversas e localizadas, sendo assim uma “totalidade complexa que compreende as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.

Justamente recaindo sobre o teor sociológico da cultura, onde o indivíduo é posto em contato com os seus desafios, seja através de um relacionamento com a natureza, como também com o próximo, o educador Paulo Freire (1975) analisa que:

É lícito dizer que o homem se cultiva e cria a cultura no ato de estabelecer relações, no ato de responder aos desafios que a natureza coloca, como também no próprio ato de criticar, de incorporar o seu próprio ser e de traduzir por uma ação criadora a experiência humana feita pelos homens que o rodeiam ou que o precederam (FREIRE, 1975, p. 41).

Construindo uma interessante metáfora, Webster (apud MARCUSE, 2001) encara a cultura enquanto um conjunto complexo e específico de crenças religiosas, aquisições, tradições, e outros elementos que configuram o “pano de fundo” de uma sociedade, ou seja, um pano que está sempre presente naquela sociedade, e por onde passam as questões religiosas, sociais, espirituais, enfim, o próprio sentido de identidade. Assim, Marcuse (2001, p. 78) a define como o conjunto de objetivos (ou valores) morais, intelectuais e estéticos, considerados por uma sociedade como meta da organização, da divisão e da direção de seu trabalho, que deve ser alcançado mediante o modo por ela instituído, sendo que este modo será único e repleto de significados dentro da própria comunidade.

De acordo com os conceitos expostos acima é possível pensar numa relação entre a cultura de determinada sociedade e a atividade turística. Primeiramente, é amplamente discutido que a cultura não deva ser vista apenas como um produto a ser comercializado pelo turismo, independente dos benefícios que isto possa gerar para a comunidade. Até mesmo porque, a atividade deverá lidar com os impactos positivos e negativos que invariavelmente irão acontecer, uma vez que o turismo possui reconhecidamente força enquanto fenômeno social e econômico capaz de gerar impactos de diferentes magnitudes, gerando “custos sociais em geral difíceis de estimar, mas que nem por isso são menos importantes” (LICKORISH, 2000, p. 108).

Fuster (1974) indica a importância de se compreender tanto a atividade quanto as inúmeras conseqüências e implicações decorrentes desta, uma vez que é um conjunto que engloba um grupo de turistas de um lado, e, do outro, os fenômenos e as relações que esta massa móvel produz a partir de suas viagens.

A intensidade desses impactos costuma ser dividida em áreas nas quais o turismo tem influência: na economia local, regional, nacional ou mesmo internacional; no meio ambiente, seja ele natural ou artificial; e na esfera sociocultural, que abrange fatores como os comportamentos dos turistas e da comunidade receptora, e as suas

tradições. A atividade gera assim inúmeras conseqüências que podem ser divididas em aspectos positivos e negativos.

No que se refere aos aspectos positivos, destacam-se a valorização do artesanato local, da herança cultural, orgulho étnico, valorização e preservação do patrimônio histórico-cultural, intercâmbio cultural, troca de valores, vivência emocional e espacial, melhoria em infra-estrutura pública e geração de empregos e renda.

Beni (2000, p. 37) avalia que o turismo é um instrumento importante para que sejam alcançados importantes objetivos socioculturais. Para isso, a atividade atua de forma a:

- 1- Promover a difusão de informação sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais;
- 2- Abrir novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região;
- 3- Integrar socialmente, incrementar (em determinados casos) a consciência nacional;
- 4- Desenvolver a criatividade em vários campos;
- 5- Promover o sentimento de liberdade mediante a abertura ao mundo, estabelecendo ou estendendo os contatos culturais, estimulando o interesse pelas viagens turísticas.

Lickorish (2000, p. 108-109) indica que, uma vez planejado, o turismo é capaz de respeitar o ambiente físico e humano, gerando outras vantagens como: auxiliar no desenvolvimento e promoção de regiões pobres ou não industrializadas; acentuar os valores de uma sociedade; garantir a conservação, a longo prazo, de áreas naturais; renovar as tradições de arquitetura locais; contribuir para o renascimento das artes locais e valorização dos ambientes culturais, e até mesmo oferecer uma forma de reativar a vida social e cultural da população residente, entre outros benefícios que são gerados através de uma atividade turística planejada.

Por outro lado, no que se refere aos aspectos negativos gerados pela atividade, são citadas a “superutilização” de sítios e localidades, falta de controle local sobre a dinâmica da atividade, trivialização ou perda de autenticidade, a fossilização das culturas, drogas, prostituição, especulação imobiliária, descaracterização do artesanato e arquitetura, vulgarização das manifestações

culturais, autenticidade encenada, mercantilização, mudança nos costumes e valores, crimes (SWARBROOKE, 2000).

Entretanto, Lickorish (2000, p. 108) considera que tais considerações não devam ser generalizadas, uma vez que as mudanças provocadas pela atividade turística são influenciadas por uma vasta gama de fatores específicos, tais como o tamanho do país, a difusão geral da atividade, as crenças religiosas e culturais básicas, dentre outros.

Por exemplo, Beni (2000, p. 38) afirma que o turismo pode provocar no meio visitado, os seguintes prejuízos:

- 1- Degradação e destruição dos recursos naturais;
- 2- Perda da autenticidade da cultura local (apesar deste item ser bastante discutido pelos estudiosos em cultura);
- 3- Descrição estereotipada e falsa do turista e do país ou região de que precede, por falta de informação adequada;
- 4- Ausência de perspectivas para aqueles grupos da população local das áreas de destinação turística, que não obtêm benefícios diretos das visitas dos turistas ou do próprio Sistema de Turismo da localidade;
- 5- Aparecimento de fenômenos de disfunção social da família, patologia no processo de socialização, desintegração da comunidade;
- 6- Dependência do capital estrangeiro ou de estereótipos existentes em face do turismo.

No que se refere à questão patrimonial em cidades turísticas, Funari (2006, p. 34) destaca que os patrimônios e a comunidade local estão expostos a problemas tais como a privatização dos espaços públicos, degradação do patrimônio cultural, precária qualidade de vida, presença predominante de população residente de baixa renda, subemprego, ineficiência nos serviços prestados aos cidadãos e dificuldades de acesso ou total ausência de equipamentos urbanos, questões que existem sem a responsabilidade direta do turismo.

Quanto aos patrimônios imateriais, são freqüentes a falta de incentivo à manutenção de folclores típicos, descaso quanto à preservação das tradições orais e artísticas, carência de meios financeiros para conservá-los, descaracterização das tradições, através de encenações fora do contexto cultural da cidade, teatralização de manifestações culturais, etc.

Não há como negar a importância desta atividade quanto ao apoio prestado à manutenção de algumas culturas, ou até mesmo para a sobrevivência de outras, que vêem no turismo uma fonte de renda e possibilidade de manterem seus bens culturais e patrimoniais em funcionamento. Segundo Lickorish (2000), é preciso ainda considerar que não se deve “culpar” o turismo por todos os problemas descritos acima, já que as comunidades estão sujeitas às mudanças sociais conseqüentes do atual processo de modernização e globalização, uma vez que o turismo age de forma a acelerar o processo, mas não o cria.

É de responsabilidade da própria comunidade e dos seus representantes traçarem os limites para a utilização turística dos seus bens culturais, evitando a manipulação das tradições, ou a tentativa de se forjar a essência de um lugar, para servirem como um atrativo turístico com diferencial no mercado atual que se apresenta tão competitivo.

Tal como ressalta Santana Talavera (1998, apud BANDUCCI, 2003), o uso turístico do patrimônio, ou dos bens culturais, ainda que mantenha os seus componentes simbólicos, poderá contradizer o seu potencial de significação identitária na medida em que, recriando e espetacularizando o patrimônio, transformando-o em mercadoria, ele passe a servir aos interesses do mercado e não aos da comunidade que o detém.

Barretto (2003) contrapõe esta afirmação ao questionar se a transformação de um patrimônio em bem de consumo pelo turismo não é preferível ao processo de deterioração ou destruição ao qual está naturalmente submetido, em decorrência do descaso, da especulação imobiliária e das políticas de modernização, ou mesmo empreendimentos da administração pública com objetivos distantes da preservação dos patrimônios.

Martins (1995, apud BANDUCCI, 2001, p. 37) analisa ainda que o turismo, com sua gama de personagens e interesses, apesar de poder desestabilizar processos de socialização característicos do lugar, ao mesmo tempo faz com que sejam implementadas “algumas situações sociais coletivas que permitem aos nativos assegurarem alguns elementos identitários de sua cultura”.

Buscando-se alcançar um ponto de equilíbrio entre as divergentes linhas de pensamentos que discutem a utilização turística da cultura, é imprescindível que os agentes do turismo ouçam os moradores locais – correndo até mesmo o risco de estes optarem por não desenvolver o turismo no local. Desta maneira a cultura tem a

possibilidade de ser respeitada, valorizada, e, assim, preservada, assumindo a sua função primordial, que é a construção do sentido de identidade e pertencimento entre os seus indivíduos. Com uma base identitária forte, os impactos negativos da atividade turística são minimizados, e a cultura local valorizada.

Outra importante ferramenta a ser utilizada para a diminuição dos impactos negativos do turismo é a Educação Patrimonial, que ocorre quando os patrimônios ou bens culturais deixam de ser objetos de mera contemplação e passam a ser um meio de conhecimento e valorização da sua própria cultura e identidade. Como afirma Yázigi (1999, p. 178), a população esclarecida será sempre a melhor guardiã de seus bens. Educar os moradores sobre tais valores não é tarefa fácil, mas torna-se de extrema importância – seja em aulas nas próprias escolas, mini-cursos, oficinas ou através de brincadeiras – para que a cultura se torne um elemento ainda mais intrínseco na vida da comunidade, e não seja considerada como uma mercadoria.

O turismo deve ser apreendido enquanto um grande intercâmbio de pessoas, destacando-se a necessidade de serem planejados os níveis de satisfação humana, e não apenas serem observados os objetivos econômicos. À população local pertence a herança cultural que, por sua vez, merece proteção.

Buscar o equilíbrio entre a mercantilização e a conservação. Não apenas inserindo o patrimônio no sistema comercial, com um produto a mais, mas mostrando-lhe de tal forma que não perca seu significado para os nativos, sem se descontextualizar ou estereotipar, e que sirva realmente de encontro entre culturas, fazendo partícipes a ambas as partes, turistas e anfitriões, de uma visão resgatada das culturas (VILLA, 2006, s/p).

Assim, o turismo pode auxiliar determinada localidade e contribuir para que os benefícios acima citados não sejam apenas teóricos. Para que isso ocorra de uma maneira sustentável e com qualidade de vida para a população local, a dinâmica social e as relações estabelecidas com determinada prática cultural não devem estar atreladas à atividade, para que assim não percam sua essência e possam ser preservadas pelos próprios moradores.

1.2.3. O TURISMO CULTURAL

De acordo com cada motivo ou objetivo de viagem, existe uma tipologia que diferencia o tipo de turismo realizado: religião, negócios, saúde, descanso, estudos, celebrações, eventos culturais, contato com a natureza e tantos outros que se apresentam no mercado para atender às inúmeras demandas turísticas criadas.

Na atualidade, um tipo de turismo que vem se destacando é o chamado turismo cultural, que compreende as atividades relacionadas, por parte dos visitantes, à vivência e ao conhecimento de elementos do patrimônio histórico e cultural, com vistas a valorizar e promover os bens materiais e imateriais da cultura local.

Apresentando altos índices de desenvolvimento, graças ao aumento de demandas interessadas por conhecer “o outro”¹⁷, este tipo de turismo se caracteriza pelo interesse na obtenção de novas informações, conhecimentos, o encontro com outras pessoas, comunidades e lugares, além dos costumes, tradições, enfim, favorece a compreensão da identidade cultural do local visitado.

Pela definição do Icomos¹⁸ (1976), essa atividade é um movimento de pessoas motivadas essencialmente por algum interesse cultural, como representações artísticas, festivais e outros eventos culturais, visitas a lugares e monumentos históricos, uma viagem de estudos, folclore, arte ou peregrinação. Através deste tipo de turismo, são promovidos a cultura local e o seu patrimônio, além de favorecer o desenvolvimento social e econômico do município onde ocorre. O Icomos assim o definiu:

Forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes quanto contribui – para

¹⁷ Este aumento de demanda pode ser explicado através do amadurecimento da população mundial nos países que possuem renda para a realização do deslocamento, tanto nacional quanto internacional; o aumento do índice educativo, que desperta o interesse em conhecer outras manifestações culturais e outros lugares; bem como ao fato de quanto mais o ser humano é exposto ao novo (novas culturas, novas paisagens, novos idiomas), mais este quer vivenciar novas experiências (PIRES, 2002; PADILLA, 1997; NASBITT, 1994 *apud* FORTE, 2006, p. 18).

¹⁸ Foi realizado em Bruxelas (Bélgica), nos dias 08 e 09 de Novembro de 1976, o Seminário Internacional de Turismo Contemporâneo e Humanismo, quando foram deliberadas questões sobre a prática turística e os bens culturais da humanidade, com o objetivo de promover os meios para salvaguardar e garantir a conservação, realce e apreciação dos monumentos e sítios patrimoniais.

satisfazer seus próprios fins – a sua manutenção e proteção. Esta forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios sócio-culturais e econômicos que comporta para toda a população implicada (ICOMOS, 1976, p. 02).

Para Dias (2005, p. 71), esta é a modalidade de turismo alternativo que apresenta uma das maiores possibilidades de crescimento, “dada a diversidade de conteúdos que podem ser explorados, tornando-se excelente complemento a qualquer outra forma de turismo”. O interesse pelo turismo cultural é um fato indiscutível, sendo que muitos destinos tradicionais, com outras modalidades de turismo, passam a valorizar seus recursos e a buscarem na cultura modelos agregadores de dinamização e de potencialidades como atrativos importantes no conjunto que é tradicionalmente oferecido aos visitantes (ALMEIDA, 2007, p. 155).

Uma outra característica positiva é o fato de se constituir em alternativa para interferir na sazonalidade de um destino turístico, além de diversificar os canais de distribuição, maximizando a utilização dos recursos locais. De acordo com cada localidade, este segmento pode refletir de forma positiva ou negativa em seu desenvolvimento, em função de aspectos como a importância que lhe é dada, perspectiva e reflexos da atividade turística entre comunidade, empresários, gestores e visitantes; potencialidade, grau de autenticidade, nível de visitação e estado de conservação dos atrativos, além das questões referentes à forma como está protegido legalmente o patrimônio (ÁVILA, 2006).

Segundo a OMT (1998, p. 137), o turismo cultural é caracterizado como um turismo temático, baseado em atrações culturais permanentes ou temporárias de um destino, ou ainda baseado em características culturais e sociais de uma população que dispõe de um estilo de vida tradicional ou com características próprias. Os turistas culturais, deste modo, são aqueles sujeitos que passam a conhecer determinados aspectos com a intenção de compreender tanto o lugar como também os seus moradores, favorecendo o desenvolvimento mais sustentável da atividade.

Seja chamado de turismo cultural, turismo de patrimônio ou turismo de patrimônio cultural, o fenômeno de viajantes em busca de encontros excitantes e educativos com as pessoas, as tradições, a história e a arte dos povos é uma

maneira de atrair mais visitantes de outras nações, assim como satisfazer a crescente demanda do turismo doméstico por descobrir nossas próprias raízes e identidades. Mais que isso, exemplos de todo o mundo demonstram que um sistema de turismo cultural no qual as próprias comunidades investem na preservação, no desenvolvimento e na promoção de seus principais sítios históricos e tradições, pode constituir-se em parte de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento sustentável (LUCAS, 2003, p. 01).

Para que se alcance este desenvolvimento sustentável, Arizpe & Nalda (2003, p. 243), indicam a necessidade de existir um meio-termo que satisfaça às demandas dos grupos implicados: pesquisadores e conservadores, governos, empresários e prestadores de serviços turísticos. “Deve-se incentivar o turismo cultural a fim de alcançar o desenvolvimento, não somente de um sítio de monumentos, arqueologia ou memória, mas de todo um movimento cultural histórico”.

Da mesma maneira, o turismo cultural deve ser desenvolvido com parcimônia, para que se evite o que Guattari (1996, p. 19) chama de “cultura-mercadoria”, que é obtida através da produção e difusão de mercadorias culturais, em princípio sem levar em consideração os sistemas de valor que abarcam as culturas. Este tipo de cultura modifica-se constantemente, de acordo com interesse que não seja necessariamente da própria comunidade, afetando a sua dinâmica própria e impossibilitando o percurso natural do desenvolvimento cultural.

A comercialização de eventos da cultura tradicional pode levar à criação de uma pseudo-cultura, um folclore artificial para o turista, sem valor cultural algum para a população local nem para os visitantes (LICKORISH, 2000, p. 108). Quando uma manifestação cultural, seja uma festa religiosa, rituais, danças, ou até mesmo conhecimentos ou culinária, tem a sua dinâmica atrelada à comercialização turística, estas perdem a sua característica peculiar, enquanto manifestação cultural inserida em um contexto social, para se tornar apenas objeto de consumo.

Além dos aspectos envolvidos na relação turista X comunidade local, é necessário, da mesma maneira, observar a estrutura da cidade para receber este visitante, mais exigente, consciente, disposto a pagar mais por um atendimento que o satisfaça. Segundo Beni (2000, p. 159), a oferta básica que possibilita a criação de um fluxo turístico se define como um conjunto de equipamentos, bens e serviços de

alojamento, de alimentação, de recreação e lazer, de caráter artístico, cultural, social e de outros tipos, capaz de atrair e assentar com qualidade numa determinada região, durante um período determinado de tempo, um público visitante. Em resumo, pode-se concluir que “a oferta em turismo pode ser concebida como o conjunto dos recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria-prima da atividade turística”, já que provocam a afluência de turistas (BENI, 2000, p. 159).

Neste sentido, questões como sinalização turística, infra-estrutura mínima, restaurantes de qualidade, limpeza e segurança são necessidades mínimas para o desenvolvimento de um turismo cultural de qualidade. Assim,

o formato de produtos específicos dirigidos ao turista cultural requer, não somente a existência de recursos culturais atrativos como, também, de uma infra-estrutura adequada. Ao mesmo tempo, a existência de uma oferta cultural dimensionada de acordo com as necessidades de uma comunidade não implica necessariamente sua adequação às demandas e lógicas turísticas. Neste sentido, é necessária uma determinada sensibilidade dos operadores culturais para adequar a oferta cultural existente às demandas e lógicas turísticas (ALMEIDA, 2007, p. 157).

Petrocchi (1998, p. 137) avalia ainda que, para um desenvolvimento turístico eficaz, é necessária a preservação e potencialização dos recursos culturais, históricos e arquitetônicos, uma vez que esses recursos integram o acervo turístico do lugar, enriquecendo a oferta, preservando a memória e sendo assim apreciados por visitantes e moradores locais. Tais recursos devem, portanto, ser alvos de esforços de conservação, informações culturais, programação de eventos, estudos, enfim.

Todas as considerações e estudos devem ser vistos como oportunidade de atender aos três requisitos básicos do turismo, como foi exposto por Rodrigues (1997): a satisfação dos turistas, os benefícios que traz à população residente e a preservação do patrimônio cultural e ambiental. Tais itens são de fundamental importância para a existência de uma atividade sustentável e de qualidade.

1.2.4. O TURISMO CULTURAL RELIGIOSO

Muitas vezes considerada como uma manifestação cultural, mantenedora da identidade de várias regiões dispersa pelo mundo, a religiosidade particular de cada comunidade poderá ser conhecida e vivenciada através do chamado turismo cultural e religioso. Essa vivência ocorre a partir do momento em que pessoas se dispõem a conhecer a cultura de uma outra localidade através do contato com as suas práticas religiosas.

Porém, o interesse pela religião ultrapassa a curiosidade turística e é composto por elementos diferenciados ao longo de sua história, gerando estudos, reflexões diversas. Sobre suas inferências no meio acadêmico, Siqueira enumera:

Durkheim destacou as determinações do social. Weber, sua orientação para este mundo. Marx leu-a alienação, ópio do povo, embora não haja sido sua única visão. Freud testou o lado ilusório e remeteu-se às realizações de antigos desejos dos homens. No geral, religião implica existirem mediações interpessoais e os seres divinizados, as deidades, os sagrados, ligação com ancestrais, mistério, redenção, propósito divino (SIQUEIRA, 2003, p. 67).

Destarte, religião não trata apenas da relação homem x divindade, mas vai se refletir e gerar interferências nas formas sociais e culturais de cada sociedade, influenciando na sua história, relações sociais e comportamentos.

No que se refere à sua relação com a atividade turística, Andrade (1999, p. 60) avalia que, segundo a média dos pareceres dos especialistas, a tipificação do turismo é consequência da diversificação de modos de considerar os motivos que levam as pessoas a empreender suas viagens. Krapf (apud ANDRADE, 1999) foi o primeiro a formular os motivos pelos quais os indivíduos empreendem viagens com intuito turístico. Segundo o autor, os turistas “viajam em busca de conhecimentos, à procura de lugares e de recursos para cura de suas enfermidades ou para repousar, por devoção ou por motivos políticos”, ou seja, a partir de desejos implícitos dentro de cada viajante, desejos estes que serão diferenciados pela forma como serão saciados. Assim,

a intensa atividade humana e os desgastes dela decorrentes levaram a própria sociedade a procurar recursos capazes de fornecer aos indivíduos os necessários meios para o atingimento de muitas de suas aspirações, entre as quais a prática do lazer e do turismo, cujas principais motivações são as seguintes: desejo de evasão, necessidade de evasão, espírito de aventura, aquisição de status, necessidade de tranqüilidade, desejo ou necessidade cultural, desejo ou necessidade de compra (ANDRADE, 1999, p. 90).

No que se refere à motivação por devoção, ou caráter religioso, pode-se citar o chamado turismo religioso. Segundo Beni (2001), há atualmente um grande deslocamento de peregrinos – portanto, turistas potenciais – que se deslocam para centros religiosos, motivados pela fé em distintas crenças. Um levantamento feito pelo Instituto de Pesquisas de São Paulo – FIPE demonstra que há cerca de 15 milhões de brasileiros interessados em destinos religiosos (MELO, 2000 apud SILVEIRA, 2006, p. 02), sendo que a maioria das motivações para estes deslocamentos seriam as procissões, as festas religiosas, as celebrações, teatros, dentre outros.

A Igreja Católica, religião referenciada neste trabalho, se legitima através do fornecimento do mito, expresso no Evangelho, e afirma o seu poder enquanto instituição revestida de representação divina, através de alegorias, símbolos, meditação, intuição, cumprimento de instruções (SIQUEIRA, 2003, p. 67).

Observando o recorte espacial escolhido neste trabalho, de uma cidade localizada no interior de Minas Gerais, Camurça e Giovannini Jr. (2003) acrescentam que, nestes ambientes, a Igreja não se apresenta sozinha, mas sim em conjunto com o povo tradicionalmente religioso de cada cidade, que é geralmente composta por um grupo católico tradicional, e que, através de suas irmandades, vivencia e reafirma o sentido religioso tradicional familiar.

Esse sentido passa pelas relações privadas, de vizinhança, de continuidade atávica com a religiosidade dos seus pais, sempre atualizadas pelos rituais e obrigações em torno das imagens dos santos padroeiros em seus adros, capelas e igrejas (CAMURÇA; GIOVANNINI JR, 2003, p. 03).

Dentro deste contexto, observa-se que o fenômeno do turismo pode aliar duas tipologias turísticas de maneira complementar, através dos atrativos que a

região oferece aos seus visitantes. Destarte, neste trabalho utiliza-se a tipologia de turismo cultural e religioso, uma vez que ambas as tipologias se apresentam de forma interligadas, gerando significados unificados para aqueles turistas que visitam as destinações turísticas sem delimitarem fronteiras fixas entre o interesse cultural e religioso.

Assim, o turismo cultural pode ser diferenciado através da motivação apresentada pelo visitante, sendo que hoje essa prática se desdobra em inúmeros títulos¹⁹: ecológico, antropológico, religioso, arqueo-teosófico e muitos outros (BENI, 2001, p. 86).

No que tange às motivações religiosas, estas se efetuam sob forma individual, ou organizada, em programas caracterizados como romaria (quando alguém, por livre disposição e sem pretender recompensas materiais ou espirituais, viaja a lugares sagrados), peregrinação (quando alguém visita lugares sagrados para cumprir promessas ou votos anteriormente feitos a divindades ou a espíritos bem-aventurados) e penitência (quando alguém, empenhado em remir-se de suas culpas ou de seus pecados, de forma livre e espontânea ou por conselho ou disposição de líderes religiosos, se dirige a lugares sagrados ou a outros lugares, em espírito de arrependimento e compunção).

Andrade (1999, p. 78) classifica as viagens religiosas de acordo com os objetivos de fé, dogmáticos e morais dos fiéis, que se manifestam através das procissões, devoções, concertos musicais, teatros, visitas turísticas e explicações didáticas dentro das igrejas e nas ruas da cidade. Por sua vez, Dias (2003, p. 17) acrescenta que turismo religioso seria empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso, englobando as romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.

No que tange ao desenvolvimento da atividade e sua relação com a religiosidade do lugar, pode-se considerar que a prática do turismo religioso é tida como o conjunto de atividades “com utilização parcial ou total de equipamentos turísticos, e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos

¹⁹ Segundo Beni (2000, p. 86), os desdobramentos referentes ao turismo cultural referem-se a turismos de moda ou de avanço humano, a depender do tipo de valor que domina as preocupações da sociedade em dado momento, e que se caracterizam por necessidades sentidas e determinadas pelas mudanças ou pela falta delas na ordem estabelecida das coisas, que deixam de atender às expectativas do homem em seu lugar no universo.

ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões” (ANDRADE, 1999, p. 77).

Tal definição não limita as discussões e estudos sobre a prática do turismo cultural com ênfase na religião, uma vez que os seus elementos – turismo, cultura e religião – não possuem conceituações finais, ou seja, estudiosos e pesquisadores encontram-se em constante debate.

Na definição oficial, segundo a Conferência Mundial de Roma, realizada no ano de 1960, o turismo religioso é compreendido como uma atividade que movimentava peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Na prática, são viagens organizadas para locais sagrados, congressos e seminários ligados à evangelização, festas religiosas que são celebradas periodicamente, espetáculos e representações teatrais de cunho religioso. Reuniões para definições oficiais são como assembleias de bispo definindo dogmas, o que crer e como crer. Uma definição oficial não significa que não possa ser questionada e apontada em suas incoerências (SILVEIRA, 2004, p. 04).

Segundo Dias (2003), a fé é o motivo principal em um deslocamento de cunho religioso, mas é possível unir motivações culturais, quando o visitante observa também o prisma histórico, cultural, patrimonial, artístico e natural, gerando um caráter multifuncional do turismo religioso.

No que se refere ao seu desenvolvimento histórico, as viagens com motivações religiosas não são invenção da modernidade, como a maioria das temáticas turísticas, mas, ao contrário, estão presentes na história humana desde a antiguidade²⁰. Por sua maneira, relativo à questão espacial, as viagens religiosas ultrapassam os limites do mundo ocidental, e são encontradas nas milenares manifestações religiosas do judaísmo, do islamismo, do budismo e do hinduísmo, sendo um fenômeno bastante antigo, como aborda Siqueira:

²⁰ Em 1841, o inglês Thomas Cook promoveu a primeira viagem organizada da história. Mesmo tendo sido um fracasso comercial, esta viagem é considerada como sendo o primeiro pacote turístico, pois se constatou a enorme possibilidade econômica que este negócio poderia chegar a ter como atividade, tendo sido criada, assim, em 1851, a primeira Agência de Viagens do mundo, chamada “Thomas Cook and son”. Segundo Fuster (1974), Thomas Cook foi um dos principais percussores do turismo na modernidade.

A romaria originou-se como referência, no Império do Oriente, aos peregrinos que iam à Terra Santa e depois aos que iam a Roma. Genericamente, se trata de uma peregrinação a lugares santos, religiosos, de devoção; reunião de devotos, que participam de uma festa ou de uma comemoração religiosa (SIQUEIRA, 2003, p. 68).

Ao longo da história, diversas cidades serviram como palco para o desenvolvimento da prática do turismo religioso, tanto no exterior quanto no interior do Brasil, a partir de diversas religiões. São exemplos dessas cidades: Meca, Benares, Jerusalém, Belém, Roma, Lourdes, Fátima, Lujan, Assis, Aparecida do Norte, Juazeiro, Pirapora do Bom Jesus, todas consideradas de grande importância religiosa e que impressionam pelas manifestações de fé.

Novaes (1999) aponta que, em todas as civilizações, a religião tem seus lugares sagrados. Devido à sua importância, sociólogos, geólogos, psicológicos, economistas, especialistas em *marketing* e em outras áreas do conhecimento vêm realizando estudos sobre os movimentos religiosos. Não poderia ser diferente no que se refere aos estudos turísticos, já que, apesar de serem recentes, tornam-se essenciais para um desenvolvimento sustentável.

No Brasil, desde grandes destinações turísticas que atraem milhares de visitantes todos os anos, como Aparecida do Norte (SP) e Juazeiro do Norte (CE), até mesmo em cidades que possuem um fluxo turístico de menor proporção, o turismo cultural religioso se desenvolve e se afirma dentro do contexto turístico nacional, graças à sua enorme potencialidade.

O turismo religioso, portanto é uma das modalidades atuais do turismo brasileiro que mais tem se desenvolvido, devido a vários fatores, dentre os quais podemos citar: a formação histórica do povo brasileiro ligada diretamente à Igreja Católica e a diversidade de organizações religiosas católicas que se estabeleceram no país nestes 500 anos (CRISTOFOLI, 2002, p. 03).

Segundo Andrade (1999), tais destinos turísticos são marcados por devoções oficiais ou populares de religiões – núcleos receptores importantes em termos da fé, e, conseqüentemente, em termos de turismo, cujas dimensões – pela

propaganda e pelo *marketing* – superam as manifestações da fé e as próprias motivações religiosas.

Cidades que possuem eventos religiosos com importância cultural também merecem destaque, por sua singularidade. A partir do momento em que o destino oferece, além do evento, elementos necessários ao desenvolvimento turístico, tais como estrutura, informação, segurança, serviços, transporte e hospedagem, a atividade pode se consolidar como vetor de desenvolvimento para o município. Tais itens tornaram-se não mais diferenciais, mas obrigatórios em uma destinação que busca atrair visitantes, uma vez que estes procuram o contato com o seu objeto de fé (ou cultura, a depender da sua motivação), mas sem se esquecer das necessidades básicas que caracterizam o viajante moderno.

É interessante notar iniciativas dentro da própria Igreja Católica com o objetivo de lidar com o turismo cultural religioso. Um exemplo destas iniciativas é a Arquidiocese de Florianópolis – SC, que possui a Pastoral do Turismo e do Lazer. Com o objetivo de tornar a Igreja mais participante no fenômeno do turismo, "acontecimento do século", no dizer de Paulo VI, a Pastoral foi formada para realizar as seguintes ações: promover as novas formas pastorais; descobrir e formar lideranças cristãs para um turismo sadio; formar a Equipe Arquidiocesana da Pastoral de Turismo, observando o Diretório Geral para a Pastoral de Turismo; orientar e reciclar guias de turismo; coordenar os esforços de ordem apostólica para responder às novas exigências da Pastoral do Turismo e conscientizar os fiéis, especialmente nas regiões de peregrinações, balneários e locais de repouso, sobre a Pastoral do Turismo, da peregrinação e do lazer, de acordo com o *site* da própria Igreja²¹. Tal iniciativa apresenta uma tentativa de unir ainda mais a religião ao turismo, além de demonstrar o interesse da Igreja Católica pelo fenômeno.

Enfim, por tudo o que foi exposto, este segmento turístico merece destaque, já que as religiões assumem o papel de agentes culturais importantes, em todas as manifestações de proteção a valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de prevenção no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades. Além disso, uma vez realizado com base em um planejamento turístico, é possível multiplicar os efeitos positivos e minimizar os efeitos negativos gerados pela atividade.

²¹ Disponível em: <http://www.arquifloripa.org.br/past24.htm>. Acesso em Nov/2007.

2. O DISCURSO DOS MORADORES LOCAIS SOBRE AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA

2.1. Formação Ideológica nos discursos dos moradores locais sobre as comemorações da Semana Santa

O presente capítulo apresenta e analisa o discurso dos moradores da cidade de Mariana sobre as comemorações da Semana Santa, as mudanças que vêm ocorrendo na festividade ao longo dos anos e a sua relação com a atividade turística.

As comemorações da Semana Santa são vistas como uma manifestação da identidade e da memória coletiva da comunidade de Mariana e, em um segundo momento, também como um atrativo turístico cultural religioso. Nesta perspectiva, tais comemorações não são apenas de natureza religiosa, mas também cultural, constituindo um aspecto importante para construção e fortalecimento da identidade e da memória coletiva local.

Com o objetivo de analisar tal discurso, em agosto de 2007, foram feitas entrevistas com moradores locais sobre as comemorações da Semana Santa. Estes moradores foram escolhidos de forma aleatória, a partir do seu envolvimento com a festividade. Destacam-se os seguintes enunciados:

(1) Agora tem *mudado* muito, *atrapalhou* bastante. A Semana Santa é importante pra cidade, embora *deturpou* muito. Pro povo, é uma coisa que *caiu* muito agora. As mudanças foram pra *pior*. Quando era tradicional, o povo respeita mais. Não melhorou nada, eu acho que só *piorou*. Mas já está *perdendo*, com essas mudanças, o entusiasmo. As pessoas pensam que aqui tá muito *ruim*, então vão pra São João Del Rey, que lá segue na pinta. Ela é um patrimônio, mas agora *acabou*.

(2) Ela hoje *caiu* um pouco, vamos dizer.

(3) Bom, a primeira coisa que eu acho que é muito *positiva* é a *participação* dos Conselhos de Pastoral na organização da Semana Santa. Hoje não. Há um *envolvimento maior* das

peças que atuam nas comunidades, isso faz com que haja uma *integração* maior, há um *dinamismo* maior.

(4) Hoje há a valorização da cruz como instrumento de salvação, à noite acontece na Praça Minas Gerais a cerimônia do descendimento, que é uma cerimônia muito *bonita, tradicional e atualizada* pela cerimônia do momento, também pela pregação, sempre ligando também com a Campanha da Fraternidade daquele ano, como foi agora este ano a campanha da Amazônia. Nós estamos trabalhando para com essa *revitalização*, com essas reformas, com essa espécie assim de *valorização da cultura* através das Igrejas, das suas construções, na *conservação* da arte que existe. A Semana Santa tem momentos que ela tem que falar para aquele povo que está na periferia, está longe do Centro, que precisam ouvir uma palavra de amor também, de alento, e aí é preciso salientar o *valor que as pessoas dão*, seja nas comunidades, seja no Centro. Por exemplo, quanto à alteração nos horários das procissões, parece que efetivamente a *participação é maior* depois que se deu a mudança do horário. Então, em termos de participação, isso é *positivo*, você vai atingir um número maior de pessoas.

(5) Uma coisa que pra mim eu percebo que vem acontecendo é a *participação dos jovens* na própria Semana Santa. Há algum tempo atrás você não via tanta participação dos jovens. Uma outra mudança aqui na cidade, o que a gente não vê mais com tanta frequência, é o uso do *latim*, que antigamente era muito utilizado. Hoje em dia não, mas eu acho que o próprio povo não vê isso como algo negativo - para que as pessoas possam *entender* aquilo que está sendo dito, cantado, rezado, porque se não, realmente perde-se um pouco o sentido.

(6) Eu creio que hoje ela é *mais divulgada* pela mídia, o que é um fato novo que veio integrar esse movimento. Pode-se considerar que a Semana Santa *melhorou*, porque hoje *participam mais pessoas*. O que não piora, a tendência é que se melhore. Acho que *melhorou bastante* (a divulgação na mídia), hoje já fala-se da Semana Santa na televisão, nas grandes emissoras de televisão, nos jornais, já fazem a divulgação.

(7) Eu acredito que a intenção da mudança foi pra melhorar, mas no fundo, a Semana Santa há quarenta anos atrás, ela era mais *empolgante*, de uma maneira ou de outra, ela *era mais importante*. Hoje em dia eu gosto da Semana Santa, mas eu fico lembrando que a tradição antiga era mais *imponente*.

(8) Olha, a juventude hoje não se *interesse* muito com essa questão religiosa não. Em minha opinião, alguma coisa foi muito importante, mas em outros pontos, a tradição foi *quebrada*. Eu sou *contra* (a alteração dos horários das procissões), mas o que eu posso fazer? Os padres quiseram e querem assim. Os sinos das Igrejas, por exemplo, hoje *não obedecem* mais o rito, mas antigamente tocavam perfeitamente de acordo com as tradições, os horários, tudo mais.

(9) Eu entendo que muito da tradição *se perdeu*, eu acredito que pela própria linha que a Igreja *adotou*. A população mais tradicional ela passou a *não se identificar* tanto com o evento.

(10) Isso [passar as procissões para a noite] se tornou a *principal característica*, é tanto que tem seis anos que essa procissão acontece à tarde.

(11) Historicamente, eu acho que ela está começando a *ficar um pouco pra traz*, porque antigamente, em tempos atrás, as pessoas freqüentavam mais com aquela humildade, realmente seguindo os preceitos da Igreja.

Observa-se que, nos enunciados acima, existem diferenças no que se refere às comemorações religiosas da Semana Santa. Um grupo de enunciados filia-se ao discurso que considera as comemorações da Semana em declínio, enquanto outros enunciados filiam-se ao discurso que considera estarem essas comemorações evoluindo positivamente, melhorando.

Neste contexto, pode-se concluir que o tema das comemorações da Semana Santa constitui uma Formação Ideológica, isto é, constitui um complexo de atitudes e representações, relacionadas a posições de classes em conflitos umas com as outras (HANAUER, 1999, p. 140). Brandão (1995, p. 34) acrescenta que a Formação Ideológica constitui qualquer tema ou assunto que provoque posições diferentes, fazendo com que os indivíduos de um grupo social se coloquem em uma ou outra posição:

falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais'

nem 'universais', mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras (Haroche et al, apud BRANDÃO, 1995, p. 38).

Dessa forma, como já visto nos enunciados acima, o tema das comemorações da Semana Santa provoca posições diferentes e confrontadas entre os moradores locais, incluindo diferentes atitudes e representações, o que caracteriza esse tema como uma Formação Ideológica. Assim, o discurso dos moradores de Mariana sobre as comemorações da Semana Santa se divide em duas Formações Discursivas (daqui em diante FD).

Os enunciados (1), (2), (7), (9), (11) e (12) filiam-se à FD-1, que afirma estarem as comemorações religiosas decaindo ou ficando piores, enquanto os enunciados (3), (4), (5), (6), (8) e (10) filiam-se à FD-2, que afirma estarem as cerimônias religiosas evoluindo positivamente, melhorando.

A Formação Discursiva é definida por Pêcheux (1997, p. 160) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Segundo Brandão (1995), a Formação Discursiva aponta para a existência de várias linguagens em uma única linguagem:

permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, 'falar diferentemente falando a mesma língua'. Isso leva a constatar que uma Formação Discursiva não é 'uma única linguagem para todos' ou 'para cada um sua linguagem', mas que numa Formação Discursiva o que se tem é 'várias linguagens em uma única'.

Os enunciados acima apresentam uma tensão entre o processo parafrástico, entendido como “um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado” (ORLANDI, 1996, p. 27) e o processo de *polissemia*, entendido como “uma tensão que aponta para o rompimento” (*op. cit.*, p. 27). As Formações Discursivas são delimitadas a partir da identificação de famílias parafrásticas de enunciados, isto é, de enunciados que retornam constantemente a um mesmo dizer sedimentado. E essas Formações Discursivas são diferenciadas uma da outra, pelo processo polissêmico, isto é, por uma tensão que aponta para o rompimento.

Assim, os enunciados abaixo retomam o mesmo dizer sedimentado de que as comemorações da Semana Santa apresentam uma piora ou declínio, ao longo dos anos. Eles estão dominados por uma Formação Discursiva conservadora, (daqui em diante FD-1):

(1) Agora tem *mudado* muito, *atrapalhou* bastante. A Semana Santa é importante pra cidade, embora *deturpou* muito. Pro povo, é uma coisa que *caiu* muito agora. As mudanças foram pra *pior*. Quando era tradicional, o povo respeita mais. Não melhorou nada, eu acho que só *piorou*. Mas já está *perdendo*, com essas mudanças, o entusiasmo. As pessoas pensam que aqui tá muito *ruim*, então vão pra São João Del Rey, que lá segue na pinta. Ela é um patrimônio, mas agora *acabou*.

(2) Ela hoje *caiu* um pouco, vamos dizer.

(7) Eu acredito que a intenção da mudança foi pra melhorar, mas no fundo, a Semana Santa há quarenta anos atrás, ela era mais *empolgante*, de uma maneira ou de outra, ela *era mais importante*. Hoje em dia eu gosto da Semana Santa, mas eu fico lembrando que a tradição antiga era mais *imponente*.

(8) Olha, a juventude hoje não se *interesse* muito com essa questão religiosa não. Em minha opinião, alguma coisa foi muito importante, mas em outros pontos, a tradição foi *quebrada*. Eu sou *contra* (a alteração dos horários das procissões), mas o que eu posso fazer? Os padres quiseram e querem assim. Os sinos das Igrejas, por exemplo, hoje *não obedecem* mais o rito, mas antigamente tocavam perfeitamente de acordo com as tradições, os horários, tudo mais.

(9) Eu entendo que muito da tradição *se perdeu*, eu acredito que pela própria linha que a Igreja *adotou*. A população mais tradicional ela passou a *não se identificar* tanto com o evento.

(11) Historicamente, eu acho que ela está começando a *ficar um pouco pra traz*, porque antigamente, em tempos atrás, as pessoas freqüentavam mais com aquela humildade, realmente seguindo os preceitos da Igreja.

Por outro lado, os enunciados abaixo retomam o mesmo dizer sedimentado de as comemorações da Semana Santa estarem melhorando e estão dominados por uma outra Formação Discursiva inovadora (daqui em diante FD-2):

(3) Bom, a primeira coisa que eu acho que é muito *positiva* é a *participação* dos Conselhos de Pastoral na organização da Semana Santa. Hoje não. Há um *envolvimento maior* das pessoas que atuam nas comunidades, isso faz com que haja uma *integração* maior, há um *dinamismo* maior.

(4) Hoje há a valorização da cruz como instrumento de salvação, à noite acontece na Praça Minas Gerais a cerimônia do descendimento, que é uma cerimônia muito *bonita, tradicional e atualizada* pela cerimônia do momento, também pela pregação, sempre ligando também com a Campanha da Fraternidade daquele ano, como foi agora este ano a campanha da Amazônia. Nós estamos trabalhando para com essa *revitalização*, com essas reformas, com essa espécie assim de *valorização da cultura* através das Igrejas, das suas construções, na *conservação* da arte que existe. A Semana Santa tem momentos que ela tem que falar para aquele povo que está na periferia, está longe do Centro, que precisam ouvir uma palavra de amor também, de alento, e aí é preciso salientar o *valor que as pessoas dão*, seja nas comunidades, seja no Centro. Por exemplo, quanto a alteração nos horários das procissões, parece que efetivamente a *participação é maior* depois que se deu a mudança do horário. Então, em termos de participação, isso é *positivo*, você vai atingir um número maior de pessoas.

(5) Uma coisa que pra mim eu percebo que vem acontecendo é a *participação dos jovens* na própria Semana Santa. Há algum tempo atrás você não via tanta participação dos jovens. Uma outra mudança aqui na cidade o que a gente não vê mais com tanta frequência é o uso do *latim*, que antigamente era muito utilizado. Hoje em dia não, mas eu acho que o próprio povo não vê isso como algo negativo - para que as pessoas possam *entender* aquilo que está sendo dito, cantado, rezado, porque se não, realmente perde-se um pouco o sentido.

(6) Eu creio que hoje ela é *mais divulgada* pela mídia, o que é um fato novo que veio integrar esse movimento. Pode-se considerar que a Semana Santa *melhorou*, porque hoje *participam mais pessoas*. O que não piora, a tendência é que se melhore. Acho que *melhorou bastante* (a divulgação na mídia), hoje já fala-se da Semana Santa na televisão, nas grandes emissoras de televisão, nos jornais, já fazem a divulgação.

(8) Então, Mariana *tem feito muito*, principalmente na parte do turismo, no sentido de *trazer mais turistas* para Mariana, principalmente na Sexta-Feira Santa e no Sábado de Aleluia.

(10) Isso (passar as procissões para a noite) se tornou a *principal característica*, é tanto que tem seis anos que essa procissão acontece à tarde.

Em suma, a família parafrástica de enunciados, que repetem a idéia de que as comemorações da Semana Santa estão piorando, apresenta-se dominada pela FD-1. Enquanto a família parafrástica de enunciados, que repetem a idéia de que as comemorações da Semana Santa estão melhorando, apresenta-se dominada pela FD-2.

2.2. Formações Discursivas nos discursos dos moradores locais sobre as comemorações da Semana Santa

A partir dos conceitos acima apresentados, nota-se que, em cada uma das duas Formações Discursivas já vistas, FD-1 e FD-2, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado. Segundo Brandão (1995, p. 39), uma Formação Discursiva é constituída por um sistema de paráfrases, isto é, um espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade, atuando como um mecanismo de “fechamento” e de “delimitação”.

Assim, os enunciados dominados pela FD-1 ou pela FD-2 reformulam-se e retomam-se constantemente, num esforço de delimitar as fronteiras entre as duas FDss, buscando preservar sua identidade de sentido. Neste processo, encontra-se a paráfrase, fazendo encontrar no dito o já-dito.

Pêcheux (1997) afirma que as palavras, as expressões e as proposições literalmente diferentes podem ter o mesmo sentido no interior de uma formação discursiva dada. Este é um recurso muito utilizado em diferentes Formações Discursivas, que representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem (ORLANDI, 1999, p. 108).

Serão vistas agora, no discurso dos moradores locais, cada uma das duas Formações Discursivas sobre as comemorações da Semana Santa em Mariana.

2.2.1. A Formação Discursiva FD-1

Na FD-1, os enunciados repetem o sentido de que as comemorações da Semana Santa em Mariana estão piorando, decaindo, ao longo dos anos. Eles formam, portanto, uma família parafrástica. Dentro desta, apresentam-se outras famílias parafrásticas menores de enunciados que permitem compreender aspectos do funcionamento discursivo da FD-1.

Destarte, foram identificadas as seguintes famílias parafrásticas na FD-1 do discurso dos moradores locais:

Família Parafrástica 01 – No discurso dominado pela FD-1, a alteração dos horários e dos trajetos das procissões na Semana Santa prejudicou a tradição da festividade.

Ao longo dos anos, o horário das missas e das procissões, que acontecem no período da Semana Santa em Mariana, foi sendo alterado. As explicações dadas pelos organizadores versam sobre o aumento populacional da cidade: antes a cidade de Mariana se concentrava apenas no centro histórico, mas, com o tempo, surgiram e se desenvolveram os bairros periféricos. Além do aumento demográfico natural, algumas empresas de extração de minério, instaladas na cidade, atraíram técnicos e operários, com suas famílias. A partir desse novo quadro social, a Igreja local sentiu a necessidade de atender à demanda não apenas da paróquia central, Nossa Senhora Aparecida, como também das Paróquias nos bairros mais afastados, como Sagrado Coração de Jesus. Assim, as procissões foram alteradas para poderem caminhar também por esses outros bairros, o que exigiu mudanças em seus horários.

Dentro deste contexto de tantas alterações, foram observados os seguintes enunciados:

(1) As procissões também são muito bonitas, pena que agora também que na procissão da Ressurreição, coisa que em nenhum lugar tem aqui em Mariana tem que é a procissão à noite. A ressurreição é de manhã. Já vi turistas perguntando sobre o horário, e tem que falar que é à noite. Ninguém entende. (...) O povo daqui é contra, a maioria é contra. Eu vejo todo o pessoal que ajuda, o povo xinga a gente, pensa que é a gente que muda, pensa que a gente é o culpado. Esse ano eu falei que eu não tenho culpa, não, eu até pedi pra mudar, mas eles não aceitaram. (...) (os turistas) vêm com fé, mas com o horário da procissão eles perdem a graça, porque eles não podem participar à noite. Como em Ouro Preto a procissão é de manhã, eles vão e participam lá mesmo. Eles ficavam aqui em Mariana antigamente, aqui as ruas ficavam todas enfeitadas, uma beleza. Mas com esse negócio de quebrar, foi quebrando as tradições.

(9) Colocaram a procissão às 17 horas, saindo de outro bairro, então quebraram essa tradição que tinha na Igreja, que tinha na cidade. (...) Não é ser retrógrado, não, não é a questão de não evoluir com o tempo, mas acho que tem determinadas tradições que devem ser mantidas. (...) Esse ano, por exemplo, houve uns questionamentos assim, sobre a mudança até das procissões, como a do Encontro, que aconteceram em outros lugares. Isso quebra completamente essa tradição. Isso é muito complexo de se compreender.

(11) Antes a Procissão da Ressurreição, que já era tradição em Mariana, era aos domingos, na parte da manhã. Isso foi mudado há uns poucos anos, eu acho que isso quebrou um pouquinho aquele domingo ensolarado, onde iríamos à procissão, iríamos à missa, e ao chegar em casa teria o almoço em família. Eu acho que quebrou um pouco, e eu cheguei até a comentar com o Pároco, mas nós não podemos também saber o porquê, ou a razão.

(12) Agora que a procissão acontece à tarde no domingo, e não pela manhã, as pessoas não conseguem mais fazer os tapetes.

Assim, a primeira família parafrástica define que os horários e os percursos das procissões, sendo alterados, ferem a tradição e prejudicam a participação da comunidade na dinâmica do próprio evento. A festa é reconhecida pelos moradores enquanto algo tradicional, e justamente essa tradição é um dos seus pontos fortes, devendo ser considerada e respeitada. O poder simbólico do

tradicional é visto como aquilo que é antigo, vivido e significado por ancestrais legítimos, sendo consagrado e desejado, nos sentimentos dos moradores:

A Semana Santa é um festejo tradicional porque congrega como participante as mais diversas categorias de pessoas “do lugar” e “de fora”. Tende a ser cada vez mais articulada, de ano a ano, de modo a comportar diferenças intencionais de participação. Para as autoridades eclesiásticas, os fiéis membros de irmandades e confrarias e para as inúmeras outras pessoas religiosas da cidade e de outras próximas, a Semana Santa não é apenas um acontecimento religioso; ela é o mais importante monumento cerimonial de um calendário litúrgico, que de certo modo se divide em suas grandes partes: antes e depois da Páscoa. Os acontecimentos são promovidos, qualificados e controlados pelas próprias autoridades religiosas (BRANDÃO, 1989, p. 58-59).

Devido à sua grande importância dentro da cidade, o evento já está enraizado na identidade da comunidade marianense, e passa a ter sentido não apenas para os fiéis católicos, mas também para a população em geral, composta por aqueles que se identificam com as recordações, imagens e fotos de família ao longo dos anos. Há um sentimento de cumplicidade com as celebrações, mesmo entre aqueles que não participam diretamente delas e não pertencem à religião católica. Isto pode ser observado no enunciado abaixo, em resposta ao questionamento sobre a preservação das celebrações:

(2) A população gosta, e é importante também mostrar isso porque preserva também a história da religião católica. Eu não sou católica, minha família é espírita, mas eu acho isso lindo, acho maravilhoso, então é importante preservar desse jeito sim porque isso é que atrai as pessoas, isso que faz as pessoas sentirem o que está acontecendo, porque se você começar a reinventar tudo você perde a memória, você perde a história.

Getz (2002) destaca que os eventos tradicionais são instrumentos de interpretação da comunidade, levando o povo a ter um contato direto com fatos históricos e objetos, recriando eventos ou modos de vida e, assim, aumentando o seu conhecimento e apreço às tradições. Segundo Thompson (1998, p. 195), como “conjuntos de pressuposições, crenças e padrões de comportamento trazidos do

passado, as tradições fornecem material simbólico para a formação da identidade tanto em nível individual quanto em nível coletivo”.

As tradições são aqui compreendidas enquanto uma busca para se manter viva a memória coletiva de um povo – elas são responsáveis por alimentar a história de uma comunidade, procurando salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1990, p. 477), o que é alcançado através de uma constante reconstrução do passado a partir da realidade presente. Assim,

Com a expressão "memória coletiva", não se pode deixar de evocar o pensamento de Maurice Halbwachs, que não concebe lembrança ou recordação como um dar as costas ao presente e à exterioridade pública, mas como uma reconstrução do passado a partir da inteligência presente da vida social. Lembrança não é, assim, mera repetição, uma vez que nenhuma memória pura e simples poderia fazer reviver o passado. O reencontro com o passado só se dá na reconstrução da memória por um sistema de valores que coincide com o quadro social presente, ele próprio uma lembrança estável e dominante (a exemplo do mito como estrutura dinâmica de revelação do real), mas aberto à indeterminação da realidade (SODRÉ, 2001, p. 84-85).

Uma vez que pertence ao povo, este deve participar da organização e manutenção, além de ter direito a opinar sobre a dinâmica da festividade, já que esta não pertence apenas à Igreja, mas também a toda comunidade de Mariana. Mas a hierarquia vertical da Igreja Católica, organizada nos níveis Papa-Bispos-Padres-Fiéis, funciona como um fator que dificulta a participação da comunidade na organização das comemorações:

(1) Eu vejo todo o pessoal que ajuda, o povo xinga a gente, pensa que é a gente que muda, pensa que a gente é o culpado. Esse ano eu falei que eu não tenho culpa, não, eu até pedi pra mudar, mas eles não aceitaram.

De acordo com os enunciados acima, a primeira família parafrástica, na FD-1, afirma que a mudança nos horários e nos trajetos das procissões da Semana Santa acarretou uma quebra das tradições da cidade.

Família Parafrástica 02 – No discurso dominado pela FD-1, a população atual participa menos das celebrações da Semana Santa.

(1) Esse ano, por exemplo, à noite, eu achei bem fracassado. Porque a cidade está violenta, ainda mais o pessoal de idade. Então eu tenho medo de futuramente, fracassar ainda mais. Quinta-Feira mesmo tinha uma missa muito bonita na Igreja da Sé, passaram pra Praça Minas Gerais. Ano passado não tinha nem 100 pessoas. Quando era na Sé, fervia de gente. Lá o povo sentava, tranqüilo. Agora essa juventude não está muito de Igreja, não sei por que, mas não estão muito ligados.

(7) Hoje com a divisão de tanta seita em Mariana, outras religiões, está havendo uma pequena divisão. Isso dá um número menor de participantes, embora a cidade tenha crescido muito, desenvolveu muito, mas a divisão de religião, de crença, foi muito grande.

Os enunciados apontam diferentes razões e explicações, mas concordam com o fato de que a população atual participa menos das celebrações da Semana Santa do que antigamente. Questões como segurança da cidade, filiação dos moradores a outras religiões (evangélicos, em sua maioria), e as alterações nos locais escolhidos para as celebrações são citados como possíveis justificativas para o menor comparecimento dos moradores.

Tais constatações são importantes e devem ser compreendidas dentro do processo dinâmico que cada cultura produz e reproduz constantemente. Uma vez dentro desse processo vivo, dinâmico, a cultura, enquanto válvula propulsora de identidade e memória, não deve ser vista como algo estanque, que não interaja com as alterações sociais de cada período histórico em que está inserida. Ao contrário, observa-se na cultura uma reconstrução constante de significados e valores.

Sodré (2001, p. 84) afirma que, sem reconstrução, ou novas realidades sendo construídas, a memória é tão-só um estoque morto de eventos passados, na forma de eventos religiosos, livros, obras de arte, monumentos, saberes, arquivos, suscetível de eventuais repetições anacrônicas, sem sentido. No entanto, em enunciados dos moradores dominados pela FD-1, percebe-se essa visão estática da memória entre os moradores (e os novos moradores):

(2) Há uma parte enorme da cidade que não tem essa tradição. Agora, nós sofremos um pouco com essa

população flutuante que as empresas mineradoras trazem, pelas empreiteiras, que é uma população que não sabe o que está acontecendo.

No discurso dos moradores, dominado pela FD-1, a memória é vista como algo estático, sem rupturas. Entretanto, a memória coletiva de uma sociedade, responsável por sua continuidade ao longo da história, deve buscar se adequar e se manter viva – resistindo “às rupturas que são o destino de toda vida humana” – sem perder a sua função primordial, que é o sentimento de identidade entre os indivíduos:

A memória (...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, ‘coletiva’, como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, s/d, p. 94-95).

A importância da memória coletiva se destaca a partir dos enunciados que respondem à pergunta: “O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?”.

(1) O povo ainda pensa que a Semana Santa é importante pra eles.

(2) Faz, ele faz parte da memória de Mariana, primeiro porque ele é muito antigo. Segundo, porque ele se repete anualmente, então tudo que se repete vai sendo fixado na memória das pessoas, do povo. Ele já é uma referência da cidade de Mariana.

(7) Sim, não pode haver Mariana sem a Semana Santa, não.

(9) Com certeza, porque dentro dessa perspectiva de tradição mesmo, muito disso é lembrado, muitas pessoas contam, eu falei com você, que foi um tempo que eu não vivi, por exemplo, mas eu tenho notícia.

(11) Muito, muito. Aqui é o berço da civilização cultural, religiosa, é muito tradicional. É a memória da cidade de Mariana, a primeira cidade de Minas Gerais, não tem como mudar isso não, faz parte da história, está enraizado.

O evento, enquanto memória, precisa ter a participação coletiva, pois a memória é sempre coletiva. No entanto, Mariana está sofrendo mudanças sociais e econômicas e, com isso, sua antiga comunidade, menos heterogênea, está dando lugar a uma comunidade mais heterogênea, com o crescimento da população e a chegada de trabalhadores para a mineração. Daí a tensão entre manter a tradição na Semana Santa e manter também o interesse coletivo da comunidade. A memória só permanece com o coletivo. Manter rigidamente as tradições nas comemorações da Semana Santa pode ameaçar a participação coletiva. No entanto, uma mudança radical nessas comemorações pode ameaçar a própria memória.

As comemorações da Semana Santa, enquanto patrimônio imaterial, estão repletas de dinamismo, além do que, através delas, se revive uma tradição. Essa tradição, porém, não é algo estático, mas construída e reconstruída a cada ano, podendo ser modificada, reinventada ou recuperada. Este dinamismo é citado no enunciado abaixo:

(9) A partir de uma tradição, novas coisas são criadas, aprimoradas, melhoradas, mas eu penso que ela é imprescindível, principalmente numa cidade secular como Mariana.

Desta forma, a segunda família parafrástica, dentro da FD-1, afirma e defende a manutenção rígida da tradição nas celebrações da Semana Santa, sob pena de diminuir a participação da comunidade nesses eventos.

Família Parafrástica 03 – No discurso dominado pela FD-1, a tradição e a história tornam a Semana Santa de Mariana única.

Segundo Nora (1993, p. 14), tudo o que é chamado memória não é memória, mas história, e tudo o que é chamado clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da memória, despertando assim a necessidade de memória e história se complementarem, de forma conjunta, ao longo da existência

de cada lugar. Da mesma maneira, também na Semana Santa em Mariana, a memória e a história se complementam, dando sentido à festividade, o que pode ser observado nos enunciados abaixo:

(9) O que a torna única entendo que seja primeiro a tradição. A Semana Santa é uma tradição do povo de Deus, da Igreja. A tradição e o espírito de fé se tornam o maior sentido da Semana Santa em Mariana. Hoje, a cidade tem a Semana Santa, mas esta poderia ser incrementada, principalmente se houver um resgate maior das tradições culturais.

(10) Então era uma Semana Santa muito tradicional, era a mais forte de Minas Gerais.

(12) O que eu acho de especial é justamente essa atitude de reviver uma tradição.

As particularidades exemplificam o que Warnier (2000), em *A mundialização da cultura* afirmou, ao considerar que cada cultura é singular, extraordinariamente diversa e localizada, sendo transmitida pelas tradições reformuladas em função do contexto histórico. A língua e a cultura, segundo o autor, estão no coração dos fenômenos de identidade. A singularidade cultural é vivida através da tradição e da história, o que se observa nos enunciados (9), (10) e (12) supracitados.

Muitas vezes, acredita-se que as “sociedades modernas” contrastam, de um modo geral, com “sociedades tradicionais” que as precederam (THOMPSON, 1998, p. 159). Por isso, alguns enunciados, sob o domínio da FD-1, destacam a importância de manter o sentido e o elo entre os que viveram antes e os que atualmente vivem as comemorações da Semana Santa:

(1) O povo ainda pensa que a Semana Santa é importante pra eles.

(2) Faz, ele faz parte da memória de Mariana, primeiro porque ele é muito antigo.

(9) Com certeza, porque dentro dessa perspectiva de tradição mesmo, muito disso é lembrado, muitas pessoas contam, eu falei com você, que foi um tempo que

eu não vivi, por exemplo, mas eu tenho notícia, inclusive já vi fotos da Procissão de Fogaréus.

(12) Acho que já morreu muita gente que tinha esse evento mais presente na memória, e com os últimos dez anos eu sinto uma diferença muito grande, de qualidade, envolvimento, uma perda mesmo.

Enquanto patrimônio imaterial da cidade de Mariana, as comemorações da Semana Santa possuem um simbolismo que está já enraizado na cultura da cidade, servindo para unir os habitantes e lutando para se fazer presente e forte, em meio a tantas alterações. O patrimônio deve ser utilizado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar, mas também para agir. Ele não serve apenas para representar idéias e valores abstratos e para ser contemplado, mas também para, de certo modo, construir e formar as pessoas (GONÇALVES, 2003, p. 27).

De maneira interligada, o patrimônio e a tradição se unem para realizar sua função básica, que é a construção e manutenção da identidade, lutando para que esta identidade mantenha-se viva e fortalecida ao longo dos anos.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p.204).

Thompson (1998, p. 195) afirma que a identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo. A tradição, identificando grupos humanos, serve como instrumento de diferenciação de culturas distintas, e, em um segundo momento, enaltece o respeito ao diferente, através da alteridade, que é alcançada pelo conhecimento e apreço às tradições de cada lugar, de cada cidade.

Quando nos referimos especificamente ao patrimônio cultural, que podemos também chamar antropológico, estamos expressando as manifestações da cultura, de todos aqueles dados

que vamos deixando aos seres humanos ao longo de nossa trajetória sobre a terra, através das quais podem nos conhecer. Patrimônio é aquilo que identifica os grupos humanos, aquilo pelo qual se diferenciam etnias distintas, e inclui aspectos tão diferentes como arquitetura, lendas, técnicas de trabalho, textos históricos ou que nos falam da tecnologia atual; também a música, a poesia ou o vestido, assim como os conhecimentos que se tem sobre as formas de produzir (ALFONSO, 2003, p. 100).

Assim, é possível identificar, na FD-1, uma quarta família parafrástica, segundo a qual a singularidade das comemorações da Semana Santa em Mariana reside na sua tradição e história.

Família Parafrástica 04 – No discurso dominado pela FD-1, a Semana Santa em Mariana não está preservada enquanto patrimônio imaterial.

A partir do questionamento se a Semana Santa em Mariana está preservada, ou não, enquanto patrimônio imaterial, destacam-se os seguintes enunciados:

(1) Ela é um patrimônio, mas agora acabou.

(2) Totalmente preservada não.

(9) Ela está preservada quando você considera que ela acontece, no seu aspecto de continuidade, ela está preservada. Agora, no aspecto de tradição e de ritual, principalmente na questão de tradição, é que ela não está preservada.

(11) Se ela não é, já deveria ter sido. Ela deveria ser. Ela tem que ser um patrimônio, principalmente na cidade de Mariana.

Mariana é uma cidade com bens patrimoniais materiais de grande valor, sendo reconhecida pelo IPHAN enquanto Patrimônio Nacional, conforme apresentado na Introdução desse trabalho. No que se refere aos seus patrimônios imateriais, entretanto, muito ainda deve ser feito, já que a cidade não possui políticas públicas adequadas ou um trabalho significativo que gere resultados satisfatórios na preservação e manutenção destes patrimônios imateriais.

Rodrigues (2007) indica a necessidade de se tratar o patrimônio como um bem de extrema importância para a própria comunidade, através da intervenção de políticas, mudança de atitude em relação à problemática e compreensão da sua importância dentro do contexto em que está inserido, relacionando-o até mesmo com a atividade turística.

Assumir o patrimônio na sua integridade e diversidade implica na sua reformulação em termos de lastro cultural, expressão de identidades e diferenças, de consensos e conflitos, que permitem identificar os processos que originaram tais bens, assim como sua valorização, articulando-se a densidade histórica com os significados mais recentes, produzindo, portanto, ressignificações que se confundem com o uso indiscriminado da visitação turística (RODRIGUES, 2007, p. 24).

Como prova dessa deficiência no caso das comemorações referidas e analisadas neste trabalho, os enunciados sob domínio da FD-1 indicam que a Semana Santa não está preservada e também ressaltam a urgência de que esta seja tratada com mais seriedade pelos órgãos responsáveis pela atenção aos patrimônios culturais. Tais responsabilidades, segundo a autora, pertencem ao Estado (enquanto normatizador e, muitas vezes, proprietário), ao setor privado (enquanto promotor do turismo e, por vezes, proprietário dos bens patrimoniais), e também à população residente onde há uma demanda turística. Tratando-se da Semana Santa, destaca-se o protagonismo da Igreja Católica como organizadora oficial, pela dinâmica, organização e manutenção das celebrações na cidade de Mariana. Estas atribuições são definidas através dos enunciados abaixo, quando os moradores foram questionados sobre quem são os responsáveis pela manutenção e organização do evento da Semana Santa.

(7) A Prefeitura sempre deu apoio à Semana Santa, sempre deu apoio, e os fiéis sempre também colaboraram com a Semana Santa.

(11) Os responsáveis são a Igreja, com a ajuda da Prefeitura, e ajuda de alguns outros órgãos.

(9) Relativamente à questão organizacional, normalmente os Párocos reúnem os fiéis, discutem, fazem a programação, e esta é trazida para a Prefeitura.

Assim, nos enunciados sob domínio da FD-1, a quinta família parafrástica identifica que os responsáveis pelas comemorações, a Prefeitura e a Igreja, não estão preservando adequadamente esse patrimônio imaterial.

Família Parafrástica 05 – No discurso dominado pela FD-1, o turismo exerce uma influência positiva sobre as celebrações da Semana Santa:

(1) O turista pode ajudar sim. O turismo dá uma força na Semana Santa, eles colaboram muito, geralmente eu não posso queixar do turismo não. Já os turistas participam das procissões, gostam, respeitam.

(2) É preciso que o turismo de Mariana tenha mais dinâmica, eu acho que o turismo precisa voltar para as raízes, incrementar essas raízes, e não ficar importando coisas. É preciso fortalecer as raízes. Por exemplo, se o turismo começar a fortalecer as raízes da própria Semana Santa, unindo-se à Igreja, não só para espetáculo, porque a Igreja não aceita só o espetáculo, mas começar a trabalhar junto com a Igreja no sentido de melhorar essa aparência física da Semana Santa.

(7) De certa maneira, o turismo ajuda a Semana Santa, mas se procurar renovar a própria liturgia, com mais entusiasmo, com a participação do povo, recebendo mais apoio, eu acredito que isso vai ser muito importante para o turismo marianense.

(9) Existe todo um envolvimento por parte da Secretaria e da Administração sobre o evento da Semana Santa, que é considerada como um dos maiores atrativos da cidade de Mariana. Claro que ela poderia ser mais implementada, principalmente se a tradição for mantida.

Nesta família parafrástica, os enunciados incidem sobre a relação da atividade turística e o patrimônio imaterial das comemorações da Semana Santa.

Conforme discutido anteriormente no capítulo 01, a cultura e as manifestações culturais não devem ser vistas apenas como um produto turístico. Elas devem ser vistas em um contexto de sentido e valor para os seus habitantes, evitando que a comercialização de eventos da cultura tradicional crie uma pseudo-cultura, um folclore artificial para o turista, sem valor cultural algum para a população local ou para os visitantes (LICKORISH, 2000, p. 108).

É inegável que o turismo possui reconhecidamente força, enquanto fenômeno social e econômico, capaz de gerar impactos, de diferentes magnitudes, na economia local, regional, nacional ou mesmo internacional; no meio ambiente, seja ele natural ou artificial; e na esfera sociocultural, que abrange fatores como os comportamentos dos turistas e da comunidade receptora e as suas tradições. A atividade gera, assim, inúmeras conseqüências que podem ser divididas em aspectos positivos e negativos.

Lickorish (*op. cit.*, p. 108-109) indica que, uma vez planejado, o turismo é capaz de respeitar o ambiente físico e humano, gerando outras vantagens como: auxiliar o desenvolvimento e promoção de regiões pobres ou não industrializadas; acentuar os valores de uma sociedade; garantir a conservação, a longo prazo, de áreas naturais; renovar as tradições de arquitetura locais; contribuir para o renascimento das artes locais e para a valorização dos ambientes culturais, e até mesmo oferecer uma forma de reativar a vida social e cultural da população residente.

No discurso dominado pela FD-1, o turismo interfere positivamente nas comemorações da Semana Santa:

(2) Por exemplo, se o turismo começar a fortalecer as raízes da própria Semana Santa, unindo-se à Igreja, não só para espetáculo, porque a Igreja não aceita só o espetáculo, mas começar a trabalhar junto com a Igreja no sentido de melhorar essa aparência física da Semana Santa. (...) O turismo pode muito entrar por aí. Contribuindo para a indumentária, para os adereços, e para o treinamento das pessoas que participam da Semana Santa, com conscientização mesmo, saber o que está fazendo ali.

Neste discurso, o turismo, atuando de forma conjunta com a Igreja, pode ajudar na questão da própria raiz do evento, e também na aparência física, no que diz respeito às roupas e acessórios utilizados nas procissões.

Na FD-1 do discurso dos moradores, o turismo atua também na questão da auto-estima da população, que se sente valorizada e importante, como é possível observar no enunciado abaixo:

(2) A Semana Santa é uma relíquia. Primeiro, por causa da fé. Segundo, porque ela é um momento em que Mariana tem alguma coisa para mostrar ao mundo. Ela mostra que ela é uma cidade católica, altamente católica, mas ela mostra que ela tem, dentro desse catolicismo, toda uma arte e cultura preservada.

Além da parceria entre o turismo e a Igreja, o discurso dominado pela FD-1 aponta também para uma parceria com o poder municipal, na organização, informação, divulgação e manutenção das comemorações da Semana Santa:

(9) A questão da participação do turismo ocorre quando existe um apoio por parte do turismo, da Secretaria especificamente, e ela acontece também em termos de infra-estrutura. A questão da divulgação, do apoio às cerimônias, a questão do apoio ao evento em si.

Assim, nesse discurso dos moradores, a atividade turística gera influências positivas nas celebrações, agindo de forma a valorizar e desenvolver a festividade. Dias (2003, p. 13) afirma que o turismo contribui para o desenvolvimento dos valores espirituais e deve ser considerado como fator de restauração da personalidade e dignidade humana.

Assim, no discurso dominado pela FD-1, a família parafrástica 05 apresenta o turismo como um elemento positivo nas comemorações da Semana Santa.

2.2.2. A Formação Discursiva FD-2

Na FD-2, os enunciados repetem o sentido de que as comemorações da Semana Santa em Mariana estão melhorando ao longo dos anos. Nesta Formação Discursiva, podemos encontrar as seguintes famílias parafrásticas, que explicitam o funcionamento desse discurso:

Família Parafrástica 01 – No discurso dominado pela FD-2, as comemorações da Semana Santa em Mariana representam uma vivência de fé para os participantes.

Quando questionados sobre a importância da Semana Santa para a cidade de Mariana, foram obtidos os seguintes enunciados:

(3) A primeira importância ela toca no campo da fé, porque é um momento no qual nós celebramos aquele passo decisivo que marcou a vida de Jesus Cristo, que é a sua morte e ressurreição.

(4) Do ponto de vista religioso, a Semana Santa é importante, pois é o principal evento durante o ano, quando a gente celebra os principais mistérios e cerimônias da nossa fé.

(5) Então, pra cidade de Mariana, (a Semana Santa) é importante enquanto expressão religiosa da fé que a própria cidade tem.

(8) Trata-se de uma questão totalmente de fé, quando o povo todo se reúne na sua religiosidade, sua vivência de fé, relembrando a morte e ressurreição de Cristo.

Apesar de a FD-2 se posicionar a favor das mudanças nas comemorações da Semana Santa, afirmando que, dessa forma, o evento tem melhorado, a justificativa que apresenta para tal permanece ligada ao interesse de manter a tradição e não de desprestigiá-la. Seus enunciados indicam a fé enquanto elemento de destaque nas comemorações da Semana Santa, e a caracterizam como fator de grande importância para os fiéis.

Família Parafrástica 02 – No discurso dominado pela FD-2, a população atual participa mais das celebrações da Semana Santa.

(3) Há um envolvimento maior das pessoas que atuam nas comunidades, isso faz com que haja uma integração maior, há um dinamismo maior.

(5) Uma coisa que pra mim eu percebo que vem acontecendo é a participação dos jovens na própria Semana Santa. Há algum tempo atrás você não via tanta participação dos jovens.

(6) Houve uma agregação de divulgação e participação de outras pessoas. Porque isso era feito dentro da comunidade, e hoje é feito com a presença de pessoas que vem de fora, o que mudou foi isso. Pode-se considerar que melhorou, porque hoje participam mais pessoas.

Os enunciados concordam em que, atualmente, a população da cidade participa de forma mais ativa das celebrações da Semana Santa, seja através de uma suposta integração, da maior participação da população jovem, e também através de uma divulgação maior, atraindo pessoas de fora.

Essa família parafrástica vê nas mudanças que acontecem ao longo dos anos a explicação para o aumento dessa participação, refletindo positivamente no envolvimento da população nas celebrações atuais.

(5) Há algum tempo atrás você não via tanta participação dos jovens.

Na FD-2, as mudanças nas comemorações da Semana Santa não enfraquecem nem desprestigiam as tradições. Ao contrário, adaptando-se às mudanças sociais, elas fortalecem e mantêm as tradições, especialmente entre os jovens e os novos moradores.

Família Parafrástica 03 – No discurso dominado pela FD-2, a história e a tradição da cidade de Mariana fazem com que a Semana Santa seja única.

(4) A Semana Santa de Mariana é única em vista da sua história.

(5) Eu creio que o que torna única a Semana Santa em Mariana é a própria história da cidade. Então eu acho que aqui a história e a Semana Santa acontecem conjuntamente, então a própria história de Mariana faz com que a Semana Santa seja celebrada da maneira com que acontece. A Semana Santa ajuda a construir a identidade de cidade e das pessoas daqui.

(6) O que faz com que ela seja única é por causa da tradição que vem desde o início da cidade.

(8) Olha, a Semana Santa em Mariana vem das tradições antigas, como em todas as cidades antigas, mineiras e do Brasil inteiro.

A história aparece nos enunciados enquanto busca de referências no passado, dando sentido ao que se vive hoje. No que se refere à relação com a memória, Decca (1992, p. 130) irá contrapor a história, enquanto um elemento de mudança, transformação e destruição, à memória, enquanto um elemento de permanência, ao longo do tempo. Observa-se que, tanto na FD-1 quanto na FD-2, as comemorações da Semana Santa aparecem relacionadas à história e à memória da comunidade local:

(5) A Semana Santa ajuda a construir a identidade de cidade e das pessoas daqui.

Em ambas as Formações Discursivas, a tradição é ressaltada com a função de preservar o passado no presente. Na FD-1, essa tradição é invocada para criticar as inovações no horário e no roteiro das procissões. Na FD-2, a mesma tradição é invocada para justificar as mudanças feitas, para que a tradição continue entre as novas gerações e os novos moradores. Esse mesmo apego à tradição nos dois discursos dos moradores se explica porque, segundo Bosi (1987, p. 18), a tradição é a tradução de toda memória coletiva da sociedade.

Família Parafrástica 04 – No discurso dominado pela FD-2, a Semana Santa em Mariana está preservada enquanto patrimônio imaterial da cidade.

Quando questionados sobre a preservação ou não da Semana Santa enquanto patrimônio imaterial da cidade de Mariana, os moradores produziram os seguintes enunciados.

(6) Acho que está, porque é o que mantém as Igrejas, que é feita basicamente dentro dos templos que existem hoje, ela é feita geralmente no centro histórico, apesar de que nos bairros cada um tenha uma igreja, mas a Semana Santa aqui é enfocada no centro histórico.

(8) A Semana Santa está preservada, sim.

(10) Vai ser (preservada) tanto em Mariana quanto em qualquer outra cidade, porque a Semana Santa é patrimônio de Minas Gerais.

O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA-MG afirma que o patrimônio cultural de um povo lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e de continuidade histórica, sendo, portanto, a soma dos bens culturais de um povo.

A necessidade de preservação de um patrimônio cultural imaterial é discutida por vários autores, (OLIVEIRA, 2007; NORRILD, 2002; RODRIGUES, 2007). Valorizar e apreender este patrimônio por parte da própria população é também um elemento primordial, já que não existe sentido a manutenção de um bem patrimonial, se este não é desejado e aceito dentro da própria comunidade. Independente de os enunciados indicarem a preservação deste patrimônio é preciso intensificar ações contínuas de valorização, inserção, promoção e divulgação do evento.

Observa-se que a FD-2, embora defenda as mudanças nas comemorações e afirme que elas estão melhorando, manifesta interesse em sua preservação. As duas Formações Discursivas defendem a preservação desse patrimônio imaterial. Elas divergem quanto à forma de se conseguir isso: a FD-1, num apego mais rígido à tradição, condena as mudanças ocorridas e acredita que as festividades estão piorando; a FD-2, mais preocupada com a participação dos jovens e dos novos moradores, aprova as mudanças ocorridas e acredita que as festividades estão melhorando.

Família Parafrástica 05 – No discurso dominado pela FD-2, o turismo gera inúmeros benefícios que ajudam as comemorações da Semana Santa.

Quando questionados sobre a influência da atividade turística nas comemorações da Semana Santa, os moradores produziram os seguintes enunciados:

(3) Sem dúvida é um investimento importantíssimo, não só em Mariana, mas também no Brasil. Mesmo que o turismo no Brasil ainda esteja sendo descoberto, e precisa sim ser valorizado, porque é uma fonte de renda e sustentação para o país e certamente para a cidade de Mariana.

(5) Existe a presença do turista enquanto uma forma que a cidade encontra de conseguir se manter economicamente.

(8) Eles ajudam mais é no comércio, às vezes eles contribuem financeiramente, lá na hora, das cerimônias religiosas, então aí eles ajudam sim.

O turismo pode influenciar uma realidade de diversas maneiras: cultural, ambiental, econômica. De acordo com os enunciados, as influências econômicas geradas pela atividade são positivas e podem até mesmo facilitar a sua manutenção e organização.

Lucas (2003, p. 01) analisa que em várias partes do mundo existem sistemas de turismo cultural desenvolvidos pelas próprias comunidades. Uma vez que elas mesmas investem na preservação e na promoção de seus principais sítios históricos e tradições, é possível que estes sistemas constituam parte de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento sustentável.

Além da questão econômica, os enunciados apontam a falta de informação por parte dos turistas, que não compreendem por completo toda a história da comemoração, e com isso participam apenas de forma passiva:

(6) Na dinâmica do evento em si eu não vejo tanta participação não. Vejo uma participação maior não na dinâmica, mas como expectadores mesmo, não é uma participação assim, como se diz, ativa, é mais passiva. Se conseguissem que o turista participasse mais ativamente, aí é claro que a manutenção e o desenvolvimento do evento seria maior, teria um maior desenvolvimento.

(8) Muitos turistas vêm aproveitando o feriado da Semana Santa, como o termo falado hoje, de feriadão, emendando a sexta, o sábado e o domingo.

(10) É o que eu te falei, na Sexta-Feira Santa, no Sábado Santo, existe turista, agora eles não vêm motivados pelo atrativo da Semana Santa, ninguém sabe que a cerimônia

de Lava pés é feita pelo Bispo, tem os santos óleos também que é o Bispo que preside, nenhuma outra cidade tem isso, só Mariana. Mas o turista não sabe disso, ele vem fazendo o roteiro das cidades históricas, e o próprio guia não fala pra ele que aquela missa que está sendo feita ali está sendo celebrada pelo bispo.

Nos enunciados, é sugerida uma educação aos turistas, para que estes não sejam apenas observadores, mas que também possam aprender e obter experiências mais consistentes a partir da atividade turística.

É interessante observar que as duas FDs vêem o turismo como um elemento positivo na preservação do patrimônio imaterial das comemorações da Semana Santa. Além disso, a FD-2, mais preocupada com a participação dos jovens e novos moradores nessa tradição, manifesta também interesse na participação ativa dos turistas no evento.

Família Parafrástica 06 – No discurso dominado pela FD-2, a Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana.

Questionados sobre a participação ou não da Semana Santa na constituição da memória da cidade de Mariana, foram obtidos os seguintes enunciados:

(3) Eu acredito que sim, quando nós falamos de Patrimônio Histórico nós não podemos falar só em bens imóveis, uma Igreja, um Museu, uma rua, a Rua Direita, mas as expressões culturais também, de determinado lugar, um grupo de dança, um canto, e a Semana Santa é um monumento cultural, da cidade de Mariana, não tenha dúvida.

(4) A memória é como que a alma e o retrato de um povo. Memória não apenas no sentido de lembrança, mas no sentido de presença. Quando a gente memoriza a alma, alguém, um fato, é porque lhe damos o devido valor, e aí, com certeza, nós sabemos que o evento da Semana Santa é muito valorizado.

(5) Sem dúvida faz, por causa da própria história da cidade de Mariana, como primeira capital de Minas Gerais, a própria história de Mariana exige que a própria Semana Santa reflita um pouco essa história. Acho que

isso está muito ligado aqui. A Semana Santa ajuda a construir a identidade de cidade e das pessoas daqui.

(6) Faz parte, com certeza. Isso porque até hoje continua tendo as procissões, tendo os eventos religiosos, toda a cerimônia completa como existia desde quando começaram as celebrações aqui.

(8) Faz, porque a Igreja Católica foi imposta por lei, no Brasil. Então, ela se torna parte ativa da história de Mariana.

(10) Faz parte da memória, visto que as pessoas relembram como era o passado. Falam que no passado era maravilhoso, que as procissões do passado são maravilhosas, as procissões que contavam com a presença dos padres, enfim, essas procissões ficam na memória como maravilhoso.

Assim, a memória, enquanto elemento que dá o sentimento de identidade a uma comunidade, “a alma de um povo”, é revivida e valorizada através da Semana Santa.

Segundo Freire e Pereira (2002, p. 123) as comemorações, cívicas ou religiosas, são importantes no processo de recomposição dessa identidade e devem receber atenção especial dos poderes públicos e privados, uma vez que exaltam sentimentos de nacionalidade, pertencimento, sentido, conforme visto no enunciado (05): “A Semana Santa ajuda a construir a identidade da cidade”. A memória coletiva é um elemento essencial para a construção da identidade de um povo, servindo como elo entre a população em determinado tempo e seus antepassados. Compreender a Semana Santa como uma representação do passado, da memória, é uma tentativa de compreensão da própria identidade de um povo:

Assim como a individualidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Estes bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado, presente e futuro (GONÇALVES, 1988, p. 267).

A importância da manutenção dessa memória coletiva é ressaltada por Decca (1992, p. 130), ao afirmar que a memória foi seqüestrada pela irreversibilidade do tempo histórico. O autor destaca a necessidade de serem redescobertos os lugares onde essa memória se preservou espontaneamente, em gestos, posturas e hábitos. As comemorações da Semana Santa em Mariana constituem uma preservação da memória local, uma vez que não são impostas, e, sim, mantidas espontaneamente pela população:

(4) A memória é como que a alma e o retrato de um povo. Memória não apenas no sentido de lembrança, mas no sentido de presença.

Assim, as celebrações, além do sentido religioso, são também uma forma de manter viva essa memória que pertence ao seu próprio povo.

Poderíamos dizer que hoje a memória coletiva encontra-se refugiada em lugares pouco visíveis, preservada tenuamente por meio de rituais e celebrações onde alguns grupos a mantêm ciosamente resguardada do assalto da história (Decca, 1992, p. 130).

Família Parafrástica 07 – No discurso dominado pela FD-2, elementos positivos foram acrescentados à Semana Santa ao longo dos anos.

(3) Bom, a primeira coisa que eu acho que é muito positiva é a participação dos Conselhos de Pastoral na organização da Semana Santa. Hoje não. Há um envolvimento maior das pessoas que atuam nas comunidades, isso faz com que haja uma integração maior, há um dinamismo maior.

(4) Hoje há a valorização da cruz como instrumento de salvação, à noite acontece na Praça Minas Gerais a cerimônia do descendimento, que é uma cerimônia muito bonita, tradicional e atualizada pela cerimônia do momento, também pela pregação, sempre ligando também com a Campanha da Fraternidade daquele ano, como foi agora este ano a campanha da Amazônia. Nós estamos trabalhando para com essa revitalização, com essas reformas, com essa espécie assim de valorização da cultura através das Igrejas, das suas construções, na conservação da arte que existe. Por exemplo, quanto a

alteração nos horários das procissões, parece que efetivamente a participação é maior depois que se deu a mudança do horário. Então, em termos de participação, isso é positivo, você vai atingir um número maior de pessoas.

(5) Uma outra mudança aqui na cidade o que a gente não vê mais com tanta frequência é o uso do latim, que antigamente era muito utilizado. Hoje em dia não, mas eu acho que o próprio povo não vê isso como algo negativo. Para que as pessoas possam entender aquilo que está sendo dito, cantado, rezado, porque se não, realmente perde-se um pouco o sentido.

(6) Pode-se considerar que a Semana Santa melhorou, porque hoje participam mais pessoas. O que não piora, a tendência é que se melhore.

(10) Isso (passar as procissões para a noite) se tornou a principal característica, é tanto que tem seis anos que essa procissão acontece à tarde.

A partir destes enunciados, nota-se que o patrimônio imaterial composto pelas comemorações da Semana Santa não permanece intacto ao longo dos anos, modificando-se constantemente e recebendo influências tanto externas quanto internas. Segundo Oliveira (2007, p. 05), é preciso sempre ter em mente que as expressões da cultura devem ser compreendidas como partes, fragmentos de totalidades culturais, sujeitas à dinâmica da história e em permanente transformação. Uma manifestação preservada não necessariamente será a mesma que ocorria há vinte ou quarenta anos, mas, aquela que mantém o seu significado para seus moradores, e atinge o seu objetivo de unir e identificar aquele grupo de pessoas dentro de um contexto social, a favor da memória coletiva.

Sobre este dinamismo natural das manifestações culturais, Ortiz (1994, p. 132) avalia que “a tradição nunca é mantida integralmente”, além do que “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (*op. cit.*).

Halbwachs (1990, p. 156) afirma que um grupo religioso precisa se basear sobre um objeto (neste caso, as comemorações da Semana Santa), sobre alguma realidade que dure ao longo dos anos, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que, em torno dele, as instituições e os costumes se transformem e as idéias e experiências se renovem.

Da mesma maneira, as mudanças ocorridas nas comemorações da Semana Santa demonstram que as identidades são definidas e redefinidas ao longo das gerações, já que, segundo Escosteguy (1999, p. 196), quando um sentido de identidade se perde, ao longo dos anos, um outro se faz necessário, o que faz com que os indivíduos se tornem cientes de que as identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição.

Assim, se “a gente não vê mais com tanta frequência o latim, que antigamente era muito usado”, “o próprio povo não vê isso como algo negativo”. O discurso dominado pela FD-2 se aproxima de uma visão dinâmica, tanto da memória quanto da identidade, conforme o enunciado abaixo:

(04) Nós estamos trabalhando para com essa revitalização, com essas reformas, com essa espécie assim de valorização da cultura através das Igrejas, das suas construções, na conservação da arte que existe.

2.3. Confrontos entre as Formações Discursivas dos moradores, FD-1 e FD-2, sobre as comemorações da Semana Santa em Mariana

A partir dos enunciados analisados, é possível, neste momento, construir um resumo de cada Formação Discursiva apresentada neste capítulo.

De acordo com os enunciados apresentados, através da FD-1 foi constatada a influência negativa das alterações que ocorreram nas comemorações da Semana Santa, citando, por exemplo, o empobrecimento da festividade, e a menor participação da população atual.

A FD-2, por sua vez, afirma que as alterações das comemorações da Semana Santa geram um efeito positivo na festividade, favorecendo a maior parte da população atual, sem, contudo, deixar de lado a essência das comemorações religiosas deste período do ano.

A fim de simplificar a visualização destas Formações Discursivas, foi elaborada a seguinte tabela, na qual se confrontam as principais idéias e posturas das Formações, que são visualizadas através das suas Famílias Parafrásticas (FP).

FD 1	FD 2
F P 01 – A alteração dos horários e dos trajetos das procissões na Semana Santa prejudicou a tradição da festividade.	F P 01 – As comemorações da Semana Santa em Mariana representam uma vivência de fé para os participantes.
F P 02 – A população atual participa menos das celebrações da Semana Santa.	F P 02 – A população atual participa mais das celebrações da Semana Santa.
F P 03 – A tradição e a história tornam a Semana Santa de Mariana única.	F P 03 – A história e a tradição da cidade de Mariana fazem com que a Semana Santa seja única.
F P 04 – A Semana Santa em Mariana não está preservada enquanto patrimônio imaterial.	F P 04 – A Semana Santa em Mariana está preservada enquanto patrimônio imaterial da cidade.
F P 05 – O turismo exerce uma influência positiva sobre as celebrações da Semana Santa.	F P 05 – O turismo gera inúmeros benefícios que ajudam as comemorações da Semana Santa.
	F P 06 – A Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana.
	F P 07 – Elementos positivos são acrescentados à Semana Santa ao longo dos anos.

Tabela 01: Comparação entre as Formações Discursivas dos moradores de Mariana sobre as comemorações da Semana Santa local.

De acordo com esta tabela, bem como a partir das Famílias Parafrásticas estudadas, ficou bastante clara a percepção e a importância dadas pelos moradores às questões como tradição, memória e história, além do interesse em preservar as celebrações da Semana Santa.

Para atingir este objetivo, entretanto, notam-se posturas divergentes entre os moradores. Enquanto o discurso dominado pela FD-1 preocupa-se em manter rigidamente as tradições, através da manutenção de horários das celebrações, os itinerários das procissões e preservação de determinados costumes, o discurso dominado pela FD-2 vê, no dinamismo e na mudança, a oportunidade de manter a

Semana Santa mais próxima da população atual, atingindo um maior número de fiéis, sem perder, entretanto, a religiosidade que dá sentido ao evento.

Além do suposto aumento da participação da população local, a FD-2 ainda destaca outros elementos positivos que foram sendo acrescentados à festividade ao longo dos anos, tais como a substituição do latim em algumas celebrações, para que um número maior de fiéis compreenda sobre o que se está rezando no momento, e a maior participação de fiéis em Conselhos da Igreja, no que se refere às discussões acerca da festividade.

As Formações Discursivas discordam ainda no que se refere à participação dos moradores nas festividades da Semana Santa. Enquanto a FD-1 argumenta que os moradores participam menos das festividades, a FD-2 afirma que atualmente os fiéis têm participado em maior quantidade das comemorações, em especial no que se refere à população mais jovem.

Quanto à questão patrimonial, as Formações Discursivas irão se contrapor, uma vez que a FD-1 acredita que a Semana Santa, enquanto patrimônio imaterial, não está sendo preservada adequadamente; por sua vez, a FD-2 afirma que o evento está sendo preservado enquanto patrimônio da cidade de Mariana. Ambas, porém, julgam necessárias ações contínuas de preservação dessa manifestação cultural, atribuindo maior responsabilidade à Igreja e à Prefeitura, bem como também à população local.

Além destas oposições, ambas as FDs concordam que a Semana Santa é regida por sentimentos de tradição e memória, sendo bastante respeitada dentro da sociedade local. Este respeito se dá pela representação da religiosidade mantida ao longo dos séculos, e também pelo fato de a festividade manter a sociedade coesa, independente da religião, uma vez que se une através das celebrações, para celebrar não apenas o ato religioso, mas também a singularidade da cidade. Devido a essa coesão, os discursos das FDs também apontam que a Semana Santa traduz em seus rituais a história da cidade de Mariana, ao longo de toda a sua construção histórica.

Outra questão na qual as FDs concordam entre si é no que se refere à influência positiva da atividade turística, onde se constata uma participação positiva dos turistas nas festividades. Afirma-se assim que a atividade gera diversos benefícios na cidade, econômicos ou não, além de poder ajudar em questões de organização e preservação, favorecendo também a auto-estima da população.

Como visto, ambas as Formações Discursivas indicam posicionamentos distintos sobre a relação da festividade da Semana Santa e os moradores da cidade de Mariana, e constituem assim a Formação Ideológica do discurso dos moradores sobre a festividade da Semana Santa no local.

3. ANÁLISE DO DISCURSO DOS TURISTAS SOBRE AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA SANTA EM MARIANA-MG

3.1. Formação Ideológica no discurso dos turistas sobre as motivações em visitar Mariana durante a Semana Santa.

Ao longo dos anos, na cidade de Mariana, foi possível observar que as comemorações da Semana Santa, inicialmente vivenciadas apenas pelos moradores locais, passaram a receber inúmeros turistas atraídos pelo sentimento religioso das celebrações ou pelo interesse histórico-cultural, graças ao passado colonial e sua arquitetura. Assim sendo, os visitantes procuram a cidade, durante o período das celebrações, buscando conhecer seus diversos atrativos turísticos.

Segundo Fernandes & Coelho (2002, p. 124), os atrativos são todos os lugares, objetos ou acontecimentos de interesse, que motivem o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los. Além disso, o atrativo turístico é um dos elementos que compõe a oferta turística e inclui os serviços turísticos, serviços públicos e de infra-estrutura básica (IGNARRA, 1998). O autor acrescenta ainda que as festas, comemorações e atividades religiosas são consideradas atrativos turísticos culturais.

No que se refere ao agente do turismo, ou seja, àquele que se desloca, é necessário ressaltar as diferenças entre o conceito de turista, excursionista e visitante. No ano de 1963, na Conferência das Nações Unidas sobre o Turismo e as Viagens Internacionais, foi adotada, para fins estatísticos, a definição de visitante, que seria toda a pessoa que se desloca a um país, diferente daquele onde tem a sua residência habitual, desde que aí não exerça uma profissão remunerada. Tal definição desdobra-se em turistas (visitantes que permanecem pelo menos 24 horas no local visitado e cujos motivos da viagem podem ser agrupados em: lazer e negócios, razões familiares, missões, reuniões e excursionistas), e excursionistas (visitantes temporários que permaneçam menos de 24 horas no local visitado).

Atualmente, a ONU define como visitante toda a pessoa que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a de aí exercer uma atividade

remunerada, e turista é todo o visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas. Já o excursionista seria todo visitante temporário que permanece fora da sua residência habitual menos de 24 horas. Para fins metodológicos, esta pesquisa trata todos aqueles que visitam a cidade de Mariana enquanto turistas, não os diferenciando quanto ao tempo de permanência no local.

Neste trabalho, adotou-se a tipologia “turismo cultural religioso”, já que, durante as celebrações da Semana Santa em Mariana, não há limites claramente demarcados entre os interesses histórico-culturais e os interesses religiosos, característicos dessa festividade, que atraem os turistas. Autores como Fonseca (2003) estabelecem uma subdivisão do turismo cultural em histórico-cultural e religioso, o que será trabalhado na pesquisa, a partir da seguinte conceituação de turismo cultural:

um tipo de turismo que tem nos recursos provenientes de heranças patrimoniais de referencial cultural/histórico – tais como monumentos, obras de arte, documentos e manifestações tradicionais – os seus atrativos principais, capazes de atrair pessoas, gerando deslocamentos e permanências temporárias (FONSECA, 2003, p.158-159).

Assim, por se tratar de um evento religioso como a Semana Santa, que acontece em uma cidade histórica com inúmeros atrativos culturais, considerou-se aqui a prática do turismo religioso enquanto um conjunto de atividades:

com utilização parcial ou total de equipamentos turísticos, e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões” (ANDRADE, 1999, p. 77).

Beni (2001) acrescenta a esta conceituação a possibilidade de um turismo cultural religioso, já que, de acordo com a motivação apresentada pelo visitante, podem-se ter exemplos de turismo cultural ecológico, antropológico, artístico, arqueo-teosófico e, claro, religioso, uma vez que o atrativo principal para os turistas pode ser o aspecto religioso, histórico ou arquitetônico, estando estes interesses muitas vezes imbricados uns aos outros.

Tais tipologias buscam atender a diversas motivações que são apresentadas pelos turistas. Segundo Arrillaga (1976), podem ser considerados dois aspectos motivacionais que demonstram as necessidades dos turistas: os de ordem corporal, que o autor identificou como o de descanso, o terapêutico, o desportivo e o gastronômico; e os de ordem espiritual, que seriam compostos pelo turismo religioso, cultural e profissional.

Buscando identificar as motivações que influenciaram os visitantes a viajarem a Mariana, 14 turistas foram entrevistados no período que abrange as comemorações da Semana Santa, entre os dias 05 a 09 de Abril de 2007, sendo escolhidos de forma aleatória, no período da tarde e da noite, a partir de um questionário padrão para todos.

Sobre o principal atrativo turístico, motivação da viagem, foram obtidas as seguintes respostas:

(1) *Vamos participar* de toda a Semana Santa. *Somos católicos* e viemos ter em Mariana uma experiência de fé, algo que não teríamos em Belo Horizonte.

(2) Já é o *terceiro ano* que viemos, por causa da religiosidade, das cerimônias. Nós somos católicos e aproveitamos além da cultura exercitar também a nossa religião. Além disso, há a *história*, o respeito pelas *tradições*.

(3) Na verdade nós estamos *conhecendo a região*, aliado à questão da espiritualidade do interior, aqui é bem diferente, a questão das tradições, e eu acho que aprofunda bastante e eu acho que a gente tem que resgatar essas procissões. Nós somos católicos praticantes.

(4) Por ser uma *cidade histórica*, a gente achou que seria o melhor momento de conhecer a cidade. Somos católicos, mas não praticantes. Aproveitamos mais a questão do feriado, para *descansar e passear*, e não tanto pelas celebrações da Semana Santa.

(5) Eu sou *guia de turismo*, a gente traz grupos pra toda parte do país, e geralmente neste feriado nós temos muita demanda pra cá, pelo fato de ser cidade histórica, e ver também *como que ocorre* a Semana Santa nas cidades coloniais mineiras, porque de onde eu venho não temos com a intensidade que existe aqui. Todos somos

católicos. Aproveitamos para conhecer as Igrejas e participar um pouco da missa.

(6) Nós passamos por aqui, *aproveitando o feriado* para conhecer a cidade.

(7) Sempre tive vontade de *conhecer as cidades históricas* de Minas, e aí surgiu a oportunidade e nós viemos participar da Semana Santa. Somos católicas, e *estamos participando* das celebrações.

(8) *Não estamos aqui pela Semana Santa*. Estávamos passando por acaso, estou indo a Belo Horizonte, e passei aqui para conhecer.

(9) Na verdade, como meu namorado está morando em Minas, aproveitei a oportunidade de conhecer a *Estrada Real*, e pela Semana Santa ser uma *atração*, achei ser interessante conhecer o evento.

(10) Escolhi para *aproveitar o feriado* que eu tive, consegui uma folga no meu trabalho e quis visitar as cidades históricas, aí já visitei Tiradentes, já fui a Ouro Preto, e vim a Mariana também que faz parte do roteiro das cidades históricas. *Não vou participar* das comemorações, pois meu interesse é apenas cultural.

(11) Porque a gente achou que tinha *tudo a ver*, por conta das igrejas, arquitetura, o pessoal se junta muito aqui na Semana Santa. No Brasil, eu acho que é o local mais *apropriado* pra se viajar e ir na Semana Santa. A religião influenciou na escolha do passeio. Não dá pra participar das celebrações, mas a gente está sempre entrando nas igrejas, rezando um pouco, ficando perto do Cristo, que já está crucificado como o Senhor morto.

(12) *Por ser Semana Santa*. Nós somos católicos, e viemos participar das celebrações.

(13) Do ponto de vista devido a arquitetura, pontos históricos, do passado que envolve a gente de certa forma, no conhecimento que até então eu não tinha daqui. A gente é católico, mas *não estamos participando* muito das celebrações. A gente veio também pela religião, para conhecer as Igrejas.

(14) Uma porque minha família toda é daqui e *eu gosto muito daqui*. Vim pra descansar e também *participar* de alguma celebração. Sou católico, e *vou participar* de alguma celebração da Semana Santa.

(15) Na verdade a gente está *participando de um Encontro* de Estudantes de Letras aqui da Ufop, em Mariana, mas vamos participar de algumas procissões.

Observa-se que, nos enunciados acima, existem diferenças, no que se refere à motivação principal da visita à cidade, bem como sobre a participação, ou não, dos visitantes nas comemorações da Semana Santa. No discurso dos turistas em Mariana, o tema da motivação principal da viagem constitui uma Formação Ideológica.

Brandão (2000, p. 34) afirma que Formação Ideológica é qualquer tema ou assunto que provoque posições diferentes, fazendo com que os indivíduos de um grupo social se coloquem em uma ou outra posição.

Dessa forma, os enunciados acima confirmam que o tema da principal motivação da viagem, incluindo a participação nas comemorações da Semana Santa, provoca posições diversas e confrontadas entre os turistas em Mariana, com diferentes atitudes e representações. Tal oposição caracteriza o tema como uma Formação Ideológica.

A partir de uma Formação Ideológica, derivam duas ou mais Formações Discursivas. A Formação Discursiva é definida por Pêcheux (1997, p. 160) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Orlandi (1999, p. 43) ressalta que a noção de Formação Discursiva, ainda que polêmica, é básica na AD, pois permite compreender tanto o processo de produção dos sentidos quanto a sua relação com a ideologia, e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

A identificação das Formações Discursivas é feita por meio de paráfrases nos enunciados, isto é, os enunciados que apresentam a repetição de uma mesma idéia apresentam-se dominados por uma mesma Formação Discursiva; sendo que os enunciados que se opõem a essa idéia apresentam-se dominados por outra Formação Discursiva.

O discurso dos turistas em Mariana pode ser dividido em duas Formações Discursivas (daqui em diante FD). Os enunciados (1), (2), (3), (5), (7), (11), (12) e (14) filiam-se à FD-1, segundo a qual pode e deve ser dito que as comemorações religiosas da Semana Santa constituem o principal atrativo turístico da viagem a Mariana. Por outro lado, os enunciados (4), (6), (8), (9), (10), (13) e (15) filiam-se à FD-2, segundo a qual pode e deve ser dito que as cerimônias religiosas não constituem o principal atrativo turístico da viagem a Mariana.

As duas Formações Discursivas demonstram que o discurso dos turistas que visitam Mariana, no período das comemorações da Semana Santa, pode estar sob o domínio da FD-1, em que o motivo principal da viagem foi religioso; ou pode estar sob o domínio da FD-2, em que o motivo principal da viagem não foi religioso.

Os enunciados abaixo são dominados pela FD-1, segundo a qual pode e deve ser dito que as comemorações da Semana Santa constituem a principal motivação para a viagem:

(1) *Vamos participar de toda a Semana Santa. Somos católicos e viemos ter em Mariana uma experiência de fé, algo que não teríamos em Belo Horizonte.*

(2) *Já é o terceiro ano que viemos, por causa da religiosidade, das cerimônias. Nós somos católicos e aproveitamos além da cultura exercitar também a nossa religião. Além disso, há a história, o respeito pelas tradições.*

(3) *Na verdade nós estamos conhecendo a região, aliado à questão da espiritualidade do interior, aqui é bem diferente, a questão das tradições, e eu acho que aprofunda bastante e eu acho que a gente tem que resgatar essas procissões. Nós somos católicos praticantes.*

(5) *Eu sou guia de turismo, a gente traz grupos pra toda parte do país, e geralmente neste feriado nós temos muita demanda pra cá, pelo fato de ser cidade histórica, e ver também como que ocorre a Semana Santa nas cidades coloniais mineiras, porque de onde eu venho não temos com a intensidade que existe aqui. Todos somos católicos. Aproveitamos para conhecer as Igrejas e participar um pouco da missa.*

(7) Sempre tive vontade de *conhecer as cidades históricas* de Minas, e aí surgiu a oportunidade e nós viemos participar da Semana Santa. Somos católicas, e *estamos participando* das celebrações.

(11) Porque a gente achou que tinha *tudo a ver*, por conta das igrejas, arquitetura, o pessoal se junta muito aqui na Semana Santa. No Brasil eu acho que é o local mais *apropriado* pra se viajar e ir na Semana Santa. A religião influenciou na escolha do passeio. Não dá pra participar das celebrações, mas a gente está sempre entrando nas igrejas, rezando um pouco, ficando perto do Cristo, que já está crucificado como o Senhor morto.

(12) *Por ser Semana Santa*. Nós somos católicos, e viemos participar das celebrações.

(14) Uma porque minha família toda é daqui e *eu gosto muito daqui*. Vim pra descansar e também *participar* de alguma celebração. Sou católico, e *vou participar* de alguma celebração da Semana Santa.

Por outro lado, os enunciados abaixo são dominados pela FD-2, segundo a qual pode e deve ser dito que as comemorações da Semana Santa não constituem a principal motivação para a viagem:

(4) Por ser uma *cidade histórica*, a gente achou que seria o melhor momento de conhecer a cidade. Somos católicos, mas não praticantes. Aproveitamos mais a questão do feriado, para *descansar e passear*, e não tanto pelas celebrações da Semana Santa.

(6) Nós passamos por aqui, *aproveitando o feriado* para conhecer a cidade.

(8) *Não estamos aqui pela Semana Santa*. Estávamos passando por acaso, estou indo a Belo Horizonte, e passei aqui para conhecer.

(9) Na verdade, como meu namorado está morando em Minas, aproveitei a oportunidade de conhecer a *Estrada Real*, e pela Semana Santa ser uma *atração*, achei ser interessante conhecer o evento.

(10) Escolhi para *aproveitar o feriado* que eu tive, consegui uma folga no meu trabalho e quis visitar as cidades históricas, aí já visitei Tiradentes, já fui a Ouro Preto, e vim a Mariana também que faz parte do roteiro

das cidades históricas. *Não vou participar* das comemorações, pois meu interesse é apenas cultural.

(13) Do ponto de vista devido a arquitetura, pontos históricos, do passado que envolve a gente de certa forma, no conhecimento que até então eu não tinha daqui. A gente é católico, mas *não estamos participando* muito das celebrações. A gente veio também pela religião, para conhecer as Igrejas.

(15) Na verdade a gente está *participando de um Encontro* de Estudantes de Letras aqui da Ufop, em Mariana, mas vamos participar de algumas procissões.

Nos enunciados sob o domínio da FD-1, repete-se a idéia de que a motivação para visitar Mariana, durante o período da Semana Santa, foi influenciada, principalmente, por um interesse religioso. Já nos enunciados da FD-2, repete-se a idéia de que a motivação para visitar Mariana, durante a Semana Santa, não foi influenciada, principalmente, por algum interesse religioso.

3.2. Formações Discursivas nos discursos dos turistas que visitaram a cidade de Mariana durante as comemorações da Semana Santa

Conforme já demonstrado acima, o tema da motivação dos turistas que visitam Mariana no período da Semana Santa constitui uma Formação Ideológica, de onde se originam duas Formações Discursivas. Para analisar aspectos do funcionamento de cada FD, foram identificadas famílias parafrásticas, isto é, enunciados que repetem uma mesma idéia, dentro de cada FD.

3.2.1. A Formação Discursiva FD-1

Os enunciados sob o domínio da FD-1 afirmam que a principal motivação para visitar Mariana, durante o período da Semana Santa, foi o interesse religioso.

Nessa FD, podemos encontrar famílias parafrásticas menores de enunciados que repetem uma mesma idéia.

Família Parafrástica 01 – No discurso dominado pela FD-2, a presença de sentimento religioso influenciou a escolha de Mariana, como destino turístico, durante a Semana Santa.

(1) Vamos participar de toda a Semana Santa. Somos católicos e viemos ter em Mariana uma experiência de fé, algo que não teríamos em Belo Horizonte.

(2) Já é o terceiro ano que viemos, por causa da religiosidade, das cerimônias.

(5) Vim pelo fato de ser cidade histórica, e ver também como que ocorre a Semana Santa nas cidades coloniais mineiras, porque de onde eu venho não temos com a intensidade que existe aqui.

(12) Por ser Semana Santa. Nós somos católicos, e viemos participar das celebrações.

No que se refere às motivações que levam as pessoas a se deslocarem, através do turismo, Krapf (apud Andrade, 1999) indica que isso ocorre quando essas pessoas estão em “busca de conhecimentos, à procura de lugares e de recursos para cura de suas enfermidades ou para repousar, por devoção ou por motivos políticos”. Assim, independente de alguma devoção em especial, as pessoas escolheram Mariana pela possibilidade de viver uma experiência religiosa, ligada à questão espiritual. Esse desejo pode ser reconhecido no enunciado abaixo:

(3) Nós estamos conhecendo a região, aliado à questão da espiritualidade.

Essa experiência religiosa, segundo Dias (2003, p. 17), caracteriza o chamado turismo religioso, que é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso. Os visitantes buscam, assim, entrar em contato com a sensação de fé e religiosidade,

provenientes do contato com um ambiente ao qual, normalmente, não teriam acesso em suas casas. Isso pode ser observado no seguinte enunciado:

(3) Além da questão espiritual, a questão estética também influencia muito. Na cidade grande, as pessoas ficam dentro da Igreja, ou no Mineirinho (Estádio em Belo Horizonte), não tem muito a ver.

O enunciado indica que, na Semana Santa em Mariana, há a possibilidade de uma experiência religiosa e estética que não seria possível no local de origem, onde as celebrações são feitas em grandes estádios, perdendo a característica mais intimista, com maior contato com os outros, além de uma vivência espiritual esteticamente mais teatralizada. Esse contato é possível através do turismo, e os visitantes passam a escolher o local devido à possibilidade de ter uma experiência religiosa, longe dos grandes centros urbanos e mais centrados no eu próprio, além de viver a tradição mantida pela própria religião. Halbwachs (1990, p. 155) afirma que os fiéis sentem a necessidade de se reunirem periodicamente e de se comprimirem uns contra os outros, em edifícios e locais consagrados à devoção. As comemorações da Semana Santa em Mariana oferecem aos turistas esse sentimento de crença coletiva e de ser parte de uma multidão.

É possível ver turistas que se misturam aos moradores locais no que se refere à participação nas celebrações, até mesmo nas encenações, aproveitando o momento para se sentir parte do espetáculo com o qual estão em contato naquele momento, como se pode ver no seguinte enunciado:

(2) A gente até participa de um evento que tem na sexta-feira, chamado A procissão das almas. Participamos diretamente do evento.

Este desejo de participar das celebrações comprova que, nesse discurso dominado pela FD-1, a religião exerce a principal influência na escolha da cidade de Mariana como destino turístico.

Família Parafrástica 02 – No discurso dominado pela FD-1, os visitantes, além da motivação religiosa dominante, desejam ainda conhecer a cidade e a região.

(3) Na verdade nós estamos conhecendo a região.

(7) A gente aproveitou para conhecer Tiradentes, São João Del Rey, Ouro Preto pela manhã e ficaremos na cidade até amanhã.

(12) Ontem nós participamos em Ouro Preto e hoje viemos pra cá.

Os enunciados acima confirmam a tendência atual dos chamados Circuitos Turísticos, em que é vendida não apenas uma cidade, mas também o seu entorno, de forma conjunta. Segundo a Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais (2007)²², um Circuito Turístico é composto por municípios próximos entre si, que se associam em função de interesses e possibilidades de explorar turisticamente seus respectivos patrimônios históricos, culturais e naturais, assim como outros bens afins.

Dentre os inúmeros circuitos turísticos nos quais a cidade de Mariana está inserida, são mais conhecidos o Circuito do Ouro, que pertence à Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais; a Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais, a Estrada Real, a Associação Mineira de Municípios, dentre outros. Na figura abaixo, estão indicadas as principais cidades dos diversos circuitos nos quais a cidade está inserida.



Figura 01: Circuitos Turísticos de Minas Gerais
Fonte: <http://www.tourguidebrazil.com/mapa.html>

²² Disponível em:< http://www.turismo.mg.gov.br/circuitos_turisticos.php>. Acesso em Set/2007.

Assim, nota-se nos enunciados o desejo de conhecer, além de Mariana, outras cidades vizinhas, que também oferecem as comemorações da Semana Santa, como Ouro Preto, Tiradentes, São João Del Rei e Congonhas. Além disso, há o interesse histórico-cultural, associado ao interesse religioso em todos esses municípios. Os benefícios para a implementação destes circuitos são inúmeros, já que interligam as cidades de forma contínua, favorecendo a consolidação da identidade regional, agregando valores, e gerando benefícios econômicos e sócio-culturais tanto para a população local quanto para os visitantes.

Família Parafrástica 03 – No discurso dominado pela FD-1, participar da Semana Santa em Mariana oferece aos visitantes um *status* de refinamento cultural.

Alguns enunciados repetem a idéia de que a visita à cidade de Mariana, durante o período da Semana Santa, oferece um status de refinamento cultural. À pergunta: “Visitar Mariana, durante a Semana Santa, traz algum *status* de refinamento cultural?”, foram obtidos os seguintes enunciados:

(2) Sim, com certeza, conversar com amigos e parentes sobre o evento é algo interessante.

(5) Com certeza, acrescenta muito.

(7) Traz sim. A gente sempre vê, engrandece, se você está conversando assim e a gente sente orgulho de falar que foi a Mariana.

(11) Tanto cultural quanto espiritual. As duas coisas.

(12) Totalmente.

(14) Ah, dá, dá muito.

Nesses enunciados, nota-se que, apesar de a FD-1 indicar a presença do interesse por conhecer Mariana, para participar das celebrações da Semana Santa, há também um interesse de mostrar refinamento cultural: contar aos amigos e familiares que participou do evento é um elemento de prestígio, aliado à experiência religiosa.

Segundo Gastal (2005, p. 82), a conquista de *status* não apresenta nenhum problema, desde que não seja o único e principal objetivo do turista. Ao se deslocarem a uma cidade que oferece certo “charme”, as pessoas querem também conhecer o que está além do horizonte, buscando um conhecimento melhor de si mesmas e um relacionamento mais intenso com seus familiares.

Assim, o desejo de alcançar *status* com a visita a Mariana, durante a Semana Santa, aparece no discurso dominado pela FD-1, não apenas enquanto um consumo fugaz, sem consistência, mas também como uma possibilidade de alcançar uma experiência cultural de importância para a vida dos visitantes:

(7) A gente sempre vê, engrandece, se você está conversando assim e a gente sente orgulho de falar que foi a Mariana.

Dessa forma, visitar Mariana durante o período da Semana Santa oferece ao turista um *status* de refinamento cultural.

Família Parafrástica 04 – No discurso dominado pela FD-1, ser turista em Mariana, durante as comemorações da Semana Santa, equivale a ser católico.

A partir da pergunta “Você é católico, ou veio motivado pela religião católica?”, foram obtidos os seguintes enunciados:

(1) Somos católicos e viemos ter em Mariana uma experiência de fé, algo que não tínhamos em Belo Horizonte.

(2) Sim. Aproveitamos, além da cultura, exercitar também a nossa religião. Além disso, há a história, o respeito pelas tradições.

(3) Somos católicos praticantes.

(5) Todos somos católicos. Aproveitamos para conhecer as Igrejas e participar um pouco da missa.

(7) Sim, somos católicas, e estamos participando das celebrações.

(14) Sou católico, e vou participar de alguma celebração da Semana Santa.

De acordo com os enunciados, nota-se que a religião influenciou a escolha da cidade pelo turista porque lhe foi oferecida a oportunidade de praticar sua própria religião, num ambiente novo, longe do cotidiano.

Entre as motivações observadas nesse discurso, nota-se a existência do que Silveira (2004, p. 04) caracterizou como sendo a prática do turismo religioso. Esse tipo de turismo, na maioria das vezes, consiste em viagens organizadas para locais sagrados, congressos, seminários, festas religiosas, espetáculos e representações teatrais de cunho religioso. Tais representações chegam até mesmo a terem como atores os próprios visitantes, como é visto no enunciado:

(2) A gente até participa de um evento que tem na sexta-feira, chamado A procissão das almas. Participamos diretamente do evento.

Destarte, é notável a presença da religião católica, enquanto um fator de forte influência na escolha da destinação turística, uma vez que os visitantes unem a visita turística com uma experiência de fé. Andrade (1999) afirma que neste momento são utilizados pelos turistas, de forma parcial ou total, os equipamentos turísticos (hotéis, restaurantes, lojas de artesanato), bem como a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões, tais como procissões, missas, novenas ou teatros.

É possível observar, dessa maneira, que, nesse discurso, o fato de ser turista em Mariana, durante as comemorações da Semana Santa, equivale a ser católico.

Família Parafrástica 05 – No discurso dominado pela FD-1, a cidade de Mariana acolhe bem os visitantes durante as celebrações da Semana Santa.

De acordo com os enunciados, os moradores locais não têm problemas em compartilhar a Semana Santa com os visitantes. Em resposta à pergunta “Você se sentiu acolhido pela população no momento em que participava junto dela das cerimônias religiosas da Semana Santa?”, foram obtidas as seguintes respostas:

(1) Sim, muito bem. Eles dividiram o momento conosco, até na hora da chuva ali, elas dividiam a sombrinha com a gente.

(2) O povo é bastante cativante, muito legal.

(3) A acolhida é muito boa, com certeza. Ninguém nos pressiona a participar de nada, o pessoal te acolhe muito bem, deixa você à vontade.

(5) Demais, demais. O povo daqui é muito receptivo. Minas Gerais no geral é toda bem receptiva, trata muito bem os visitantes.

(7) A recepção é muito legal, excelente. O pessoal é muito gente boa.

(11) Somos muito bem recebidos, o pessoal daqui é muito receptivo.

(12) O povo mineiro é um povo muito educado, acolhedor, muito educado mesmo.

Uma vez acolhida pela população local, o grupo que se desloca através do turismo possivelmente irá retornar, além de propagar o evento e a cidade a amigos e familiares. Entre os enunciados, 100% afirmam que indicariam as comemorações da Semana Santa em Mariana para amigos e familiares. Esta indicação gera um ciclo positivo para a atividade turística na cidade.

Essa boa relação entre moradores e visitantes gera benefícios para o próprio bem imaterial, que passa a ser compreendido não apenas como um produto dentro de um sistema comercial, mas como detentor de um sentido original, repleto de identidade para os moradores, evitando que se perca seu significado, “sem se descontextualizar ou estereotipar, e que sirva realmente de encontro entre culturas, fazendo partícipes a ambas as partes, turistas e anfitriãs, de uma visão resgatada das culturas” (VILLA, 2006, s/p).

Não há como negar a importância dos visitantes para a manutenção de algumas culturas, ou até mesmo para a sobrevivência de outras, que vêm no turismo uma fonte de renda e manutenção de bens culturais e patrimoniais. No caso da cidade de Mariana, o turismo gera benefícios tanto na questão econômica, já que com o aumento de visitantes aumenta o consumo em restaurantes, pousadas e lojas

de artesanato, como também aumenta a auto-estima da população, que se sente valorizada e importante, como se pode ver no enunciado abaixo:

(2) A Semana Santa é uma relíquia. Primeiro, por causa da fé. Segundo, porque ela é um momento em que Mariana tem alguma coisa para mostrar ao mundo. Ela mostra que ela é uma cidade católica, altamente católica, mas ela mostra que ela tem, dentro desse catolicismo, toda uma arte e cultura preservada.

Portanto, nesse discurso, os turistas se sentem bem acolhidos pelos moradores locais de Mariana, durante as celebrações da Semana Santa.

Família Parafrástica 06 – No discurso dominado pela FD-1, ao longo da visita a Mariana durante a Semana Santa, é possível imaginar como era o evento nos séculos passados.

Unindo a religião e a história do local, alguns enunciados afirmam que é possível imaginar as épocas passadas, ao participar das celebrações. A partir da pergunta: “Em algum momento foi possível sentir como era a Semana Santa nos períodos históricos de séculos passados?”, foram obtidos os seguintes enunciados:

(1) Ah, claro. Nós andamos a pé, principalmente nesta caminhada que nós fizemos aqui neste centro, com este chão, estas pedras, nos lembra muito. A grande vantagem que há é que não tem asfalto. Eu adorei aqui, muito gostoso.

(2) Sim, retrata bem a história passada. Imagino durante a caminhada, e quando estou participando das celebrações, é uma experiência muito marcante.

(3) Na verdade a gente numa cidade como Mariana a gente revive o passado todos os minutos. A gente volta no tempo. Agora, na questão da fé e da espiritualidade, quer dizer, Jesus Cristo é, ele não é um passado, nem futuro, ele é sempre o presente, mas aqui realmente a história, o passado, os costumes que a própria cidade busca manter ao longo dos anos. Então, realmente isso acontece, essa volta ao passado.

(5) Com certeza. É uma experiência muito viva.

(7) Toda hora a gente parece que está na época da história passada. Parece que a gente foge totalmente da atualidade. Nas cidades mineiras a gente relembra a história todinha, é tudo muito bonito. É uma coisa gostosa de ver, dá uma saudade.

(11) De volta ao século 18. A gente se sente muito perto à nossa própria história. A história do Brasil, a gente fica entendendo melhor.

(12) A gente sente vontade de viver aquela época, o passado, e pensando como que era, tudo, sabe, a gente volta ao passado, querendo reviver tudo que o povo antigo passou e viveu. Isso está muito vivo aqui.

No que se refere ao imaginário, nota-se nos enunciados o desejo e a sensação de retornarem ao passado, não apenas o passado da cidade de Mariana, mas a uma época que não volta mais, repleta de romantismo e um tanto quanto bucólica. Neste contexto, há que se considerar a possibilidade indicada por AOUN (2001, p. 116):

A idéia de paraíso perdido numa forma terrena e atraente ao alcance de todos (...) ressurgiu, assim, o turismo como um mago que, com poderes especiais, consegue promover o reencontro do indivíduo com o paraíso, e realiza, dessa forma, o antigo e acalentado desejo de voltar ao jardim do Éden, ao lugar da origem humana. O paraíso no universo do turismo não é mais um sonho impossível ou outra utopia fantástica, inventada no século XX.

O visitante procura unir o presente, o visível, ao que imagina que aconteceu anteriormente, e para isso espera encontrar edifícios preservados, celebrações que resgatam as tradições e que apresentam a possibilidade de se sentirem em outra época. Além disso, as pessoas, ao caminharem pelas ruas e serem brindadas por elementos tão vivos de um passado marcante, não visitam apenas igrejas e construções barrocas, mas buscam também compreender um pouco da história do próprio país e da sua própria identidade, num processo que representa um símbolo das suas raízes, testemunho arquitetônico e artístico de sua história.

O que se busca entre as igrejas, que valem mais como museus ou monumentos, é uma espécie rara e diversa de cultura que, como “eventos”, “lugar” ou “objeto”, acredita-se que tenham “preservado” os valores e os símbolos “de nossa história”. Uma cultura guardiã, portanto, de nossa própria identidade nacional (BRANDÃO, 1989, p. 44).

Neste discurso, portanto, visitar Mariana, durante as comemorações da Semana Santa, significa conhecer e vivenciar o passado histórico imaginário.

3.2.2. A Formação Discursiva FD-2

Entre os enunciados, alguns afirmam que a principal motivação para visitar Mariana, durante o período da Semana Santa, foi ligada à questão histórica e cultural, sem o objetivo de participar das celebrações religiosas.

Nesta Formação Discursiva, foram identificadas algumas famílias parafrásticas menores, grupos de enunciados que repetem uma mesma idéia. Essas famílias irão explicitar aspectos do funcionamento discursivo da FD-2.

É interessante observar que os enunciados recaem sobre a questão de recebimento do turista, expectativas, em geral, sem se deter demasiado sobre a Semana Santa, já que o interesse da visita, por se tratar da FD-2, é muito mais cultural do que religioso.

Família Parafrástica 01 – No discurso dominado pela FD-2, os visitantes não estão interessados em participar das celebrações da Semana Santa.

(4) Por ser uma cidade histórica, a gente achou que seria o melhor momento de conhecer a cidade. (...) Queremos conhecer as Igrejas, o artesanato, em geral a cidade, que é muito bonita.

(6) Nós passamos por aqui, aproveitando o feriado para conhecer a cidade.

(10) Escolhi para aproveitar o feriado que eu tive, consegui uma folga no meu trabalho e quis visitar as cidades históricas.

(13) Do ponto de vista devido a arquitetura, pontos históricos, do passado que envolve a gente de certa forma, no conhecimento que até então eu não tinha daqui.

Observa-se a preocupação com os aspectos culturais da cidade de Mariana, a história local (4), (10), (13), sua arquitetura, (13), o artesanato (4), a prática de lazer (6). Assim, apesar de estarem na cidade durante o evento da Semana Santa, os visitantes não se preocupam em participar dessa festividade:

(8) Não estamos aqui pela Semana Santa. Estávamos passando por acaso, estou indo a Belo Horizonte, e passei aqui para conhecer.

Sobre o desinteresse em participar da festividade, Brandão destaca uma percepção mais cultural de estar em uma cidade histórica durante o período da Semana Santa.

Ainda que em maioria católica, os turistas que chegam à cidade através de caravanas promovidas por empresas de turismo não vêm movidos por igual sentimento religioso. (...) Participar das comunidades rituais da Semana Santa em cidades históricas significa vivê-las como uma rara “experiência de cultura”. Dificilmente estarão imbuídos dos sentimentos de pesar e dor que a igreja codifica e prescreve para até o momento do anúncio da ressurreição de Cristo. Se para os devotos do lugar a festa vale como culto, e o sinal dele é a dor; para o turista o culto vale como uma festa, e o símbolo dele é a alegria da rara novidade. Aqui a religião significa “cultura” (BRANDÃO, 1989, p. 59).

Na FD-2, o principal interesse dos visitantes não está voltado para as comemorações da Semana Santa em Mariana.

Família Parafrástica 02 – No discurso dominado pela FD-2, os visitantes apresentam interesse em conhecer outros atrativos da cidade.

Diante do questionamento sobre a visita ou não a atrativos da cidade que não incluíssem as celebrações da Semana Santa, os enunciados indicam o desejo de conhecer os atrativos históricos e culturais:

(4) Queremos conhecer as Igrejas, o artesanato, em geral a cidade, que é muito bonita.

(9) A Mina de Passagem, de Ouro.

(10) Além da igreja, também veremos outra coisa, mas não sei ainda.

(13) A gente conheceu o Museu Casa dos Contos em Ouro Preto. Aqui, visitaremos as Igrejas.

(15) Já visitamos quase todas as Igrejas, a Mina da Passagem, hoje a gente vai a Ouro Preto, e amanhã a gente vê; vamos passando pelas ruas.

Apesar de uma parte desta população flutuante (turistas) se interessar em seguir as cerimônias religiosas, Brandão (1989, p. 59) afirma que alguns turistas optam por viver o lado cultural da Semana Santa, aproveitando o feriado para também conhecerem outros aspectos da cidade. Mesmo atraídos momentaneamente por esta ou aquela cerimônia religiosa mais visível, “preferirão criar e viver seus próprios ritos, que, indiferentes ao calendário, cabem tanto na Páscoa como em qualquer época do ano” (*op. cit.*, p. 59).

Assim, segundo o autor, tais turistas que visitam Mariana no período da Semana Santa o fariam também em outras épocas do ano, já que os atrativos que os interessam são ofertados na cidade ao longo dos meses, e não apenas na época da festividade. O fato de estarem na cidade nesse período se deve, muitas vezes, à incidência de feriados.

(6) Nós passamos por aqui, aproveitando o feriado para conhecer a cidade.

(10) Escolhi para aproveitar o feriado que eu tive, consegui uma folga no meu trabalho e quis visitar as cidades históricas.

Além da fé, fator que motiva alguns dos visitantes a conhecerem Mariana durante o período da Semana Santa, Dias (2003) acredita que é possível unir

motivações culturais. Então, podem ser considerados como elementos de motivação também o conhecimento histórico, cultural, patrimonial, artístico e também o natural, o que Maio (2006) classifica como sendo um caráter multifuncional do turismo religioso.

O discurso dos turistas, nessa Formação Discursiva, inclui, como motivação da viagem, o interesse por atrativos histórico-culturais da cidade.

Família Parafrástica 03 – No discurso dominado pela FD-2, a cidade oferece uma infra-estrutura turística deficiente.

Ao serem questionados sobre a infra-estrutura turística da cidade, foram obtidas as seguintes respostas.

(4) Penso que a Secretaria deveria dar mais informação turística, às vezes ficamos meio perdidos na cidade. O Posto de Informações Turísticas do centro da cidade estava fechado quando o fomos procurar, e notamos a falta de lixeiras no centro histórico.

(10) O que eu achei ruim de vir neste período de agora é porque devido a ser época de feriado, muitas lojas estão fechadas.

(13) Poderia haver mais restaurantes, mais opções de lazer também. Tem poucas opções. A gente foi almoçar ontem e a gente ficou meio perdido.

De acordo com os enunciados, a cidade é deficiente em alguns aspectos básicos, necessários ao desenvolvimento da atividade turística, tais como informação turística e serviços como lojas de artesanato, restaurantes, opções de lazer e divertimento.

Neste discurso dos turistas, a cidade de Mariana não possui infra-estrutura adequada e suficiente para atividade turística durante a Semana Santa, o que prejudica a estada do visitante e gera uma imagem negativa da cidade.

Família Parafrástica 04 – No discurso dominado pela FD-2, a expectativa sobre a cidade foi correspondida de forma positiva.

Quanto ao questionamento sobre a expectativa que tinham da cidade, os enunciados indicam um olhar positivo sobre a visita:

(8) Eu achei bem bonitinha, gostei da cidade. Queria muito conhecer, também porque a minha filha chama Mariana, então ela sempre me pedia para vir aqui.

(9) Me surpreendeu, achava que era bem menor. Eu já conhecia Ouro Preto, aí eu só ouvia falar de Mariana, com placas, não conhecia realmente. Mas agora a gente está tendo uma noção.

(10) Como já conhecia outras cidades, como eu falei, eu já fui a Tiradentes, Ouro Preto, e agora viemos conhecer Mariana. Como não tinha expectativas, estou gostando do que vejo.

(13) A expectativa foi superada. Mariana, por exemplo, eu não conhecia e superou muito a minha expectativa. É muito mais bonito do que eu imaginava que fosse.

(15) A expectativa foi superada, apesar de que penso que poderia estar mais conservada.

Neste discurso dos turistas, as expectativas sobre a cidade foram positivamente correspondidas.

Comparando-se com a família parafrástica anterior, que afirma que a cidade possui uma infra-estrutura deficiente, esta família demonstra que Mariana consegue, ao mesmo tempo, corresponder às expectativas dos turistas em termos culturais e religiosos, apesar de não oferecer condições satisfatórias para desfrutar o prazer desses bens culturais.

Família Parafrástica 05 – No discurso dominado pela FD-2, a população local recebe bem os visitantes.

No que se refere ao acolhimento por parte da população local, observam-se os seguintes enunciados:

(9) A população é muito acolhedora, a moça da pousada lá é fantástica, estamos na Pousada da Chácara, ela é muito legal, ela tem um cuidado, preparou um roteiro com

todas as atrações turísticas daqui. Sentimos muito acolhidos pela população.

(10) As pessoas são simpáticas, e nos deixam bastante à vontade.

(13) Muito bem. Todo mundo é muito hospitaleiro. Sempre que a gente vai a algum restaurante, tem alguém para indicar alguma coisa, o pessoal é bem receptivo.

(15) O mineiro, como um todo é muito acolhedor, muito educado, faz tudo para ajudar. É um povo muito acolhedor. Já tive em outros lugares, e não tô fazendo média. É um lugar diferenciado.

Neste discurso, a população de Mariana recebe bem os seus visitantes no período da Semana Santa e não vê problemas em compartilhar as comemorações dessa festividade com os visitantes. Esta relação é saudável, uma vez que através do turismo são compartilhadas experiências e ocorre o fortalecimento da alteridade.

A natureza religiosa desse tipo de turismo age de modo positivo, uma vez que misturando o compartilhamento da fé e do sentimento religioso com a boa acolhida ao turista, independente de a religião ser, ou não, a principal motivação da viagem.

Assim, nesse discurso dos turistas, a população local acolhe bem os visitantes.

3.3. Confrontos entre as Formações Discursivas dos turistas, FD-1 e FD-2, durante o período da Semana Santa em Mariana

De acordo com os enunciados, separados pelas famílias parafrásticas acima estudadas, é possível fazer algumas considerações sobre as Formações Discursivas dos turistas que visitaram a cidade de Mariana durante as comemorações da Semana Santa local.

A partir das famílias parafrásticas, foi possível notar a diferença entre os enunciados que compõem cada Formação Discursiva. Enquanto os enunciados da FD-1 afirmam que o interesse para a visita a Mariana durante o período da Semana

Santa teve motivação religiosa, os enunciados da FD-2 apontam para o interesse cultural, graças aos atrativos históricos que são oferecidos pela cidade.

A fim de simplificar a visualização dessas Formações Discursivas, foi elaborada a seguinte tabela, na qual se confrontam as principais idéias e posturas das Formações, são visualizadas através das suas Famílias Parafrásticas, que são abaixo chamadas FP.

FD 1	FD 2
F P 01 – A presença de sentimento religioso influenciou a escolha de Mariana, como destino turístico, durante a Semana Santa.	F P 01 – Os visitantes não estão interessados em participar das celebrações da Semana Santa.
F P 02 – Os visitantes, além da motivação religiosa dominante, desejam ainda conhecer a cidade e a região.	F P 02 – Os visitantes apresentam interesse em conhecer outros atrativos da cidade.
F P 03 – Participar da Semana Santa em Mariana oferece aos visitantes um status de refinamento cultural.	F P 03 – A cidade oferece uma infraestrutura turística deficiente.
F P 04 – A cidade de Mariana acolhe bem os visitantes durante as celebrações da Semana Santa.	F P 04 – A população local recebe bem os visitantes.
F P 05 – Ser turista em Mariana, durante as comemorações da Semana Santa, equivale a ser católico.	F P 05 – A expectativa sobre a cidade foi correspondida de forma positiva.
F P 06 – Ao longo da visita a Mariana durante a Semana Santa, é possível imaginar como era o evento nos séculos passados.	

Tabela 02: Comparação entre as Formações Discursivas dos turistas que visitaram Mariana, durante as comemorações da Semana Santa em 2007.

De acordo com essa tabela, construída a partir das Famílias Parafrásticas estudadas, nota-se que há em Mariana um perfil distinto no que se refere aos

visitantes que procuram a cidade no período da Semana Santa. Enquanto os enunciados da FD-1 remetem a uma participação e interesse nos/sobre os aspectos religiosos do evento, a FD-2 indica um interesse no que se refere à história e à cultura da cidade, não se preocupando com as comemorações da Semana Santa.

Também divergentes foram os interesses em conhecer outros atrativos que não estivessem relacionados à religião. Enquanto a FD-1 aponta para o interesse exclusivamente religioso, de participar das comemorações e conhecer os ritos da festividade, a FD-2 aponta os inúmeros atrativos que seriam conhecidos pelos turistas.

Em cada FD, é possível destacar o interesse em conhecer distintos aspectos da cidade e da região onde está inserida. Enquanto a FD-1 apresenta o interesse em conhecer as cidades ao redor de Mariana, onde pudessem da mesma maneira participar de outras Semanas Santas, a FD-2 se interessa em conhecer outros atrativos turísticos culturais da própria cidade, tais como museus e minas de ouro.

Um fator que foi considerado igual por ambas é sobre a receptividade da comunidade marianense em relação aos visitantes, já que foi confirmado que os moradores recebem bem os turistas, e não demonstram problemas em conviver com os visitantes.

De outra maneira, alguns aspectos foram levantados por cada FD separadamente. A FD-1 destaca a sensação de estar em épocas passadas ao visitar Mariana durante a Semana Santa, o que é possível através da participação na própria festividade, além do ambiente onde esta ocorre, que é composto pela arquitetura singular, além das ladeiras e ruas seculares. Esta FD avalia também que visitar a cidade de Mariana durante este período possibilita ao visitante alcançar um *status* cultural, a partir do momento em que se comenta com amigos e parentes sobre a viagem.

Por sua vez, a FD-2 afirma que a infra-estrutura turística da cidade é deficiente, uma vez que não atende totalmente às necessidades dos visitantes. Entretanto, apesar desta deficiência, esta FD avalia que a cidade correspondeu bem às expectativas que os visitantes tinham em relação à cidade.

Como visto, as Formações Discursivas indicam posicionamentos distintos sobre a relação da festividade da Semana Santa e seus visitantes e constituem

assim a Formação Ideológica do discurso dos turistas que visitaram Mariana durante o período da Semana Santa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo as análises realizadas nos capítulos anteriores sobre a relação dos moradores locais e dos turistas com as comemorações da Semana Santa em Mariana, podem ser apontadas algumas considerações, que de forma alguma representam o esgotamento desse objeto de estudo.

A pesquisa teve como limitações a ausência de dados estatísticos que identificassem o evento enquanto um atrativo turístico de grande expressão na realidade do município, além da ainda incipiente bibliografia sobre a festividade da Semana Santa enquanto patrimônio imaterial.

De acordo com tudo o que foi exposto no presente estudo, pode-se concluir que o turismo cultural e religioso possui um papel importante para a preservação e a utilização dos patrimônios imateriais (festividades, danças, artesanato, entre outros). Este tipo de turismo específico, que alia a cultura e a religião como motivadores de uma visitação turística, pode converter a utilização desses patrimônios em oportunidade para o fortalecimento de demandas turísticas específicas. Uma vez concebido de forma responsável e comprometida, o turismo poderá atuar enquanto um elo de comunicação entre as pessoas, favorecendo a diversidade cultural.

Entretanto, para que isso ocorra, é preciso considerar a necessidade de ações de planejamento, que englobem toda a atividade turística local. Isto é possível a partir da identificação, salvaguarda, conservação, difusão e a proteção dos patrimônios imateriais, conforme ações sugeridas pela Unesco na sua XXV Conferência em Paris (SANT'ANNA, 2003, p. 50).

A história e o desenvolvimento do patrimônio cultural brasileiro constituem uma narrativa sobre a construção do próprio Brasil, visto que nele estão as marcas dos atores e dos sentimentos passados e presentes. De forma análoga, por sua vez, o patrimônio imaterial conta e rememora, em suas celebrações, um pouco da história de Mariana, a partir da união de seus antigos costumes, ainda preservados, com os novos elementos que vão sendo, aos poucos, incluídos na dinâmica do evento.

Nesta perspectiva, destaca-se a importância dos estudos, pesquisas, referências e classificações para a compreensão desse universo, gerando-se assim

um acúmulo de conhecimentos que auxiliem a manutenção e a preservação das manifestações imateriais.

As comemorações da Semana Santa se constituem através de um momento em que se celebra a própria memória coletiva da cidade de Mariana, funcionando como um documento histórico e cultural vivo, além de ser um instrumento de reconhecimento, de reinvenção, de trocas e de consciência cívica, lugar simbólico da comunidade.

No que se refere ao discurso dos moradores locais, a Formação Ideológica diz respeito aos sentimentos destes em relação às alterações que vêm ocorrendo nas comemorações da Semana Santa, ao longo dos anos. A partir dos enunciados estudados, a FD-1 acredita que as mudanças atuam de forma negativa na dinâmica e manutenção da festividade, enquanto a FD-2 opina que tais mudanças atuam de forma positiva.

Já no que se refere ao discurso dos turistas que estavam em Mariana durante o período da Semana Santa, a Formação Ideológica diz respeito às motivações que levaram estes visitantes a se deslocarem a Mariana, nesta época do ano. Enquanto a FD-1 aponta motivações religiosas para o deslocamento, a FD-2 apresenta motivações culturais, de lazer e descanso.

As análises que foram realizadas, a partir dessas Formações Discursivas, permitiram observar aspectos das comemorações da Semana Santa, tanto em seu caráter de patrimônio imaterial, quanto em seu caráter turístico.

Elemento de destaque na manutenção e proteção da identidade e da memória coletiva de Mariana, as comemorações da Semana Santa estão inseridas em um processo sócio-cultural, cada vez mais heterogêneo, sem, contudo, perder a sua capacidade de ser referência da memória coletiva e da identidade local. Assim, enquanto patrimônio cultural imaterial da cidade de Mariana, o evento oferece sentido de pertença aos seus moradores, diferenciando a cidade de outros lugares, além de fortalecer a auto-estima da comunidade. Por outro lado, essas comemorações, juntamente com outros aspectos do seu patrimônio cultural, transformaram a cidade num destino turístico.

4.1. As comemorações da Semana Santa, enquanto patrimônio imaterial

No que tange à porção patrimonial da Semana Santa, a análise mostrou a necessidade de mais cuidados do poder público em sua preservação. Este assunto é atual, e merece estudos, uma vez que as políticas públicas voltadas para o patrimônio cultural são objeto de debates e discussões repletas de controvérsias.

É importante assinalar que nos situamos num plano distinto das discussões de ordem normativa e programática sobre o patrimônio. Não podemos responder qual a melhor opção em termos de políticas de patrimônio. Mas, apontando para a dimensão universal dessa noção, talvez possamos iluminar as razões pelas quais os indivíduos e os grupos, em diferentes culturas, continuem a usá-la. Mais do que um sinal diacrítico a diferenciar nações, grupos étnicos e outras coletividades, a categoria patrimônio, em suas variadas representações, parece confundir-se com as diversas formas de autoconsciência cultural. Ao que parece, estamos diante de um problema bem mais complexo do que sugerem os debates políticos e ideológicos sobre o tema do patrimônio (GONÇALVES, 2003, p. 28-29).

Quanto às comemorações da Semana Santa, patrimônio imaterial da cidade de Mariana, foi possível observar a sua representatividade e valor dentro desta comunidade. Tais comemorações fortalecem a identidade da população local e contribuem para a manutenção e preservação do evento ao longo dos anos.

Sobre as alterações que ocorreram ao longo dos anos, duas posturas foram identificadas nos discursos dos moradores: enquanto alguns consideram que estas foram prejudiciais, outros as consideram saudáveis e necessárias.

Assim, o discurso dominado pela FD-1 preocupa-se em manter rigidamente as tradições, através da manutenção de horários das celebrações, dos itinerários das procissões, com a preservação de determinados costumes. Já o discurso dominado pela FD-2 vê no dinamismo e na mudança a oportunidade de manter a Semana Santa mais próxima da população atual, atingindo um maior número de fiéis, sem perder, entretanto, o sentido da religiosidade, que dá vida ao evento.

Além do suposto aumento da participação da população local, a FD-2 ainda destaca outros elementos positivos que foram sendo acrescentados à festividade ao longo dos anos, tais como a substituição do latim em algumas celebrações e a maior participação de fiéis em Conselhos da Igreja, que parece valorizar ainda mais a participação da comunidade local nos preparativos e realização do evento.

Dentro desta discussão, uma forma positiva de lidar com a diversidade de pensamentos entre os moradores seria fomentar o diálogo, através de Conselhos e Associações, dentro da própria Igreja ou organizados pela Prefeitura.

Quanto à questão patrimonial, as Formações Discursivas irão se contrapor, uma vez que a FD-1 acredita que a Semana Santa, enquanto patrimônio imaterial, não está preservada adequadamente; por sua vez, a FD-2 afirma que o evento está sendo preservado. Ambas, porém, julgam necessárias ações contínuas de preservação dessa manifestação cultural, atribuindo maior responsabilidade à Igreja e à Prefeitura, bem como também à população local.

Sugere-se que os aspectos históricos nas comemorações sejam mais valorizados, especialmente por parte da Prefeitura. Como o interesse histórico é uma das motivações do deslocamento dos turistas a Mariana, talvez se possa promover o desfile de personagens, com trajes de época, durante as comemorações.

Outro aspecto importante é a manutenção das amêndoas, que são oferecidas pelos anjos aos fiéis, durante as procissões. Esta oferta se tornou uma importante característica da cidade, mas, ultimamente, conforme visto nos enunciados, não recebe apoio financeiro suficiente, chegando mesmo a deixar de ocorrer em algumas celebrações.

Importante também destacar que a participação dos moradores nas festividades da Semana Santa se torna um elemento essencial para a sua manutenção. Enquanto a FD-1 argumenta que os moradores participam menos das festividades, a FD-2 afirma que atualmente os fiéis têm participado em maior quantidade das comemorações, em especial no que se refere à população mais jovem. Tanto a Igreja quanto os organizadores do evento em geral, incluindo moradores, fiéis, órgãos públicos e empresários, devem buscar uma maior cobertura jornalística, maior distribuição de cartazes e folhetos informativos, além de promoverem uma campanha educativa que conscientize os moradores sobre a

importância das comemorações da Semana Santa para identidade cultural e para o desenvolvimento do turismo.

As Formações Discursivas analisadas concordam em que as comemorações da Semana Santa são marcadas por sentimentos de tradição e memória dentro da sociedade local, justificando a necessidade da sua preservação.

4.2. O discurso da Semana Santa em Mariana enquanto atrativo turístico

Através das análises dos discursos realizadas, foi possível apreender a forte potencialidade turística das comemorações da Semana Santa. No discurso dos turistas, Mariana é vista como uma cidade religiosa, secular e provida de extensa bagagem histórica e cultural que a caracteriza e a diferencia de outros destinos turísticos.

O discurso de moradores e de visitantes levantou questões positivas sobre a interferência da atividade turística nas comemorações. Segundo eles, as festividades não compõem um espetáculo artificial, um simples produto para o turista ver. Ao contrário, a atividade, conforme foi analisada, possibilita uma troca cultural entre moradores e visitantes, com o fortalecimento da auto-estima da população local. Além disso, o turismo pode ajudar na manutenção do evento, custeando vestimentas e outros insumos necessários.

Essa constatação, porém, não impede que o turismo deva ser visto como um elemento secundário na dinâmica do evento, ou seja, que a atividade turística não seja valorizada em prejuízo das necessidades dos moradores locais. O turismo poderá, sim, ser um elemento positivo nesta festividade, mas desde que respeite a dinâmica do próprio evento, dentro do contexto social onde está inserido.

A partir de cada Família Parafrástica analisada, é possível apontar ações que visam o desenvolvimento da atividade turística na cidade, principalmente no que se refere às comemorações da Semana Santa, principal atrativo turístico da cidade. Por exemplo, uma vez que o discurso dos turistas aponta diferentes motivações para o deslocamento a Mariana, é preciso atender às expectativas dessas demandas, no que diz respeito ao funcionamento de museus, exposições, comércio de artesanatos e apresentação de grupos folclóricos, além de outras.

No que se refere à motivação por visitar Mariana durante a Semana Santa, notou-se que, enquanto os enunciados da FD-1 remetem, principalmente, a um interesse religioso, a FD-2 se interessa mais pela história, cultura popular, e arquitetura colonial. A partir dessa constatação, é preciso que visitantes tenham a seu dispor uma satisfatória oferta hoteleira, recebam informações turísticas diversificadas e possam contar com outros serviços, tais como o comércio de artesanato de qualidade, visitas monitoradas a museus, peças de teatro temáticas e outros espetáculos, durante o período da Semana Santa.

Para lidar com essas necessidades, a Prefeitura pode incrementar a visitação a museus e lugares históricos, como principais praças, ruas e alguns edifícios, com guias especializados da própria comunidade. Também podem ser organizados eventos culturais, ligados a interesses históricos e arquitetônicos, como exposições especiais e apresentações de espetáculos que destaquem a singularidade da cultura local. Além disso, os empresários podem oferecer restaurantes com pratos coloniais que resgatem a história gastronômica local. Da mesma forma, as pousadas podem apresentar móveis e decoração no estilo colonial, unindo a história e a religiosidade, as duas principais motivações para o turismo em Mariana.

Por sua vez, a Igreja pode oferecer aos turistas religiosos outros tipos de eventos como apresentações de música sacra barroca, exposições de arte religiosa, retiros espirituais, a missa em latim, conforme o ritual seguido durante o Brasil colônia, com a participação de figurantes em trajes de época, além das outras ofertas culturais supracitadas.

Além de toda recepção estilizada, é necessária e urgente uma pesquisa específica quantitativa sobre os turistas com motivações religiosas e não-religiosas, para que se possam obter dados e informações que possibilitem o desenvolvimento de uma atividade turística planejada, bem estruturada, visando aproveitar todo o potencial que a cidade tem a oferecer.

Um fator que foi considerado equivalente por ambas as FDs dos turistas é a receptividade da comunidade marianense em relação aos visitantes. Os turistas dizem ter sido bem recebidos pela população local que com eles compartilham a participação nas comemorações religiosas. Assim, no discurso dos moradores, as duas FDs concordam sobre a boa influência da atividade turística na festividade.

Sugere-se a Prefeitura local, em conjunto com outros órgãos e associações, aproveitem esse fato e criem cursos especiais que ensinem a população a receber melhor o turista, para otimizar ainda mais esta relação, o que pode começar na rede escolar e se estender a cursos especiais para guias, comerciantes e funcionários. Dessa forma, a atividade turística será capaz de gerar um número maior de benefícios à comunidade local.

Os cursos podem também fortalecer uma visão crítica da própria atividade turística e favorecer a manutenção do patrimônio com a ajuda do turismo, atingindo o que Barreto (2000, p. 24) considera essencial, ao afirmar que "a idéia não é manter o patrimônio para lucrar com ele, mas lucrar com ele para conseguir mantê-lo". Para Yázigi (2002, p.109), "o patrimônio não deve ser visto apenas como um recurso econômico turístico", e sim é preciso enaltecê-lo para então enaltecer a própria cultura do lugar.

A cidade precisa diminuir alguns aspectos negativos que foram apontados na pesquisa, tais como a deficiente infra-estrutura turística e a falta de informações. A qualidade e o profissionalismo na recepção desses visitantes implicam oferta de informações turísticas e históricas, além da melhoria na prestação de serviços como alimentação, compras e hospedagem. Atualmente, nota-se na cidade um grande investimento em questões de sinalização turística, criação de postos de informação com mão-de-obra especializada. Espera-se que as recomendações aqui apresentadas contribuam para esse esforço de aperfeiçoamento da atividade turística em Mariana, que pode se firmar como um destino turístico de qualidade, capaz de atrair um número cada vez maior de visitantes nacionais e estrangeiros.

Um outro fator a ser considerado é a demanda turística por outras cidades ao redor de Mariana, conforme visto na FD-1. Atuar de forma conjunta com as cidades vizinhas, através de roteiros turísticos, através de ações de planejamento que dêem visibilidade não apenas a uma cidade, mas também a seu contorno é muito importante. Durante a pesquisa foi possível perceber que um visitante não se desloca do Rio de Janeiro, por exemplo, para conhecer apenas a cidade de Mariana, mas também cidades vizinhas, que apresentem atrativos turísticos semelhantes. Nesse caso, a competição entre as cidades deve dar lugar à união, já que o ato de "dividir" o turista significa que ele vai ficar mais tempo na região, de acordo com as particularidades de cada cidade e gerar um número maior de renda para as cidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente. **Turismo**: Fundamentos e dimensões. 6ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ALFONSO, María José Pastor. **El patrimonio cultural como opción turística**. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, Outubro de 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Desafios e possibilidades de planejar o turismo cultural. In: SEABRA, Giovanni. **Turismo de base local**: identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.

AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

ARRILLAGA, José Ignacio. **Introdução ao Estudo do Turismo**. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Estácio de Sá, 1976.

AVILA, Marco Aurélio. **Política e planejamento em cultura e turismo**: Reflexões, Conceitos e Sustentabilidade. Ilhéus, UESC: 2006.

AZEVEDO, Julia. Enraização de Propostas Turísticas. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org). **Turismo e desenvolvimento local**. 3ª Edição. Editora São Paulo: Hucitec, 1997.

AZIRPE, Lourdes e NALDA, Enrique. Cultura, patrimônio e turismo. In: CANCLINI, Néstor García. **Culturas da Íbero - América**: Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento. São Paulo: Moderna, 2003.

BANDUCCI, Álvaro Jr. **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

_____. **Turismo Cultural e patrimônio**: a memória pantaneira no curso do Rio Paraguai. Revista Horizontes Antropológicos, ano 09, n. 20. Porto Alegre: 2003.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **O despertar do turismo**: uma visão crítica dos não lugares. São Paulo: Aleph, 2001.

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do Planejamento. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

_____. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. 4ª Edição. Campinas: Papyrus, 2003.

BATISTA, Cláudio Magalhães. **Memória e Identidade**: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. Caderno Virtual de Turismo, 2006.

BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. 6ª Edição. São Paulo: Senac, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Helena H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4ª ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. **Gêneros do discurso na escola**. Mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

BRASIL. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. Patrimônio e turismo, uma longa relação: história, discurso e práticas. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer e turismo**. Maio de 2005. Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=33>. Acesso em: Jun/2007.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANINNI JR, Oswaldo. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG). **Revista Horizontes Antropológicos**, volume 9, número 20. Porto Alegre, Outubro de 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832003000200012&script=sci_arttext. Acesso em: Jan/2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **O Patrimônio Cultural e a construção imaginária nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, nº 23, p. 94-115, 1990.

_____. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 3ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Análise do discurso no ensino do português**. Mimeografado, sem data.

CARSALADE, F. L. **Patrimônio Histórico**. Sustentabilidade e Sustentação. Campinas, 2001.

COOPER, Chris. **Turismo, princípios e prática**. Chris Cooper, Jonh Fletcher, Stephen Wanhill, David Gilbert e Rebecca Shepherd; trad. Roberto Cataldo Costa – 2ª Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Epistemologia da análise do discurso no turismo. **Caderno Virtual de Turismo**. Volume 5, nº 02, 2005. Disponível em: www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/include/getdoc.php?id=260&article=88&mode=pdf – Acesso em: Ago/2006.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. Mudanças no paradigma preservacionista clássico: reflexões sobre patrimônio cultural e memória étnica. **Comunidade Virtual de Antropologia**. Disponível em: <<http://www.sociologia.com.br/arti/colab/a2-acorrea.pdf>>. Acesso em: Nov/2007.

CRISTOFOLI, A. Humanismo latino e turismo religioso no Brasil. Disponível em: <<http://www.santoagostinho.edu.br/Biblio/teses/98.pdf>> Acesso em: Ago/2007.

DECCA, Edgar Salvadori de. Memória e Cidadania. In: **O Direito à Memória; Patrimônio Histórico e Cidadania**. CUNHA, M. C. P. (org.) São Paulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

_____; SILVEIRA, E.J.S. **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. USP, 1999. In: ANGELO, Elis Regina Barbosa. A festa do Divino: Espaço de Sociabilidade, Religiosidade e Lazer. **Revista Eletrônica Patrimônio: lazer e turismo**, Abril de 2007. Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=106> Acesso em: Out/2007.

FERNANDES, P.I & COELHO, F.M/a. **Economia do Turismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

_____/b. **Olhares contemporâneos do turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FONSECA, Maria Mascarenhas da. Turismo Histórico-Cultural em Ouro Preto: Sentidos simbólicos e configurações de identidades no século XX. In: LAHL, Miguel. **Turismo: Enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003.

FREIRE, Doia; PEREIRA, Lígia Leite. História oral, memória e turismo cultural. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício de olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FUNARI, Pedro Paulo e PALEGRINI, Sandra de Cassia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

FUSTER, Luiz F. **Teoría y técnica del turismo**. 2.vol. Madri: Nacional, 1975.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagem e imaginários**. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GETS, Donald. O evento turístico e o dilema da autenticidade. In: THEOBALD, Willian F. (Org.). **Turismo Global**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Senac, 2002.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. **Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais**: O problema dos patrimônios culturais. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p. 264-275.

_____. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (orgs). **Memória e patrimônio, ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

GRAMMONT, Anna Maria de. **A construção do conceito de Patrimônio Histórico**: restauração e cartas patrimoniais. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural - PASOS. Vol. 4. 2006.

GUATARRI, Felix. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALBWACHS Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon. São Paulo: Vértice, 1990.

HANAUER, Jeane Maria. Sexo seguro/voto seguro: a questão do sentido. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

ICOMOS. Carta de Turismo Cultural - 1976. **Iphan**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=248>>. Acesso em: Nov/06.

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais **IEPHA**. Disponível em: < http://www.iepha.mg.gov.br/sobre_cultura.htm> Acesso em: Out/06.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1998.

IPHAN. **O registro do patrimônio imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura, 2000.

KUPER, Adam. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Bauru, SP: Edusc, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMOS, Amália Inês G de. **Turismo: Impactos Socioambientais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

LICKORISH, Leonard J. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LONDRES, Maria Cecília. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: EFRJ/IPHAN, 1997.

LUCAS, S. **Turismo Cultural**. Apostila para a oficina de Turismo e Patrimônio Cultural. Mestrado em Cultura e Turismo, UESC, 2003.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e psicanálise**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira, Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MARSHALL, Francisco. Patrimônio Imaterial – conceitos e epistemologias. **Revista Museu**. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=3960>>. Acesso em: Maio/2007.

MOESH, M. M. **A produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOURA, Antônio de Pádua. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

NORRILD, Juana A, SCHLUTER, Regina. **Turismo y patrimonio em el siglo XXI**. Buenos Aires: Ed. Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos, 2002.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Ana Gita. Salva-guarda do patrimônio cultural: bases para constituição de direitos. **Boletim do Observatório da Diversidade Cultural**. Puc Minas São Gabriel, nº 05, junho de 2007. Disponível em: <http://www.saogabriel.pucminas.br/csociais/diversidadecultural/boletim/boletimodcajunho.htm>>. Acesso em: Nov/2007.

Organización Mundial del Turismo – OMT. **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais**. Brasília, DF: MICT – SETS, Embratur, 1994.

_____. **Introducción al turismo.** Madrid, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento.** As formas do discurso. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. **Discurso e leitura.** 4ª ed. São Paulo: Cortez; Unicamp, 1999.

_____. **Análise de discurso.** Princípios & Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **A língua brasileira.** Ciência e Cultura, São Paulo, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional.** 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PECHÊUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 2ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1993.

PETROCCHI, Mario. **Turismo:** planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1989.

_____. **Memória e Identidade social,** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5. n. 10., 1992.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Geografia:** reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Território, patrimônio e turismo com base local – uma relação inequívoca. In: SEABRA, Giovanni. **Turismo de base local:** identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo, PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da História oral**. Na segunda metade dos anos cinquenta. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, (s.d.).

SAHLINS, Marshall. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica**: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. Rio de Janeiro: Mana, v.3, n.1, 1997.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e patrimônio, ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SANTIAGO, Pe Marcelo Moreira (org.). **Igreja de Mariana: 261 anos de história, 100 anos como diocese 1906-2006**. Mariana: Editora Dom Viçoso, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. **A insustentável leveza do patrimônio cultural**: memória e marketing. Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer e Turismo, Junho de 2006.

SILBERBERG, T. Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. In: PIRES, Mario Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. Barueri, SP: Editora Manole, 2002.

SILVEIRA, Emerson J. S. Turismo religioso popular? Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. **Revista de Antropologia Experimental**, nº 04, 2004. Disponível em: <www.ujaen.es/huesped/rae> . Acesso em: Jul/2006.

SIQUEIRA, Deis. Turismo e religiosidade em Brasília. In: **Cultura do turismo**: desafios e práticas socioambientais. Brasília: Thesaurus, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável**: turismo cultural, ecoturismo e ética. Volume 5. São Paulo: Aleph, 2000.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

URRY, J. **The tourist Gaze**: Leisure and Travel in Contemporary Societies. London: Sage, 1990

VASCONCELLOS, Salomão de. **Breviário Histórico e Turístico da cidade de Mariana**, Biblioteca Mineira de Cultura, Vol. XVII 1947.

VILLA, Aurora. **El Turismo cultural o la mercantilización de la cultura**. 1^{ER} Congreso Internacional de Turismo Cultural. Disponível em: www.naya.org.ar/turismo_cultural/congreso/ponencias/aurora_daniel.htm. Acesso em: Out/06.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução de Luís Filipe Sarmiento. Edusc, 2000.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo**: uma esperança condicional. 2^a Ed. São Paulo: Global, 1999.

_____. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia da. **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. 3^a Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BOULLON, Roberto. **Las actividades turísticas y recreacionales**: el hombre como protagonista. 3^a ed. Cidade do México: Trillas Turismo, 1990.

BRASIL. **Inventário da Oferta Turística**: estratégia de gestão. Brasília: Ministério do Turismo, 2004.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Análise do discurso no ensino do português**. Mimeografado, sem data.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CLAVAL, P. L'ê Thème de la Religion dans l'ês Études Géographiques. *Geographie et Cultures*. Paris, n. 2, 1992. In: ROSENDAHL, Zeny. *Culture, turismo e identidade*. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. **Teorias e políticas da cultura**: visões multidisciplinares. Salvador: Edufba, 2007.

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo** : fenomeno social. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2^a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 5^a Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Judith. **Dicionário de Artistas dos séculos XVIII e XIX, em Minas Gerais**. SPHAN, Arquivo e Documentação. MEC: Rio de Janeiro, 1974.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de e VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**. O prazer de conhecer. Fortaleza, Ce: Demócrito Rocha (UECE), 2001.

MIDDLETON, Victor T. C. **Marketing de Turismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SANTOS, Roselys; SILVA, Renata; CRISTOFOLINI, Duane. Transformações sócio-culturais decorrentes do turismo religiosos em Nova Trento – SC. In: TREVIZAN, Salvador. **Comunidades sustentáveis: a partir do turismo com base local**. Ilhéus: Editus, 2006.

SCHLÜTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

TRIBE, John. **The Indiscipline of Tourism**. Annals of Tourism Research. Vol. 24, nº 3, 1997. p. 638-657.

Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial - UNESCO. Paris, 2003. Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonioimaterial/index_html/mostra_documento . Acesso em: Jun/2007.

APÊNDICE A - Questionário para os turistas

1. Por que escolheu vir a Mariana no período da Semana Santa?
2. Como obteve informações sobre Mariana?
3. Que imagem você tinha de Mariana antes da viagem? Esta imagem foi confirmada ou não? Por quê?
4. Visitar Mariana, durante a Semana santa, traz algum status de refinamento cultural?
5. Você é católico, ou veio motivado pela religião católica?
6. Você gostaria de conversar com moradores locais sobre os significados da festa da Semana Santa em Mariana?
7. Você se sentiu acolhido pela população no momento em que participava junto dela das cerimônias religiosas da Semana Santa?
8. Em algum momento foi possível sentir como era a Semana Santa nos períodos históricos de séculos passados? Como foi esta experiência?
9. Qual atrativo visitou ou irá visitar em Mariana?
10. Você recomendaria a outras pessoas virem conhecer Mariana? Por quê?
11. Você pretende retornar a Mariana? Teria alguma sugestão?

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas com os turistas

Entrevistado 01

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

1-Todo o ano a gente vai a algum lugar, no ano passado nós estivemos aqui, mas não foi. Nós não conseguimos localizar a Igreja. Paramos em Ouro Preto, aí em Ouro Preto, já era Sexta-Feira da Paixão, e não tinha programação, ninguém soube me informar. Aí ficamos lá até umas cinco horas e fomos embora. Esse ano, resolvemos vir aqui, chegamos mais cedo, procuramos saber onde seriam as solenidades, e com isso nós ficamos até agora.

Vocês participam durante toda a Semana Santa?

1-Toda a Semana Santa.

Como vocês obtiveram informações sobre este evento? Por internet, ou por amigos?

1-A gente sabe que Minas Gerais tem as melhores Semanas Santas, então a gente procurou algum local perto de Belo Horizonte, ou assim mais afastado. Amanhã, nós não sabemos se viremos pra cá ou pra outro lugar.

Vocês estão hospedados aqui em Mariana?

1-Não, nós vamos embora agora pra BH.

Qual imagem vocês tinham de Mariana antes de virem aqui? Esta imagem foi confirmada ou não?

1-Foi. Até que a primeira vez que nós viemos, ano passado eu achei estranho que não conseguimos localizar o centro histórico, fiquei meio perdido. Agora, esse ano a gente viu direitinho no local certo.

E a expectativa?

1-Ótima. Muito boa, adorei. O centro histórico é muito bonito.

Em sua opinião as informações turísticas melhoraram, ou desta vez vocês vieram com maior número de informações?

1-Eu achei que a informação é um pouco fraca, porque não há nada que informe que vai ter alguma coisa, alguma solenidade, nada. A gente teve que ficar perguntando. Não só informação desse tipo, mas também no sentido de ir embora. Eu não sei como que eu saio daqui. Vou perguntar ao guarda como que eu faço pra ir embora. Mas isso não é uma coisa só de Mariana, qualquer cidade possui essa deficiência. Então as informações de localização são fracas, não de informações sobre o ato litúrgico em si, estes são bem difundidos.

Quais meios de comunicação foram utilizados para obtenção de informações sobre o evento?

1-Internet, jornal impresso e televisivo.

Vocês acham que visitar Mariana, durante a Semana Santa, traz um refinamento cultural? Falar com amigos que participou do evento? Ou é mais uma questão religiosa?

1-Eu acho que é mais uma questão religiosa. No nosso caso, como a gente já veio aqui, nessa região, faz crescer. Mas é mais pra participar pelo lado religioso mesmo.

Participar das celebrações os faz sentir um tipo de sentimento religioso?

1-Sim, sentimos mais aproximação com Cristo, com Deus. Porque na cidade grande, não tem isso. Pode ser até que tenha, mas a gente fica mais tranquilo aqui, numa cidade menor.

Durante a visita vocês conversaram com alguns moradores sobre o evento da Semana Santa, ou simplesmente participaram sem conversar com ninguém?

1-Durante a espera, quando nós chegamos aqui bem cedo, a gente estava sentado e o pessoal ia chegando e fomos puxando uma conversa. Então trocamos informações, por exemplo, no ano passado aconteceu a mesma coisa da chuva, e tiveram que fazer o evento dentro da Igreja.

Vocês acham interessante, como vocês fizeram, chegar e ter alguma estrutura pras pessoas conversarem sobre a importância da Semana Santa com os moradores?

1-Eu acho. Por exemplo, eu não sabia, e hoje ficamos sabendo que há o Centro Turístico, ai embaixo. Mas não sabíamos, não tínhamos informação sobre o local. Nós tivemos que consultar um guarda de trânsito, que foi o nosso guia. Ficamos meio perdidos, ainda mais que chegamos pela noite, então ficou mais difícil.

Vocês se sentiram acolhidos pela população?

1-Sim, muito bem. Eles dividiram o momento conosco, até na hora da chuva ali, elas dividiam a sombrinha com a gente.

Como vocês perceberam a participação da população na dinâmica do evento?

1-Ano passado eu achava que tinha mais gente, imaginei que este lado estaria totalmente tomado. Talvez a gente volte amanhã, porque ano passado na sexta-feira nós estivemos aqui, mas não conseguimos localizar nada devido à falta de informação. Então nós fomos à Amarantina, distrito de Ouro Preto, e lá assistimos a solenidade da Sexta-Feira da Paixão.

Em algum momento vocês tiveram a sensação de estarem no século passado?

1-Ah, claro. Nós andamos a pé, principalmente nesta caminhada que nós fizemos aqui neste centro, com este chão, estas pedras, nos lembra muito. A grande vantagem que há é que não tem asfalto. Eu adorei aqui, muito gostoso.

Tiveram a oportunidade de conhecer outros atrativos?

1-Não, porque chegamos a pouco e já vamos embora. Mas estamos pensando em voltar amanhã, ou ir a Congonhas, que falam que lá está uma beleza também.

Você recomendaria a outras pessoas conhecerem o evento?

1-Claro, com certeza. Queria ter chamado a minha irmã pra vir com a gente.

Entrevistado 02

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

2-Já é o terceiro ano que viemos, por causa da religiosidade, das cerimônias.

Como obteve informações sobre o evento?

2-As informações que eu tenho da cidade foram adquiridas ao longo dos anos que participo da festividade.

Onde ficam hospedados?

2-Ficamos em hotéis e pousadas.

Qual imagem vocês tinham de Mariana antes de conhecê-la? Essa imagem se confirma ao longo dos anos ou não?

2-Se confirma sim. Uma imagem de uma boa cidade, muito tranquila, muito boa.

Vocês tiveram a oportunidade de conhecer o evento em outras cidades?

2-Sim. Nós já fomos a Ouro Preto, Congonhas, mas sempre participamos mais aqui, sendo o nosso terceiro ano consecutivo.

Você conversa sobre o evento da Semana Santa com a população local?

2-Conversamos e obtemos informações através de folhetos, anúncios. A gente até participa de um evento que tem na sexta-feira, chamado A procissão das almas. Participamos diretamente do evento.

Visitar Mariana, durante a Semana Santa, traz algum refinamento cultural, algum status?

2-Sim, com certeza, conversar com amigos e parentes sobre o evento é algo interessante.

Vocês são católicos?

2-Sim. Aproveitamos além da cultura, exercitar também a nossa religião. Além disso, há a história, o respeito pelas tradições.

Durante a visita vocês aproveitam para conhecer outros atrativos da cidade?

2-Visitamos Igrejas, corais, minas da região.

Você se sente acolhido pela população durante o evento?

2-O povo é bastante cativante, muito legal.

Como você percebe a participação da população durante o evento? Sente que este pertence à população, ou mais um atrativo turístico?

2-O evento pertence à comunidade, mas penso que a participação é pequena ainda, poderia ser maior. Acho que já houve uma participação maior. Pela cidade, sua história, a participação poderia ser maior.

Você sente como era a Semana Santa nos séculos passados, pela questão histórica?

2-Sim, retrata bem a história passada. Imagino durante a caminhada.

Você recomendaria a amigos e parentes conhecerem o evento?

2-Com certeza, e já o faço. Voltaremos no próximo ano, se Deus quiser.

Entrevistado 03

Por que escolheram conhecer Mariana no período da Semana Santa?

3-Na verdade nós estamos conhecendo a região, aliado à questão da espiritualidade do interior, aqui é bem diferente, a questão das tradições, e eu acho que aprofunda bastante e eu acho que a gente tem que resgatar essas procissões. De repente, até levar pras capitais.

Como vocês obtiveram informações sobre Mariana?

3-Por morarmos perto, Belo Horizonte está muito próximo, e por eu buscar esta espiritualidade, a gente sabe que isso ocorre, às vezes através mesmo da televisão, a gente acha interessante sair da capital e buscar esses costumes do interior, das procissões, das devoções todas.

Vocês sentem que participar da Semana Santa em Mariana oferece um tipo de refinamento cultural, ou status?

3-Particularmente a gente não busca status, mas como todos sabemos que a Semana Santa no interior é vivida com mais intensidade, isso todos sabem, e você vir pro interior desperta nos outros uma certa curiosidade, sobre como foi, foi de que, o que você viu.

Viver a Semana Santa em Mariana traz o sentimento de volta ao passado, como se pudessem sentir como eram as festividades dos séculos anteriores?

3-Na verdade, a gente numa cidade como Mariana a gente revive o passado todos os minutos. A gente volta no tempo. Agora, na questão da fé e da espiritualidade, quer dizer, Jesus Cristo é, ele não é um passado, nem futuro, ele é sempre o presente, mas aqui realmente a história, o passado, os costumes que a própria cidade busca manter ao longo dos anos. Então, realmente isso acontece, essa volta ao passado.

Em relação à população, vocês se sentiram bem acolhidos, quando eles dividem esse momento importante com vocês que vêm de fora?

3-Com certeza. Ninguém nos pressiona a participar de nada, o pessoal te acolhe muito bem, deixa você à vontade. A acolhida é muito boa.

E quanto à dinâmica dessas pessoas no evento, como vocês observaram o comportamento das pessoas? Participam diretamente do evento?

3-Com certeza. Existem os turistas, pessoas também estrangeiras, quando a gente percebe às vezes uma curiosidade, talvez não a fé propriamente dita. Mas eu percebo que em relação ao povo da cidade em si e mesmo em alguns que não são estrangeiros existe aquela fé, aquela devoção verdadeira.

Além das procissões e celebrações, vocês estão aproveitando a visita pra conhecer outros atrativos do local?

3-Não. Nós estamos na verdade aproveitando essa espiritualidade para participar desse clima, nos envolvendo nesse clima, e também descansando. Observando o ambiente, a paisagem, o que é muito gostoso. Na verdade, pela proximidade com Belo Horizonte faz com que a gente sempre esteja por aqui, em outras oportunidades para conhecer a região, mas agora o momento é mais para descansar e a Semana Santa propositadamente uniu o útil ao agradável, ao propiciar o descanso juntamente com toda a espiritualidade que a cidade oferece.

Vocês recomendariam a amigos e parentes conhecerem o evento da Semana Santa de Mariana?

3-Com certeza. Não apenas Mariana, mas também Ouro Preto, Tiradentes, enfim, são momentos mágicos. Além da questão espiritual, a questão estética também influencia muito. Na cidade grande, as pessoas ficam dentro da Igreja, ou no Mineirinho, não tem muito a ver.

Vocês pretendem retornar durante o evento outros anos?

3-Com certeza. Acho que é sempre uma oportunidade. Inclusive eu pretendo também levar idéias daqui pras Paróquias de Belo Horizonte, como aliás, temos um Padre lá que é do interior, e que alguns costumes ele até já levou, como a procissão, e outros que a gente vai assimilando a partir do contato com esta região.

Como classificariam a estrutura para recebê-los durante o evento?

3-Todas as informações nós obtivemos daqui, recebemos informações direitinho, o pessoal distribui muito folder, indicando os locais onde serão as celebrações. Tudo que participamos temos informações através de folders que eles vão distribuindo na própria cidade, nos bares, restaurantes, pra divulgação. Eu acredito que seja bem feita. No hotel, onde estamos hospedados, existe uma programação também.

Entrevistado 04

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

4-Por ser uma cidade histórica, a gente achou que seria o melhor momento de conhecer a cidade.

Vocês vieram motivados pela religião católica?

4-Somos católicos, mas não praticantes. Aproveitamos mais a questão do feriado, para descansar e passear, e não tanto pelas celebrações da Semana Santa.

Vocês pretendem participar de alguma celebração?

4-A gente quer assistir alguma coisa, mas ainda não escolhemos em qual.

Além da Semana Santa, vocês irão aproveitar a visita para conhecerem outros atrativos da cidade?

4-Queremos conhecer as Igrejas, o artesanato, em geral a cidade, que é muito bonita.

Durante a visita, sentem como era a cidade nos séculos anteriores?

4-Com certeza. A arquitetura é bem diferente do que a gente tem visto. A gente é acostumado com o Rio de Janeiro, Juiz de Fora, então são paisagens bem distintas.

Vocês pretendem ficar quanto tempo em Mariana?

02 dias.

Recomendariam o evento para amigos ou parentes?

4-Com certeza, e pretendemos retornar em outra oportunidade.

Alguma sugestão, ou crítica de algo desfavorável na organização do evento?

4-O Posto de Informações Turísticas do centro da cidade estava fechado quando o fomos procurar, e notamos a falta de lixeiras no centro histórico.

Entrevistado 05

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

5-Eu sou guia de turismo, a gente traz grupos pra toda parte do país, e geralmente neste feriado nós temos muita demanda pra cá, pelo fato de ser cidade histórica, e ver também como que ocorre a Semana Santa nas cidades coloniais mineiras, porque de onde eu venho não temos com a intensidade que existe aqui. Nós vemos uma diferença muito grande.

O grupo é católico?

5-Todos somos católicos. Aproveitamos para conhecer as Igrejas e participar um pouco da missa. Não vamos ficar porque ainda temos que visitar o conjunto arquitetônico, a Rua Direita, fazer algumas compras em Mariana e vamos embora pra Belo Horizonte.

Quais meios utilizados para obtenção de informações sobre Mariana?

5-Guias locais, Internet, folders. Nós temos por ética, vindo de outros estados, trabalhar com os guias especializados de cada localidade, pessoas que nasceram aqui, viveram aqui, então valorizamos os serviços dessas pessoas. Fazemos uma parceria.

Já conhecia o evento da Semana Santa de Mariana?

5-Sim, há 12 anos eu venho durante o evento.

Vocês sentem que participar da Semana Santa em Mariana oferece um tipo de refinamento cultural, ou status?

5-Com certeza, acrescenta muito. Não importa a faixa etária. Ajuda a desenvolver o seu conhecimento, porque lá no sul você estuda, você vê textos, fotos, mas nada como você ver a teoria e depois poder visitar *in loco*. São bem diferentes os detalhes das Igrejas, a visão do pessoal, dos guias em geral, essa descrição oferece um acréscimo muito grande, que faz a diferença. Porque todos esses que estão aqui vão chegar lá na sua cidade e vão passar os conhecimentos adquiridos aqui, e com isso outros clientes, outros passageiros virão, outros turistas virão conhecer e isso é o efeito cascata do turismo, todo mundo vai querer conhecer, porque acrescenta bastante, não só as histórias, a parte social e econômica, mas todo o conhecimento sobre a região.

Vocês possuem contato com pessoas da população local para conversarem sobre o evento da Semana Santa?

5-O contato é mais com os guias. Mas ano passado quando eu estive aqui, duas semanas antes da Semana Santa, o pessoal comentou sobre o processo do evento,

aí eu vi como acontecem as celebrações, nas Igrejas, toda essa parte que não existe nas grandes capitais mais, as pessoas não estão mais voltadas pra essa religiosidade. Nas cidades pequenas, a gente percebe que a união é muito grande, nesta questão religiosa. Eu sempre digo isso que ainda está deixando as pessoas tão interessadas por conhecerem esta cultura, com as suas crenças, religiosidades, com a sua fé.

Vocês se sentem acolhidos pela população?

5-Demais, demais. O povo daqui é muito receptivo. Minas Gerais no geral é toda bem receptiva, trata muito bem os visitantes.

Você se sente como nos séculos anteriores, ao caminhar pela cidade durante o evento?

5-Com certeza. É uma experiência muito viva.

Além das igrejas, quais outros atrativos vocês irão conhecer durante a visita?

5-O Museu Arquidiocesano, a Rua Direita, o conjunto arquitetônico, maravilhoso. Existem outros atrativos, mas como o tempo está corrido, tivemos que encurtar as visitas, pois o tempo está corrido.

Sobre a organização do evento, você teria alguma sugestão, ou crítica?

5-Os horários das celebrações são muito tarde, o que prejudica o turista que vem de outra cidade, mas não dorme no local. Como temos que voltar a Belo Horizonte, não poderemos participar de celebrações à noite. Outra questão é que o comércio fecha muito cedo, às vezes a gente chega e o comércio está de portas fechadas, assim o turista não conhece nada, e também não compra nada. Também já peguei igrejas fechadas, enfim. Isto fica a desejar.

Entrevistado 06

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

6-Nós passamos por aqui, aproveitando o feriado para conhecer a cidade.

Qual o meio de informações para obtenção de informações sobre Mariana?

6-Há muitos anos estive em Mariana, mas pela televisão sempre vemos notícias da cidade. Sobre a Semana Santa, a gente vê muita coisa pela televisão.

Vocês pretendem participar de alguma celebração da festividade?

6-Não, como estamos muito corridos. Mas gostaríamos numa próxima oportunidade de participar mais ativamente do evento, pois somos católicos.

Entrevistado 07

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

7-Sempre tive vontade de conhecer as cidades históricas de Minas, e aí surgiu a oportunidade e nós viemos. A gente aproveitou para conhecer Tiradentes, São João Del Rey, Ouro Preto pela manhã e ficaremos na cidade até amanhã.

Como vocês obtiveram informações sobre o evento da Semana Santa aqui em Mariana?

7-Uma amiga minha que faz excursão todo ano pra cá, e ai nós aproveitamos o pacote e viemos.

Vocês são católicas? Estão participando das celebrações?

7-Sim, somos católicas, e estamos participando das celebrações.

Vocês estão se sentindo acolhidas pela população?

7-A recepção é muito legal, excelente. O pessoal é muito gente boa.

Como observaram a participação da população?

7-Nossa, nunca vi tanta. A gente pode ver em cada celebração como as pessoas participam com fé, é uma coisa muito bonita.

Puderam sentir como era o evento da Semana Santa em séculos passados?

7-Toda hora a gente parece que está na época da história passada. Parece que a gente foge totalmente da atualidade. Nas cidades mineiras a gente relembra a história todinha, é tudo muito bonito. É uma coisa gostosa de ver, dá uma saudade.

A imagem que vocês tinham de Mariana foi confirmada ou não?

7-A minha expectativa foi melhor, porque a gente foi informada que Mariana seria uma cidade pequena, e aqui a gente vê que não é tão pequena como a gente pensou que fosse, pelo contrário. Sendo que não existe apenas o centro histórico, tem o outro lado da cidade. Achei a infra-estrutura boa, apesar de hoje ser uma sexta-feira santa, a maioria do comércio está fechado, mas a gente tá vendo que tem muita coisa, pelo menos nessa área aqui, as pousadas são gostosas, a que nós estamos por exemplo é muito boa.

Vocês teriam alguma sugestão ou crítica? Recomendaria a amigos e parentes?

7-Não, estamos satisfeitas. Recomendaremos a amigos a visita, porque foi muito interessante. Pegamos cartões de pousadas pra dar pra minha filha, porque tenho certeza que ela virá, a minha irmã.

Pretendem retornar no período da Semana Santa?

7-Não sei. Como o tempo é sempre curto, a gente sempre busca conhecer outros lugares, mas a gente tem vontade de retornar, sim. Mas gostaríamos de conhecer outros lugares também, não que a gente não vai retornar por algum motivo, vontade a gente tem.

Sobre o evento da Semana Santa vocês já tinham informações?

7-Sim, a gente tinha através da televisão, até essa semana passou, que é constante.

Como viram a participação da população?

7-Nós vimos uma participação super ativa, nunca vi tanta gente tão participante. É bonito de se ver a fé, nas casas, ruas.

Na sua opinião, da algum tipo de status, de refinamento cultural dizer que foi a Mariana no período da Semana Santa?

7-Traz sim. A gente sempre vê, engrandece, se você está conversando assim e a gente sete orgulho de falar que foi a Mariana. Onde eu trabalho tem uma amiga minha que perguntou se eu vinha pra cá, e ela me disse que aqui era uma cidadezinha muito aconchegante, e é mesmo, e a gente sente orgulho. Tem gente que fala "Ah, eu fui a Nova York", e eu falo "Ah, eu fui na Semana Santa em Mariana", a gente informa.

Em Mariana, vocês pretendem conhecer algum outro atrativo, além das celebrações?

7-Amanhã, a gente vai ao Museu Arquidiocesano, talvez vamos hoje na Mina da Passagem, e também queremos ver as procissões à noite. Só de pensar eu fico até arrepiada. A gente quer ver o teatro, as figuras fantasiadas, a música. Igual eu vi na televisão, com toda uma encenação, que emociona mesmo. Ai hoje a gente vai participar disso, e no domingo também tem a procissão.

Entrevistado 08

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

8-Não estamos aqui pela Semana Santa. Estávamos passando por acaso, estou indo a Belo Horizonte, e passei aqui para conhecer. Nós somos de Juiz de Fora.

Mas vocês terão a oportunidade de entrar em contato com alguma manifestação da Semana Santa?

Sim, nós pretendemos dormir aqui hoje. Já que nós estamos aqui, vamos aproveitar e participar da procissão hoje à noite.

Vocês são católicos?

Sim.

Além da procissão vocês vão aproveitar para conhecer outros atrativos da cidade?

Mais o centro histórico, isso está nos atraindo mais, o barroco, os colonialismos, que é muito bonito de se ver.

Vocês vão contratar algum guia ou caminharão sozinhos?

Não, nós já tomamos bastante informação, então já estamos mais ou menos sabendo o que a gente quer.

Antes de virem à Mariana, vocês se informaram sobre a cidade? Como obtiveram informações?

8-Nós temos o Guia Quatro Rodas.

A imagem que vocês tinham da cidade foi confirmada durante a visita ou não?

8-Eu achei bem bonitinha, gostei da cidade. Queria muito conhecer, também porque a minha filha chama Mariana, então ela sempre me pedia para vir aqui.

Você recomendaria outras pessoas a virem aqui durante o período da Semana Santa?

8-Sim.

Ao caminhar pelas ruas, você sente a questão do retorno ao passado, como se vivia nos séculos passados?

8-Nessa parte central sim.

Você gostaria de dar alguma sugestão, ou crítica de algo que não gostou?

Como estou há pouco tempo na cidade, ainda não tenho nada que eu não gostei.

Entrevistado 09

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

9-Na verdade, como meu namorado está morando em Minas, aproveitei a oportunidade de conhecer a Estrada Real, e pela Semana Santa ser uma atração, achei ser interessante conhecer o evento.

Vocês são católicos?

9-Sim.

Estão participando das celebrações da Semana Santa?

9-A gente chegou agora, e pegou a programação no Centro de Informações Turísticas, lá na Rodoviária, aí vimos que vai haver uma procissão às sete da noite, que a gente quer participar.

Antes de virem, quais meios foram procurados para obter informações sobre Mariana?

9-Internet, Estrada Real, Idas Brasil, site do governo de Minas também tem muita informação, Guia Quatro Rodas, que a gente olhou muito.

Qual imagem de Mariana vocês tinham antes de chegarem? Esta imagem foi confirmada ou não?

9-Me surpreendeu, achava que era bem menor. Eu já conhecia Ouro Preto, aí eu só ouvia falar de Mariana, com placas, não conhecia realmente. Mas agora a gente está tendo uma noção.

Além da procissão, qual outro atrativo vocês pretendem conhecer da cidade?

9-A Mina de Passagem, de Ouro.

Visitar Mariana durante a Semana Santa traz algum status de refinamento cultural?

9-Com certeza, nossa. Isso aí não tenho a menor dúvida.

Vocês se sentem retornando ao passado ao visitar Mariana?

9- Com certeza. Isso eu já tinha percebido quando foi a Ouro Preto, e agora aqui é incrível. É como se a gente tivesse realmente voltando no passado. Uma história muito importante, então a gente sente mesmo.

Durante a visita vocês pretendem ter contato com algum morador a fim de conversar sobre o evento da Semana Santa?

9-A gente tenta interagir, até pra poder conseguir conhecer um pouco mais da cultura. Às vezes, se a gente ficar só observando não consegue obter tanta informação cultural do que se a gente interagir.

Vocês sentem-se acolhidos pela população?

9-A população é muito acolhedora, a moça da pousada lá é fantástica, estamos na Pousada da Chácara, ela é muito legal, ela tem um cuidado, preparou um roteiro com todas as atrações turísticas daqui. Sentimos muito acolhidos pela população.

Vocês recomendariam a outras pessoas conhecerem Mariana?

9-Com certeza, e espero que tenha outra oportunidade para retornar.

Teriam alguma sugestão de algo que não gostaram, alguma crítica?

9-Por enquanto não.

Entrevistado 10

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

10-Escolhi para aproveitar o feriado que eu tive, consegui uma folga no meu trabalho e quis visitar as cidades históricas, aí já visitei Tiradentes, já fui a Ouro Preto, e vim a Mariana também que faz parte do roteiro das cidades históricas.

Você possui alguma motivação religiosa?

10-Não, apenas cultural.

Como obteve informações sobre a cidade?

10-Através dos guias turísticos, da própria agência, a agente que me vendeu o pacote informou que valeria a pena visitar também Mariana que é parte do roteiro da Semana Santa.

A sra. tinha alguma imagem da cidade antes de vir?

10-Nenhuma. Nada, não tinha a mínima idéia. Mas já conhecia outras cidades, como eu falei, eu já fui a Tiradentes, Ouro Preto, e agora viemos conhecer Mariana.

Onde vocês estão hospedados?

Em Belo Horizonte, no Othon.

Terão a oportunidade de participar de alguma celebração?

10-Infelizmente não. O que eu achei ruim de vir neste período de agora é porque devido a ser época de feriado muitas lojas estão fechadas, a própria festa que nós poderíamos assistir não está no nosso roteiro, nós vamos perder a paixão de Cristo, não vamos poder ver, vamos perder tudo. Porque a gente tem que retornar a Belo

Horizonte, são quatro dias corridos, é muita coisa pra se ver em muito pouco tempo. Eu pretendo voltar, mas com calma.

E do evento da Semana Santa, a sra. Gostaria de participar novamente?

10-Claro. Mas não indo embora, mas pra participar, por conta própria.

Você terá a oportunidade de conhecer algum atrativo da cidade?

10-Além da igreja também veremos outra coisa, mas não sei ainda.

Entrevistado 11

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

11- Porque a gente achou que tinha tudo a ver, por conta das igrejas, arquitetura, o pessoal se junta muito aqui na Semana Santa. No Brasil, eu acho que é o local mais apropriado pra se viajar e ir na Semana Santa.

Vocês são católicos?

11-Sim.

Estão participando das celebrações?

11-Não dá pra participar das celebrações, mas a gente está sempre entrando nas igrejas, rezando um pouco, ficando perto do Cristo, que já está crucificado como o Senhor morto.

Neste momento, como observam a participação da população? Vocês são bem acolhidos?

11- Somos muito bem recebidos, o pessoal daqui é muito receptivo. Inclusive ontem eu vi fazendo tapetes nas ruas de Congonhas, pra passagem da procissão, e achei muito bom mesmo.

A imagem que você tinha de Mariana foi confirmada durante a visita?

11-Foi sim. A expectativa veio de encontro ao que eu estou vendo agora. Virou realidade a expectativa.

Ao caminhar pelas ruas, você se sente de volta aos séculos anteriores?

11-De volta ao século 18. Por conta das imagens, por conta da arquitetura, tem tudo a ver com o século 18, a gente se sente muito perto à nossa própria história. A história do Brasil, a gente fica entendendo melhor.

Dizer a amigos que visitou Mariana no período da Semana Santa oferece um tipo de status, ou refinamento cultural?

11-Tanto cultural quanto espiritual. As duas coisas.

Você recomendaria o evento a amigos e parentes? Retornaria à cidade numa próxima ocasião?

11-Com certeza, agora depende das condições financeiras, por sermos de longe, porque isso é o mais difícil. Mas já estou realizado, só de já ter vindo na Semana Santa aqui já estou realizado.

Teria alguma sugestão, ou alguma crítica?

Não, foi tudo muito bom.

Entrevistado 12

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

12-Por ser Semana Santa. Nós somos católicos, e viemos participar das celebrações. Ontem nós participamos em Ouro Preto e hoje viemos pra cá.

Quais informações vocês tinham sobre Mariana antes?

12-A cidade é conhecida nacionalmente, as cidades mineiras, então a gente sempre se interessa, pelas cidades antigas.

Você pensa que visitar essas cidades oferece algum tipo de status de refinamento cultural?

12-Totalmente. Nós viemos em Ouro Preto, no mês de novembro, encantamos tanto que voltamos quatro meses depois. Agora aliamos a religiosidade com a arquitetura e a história. Nós estamos pasmos, maravilhados, aqui são as sete maravilhas do mundo.

Vocês se sentem acolhidos pela população?

12-O povo mineiro é um povo muito educado, acolhedor, muito educado.

Caminhando pelas ruas você tem a sensação de retornar aos séculos passados?

12-A gente sente vontade de viver aquela época, o passado, e pensando como que era, tudo, sabe, a gente volta ao passado, querendo reviver tudo que o povo antigo passou e viveu. Isso está muito vivo aqui.

A imagem que vocês tinham de Mariana foi confirmada?

12-Confirma e muito mais. O que as pessoas pensam que aqui, você chega e aqui é mil vezes melhor, mil vezes maravilhoso, mil vezes tudo de bom, uma maravilha.

Vocês conversam com a população local durante a visita?

12-Conversamos sim. A gente contrata um guia, principalmente se não a gente não sabe. Ai a gente procura os guias. Eles na verdade chegam e oferecem o serviço deles.

Além da Semana Santa, quais outros atrativos vocês irão conhecer?

12-Como eu só tinha vindo em Ouro Preto, ainda não conhecia Mariana. A gente veio atrás de Igrejas, depois que conhecer as igrejas, também a arquitetura da cidade. Nós vamos andando, o que tiver de conhecer, a gente conhece.

Recomendaria a visita a amigos e parentes?

12-Lógico, eu estou trazendo a minha família toda aqui. Hoje eu trouxe a minha irmã, vou trazer mais irmãos. A gente tá vindo sempre e trazendo a minha família.

Teria alguma sugestão, alguma coisa que não a agradou?

12-Sabe qual o meu lema? Brasileiro não pode morrer sem conhecer isso aqui. Não pode ficar sem vir aqui. É a maravilha do Brasil, ou melhor, do mundo. De sugestão não tenho nenhuma, tá tudo muito bom.

Entrevistado 13

Por que vocês escolheram vir a Mariana no período da Semana Santa?

13-Do ponto de vista devido a Arquitetura, pontos históricos, do passado que envolve a gente de certa forma, no conhecimento que até então eu não tinha daqui. Pra mim, foi muito bom ter vindo para cá, visitar as Igrejas, tudo novo pra mim.

Vocês são católicos? Estão participando das celebrações?

13-A gente é católico, mas não estamos participando muito, ontem a gente foi lá em Ouro Preto, a gente veio também pela religião, para conhecer as Igrejas.

Além das Igrejas vocês vão conhecer outros atrativos da cidade?

13-A gente conheceu o Museu, Casa dos Contos em Ouro Preto. Aqui visitaremos as Igrejas.

E como vocês se sentem acolhidos pela população?

13-Muito bem. Todo mundo é muito hospitaleiro. Sempre que a gente vai a algum restaurante, tem alguém para indicar alguma coisa, o pessoal é bem receptivo.

Como vocês sentem a questão dos séculos anteriores ao caminhar pela cidade, pelas ruas?

13-A gente tava comentando isso, muita gente da história conviveu aqui, e a gente tenta imaginar como era a vida da cidade. É muito interessante poder tocar em tudo, pisar no solo onde muita gente do passado pisou; vou tocar nisso porque Dom Pedro II tocou... quando você vai ao Museu, você vê as roupas que as pessoas usaram, o vestuário, os móveis...

As imagens que vocês tinham antes de vir a Mariana, ela foi confirmada ou não?

13-A expectativa foi superada. Mariana, por exemplo, eu não conhecia e superou muito a minha expectativa. É muito mais bonito do que eu imaginava que fosse.

E como vocês obtiveram informações sobre Mariana?

13-A minha namorada já conhecia e me apresentou. Na televisão também você vê muito.

Visitar a cidade durante a Semana Santa dá um status de refinamento cultural?

13-Com certeza. Isso engrandece muito a gente e alimenta muito o ego da gente. Muito legal estar nas cidades históricas.

Vocês conversaram com alguém da cidade sobre os eventos?

13- A gente perguntou em lojas onde a gente comprou artesanato, por exemplo, da procissão de agora, a gente soube assim. Também recebemos informações dos guias sobre as Igrejas, explicam para a gente o que está acontecendo, onde visitar, a gente busca estar atento a todo movimento, a gente tá olhando turista, a gente tá procurando conhecer. Automaticamente um fala, outro fala, a gente vai captando.

Vocês indicariam o evento para outras pessoas?

13-Várias outras pessoas.

E pretendem retornar à cidade?

13-Com certeza! Com mais tempo, mais dinheiro, pra poder divertir e aproveitar mais.

E tem alguma sugestão, alguma coisas que vocês não gostaram?

13-Não, foi tudo muito bom. Faltou mais tempo para a gente conhecer a cidade melhor. Se bem que poderia haver mais restaurantes, mais opções de lazer também. Tem poucas opções. A gente foi almoçar ontem e a gente ficou meio perdido.

Entrevistado 14

Por que escolheu vir a Mariana no período da Semana Santa?

14-Uma porque minha família toda é daqui e eu gosto muito daqui. Vim pra descansar e também participar de alguma celebração.

O Senhor é religioso?

14-Sim.

O senhor se sente acolhido pela população?

14-Sinto, mas estou achando a cidade muito violenta. Muito tóxico. Demais. Uma coisa que a gente observa longe e eu não esperava encontrar em Mariana. Em doze anos que eu não venho aqui e notei que a violência aumentou muito mesmo. Não era a mesma Mariana que eu freqüentava anos atrás, até as encenações de Cristo, totalmente diferentes. A cidade está perdendo características daquela cidade de antigamente. Tudo bem, o progresso tem que vir, mas aqui eu vejo muita coisa estranha.

Não deixarei de voltar aqui, mas tá tudo muito diferente.

Além da Semana Santa, vai aproveitar para visitar outros atrativos da cidade?

14-Sim, vou dar uma volta e levar meu filho e esposa que não conhecem nada para um passeio, ver o restante que tem na cidade. Igrejas, as ruas.

Falar que visitou Mariana no período da Semana Santa oferecer um tipo de status de refinamento cultural?

14- Ah, dá, dá muito. Eu gosto muito daqui, tanto que eu planejo montar uma pousada aqui, apesar da cidade estar totalmente diferente.

Sente a população receptiva?

14- Sim, apesar de notar que a população está participando menos das celebrações. Participei de um evento na quinta-feira que tinha um número pequeno de moradores, já que os turistas chegam mais na sexta.

Indicaria o evento a parentes e amigos? Teria alguma sugestão?

14- Com certeza indicaria. Tem que ser melhorada a questão da segurança, e também melhorar o atendimento aos turistas, nos postos de atendimento, enfim.

Entrevistado 15**Por que escolheram visitar Mariana durante o período da Semana Santa?**

15-Na verdade a gente está participando de um Encontro de Estudantes de Letras aqui da Ufop, em Mariana.

Irão aproveitar a oportunidade para participar do evento da Semana Santa?

15-Estamos aproveitando sim. Participamos de algumas procissões.

Como obtiveram informações da cidade?

15-Além do evento, aqui é uma cidade histórica muito conhecida, volta e meia tem uma reportagem sobre Mariana. Aqui respira história, tem o barroco, a Inconfidência. A gente estuda Letras, então a gente estuda o Arcádia, Thomas Gonzaga, então já temos um conhecimento acumulado. Mas visitando é sempre melhor.

E como vocês vêem essa volta ao passado, ao passear pelas ruas históricas?

15- É muito interessante, muito bom, uma sensação muito legal. Você entra nas Igrejas, tem contato, é muito mais impessoal você estar num museu, por exemplo, é muito menos distante. A gente costuma freqüentar lá no Rio CBB, inclusive teve uma obra do Aleijadinho lá há pouco tempo. Mas, assim, é muito mais pessoal, você vive mais intensamente.

E a relação de vocês com a população? São acolhidos?

15- O mineiro, como um todo é muito acolhedor, muito educado, faz tudo para ajudar. É um povo muito acolhedor. Já tive em outros lugares... e não tô fazendo média. É um lugar diferenciado.

E em relação a algumas críticas, você tem alguma sugestão?

15 - Conservação mesmo. Outra: até hoje, com esse tempo de história não tem ainda uma distribuição de renda, tanta riqueza que saiu daqui e vê que é um povo tão sofrido, que é um povo meio calejado, é uma pena, isso é coisa nacional, essa distribuição de renda. Tá aí para você vê. Tem um povo periférico, realmente não chega a eles o que não vem com o turismo, com a Vale do Rio Doce, como que quer que gere renda aqui, movimente dinheiro aqui nessa cidade, você vê que isso não chega no povo daqui. Isso tá bem obvio para gente. E também o problema da conservação; a gente vê que tem uma obrinha aqui, tá muito aquém ainda do que isso aqui merece. Muito aquém.

Dizer que visitou Mariana no período da Semana Santa oferece um status de refinamento cultural?

15 - Eu não tenho esse enfoque. Não é o que a gente procura ver e não é o que procura alguém que eu conversaria sobre isso. Status de refinamento cultural para mim, é valor que não existe; é um fator disso. Eu acho que a visita é uma coisa para você; é um estofo pra você, uma vivência sua; cada um assimila, aproveita e absorve à sua maneira, uns mais outros menos.

E se não fosse o evento, você teria ainda interesse de voltar?

15-Com certeza.

Indicariam para amigos?

15-Com certeza.

Quais atrativos vocês viram durante a visita?

15-Já visitamos quase todas as Igrejas, a Mina da Passagem, hoje a gente vai a Ouro Preto, e amanhã a gente vê; vamos passando pelas ruas aí também, vendo as atividades da Semana Santa.

APÊNDICE C - Questionário para os moradores

- 1- O que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única? Quais suas principais características?
- 2- Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?
- 3- A população de Mariana se sente identificada com o evento? Qual a sua participação? Demonstra desejo em preservá-la? Por quê?
- 4- A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?
- 5- Qual a participação do turismo na dinâmica do evento?
- 6- Como se relacionam poder público, empresas turísticas, população local e demanda turística no que se refere à dinâmica e manutenção do evento?
- 7- Como o evento se desenvolveu durante a sua trajetória histórica até os dias atuais? O que mudou nos festejos da Semana Santa ao longo dos anos? Algo em especial foi melhorado ou piorado?
- 8- O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana? Por quê?
- 9- Em sua opinião, você acha importante lembrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?
- 10- Como o turismo pode contribuir para o desenvolvimento, manutenção, organização da Semana Santa em Mariana?
- 11- Como são discutidas as questões organizacionais do evento, tais como banheiros públicos, horário das procissões, trânsito? Quem são os responsáveis?
- 12- Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas com os moradores

Entrevistado 01

Qual o significado da Semana Santa em Mariana?

1-É um momento de meditação, embora que agora tenha mudado muito, atrapalhou bastante, mas há uns anos atrás, até os anos 70 mais ou menos, na Quinta-Feira Santa ninguém varria casa depois de meio-dia, não ouvia um barulho, os carros não buzonavam, ninguém cantava, ninguém brincava com as crianças, até o Sábado de Aleluia. Não tinha foguete, não via carro passando na rua.

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única? Quais as suas principais características?

1-Aqui tem os cantos gregorianos, que chamam a atenção, as procissões também são muito bonitas, pena que agora também que na procissão da Ressurreição, coisa que em nenhum lugar tem aqui em Mariana tem que é a procissão à noite. A ressurreição é de manhã, já vi turistas perguntando sobre o horário, e tem que falar que é à noite, ninguém entende. Então, tem alguma coisa errada, isso que eles fizeram de passar pra noite, essa decisão da Igreja, dos padres novos Padre Antonio e Padre Paulinho. O povo daqui é contra, a maioria é contra. Eu vejo todo o pessoal que ajuda, o povo xinga a gente, pensa que é a gente que muda, pensa que a gente é o culpado. Esse ano eu falei que eu não tenho culpa não, eu até pedi pra mudar, mas eles não aceitaram. O povo não aceita essas mudanças, são muito tradicionalistas. O pessoal de fora não vai ficar, o pessoal que vem vai embora à noite, porque eles vão trabalhar de manhã cedo. E os detalhes ninguém vai ver também, porque é escuro à noite. E também quebrou a liturgia, porque Cristo ressuscitou pela manhã.

Qual é a participação dos distritos de Mariana na Semana Santa da sede?

1-Nos distritos também tem a Semana Santa, agora cada um tem o seu. Antigamente a cidade ficava muito cheia, porque vinha Antonio Pereira, Ribeirão do Carmo, vinha até a pé, alguns fazendo promessas, para acompanhar as procissões. A procissão do depósito, na Quinta-Feira, era mais freqüentada do que a do Encontro, na Terça-Feira, por causa das promessas dos fiéis. Até uns anos atrás, tem mais gente descalça descendo a procissão do Rosário pra Igreja da Sé.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

1-Pro povo, é uma coisa que caiu muito agora, pra quem vê assim, e conhece a Semana Santa desde a infância, caiu muito, igual eu to vendo ai, antigamente tinha o acompanhamento da procissão do Depósito, do Encontro, Nossa Senhora das Dores, Senhor dos Passos. Na de Nossa Senhora das Dores, vinham os seminaristas, e os padres. Na Quinta-Feira da Paixão era só para os seminaristas, o povo não podia acompanhar. O povo acompanhava só o Domingo de Ramos, Depósito, Senhor dos Passos. Nossa Senhora das Dores vinha só os seminaristas. A procissão saía do Seminário e entrava na Igreja da Sé. No sábado de Aleluia saía à noite, saíam todos de branco, com as estudantes do colégio interno que tinham um uniforme todo branco, com luvas, eram muitas estudantes.

A Semana Santa então é importante para a cidade?

1-Sim, pra cidade é. Embora deturpou muito, mas se voltasse a procissão da Ressurreição pra manhã, ia ter muito mais participação.

Em sua opinião a população de Mariana se sente identificada com o evento? Tem o desejo de preservá-la? Participa?

1-Participa muito. A Semana Santa é do povo de Mariana. Não pode deixar acabar. Eu já me preocupo, porque eu tenho quarenta e tantos anos que eu cuido das

procissões. Amanhã, se eu morrer, tem que ficar alguém no meu lugar. Já preocupo com uma pessoa, eu já estou olhando mais ou menos. Vai precisar que tenha paciência, já tem umas pessoas que me ajudam a organizar a procissão do Senhor dos Passos. Eu sou responsável pelo cântico da Verônica, organização das figuras dos apóstolos, arranjo roupa, arranjo tudo. Também olho as amêndoas. Esse ano não teve, eu pedi a Prefeitura, mas não recebi. É mais fácil conseguir ajuda da Prefeitura do que com comerciantes, tem que fazer os convites, às vezes eles esqueciam, porque acontece, né. E a gente conta com a ajuda da Prefeitura, mas esse ano não tivemos apoio, aí ficou sem amêndoas, que é uma tradição de Mariana, quando os anjos e as figuras distribuem, na Sexta-Feira da Paixão.

Durante a sua trajetória histórica, como o evento se alterou? Alguma mudança em especial foi para melhor ou pior?

1-As mudanças foram pra pior. Antigamente as pessoas saíam da Igreja da Sé oito horas, davam a volta na Estação lá em baixo, passavam pela ponte de tábua, e voltavam pra Sé. Agora cada ano é um trajeto, tem ano que sai da Igreja de São Pedro, ou da Igreja da Colina, tem vez da Chácara, com carro passando, então. Quando era tradicional, o povo respeita mais. Antes não tinha a Quarta-Feira Santa não. A festividade começava quinze dias antes da Sexta-Feira da Paixão, terminava na Quinta. A sexta-feira chamava Sexta-Feira das Dores. Na Quinta-feira, o último dia do Setenário saía o Senhor dos Passos para o Rosário. Aí na Sexta-Feira tinha o encontro, no Sábado não tinha nada, e no Domingo tinha a procissão de Ramos, com uma missa muito bonita de manhã cedo na Sé, às vezes descia o Bispo, o Cônego da Igreja de São Francisco.

Algo em especial foi melhorado?

1-Eu acho que só piorou. E se não tomar providências, ela vai acabar. Esse ano, por exemplo, à noite, eu achei bem fracassado. Porque a cidade está violenta, quem mora nas Cabanas, quem mora no Barro Preto, no Rosário, é perigoso, ainda mais o pessoal de idade. Então eu tenho medo de futuramente, fracassar ainda mais. Quinta-Feira mesmo tinha uma missa muito bonita na Igreja da Sé, passaram pra Praça Minas Gerais. Ano passado não tinha nem 100 pessoas. Quando era na Sé, fervia de gente. Lá o povo sentava, tranqüilo. Agora essa juventude não está muito de Igreja, não sei por que, mas não estão muito ligados. Hoje a criança está muito ocupada hoje, é internet, é judô, é caratê, inglês, francês, ballet, Jesus Cristo está ficando pra traz, a não ser quando é uma família religiosa, que vai à Igreja, enfeita com anjinhos, hoje a maioria está nesse pé.

Qual atitude em sua opinião ajudaria a reverter esse quadro?

1-As autoridades deviam tomar providências. Igual, no meu tempo de menino, ninguém passava de ano sem saber o Hino Nacional de cor, primeira coisa que a gente fazia, se não soubesse tomava bomba.

O evento da Semana Santa faz parte da memória coletiva de Mariana?

1-O povo ainda pensa que a Semana Santa é importante pra eles. Muita gente vem de fora pra assistir. Mas já está perdendo, com essas mudanças, o entusiasmo. As pessoas pensam que aqui tá muito ruim, então vão pra São João Del Rey, que lá segue na pinta.

Você acha importante relembrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

1-Eu acho. O que nos segura na vida e no sofrimento é a fé, então se você acha que está sofrendo muito, se você está muito fechado, caindo na depressão, uma pessoa que tem um filho que se droga, que o marido bate nela, ou então é uma solteirona sem namorado, se não pode contar com outras pessoas, se não casou, igual eu não

casei, se uma pessoa se julga inferior, enfim. Quando a cruz da pessoa pesa muito, tem que pensar: não, a de Jesus pesou mais. Igual a Verônica, foi o maior exemplo que ela deu. Quando ela enxugou o rosto do Senhor, ele mostrou que não adianta nada falar que eu sou o seu amigo e fazer você chorar. Depois que você está chorando, qualquer um enxuga o seu rosto. Você mesmo enxuga. Mas quando ela enxugou o rosto dele, ele falou: não choreis por mim. Por que depois que ele está chorando, não importa mais. Eu te xingo, desacato, e depois vou atrás de você pedir desculpas? Então, nós não devemos fazer o irmão chorar.

Como se dá a manifestação de fé aqui em Mariana?

1-O povo freqüente, comunga, o povo vai, o povo enfeita as janelas de roxo, tem gente que vai levando os filhos nas procissões. Por isso a questão da procissão da noite. Uma, porque ninguém enxerga, agora se fosse de manhã cedo, ia ser mais fácil fechar o trânsito, olhar o movimento, agora depois de meio-dia ninguém respeita mais. Até para a polícia é difícil.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

1-Ela é um patrimônio, mas agora acabou. Nos meus tempos de menino, eu tinha muito mais lembranças, as imagens todas de São Francisco, eles foram cortando. No primeiro domingo a gente tinha o Senhor morto, o segundo domingo a flagelação, o terceiro domingo a coroa de espinhos, no quarto o julgamento. Aí entra o Setenário das Dores, então na Quaresma tinha em cada semana um quadro. A gente luta pra manter algumas tradições. Hoje eu falo que estão divididas as tradições, metade está preservada, e metade não.

Qual a sua opinião sobre a participação do turismo na dinâmica da Semana Santa?

1-O turista pode ajudar sim. O turista vem, mas geralmente ele trabalha na segunda-feira. Se a procissão acaba nove, dez horas da noite, ele não vai conseguir chegar em casa. De manhã não, quando é meio-dia já acabou, aí você pode almoçar, dar uma volta na cidade, e voltar pra sua terra, tranquilo. O turismo dá uma força na Semana Santa, eles colaboram muito, geralmente eu não posso queixar do turismo não. E também da Prefeitura, foi a primeira vez que negaram as amêndoas e as asas dos anjos, geralmente a Secretaria dá muita força. Já os turistas participam das procissões, gostam, respeitam. Eles vêm com fé, mas com o horário da procissão eles perdem a graça, porque eles não podem participar à noite. Como em Ouro Preto a procissão é de manhã, eles vão e participam lá mesmo. Eles ficavam aqui em Mariana antigamente, aqui as ruas ficavam todas enfeitadas, uma beleza. Mas com esse negocio de quebrar, foi quebrando as tradições.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa em Mariana?

1-Poderia ser mais divulgada, muito mais. Eu acho que aqui é pouco divulgado. Poderia ser por televisão, o próprio jornal. A propaganda ia ajudar o turismo. Pra nós é uma fama, por Mariana ser a primeira de Minas, teria que fazer uma propaganda em cima da outra.

Se não viessem os turistas, isso afetaria a Semana Santa?

Afetaria, mas ela aconteceria da mesma maneira. A Semana Santa é do povo de Mariana.

Quem são os responsáveis pela organização do evento?

1-Igual acontece no Carnaval: deixam a cidade impecável, não passa um carro. Mas na Semana Santa é uma briga. Tá difícil, a gente vai à Polícia, leva ofício, pede, conversa, mas na hora esquece, eles não ligam. Quando chega na hora da procissão tem moto, carro, tudo atrapalhando a procissão passar. Quem organiza mais é a Igreja e o povo, as Irmandades, o mesmo pessoal de sempre, da própria

comunidade. Pra pagar os folhetos, antigamente tinha o provedor de honra, aí eu e o provedor de honra saíamos pelas ruas, dividia, pedindo esmola no comércio. Agora, de uns anos pra cá, a Secretaria de Turismo começou a ajudar, e hoje a Prefeitura ajuda as bandas, e tal. Alguns empresários também ajudam um pouco, não são todos, a maior ajuda é do povo.

Acho que a Prefeitura deveria gastar mais com a Semana Santa do que com grandes shows como acontece no Festival de Inverno, ou na Festa da cidade.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

1-Eu penso em Deus, a Semana Santa é um exemplo que ele deixou, a gente precisa ter fé em Deus, no sofrimento de Deus, no exemplo que ele deixou. A gente precisa ter fé em Deus, no sofrimento dele, e olhar pro nosso semelhante. Você carregar a cruz sozinho é muito duro, mas a gente pode contar com os irmãos.

Entrevistado 02

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única? Quais as suas principais características?

2-Ela hoje caiu um pouco, vamos dizer. Mas a Semana Santa sempre foi única e original porque, na realidade, a sociedade toda se envolvia com a Semana Santa e havia uma coordenação muito séria dos Arcebispos, mas há um tempo que ela está caindo um pouco. Agora vai retomar essa questão porque o Arcebispo atual é muito dedicado à liturgia, ele é doutor em liturgia. Então isso é muito importante pra Mariana, porque se eles assegurarem aquela representação como era há tempos atrás, em outros tempos, há mais tempo, ela vai conservar essas características que vão lhe dar, ou então manter essa singularidade da Semana Santa aqui. Uma das principais características que nós sempre buscamos é a seguinte também: havia o cabido metropolitano em Mariana. Então, esse cabido, nas procissões de Semana Santa, e nas cerimônias, era muito importante, porque ele realizava todas as partes litúrgicas que outras cidades que não tinham o cabido metropolitano não podiam realizar. Então isso era muito importante. Na reunião do cabido então havia uma questão, onde os ofícios todos eram rezados, e quando eles saiam na reunião era muito bonito, o visual era diferente. Eles tinham uma capa de vários metros, muito longa, então eles iam na frente direitinho, e uma longa capa de veludo, que dava um charme, uma elegância, mostrava-se um ritual mais pomposo. Há também outra coisa: os próprios adereços, instrumentos usados nas procissões são originais, do início do período colonial, então eles são muito diferentes e muito bonitos, além de ricos também. Um terceiro ponto é a fé popular. O povo tem uma fé incondicional. Eles acreditam mesmo naquilo e eles consideram que aquilo está se realizando naquele momento, que não é uma representação, e sim o próprio ato da crucificação do Cristo, é o próprio ato da morte de Cristo, então essa maneira de reviver é tão autêntica que o povo considera sim. Os pregadores são muito bem escolhidos, entre padres e seminaristas. Essa questão dos pregadores também faz com que a nossa Semana Santa seja única.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

2-A Semana Santa é uma relíquia que tem que ser conservada e está sendo conservada com muito entusiasmo pelo povo. Primeiro, por causa da fé. Segundo, porque ela é um momento em que Mariana tem alguma coisa para mostrar ao

mundo. Ela mostra que ela é uma cidade católica, altamente católica, mas ela mostra que ela tem, dentro desse catolicismo, toda uma arte e cultura preservada.

A população de Mariana se sente identificada com o evento? Demonstra desejo em preservá-lo?

2-Há uma parte enorme da cidade que não tem essa tradição. Agora, nós sofremos um pouco com essa população flutuante que as empresas mineradoras trazem, pelas empreiteiras, que é uma população que não sabe o que está acontecendo. Mas a maioria da população daqui mesmo se identifica com o evento. Dando prova, você vê nas procissões uma profusão de gente participando das procissões. Há uma revista que foi publicada aqui que é muito interessante, com uma foto debaixo de uma chuva, com as sombrinhas abertas na procissão, aí você vê uma infinidade de sombrinhas abertas, o número de pessoas ali, o número de fiéis ali representam a Semana Santa. E isso para o turismo é muito importante, porque conservando-se as tradições, como a gente vem tentando fazer, isso aguça a curiosidade dos turistas, e isso é importante pro turista, para que ele não só veja as coisas, mas quando ele participa, eu não sei se é da sua linha de trabalho, mas é uma opinião pessoal, o turista quando ele participa do ato que está sendo realizado, ele volta àquela terra, e esse patrimônio que nós temos na Semana Santa faz com que o turista retorne, então acho que isso que é importante para o turismo. Não é, por exemplo, apenas um prédio, uma Igreja, que o turista vem ver. Se ele não for pesquisador, ele não vai voltar. Mas qualquer arte folclórica, ou uma festa tradicional, um ato religioso, tradicional, ele faz o turista retornar. Tanto prova que às vezes a gente encontra nas procissões com pessoas que afirmam que estão vindo pela terceira vez. Quer dizer, se o turista participa, ele começa a gostar daquilo, ele entrando na atividade é diferente. Outra coisa que diferencia as procissões aqui é que nós temos as Bandas acompanhando as procissões, especialmente a Banda União XV de Novembro, que acompanha as procissões com, por exemplo, marcha fúnebre, na procissão do enterro, ela toca também aquelas canções religiosas antigas, então isso também faz com que o povo goste. Com uma boa banda na rua, isso também atrai o turista.

O evento faz parte da memória da cidade de Mariana?

2-Faz, ele faz parte da memória de Mariana, primeiro porque ele é muito antigo. Segundo, porque ele se repete anualmente, então tudo que se repete vai sendo fixado na memória das pessoas, do povo. Ele já é uma referência da cidade de Mariana.

É importante relembrar a morte e a ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

2-Eu acho que sim, porque é a forma que a população gosta, e é importante também mostrar isso porque preserva também a história da religião católica. Eu não sou católica, minha família é espírita, mas eu acho isso lindo, acho maravilhoso, então é importante preservar desse jeito sim porque isso é que atrai as pessoas, isso que faz as pessoas sentirem o que está acontecendo, porque se você começar a reinventar tudo você perde a memória, você perde a história. É por aí.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

2-Totalmente preservada não, mas eu estou com muita esperança neste novo Bispo, porque ele é muito dedicado à liturgia, eu senti isso no primeiro dia que ele veio, ele só entrou na Igreja depois que ele benzeu a si, benzeu o povo, aí ele virou e entrou na Igreja, então ele tem toda essa preocupação. Ele celebra com o coroinha, ele é muito dado à liturgia. Acho que vai até melhorar agora. Mas, como era, não está preservado toda. Nós tínhamos a procissão do fogaréu, que era linda, o simbolismo de que estavam procurando Cristo para entregá-lo, pra ser crucificado, pra ser justiça,

pra injustiça na realidade. Tinha a procissão com uns capuzes, todos vestidos de negro, com capuzes, e com tochas de canela de ema, que é uma planta que dá aqui na região, procurando Cristo para entregá-lo à justiça. Mas essa procissão não existe mais. Ela acontecia no período da Semana Santa, não me lembro o dia exato, é na fase onde o Cristo deve ser entregue, para começar o seu sofrimento. Tinha uma outra procissão também muito linda, essa eu participei, mas muito linda mesmo, que era a procissão de cinzas. Quer dizer, a nossa Semana Santa começava na Quarta-Feira de Cinzas, quando saíam quatorze andores, e cada andor com dois anjos atrás, mas isso era maravilhoso, e nesse dia que as pessoas punham cinza na testa, isso fazia com que as pessoas saíssem rapidamente do ritmo do Carnaval e entrassem na Semana Santa. Muito interessante isso, uma mudança muito radical, sair da felicidade do Carnaval, das suas alegrias, para a tristeza da Semana Santa, na preparação para a Semana Santa. Essa procissão eu sinto muita falta dela.

Qual a participação do Turismo na dinâmica do evento?

2-É preciso que o turismo de Mariana tenha mais dinâmica, eu acho que o turismo precisa voltar para as raízes, incrementar essas raízes, e não ficar importando coisas. É preciso fortalecer as raízes. Por exemplo, se o turismo começar a fortalecer as raízes da própria Semana Santa, unindo-se à Igreja, não só para espetáculo, porque a Igreja não aceita só o espetáculo, mas começar a trabalhar junto com a Igreja no sentido de melhorar essa aparência física da Semana Santa. Por exemplo, nossas figuras da Semana Santa. Elas são simples, elas não têm a indumentária completa, não há uma pesquisa profunda, era preciso uma pesquisa profunda para vestir as figuras da Semana Santa, agora nós temos uma arte muito grande na ornamentação dos andores, agora na questão dos soldados romanos, eles precisam saber o que ele está fazendo ali, então, o turismo pode muito entrar por aí. Contribuindo para a indumentária, para os adereços, e para o treinamento das pessoas que participam da Semana Santa, com conscientização mesmo, saber o que está fazendo ali. O soldado romano precisa saber qual o seu papel ali. E nós tínhamos também umas encenações muito boas, que hoje caíram um pouco em desuso. As encenações eram muito boas, e elas fazem falta, porque o teatro educa muito, e atrai muito.

Qual a sua opinião sobre a divulgação do evento da Semana Santa?

2-Também é curta, uma divulgação deficiente. Pra você mostrar bem um evento, você dar ciência sobre um evento, você tem que começar bem cedo, e aqui geralmente na última hora é que saem os boletins, os informativos, aí não dá certo. Tem que ser com bastante antecedência. Por exemplo, em janeiro já é o momento de começar a divulgar a Semana Santa, porque em fevereiro o Carnaval toma conta, ou então nos últimos dias da Semana Santa já vão prevenir a outra do ano posterior, então essas coisas me incomodam muito. A divulgação é muito falha.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

2-A Secretaria de Cultura e Turismo é acionada e acontecem coisas que não saem bem. Um exemplo que não tem a ver com a Semana Santa: eu tenho um projeto que se chama Sineirata, com os sinos e sineiros aqui de Mariana, que busca a preservação da linguagem dos sinos, quando eles vão conversando uns com os outros e depois eles tocam juntos. Eu criei isso pra preservar a linguagem dos sinos. Na Semana Santa, os sineiros tem que tocar, porque o sino e a matraca são duas características que eu me esqueci de falar no principio, porque são um atrativo especial na Semana Santa, maravilhosos, eles que contam que Jesus morreu, e eles silenciam na Quinta-Feira, para só retomar o toque no Domingo da Ressurreição, então eles chamam muita atenção, e isso tinha que ser observado. Tinha que ter um

salário bom para os sineiros, isso seria um trabalho pra Secretaria de Cultura e Turismo, mas eu os pago do meu bolso. Às vezes a Prefeitura teria que olhar essas questões. Quando este ano houve a posse do novo Arcebispo Dom Geraldo Lyrio da Rocha, quando ele chegou, um dia antes eles foram me falar que eles colocaram a Sineirata no programa, e nem me avisaram. Teve a Sineirata porque eu tenho uma relação muito íntima com os sineiros, então é tudo muito em cima da hora. O que é importante aqui, o que falta, é uma ligação da Igreja com a Secretaria de Cultura e Turismo, porque de um lado a Semana Santa não é ostentação, mas ela tem que ser bem representada, até mesmo para valorizar o ato da morte de Cristo, que morreu pelos homens. É preciso uma sintonia da Igreja com a Prefeitura, o que às vezes não há, conforme o Padre não há, conforme o Secretário não há.

Como se relacionam o poder público, privado, turistas e Igreja no que diz respeito à Semana Santa?

2-Eles precisam se sintonizar, não há ainda um trabalho conjunto, inteligente, planejado, programado, não há ainda esse trabalho conjunto. O que falta é isso: a Igreja entender que esse cuidado não é ostentação, e sim contribuição para uma representação melhor da morte de Cristo, da vida e morte de Cristo, respeito ao que se está realizando, que vai fazer bem para o povo se sentir melhor. A Prefeitura precisa entender que precisa se unir à Igreja, procurá-la, tolerar alguma coisa, enfim. Por exemplo, os banheiros públicos, porque não tem? Porque não há uma sintonia. Outra coisa, a questão dos sinos e das matracas, dar continuidade com isso, dar apoio às bandas. A sorte é que as bandas são muito corretas, elas vão, tocam, ela nunca falha nesse ponto. É preciso se darem bem tanto a Igreja, os seus representantes, quanto o poder público e as empresas. Porque se houver uma colaboração, um planejamento, vai dar tudo certo.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

2-A Semana Santa é um momento ímpar por ser o momento de se rever os fatos, da vida de Cristo, mas é um momento oportuno pra que todos se voltem para a história da terra e a história da gente.

Entrevistado 03

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única?

Quais as suas principais características?

3-Primeiramente eu gostaria de agradecer a você a oportunidade de contribuir para o seu trabalho que é de grande importância, para podermos assim descobrir a importância e a beleza da liturgia da Semana Santa na nossa cidade de Mariana. O que caracteriza muito a nossa liturgia é o fato dela estar carregada daqueles elementos provenientes tanto da tradição lusitana, de Portugal, quanto também elementos da tradição espanhola, que por sua vez influenciaram a liturgia de Portugal, e que chegaram até aqui no período do século XVIII, no período do esplendor do barroco, da mineração da região, e com isso a Semana Santa foi se desenvolvendo por causa da atuação dos leigos nessa região, justamente porque a Semana Santa de Mariana retrata o que aconteceu no interior da Igreja, uma situação difícil que aconteceu no interior da Igreja, que foi isso: a liturgia se tornou muito clerical no período barroco, e mesmo no final da Idade Média, até o período barroco a liturgia foi como que monitorada só pelos padres, os textos em latim, e isso de certa maneira dificultou muito a participação do povo na liturgia da Igreja. Então, essas procissões no período barroco passou a ser vista como um complemento, uma

maneira de expressar, uma maneira popular, de expressar a fé do ministério pascal do Cristo. Então é interessante observar isso: que nós temos a liturgia oficial da Igreja, que de certa maneira permaneceu intocável, e que as pessoas não tinham acesso porque era muito clerical, de difícil acesso de acordo com o nível cultural do povo, e com isso o povo sente a necessidade de expressar a fé de um modo mais acessível, popular, e daí surgem as procissões, que vão retratando a paixão de Cristo, o sofrimento de Cristo, e conseqüentemente de Maria, sua mãe. O que caracteriza a nossa Semana Santa aqui é justamente esse conjunto de elementos, da cultura lusitana, que por sua vez foi influenciada pela Espanha, e que de certa forma isso aqui assume também o seu colorido próprio, por que nós falamos também de um barroco mineiro, então isso de certa forma vai incidir sobre a Semana Santa em Mariana, com os cânticos que são cantados aqui, os hinos que foram confeccionados para a Semana Santa, basta uma visita ao Museu da Música que certamente a gente vai encontrar muita coisa que foi confeccionado e criado para a Semana Santa de Mariana. O fato também da cidade ter sido o primeiro Arcebispado da região influenciou bastante, pois isso vai determinar o ritmo da vida litúrgica do lugar, e de certa forma Mariana, juntamente com Ouro Preto, se transformou nesse foco de irradiação da Semana Santa, até do Estado de Minas Gerais. Eu não sou estudioso de história, mas no momento me vem até a idéia de que quando as pessoas naquele período vindo a Mariana e a Ouro Preto, começaram também a copiar esse modo de celebrar a Semana Santa em outras cidades da própria Arquidiocese. É muito natural isso, porque na nossa Arquidiocese, não só em Mariana, mas em todas as cidades de Minas e nessa região de modo especial, essas procissões tem um valor muito grande, e certamente deve ter, não tenho isso como algo comprovado historicamente, mas sofreram influência desse núcleo de história, nas cidades que compõem a Arquidiocese de Mariana.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

3-A primeira importância ela toca no campo da fé, porque é um momento no qual nós celebramos aquele passo decisivo que marcou a vida de Jesus Cristo, que é a sua morte e ressurreição. Todos que são batizados e se unem ao Cristo devem a cada ano celebrar de modo solene a Páscoa, porque a cada domingo do ano nós celebramos a Páscoa, mas de modo solene é durante a Semana Santa. Então primeiramente o aspecto da fé, a vivência da fé, o dever de seguir Cristo deve nos motivar a celebrar a Semana Santa. Esse é o primeiro valor. O segundo valor que eu vejo é de ordem mais histórica também, no sentido de que o modo com o qual celebramos é a herança de um passado, que deve ser celebrado, um passado cultural, no sentido de que os ritos, os modos como se faz a Semana Santa é algo que a gente deve de certa forma valorizar, preservar, e ter um grande cuidado para não deixar que esta Semana Santa se desfigure, perca aquilo que de certa forma é característico de Mariana e desta região de Minas. Em minha opinião, em certos aspectos a Semana Santa em Mariana perdeu muito disso, pelo seguinte: nós temos a liturgia da Igreja, renovada pelo Concílio Vaticano II, que é muito bela, como os ritos da Semana Santa, da Vigília Pascal, da Quinta-Feira Santa, todos renovados pelo Concílio Vaticano II, e esta é uma grande conquista que nós devemos levar a frente. Mas ao lado desta reforma litúrgica do Vaticano II, nós temos também a para-liturgia da Semana Santa, que são as procissões, os dias em que estas procissões acontecem, isso de certa forma foi sendo mudado ao longo do tempo. Ao longo dos últimos 15, 20 anos isso tem sido mudado. Eu penso que aquilo que é tradição do lugar deva ser conservado, e que a gente aprimore mais aquilo que a Igreja já propõe enquanto renovação nas celebrações que são litúrgicas, mas a para-liturgia

da Semana Santa a meu ver poderia perfeitamente ser conservada como era, claro que com algumas alterações, porque se não a gente vai cair ai numa concepção muito arqueológica de rito, de festa, acho que não é por aí não. Acho que a gente tem que ter essa fusão de horizontes, ver o antigo, como era, e uma adaptação hoje. Eu acho que uma coisa muito importante que deveria ser feita, e se eu pudesse faria com muito gosto, é justamente um Congresso, um estudo histórico, sobre a Semana Santa em Mariana, envolvendo historiadores, pesquisadores dessa área, pessoas ligadas à Igreja, liturgistas, para ver o que fazer no sentido de revitalizar a Semana Santa. Por exemplo: a procissão do Encontro é na Terça-Feira mesmo? Ou quem sabe no Domingo de Ramos, que é o domingo da paixão? Porque poderíamos fazer tranquilamente no Domingo de Ramos à tarde? Ou quem sabe na Sexta-Feira, como era antes, antes do Domingo de Ramos? Porque, de certa forma, nós não temos que ter uma preocupação muito cronológica, não precisamos de pensar que temos que fazer a procissão do Encontro na Terça-Feira porque Jesus entrou na cidade de Jerusalém no Domingo. Se fossemos olhar essa cronologia mesmo teríamos que fazer a Procissão do Encontro na Sexta pela manhã, porque à tarde Jesus morre. Essa questão cronológica não é um critério, mas sim deve-se respeitar o ritmo da tradição do lugar.

A população de Mariana se sente identificada com o evento? Demonstra desejo em preservá-lo?

3-Eu acredito que sim, o povo de Mariana tem um grande carinho com a Semana Santa, com a liturgia, e vejo às vezes até que eles desejariam um cuidado maior de nossa parte, da Igreja, dos clérigos, com a Semana Santa, que caracteriza o modo de celebração da própria cidade.

Durante a sua trajetória histórica, como o evento se alterou? Alguma mudança em especial foi para melhor ou pior?

3-Bom, a primeira coisa que eu acho que é muito positiva é a participação dos Conselhos de Pastoral na organização da Semana Santa. Acredito que antes essa organização era restrita a um grupo pequeno, seja da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que é a grande provedora da festa, ou outras irmandades. Hoje não. Há um envolvimento maior das pessoas que atuam nas comunidades, isso faz com que haja uma integração maior, há um dinamismo maior. Isso é a grande conquista da cidade de Mariana, no sentido de fazer com que ela não se transforme só num objeto de consumo para que o turista venha desfrutar apenas da estética, da beleza da liturgia, mas manter o significado como um todo, é muito importante. O outro elemento estético, ritual, da tradição, do modo como se faz, não pode ser um assessorio apenas, o ideal é que seja um momento de oração, que reanime a fé da comunidade.

O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?

3-Eu acredito que sim, quando nós falamos de Patrimônio Histórico nós não podemos falar só em bens imóveis, uma Igreja, um Museu, uma rua, a Rua Direita, mas as expressões culturais também, de determinado lugar, um grupo de dança, um canto, e a Semana Santa é um monumento cultural, da cidade de Mariana, não tenha dúvida.

Em sua opinião é importante celebrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

3-Isoo independe do universo cultural de cada um. Se nós vamos a uma cidade e participamos da Semana Santa onde não tenha essas procissões, é estranho pra nós, particularmente pra mim, porque a nossa Semana Santa ela tem um odor, um perfume, ela tem cor, ela tem ritmo, é todo esse ritual, que nós presenciamos, e

quando você vai a um lugar que não tem, a gente acha que até não é Semana Santa, então eu acho que é importante sim o modo como ela é celebrada, porque há uma identificação, nós nos identificamos com o modo de celebrar, com o rito que acontece.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

3-Penso que poderíamos fazer mais, a gente tem que preservar enquanto patrimônio cultural, expressão da fé e da cultura, mas com muito cuidado para não transformá-la num objeto para servir unicamente para admiração das pessoas, isso não é o objetivo primeiro da Semana Santa. É necessário fazer com beleza, mas colocando em primeiro lugar o horizonte da fé.

Qual a sua opinião sobre a participação do turismo na dinâmica da Semana Santa?

3-Sem dúvida é um investimento importantíssimo, não só em Mariana, mas também no Brasil. Mesmo que o turismo no Brasil ainda esteja sendo descoberto, e precisa sim ser valorizado, porque é uma fonte de renda e sustentação para o país e certamente para a cidade de Mariana. Agora, a nossa Semana Santa, acredito que muitos que vêm aqui são atraídos pelo desejo de rezar, porque o que acontece aqui não acontece em outras cidades, por exemplo na capital em Belo Horizonte, ou em cidades de outros estados. Outros vêm atraídos também pela fé, mas também pela curiosidade de conhecer, e de ver. Eu não poderia dizer a você a respeito do comportamento dos turistas, uma vez também que eu não atuo diretamente na Paróquia da Sé, participo pouco das celebrações lá como Padre, porque eu tenho a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, onde eu atuo nas comunidades mais rurais. Mas eu penso que o turismo bem organizado seria um auxílio, até mesmo uma possibilidade de evangelização, também, para aqueles que vêm aqui na cidade.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

3-Estas questões penso que devam ser melhor respondidas pelo Pároco Padre Paulo Barbosa, que todo ano se reúne para a preparação da Semana Santa, eu não sei como é o processo.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

3-Uma palavra que resume para mim a Semana Santa é doação, entrega. Porque o Cristo se entrega por nós, para dar a sua vida por nós. Então celebrar na Semana Santa essa palavra vem a minha mente, quando estamos atualizando no sacramento a doação de Jesus por nós.

Entrevistado 04

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única?

Quais as suas principais características?

4-A Semana Santa de Mariana é única em vista da sua história, e de todo um planejamento que ela consegue fazer através daquilo que ela então acredita. Antes de tudo, a Semana Santa é um ato de amor e de fé, e confiança em Deus. E a Semana Santa expressa então este amor e essa fé através dos ritos, das celebrações, das procissões, através das experiências de fé e de religiosidade que o povo apresenta. Essa unicidade da Semana Santa é porque também aqui começou o Estado de Minas Gerais, aqui entrou pela primeira vez a Eucaristia, a devoção mariana, toda aquela ritualidade que se encena na Semana Santa de uma maneira especial. E isso também fala não apenas a tradição de um passado, que já está bem enraizado, mas também para o presente, porque a Semana Santa é sempre uma

celebração de uma presença viva, atuante e reinante de Jesus no meio de nós. Naturalmente, uma vez que estamos no centro social, cultural, religioso, tanto se falará pelo âmbito religioso, quanto pelo âmbito mais cultural também. Como principais características, a cidade tem a exclusividade de ser a sede da Arquidiocese de Mariana. E onde a gente trabalha é também a sede da Paróquia, e a sede de todos os eventos que acontecem na Arquidiocese, sobretudo na cidade de Mariana. Um caráter muito especial dessa Semana Santa é, por exemplo, o Senhor Arcebispo, por exemplo, onde ele passa a maior parte do tempo, dentro das festividades religiosas neste período. Ele até celebra em outros lugares, prega sermões, faz celebrações, mas em Mariana a sua presença tem maior destaque. Era assim com Dom Oscar, Dom Luciano, e agora também com Dom Geraldo. A Catedral é a única que existe na Arquidiocese, só existe uma Catedral, porque a Catedral é a Igreja do Bispo, por excelência. Cátedra, palavra latina, significa então autoridade, palavra, poder no sentido do serviço eclesial e eclesial em favor do povo. E é na Catedral então que acontecem as principais cerimônias da Semana Santa, por exemplo, a Quinta-Feira Santa, quando nós temos duas celebrações. Às 10 horas a celebração do santo óleo, três óleos bentos, o óleo dos enfermos, o óleo do batismo, o óleo do crisma, que são ministrados durante o ano, nas várias paróquias. Nesta celebração das 10 horas estão presentes os vários casais, padres, toda Arquidiocese, pelo menos na sua representatividade, e ali o Bispo então abençoa toda sua Arquidiocese e os Santos Óleos que serão usados, ministrados, nos sacramentos das Paróquias. À noite acontece já a cerimônia do Lava-pés, que lembra o sacramento da Eucaristia. Nós unimos tanto a Praça Minas Gerais, quando a Catedral na adoração ao Santíssimo, até a meia-noite. Também na Catedral acontece a cerimônia, por exemplo, da Sexta-Feira da Paixão, 15 horas, Ofício da Cruz, Adoração da Cruz. o único dia onde não há celebração de missa, porém há a valorização da cruz como instrumento de salvação, à noite acontece na Praça Minas Gerais a cerimônia do descendimento, que é uma cerimônia muito bonita, tradicional e atualizada pela cerimônia do momento, também pela pregação, sempre ligando também com a Campanha da Fraternidade daquele ano, como foi agora este ano a campanha da Amazônia. No Sábado Santo à noite acontece a Vigília Pascal, às 21 horas, a gente pretende fazê-lo, e também no Domingo da Ressurreição as celebrações eucarísticas. Além dessas celebrações eucarísticas, nós temos algo especial marcante, por exemplo, a cerimônia chamada Ofício de Trevas, quando as velas se apagam, dando lugar à morte, mas depois se reacendem todas as luzes da Igreja, lembrando a luz da ressurreição. Da mesma forma, há celebrações marcantes como os sermões da Semana Santa, que são sermões populares, em praças públicas, são praticamente as únicas oportunidades durante o ano que acontecem, além dos padroeiros, são as cerimônias de Semana Santa externas. A gente chama isso de para-liturgia, como uma espécie de liturgia própria para os determinados momentos específicos. E também, as procissões, que são belas, a Procissão das Dores, do Domingo de Ramos, do Senhor Morto, do Santíssimo na Quinta-Feira, dos Passos, e assim então a Semana Santa tem toda uma visualização dos principais mistérios da nossa fé.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

4-Do ponto de vista religioso, a Semana Santa é importante, pois é o principal evento durante o ano, quando a gente celebra os principais mistérios e cerimônias da nossa fé. Aí então nós nos alimentamos espiritualmente para vivermos toda a nossa missão durante o ano. Do ponto de vista popular, ela é muito importante porque o povo se sente muito presente, o povo se vê, por exemplo, sofrido com Jesus, na hora da

cruz, o povo se vê representado no Cristo que carrega a cruz, em Nossa Senhora, que sofre as dores, nas várias procissões da vida que lembram a caminhada deste povo, o povo se vê presente no Ofício das Trevas, que revelam os seus sofrimentos, o povo também se vê presente nas luzes da Igreja e na ressurreição de Jesus Cristo, lembra também o seu crescimento, a sua constante ressurreição, uma espécie assim de alimento para o povo se reanime na sua fé. Do ponto de vista cultural e turístico, a Semana Santa também é importante, porque aqui nós estamos num verdadeiro cenário, que mostra a beleza do barroco, a beleza da arte que aqui se construiu, a preservação disso tudo no presente, o que não é fácil, mas é uma missão de todos nós constantemente. Nós estamos trabalhando para com essa revitalização, com essas reformas, com essa espécie assim de valorização da cultura através das Igrejas, das suas construções, na conservação da arte que existe. O turista que vem, o visitante que vem, ainda que seja apenas pra rezar, ou apenas pra ver externamente, ele sentirá que Mariana valoriza não só a religiosidade, mas também a sua cultura, a sua arte própria. E aí, naturalmente, se a pessoa vier uma vez a Mariana e perceber todo esse lado dessa riqueza de um passado que se faz presente, com certeza ela levará essa boa lembrança para a sua terra, e contará essa bela experiência.

A população de Mariana se sente identificada com o evento?

4-A maioria do povo de Mariana é católica, mas a gente sabe que a maioria não frequenta a Igreja, não só em Mariana, mas em todo lugar. Porém, em Mariana, a frequência é muito especial, independente, ou relativamente, as outras experiências de participação religiosa, em Mariana eu posso lhe dizer, porque tenho experiência de trabalhar em outros lugares, ver em outros lugares, participar também em alguns momentos, eu vejo que Mariana tem uma participação destacada do povo. Claro, que poderiam participar mais. A gente tenta fazer um programa bem participativo, a gente envolve as comunidades. Pode-se dizer que a Semana Santa não é só para o centro de Mariana, hoje a cidade tem mais de 50.000 habitantes, envolvendo a área rural e urbana, portanto a Semana Santa exige um momento também que nós estejamos nos bairros, Cabanas, Rosário, Barro Preto, Santo Antônio, por exemplo, quer dizer, a Semana Santa tem momentos que ela tem que falar para aquele povo que está na periferia, está longe do Centro, que precisam ouvir uma palavra de amor também, de alento, e aí é preciso salientar o valor que as pessoas dão, seja nas comunidades, seja no Centro. Nós temos aqueles que se colocam totalmente disponíveis voluntariamente para trabalharem na Semana Santa, nas procissões, nas arrumações das mesas, dos santos, nas vestimentas, há um verdadeiro exército de pessoas voluntárias que trabalham na Semana Santa, não só no centro, mas também nas comunidades. Isso então é o verdadeiro valor que a gente vê. Praticamente quando se marca a Semana Santa nós já sabemos: o povo estará presente. E nós acreditamos. Com a graça de Deus que se faz presente nesse povo.

Como o evento se desenvolveu na sua trajetória histórica até os dias atuais?

4-O evento vai se desenrolando no tempo de acordo com o valor que ele vai recebendo e oferecendo. A Semana Santa, por exemplo, foi se destacando nos vários tempos da sua história porque sempre houve um grupo, sacerdotes, religiosos, leigos, irmandades, de pessoas abnegadas, generosas, desprendidas, que se dedicaram com a Semana Santa. A gente pode dar a isso o nome de tradição oral, quer dizer, aquilo que se passa do pai para filho, e daí, por conseguinte um vai passando para o outro. O vizinho passa para o outro. E, chegando aos tempos atuais, a Semana Santa tem a sua peculiaridade também, porque hoje ela está dentro de um contexto social, cultural e religioso. Exige-se que a Semana Santa,

liturgicamente e eclesialmente esteja ligada ao contexto, por exemplo, da Campanha da Fraternidade, isso tem feito muito bem à Semana Santa, porque em toda Quaresma acontece a Campanha da Fraternidade. Este ano refletimos o tema da Amazônia, o último ano refletimos sobre os povos indígenas, a juventude, a família, ano que vem o tema será a vida, então a Semana Santa também valoriza esse ponto, vê a Campanha da Fraternidade como uma luz pra guia-la para que haja uma espécie de correlação entre a cruz, a morte de Jesus, a sua ressurreição, com os dias atuais. Não apenas como uma lembrança do passado, que a gente faz de Jesus, mas é uma reatualização no presente de acordo com os tempos que nós vivemos. E uma coisa que é também característica é saber que a Semana Santa não é só para o centro, antigamente Mariana ocupava apenas o centro da cidade, hoje nós temos duas paróquias urbanas, e quatro paróquias rurais, com a característica rural. Então, nós temos assim uma cidade que tem uma centralidade, nos seus eventos e seus aspectos gerais, mas temos também a sua abrangência, naquilo que ela objetiva. E aí essa espécie de reflexão, faz com que uma ou outra coisa seja necessária ser revista, seja quanto a organização da celebração, de um momento específico, mas a essência é a mesma, é o Cristo Jesus, a sua paixão, morte e ressurreição. Esse é o ponto principal, Jesus presente hoje. E o tudo mais que acontece, as cerimônias, as pregações, sermões, organizações, tudo é em torno de Jesus Cristo. Ele é o centro da Semana Santa.

O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?

4-A memória é como que a alma e o retrato de um povo. Memória não apenas no sentido de lembrança, mas no sentido de presença. Quando a gente memoriza a alma, alguém, um fato, é porque lhe damos o devido valor, e aí, com certeza, nós sabemos que o evento da Semana Santa é muito valorizado. Poderia ser mais valorizado, se fosse bem conhecido, a sua tradição verdadeira, os seus atos litúrgicos, os seus ritos celebrativos, o seu significado como um todo. Isto é, a gente não ama aquilo que a gente não conhece, é preciso conhecer mais a Semana Santa, até para que ela tenha um maior valor. O valor é aquilo que a gente dá. Hoje nós sabemos muito bem que muitas coisas não são valorizadas porque não são conhecidas. Pode-se ver isso no próprio turismo. Porque que eles valorizam uma peça, uma obra de arte? Porque se dá valor, um valor de cultura, um valor de história, um valor de beleza histórica, mas tudo isso por causa do aspecto interior que aquilo oferece. A arte reflete, exterioriza o pensamento. Ela oferece oportunidades pra gente pensar no novo. O artista é aquele que sonha a realidade. Por isso ele expressa essa realidade através da música, através da pintura, através do belo, por exemplo, de uma escultura, e é preciso então que nós saibamos colocar tudo isso à disposição também, na Igreja aberta, ela não sendo apenas visitada, mas uma Igreja que é espaço de oração, espaço de reflexão, de cultura, onde as pessoas se vejam presentes. Ainda que eu não seja cristão católico, que não acredite nos mistérios sagrados, mas perceber que essas imponentes Igrejas ainda hoje vivamente visibilizam a sua arte e cultura, com certeza a gente tem que valorizar o passado, dando valor ao presente, porque nós hoje fazemos esse passado presente. Do contrário, esse passado não se fará presente. Para alterar esta realidade, nós podemos falar internamente, como já acontece, através dos planejamentos que são feitos juntos às comunidades, os grupos integrados da Semana Santa, mas a gente pode aproveitar mais os espaços também, com a imprensa, os livros, as escolas, a praça pública, isto é, dar aquilo que a gente conhece para que os outros conheçam. Já foi o tempo de achar que tudo era Ouro Preto, que Minas Gerais era só Ouro Preto, que somente eles tivessem o seu devido valor. Hoje também é preciso

mostrar a nossa Mariana. A nossa Mariana religiosa, a nossa Mariana cultural, a nossa Mariana cristã, que é realmente o verdadeiro berço de religiosidade e de cultura. Isso se mostra também através dos estudos, das pesquisas, através das crianças, desde cedo, é mostrando os valores culturais e religiosos da nossa cidade, envolvendo as pessoas.

É importante lembrar a morte e a ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

4-Toda a celebração da Semana Santa é um ato de amor a Jesus Cristo, a essência é a mesma. O Cristo que se faz presente na celebração é o mesmo Cristo que morreu na cruz há 2.000 anos, e ele continua presente hoje. Continua presente na celebração, continua presente na luta do povo pela dignidade, pela moradia, na luta do povo pela educação, pela saúde. É o mesmo Jesus que hoje carrega a cruz na realidade do povo sofrido. A gente procura então fazer com que a Semana Santa seja sempre uma expressão, não só a Semana Santa, mas todas as celebrações sejam expressão deste Cristo que morre e ressuscita constantemente na vida do povo de hoje. E, é claro, quanto mais a gente celebrar com fervor, com fé, com piedade, com vontade, com organização, com um bom planejamento, mais a gente vai não apenas gostar, se encantar, mas oferecer oportunidade para que as pessoas também descubram e valorizem essa presença do Cristo Jesus crucificado e ressuscitado no meio de nós.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

4-A Igreja Católica procura fazer tudo para que a Semana Santa seja sempre o momento principal, e este tempo que estou em Mariana sempre procurei fazer o máximo, para que a Semana Santa fosse bem valorizada. A prova disso, por exemplo, é que dentro da Semana Santa eu participo no Centro, nas caminhadas, faço questão de participar o tempo todo de tudo, de todas as procissões, em geral eu tento me fazer presente o tempo todo na Semana Santa, tanto dentro quanto fora da Igreja, até nas comunidades rurais, em Mainart, por exemplo. A gente então pretende fazer com que as pessoas também tenham esse amor, essa vontade de se colocar à serviço, então estamos sempre abrindo espaço de participação, para crianças, jovens, adultos, e quanto mais então a gente se interessar nesse sentido, vai ser bom não só pra Igreja, mas pra toda cidade. Patrimônio é aquilo que a gente acredita. Patrimônio não é apenas o espaço físico, patrimônio é um espaço cultural, religioso, nós somos os grandes responsáveis pelo patrimônio. A nossa fé, o nosso povo, e as nossas experiências. Se nós não nos preservarmos, se nós não preservarmos aquilo de bom que nós temos, nós vamos deixar o que pro futuro? Se hoje nós temos algo, é porque alguém preservou pra nós. Cabe a nós também preservar para o futuro. Por exemplo, quanto a alteração nos horários das procissões, parece que efetivamente a participação é maior depois que se deu a mudança do horário. Então, em termos de participação, isso é positivo, você vai atingir um número maior de pessoas

Qual a participação do turismo na dinâmica do evento?

4-Existe uma abertura sempre crescente, progressiva, no mundo de hoje em relação ao turismo, e a cultura, que hoje acontece muito nas cidades históricas, e em Mariana de uma maneira muito especial. Penso que nós tínhamos que nos integrar mais, a Igreja com o comércio local, com os órgãos municipais, que também dão apoio, com as várias escolas e instituições acadêmicas, com as associações culturais que existem, a Associação dos Guias Turísticos, é preciso que todo mundo se sinta presente. Nós devemos estar mais ligados uns aos outros. Quanto mais estivermos unidos, mais a gente cresce. Nós temos que evitar aquela sensação de

separatismo, de individualismo, de isolamento. No mundo de hoje, quanto mais integração para o bem, se conseguem grandes resultados. Aí, nunca se valorizará o turismo e a cultura de forma separada, é preciso valorizar de uma forma integrada, no dia a dia durante o ano, devendo oferecer oportunidades culturais, artísticas e turísticas, para que não só na Semana Santa, mas em vários momentos do ano as pessoas se vejam valorizadas e valorizem aquilo de bom que nós temos, tanto do ponto de vista religioso quanto do ponto de vista artístico e cultural. Quanto mais houver planejamento neste ponto, mais a cidade vai ganhar, e mais a gente vai mostrar a beleza que é a nossa terra.

Qual a sua opinião sobre a divulgação do evento?

4-Nós sabemos que a divulgação depende muito dos espaços que nós temos. O espaço que a Igreja tem ela oferece, o tempo todo a gente fala da Semana Santa, divulga nos nossos jornais, nas missas, celebrações, nos momentos de organização que nós temos. Mas eu penso que a imprensa poderia colaborar mais, os órgãos públicos, dentro da sua condição, e também sua funcionalidade, também o próprio comércio, pode oferecer mais oportunidades, como que um planejamento em forma disso. A divulgação é como uma visualização daquilo que nós acreditamos, que nós sonhamos. Quanto mais a gente mostrar essas belezas que nós temos, mais elas serão valorizadas, e mais a gente vai se sentir feliz com aquilo de bom que nós temos.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

4-Antes de tudo, a Semana Santa pertence à Igreja Católica. Em todos os lugares, a Igreja tem os seus párocos, seus padres, e os conselhos. Nas Paróquias existe o chamado Conselho Paroquial de Pastoral. A partir deste Conselho se decidem as cerimônias, e toda a organização paroquial. Os Conselhos vão sendo subdivididos em equipes, para programas, para organização das celebrações, para as ornamentações, para a parte externa, e em determinado momento acontecem também, simultaneamente, as parcerias, com o poder público, com todos aqueles que vão se sentindo envolvidos com a Semana Santa. Tudo isso então vai sendo decidido também de uma forma participativa. Eu até penso que quanto mais houver envolvimento, maior será a participação. Mas tudo isso parte sinteticamente do programa interno da Igreja, e aquilo se abre para a sociedade, e aí vão sendo buscadas as parcerias para a mobilização e a organização do evento. Nós temos tido um grande apoio da Secretaria de Cultura e Turismo da cidade, e a gente sempre agradece, e eu vejo que quanto mais o tempo for passando, mais a gente vai sentido também as necessidades específicas. Como eu disse, a palavra chave é essa: integração. Quanto maior a integração entre a Igreja, o poder público, as instâncias comerciais, culturais e organizativas do povo de Mariana, e em todos os lugares, quanto mais a gente conseguir uma integração para aquela finalidade, mais a gente vai ter um bom planejamento, e conseqüentemente uma boa participação.

Como se relacionam o poder público, privado, turistas e Igreja no que diz respeito à Semana Santa?

4-Como eu disse, no momento nós temos tido uma boa relação com o poder público, a gente tem sido sempre valorizados nas nossas solicitações, uma vez que o espaço da Semana Santa não é realizado somente dentro das Igrejas, ele acontece nas praças, nas ruas, então é preciso que o poder público, e os vários organismos populares estejam atentos, e sempre também participando. E aí acontecem então as várias atividades da Semana Santa. A partir então dessa integração, ou dessa cooperação, a gente vê, por exemplo, a Polícia Militar, a Guarda Municipal, também das equipes externas, que enfeitam ruas, se mobilizam, por exemplo, para

prepararem os trajetos da Semana Santa, para a organização daquela cerimônia que são externas, as paralitúrgicas. Eu penso que com o tempo, as pessoas vão se interessando mais, é preciso dizer e pensar que a Semana Santa não é só pra quem é católico, mas pra todo mundo. Ainda que eu não acredite em Jesus Cristo, ele veio ao mundo, e ensinou-nos uma lição, que é a lição do amor, o amor a Deus, o amor ao próximo. “Eu vim para que todos tenham vida”, capítulo 10 de João. E o Espírito Santo está em Jesus Cristo, para libertar os oprimidos, para que as pessoas sejam livres de suas mazelas, mas participem também do processo de auto-construção, e aí, é preciso dizer também que todos nós, membros da Igreja, somos responsáveis não somente pela Semana Santa, mas pela vida, pela vida como um todo, pela vida do povo, pela vida do meio ambiente, pela vida que nós devemos preservar, e que nós devemos promover.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

4-Eu digo que a Semana Santa é a forma que nós temos de louvar e agradecer ao nosso Deus por se fazer presente no meio de nós. Humilde, como uma pessoa pobre, firme, como alguém determinado e objetivo, e também aquele que nos salva, e que nos oferece essa oportunidade de salvação. Celebrar a Semana Santa é celebrar a cruz, é celebrar a luz de Jesus. Celebrá-la é vivê-la. Não adianta apenas celebrar externamente, se a gente não a vive. É preciso viver também essa experiência de cruz, essa experiência de luz, a que a Semana Santa nos prega.

Entrevistado 05

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única?

Quais as suas principais características?

5-Eu creio que o que torna única a Semana Santa em Mariana é a própria história da cidade, é a primeira capital de Minas Gerais, e por isso mesmo, historicamente falando, ela carrega uma história, e esta história que a torna única em termos de patrimônio histórico aqui nesta cidade. Por isso mesmo, a própria Semana Santa, que é o momento principal da fé do cristão católico, é celebrada também de forma histórica, relembra toda a história da cidade de Mariana, por isso que ela se torna única, por causa do seu conteúdo histórico, e por causa do próprio mistério que ela encerra, pra quem tem fé, que é o mistério pascal. Uma primeira característica principal é a tentativa de preservar essa popularidade, essa religiosidade popular. Porque a gente pode dividir a Semana Santa em duas partes: existe aquela parte dita da religiosidade popular, que a Igreja chama de para-liturgia, que são os sermos, as procissões, essas encenações todas que tem em torno do mistério da vida, paixão e morte de Jesus Cristo, e existem aqueles três dias principais, que é a Quinta-Feira, a Sexta-Feira e o Sábado de Aleluia, que já é a liturgia própria da Igreja enquanto instituição. Então, uma maior característica é justamente a tentativa de preservar esse patrimônio da religiosidade popular. Acho que isso é o que chama a atenção dos turistas, das pessoas em geral, quando elas procuram uma cidade histórica pra poder passar a Semana Santa. Não só pelo fato de terem a oportunidade de estarem próximos da oração através do centro da liturgia, que é o que a instituição, a Igreja Católica oferece, mas também esse patrimônio do povo, que é a religiosidade popular.

Qual é a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

5-Pra cidade, a importância é justamente em termos históricos, tenta-se preservar a religiosidade popular através desse patrimônio histórico da própria cidade. Então, pra

cidade de Mariana, é importante enquanto expressão religiosa da fé que a própria cidade tem, em termos históricos. Agora, a outra importância é porque a Semana Santa é importante em todas as cidades em que nós tenhamos a presença de cristãos católicos, pessoas que tem fé e que tentam nessa oportunidade estarem mais próximos um pouco de Deus, e voltarem-se um pouco mais pra dimensão da espiritualidade transcendente, da importância de Deus na vida.

A população de Mariana se sente identificada com o evento?

5-Acho que a gente pode fazer uma diferenciação entre as pessoas que participam da Semana Santa. Por exemplo, quando a gente olha as pessoas da própria cidade, eu creio que existem pessoas dentro da cidade que participam porque acham bonito, porque acham interessante essa manifestação popular, mas que não tem tanta ligação, por exemplo, com essa dimensão da espiritualidade. E também existem outras pessoas, talvez numa quantidade menor, que dão importância a essa dimensão histórica, porque estão numa cidade como Mariana, que tem toda essa história de tradição, mas muito mais porque valorizam a dimensão da espiritualidade, e tem consciência que para além dessa expressão popular de fé e de religiosidade, existe a dimensão mais litúrgica, mais teológica, que dá sentido à própria religião ou ato de fé. Então existem essas duas pessoas quando a gente olha o povo de Mariana. Mas quando a gente olha os turistas que vem, também da mesma forma. Existem turistas, por exemplo, que de repente não precisam nem ter uma fé católica, para poder participar da Semana Santa, mas participam como um evento histórico, tradicional, porque já ouviram falar, porque querem fazer um aprofundamento, um estudo, uma coisa nesse sentido, e outros turistas que vem para aproveitar dessa espiritualidade, eu creio que eles venham dos centros urbanos como Belo Horizonte, Juiz de Fora, São Paulo, e há um momento em que eles tem um pouco mais de descanso, tranquilidade, serenidade, para poder se alimentar de fé também. Então existem os mais variados tipos de participação na Semana Santa. O ar barroco também contribui para esta espiritualidade, mais para aquelas pessoas que tem um certo conhecimento desse valor artístico. Para aquelas pessoas que não tem tanto conhecimento de história, do que aconteceu, do porque do barroco ser a expressão que é, fica mais difícil às vezes você ficar em sintonia com o próprio momento, quando você tem um pouco mais de conhecimento sobre essa história, o momento de vivência da própria fé, conjuga-se essas duas dimensões, histórica e do próprio evento da Semana Santa que está acontecendo, enquanto tradição e enquanto oportunidade de reviver a espiritualidade.

Como o evento se desenvolveu durante a sua trajetória histórica? Alguma mudança em especial?

5-Talvez eu não consiga dizer historicamente sobre o próprio desenvolvimento da Semana Santa aqui em Mariana, precisaria de um pouco mais de pesquisa, de estudo, mas eu vejo assim: uma coisa que pra mim eu percebo que vem acontecendo é a participação dos jovens na própria Semana Santa. Há algum tempo atrás você não via tanta participação dos jovens. A Semana Santa ficava por conta das pessoas que tinham um pouco mais de idade, hoje não, os jovens já tem um pouco mais de participação no evento da Semana Santa, tanto na dimensão da religiosidade popular quanto da própria celebração do tríduo pascal. Então eu enfatizo a própria presença dos jovens, da juventude, na igreja hoje. Isso é muito positivo para que a própria Semana Santa possa entrar num processo de não esquecimento, de valorização, revalorização, de cada vez mais possa continuar seguindo o caminho pra frente, seguindo adiante. Uma outra mudança aqui na cidade o que a gente não vê mais com tanta frequência é o uso do latim, que

antigamente era muito utilizado. Hoje em dia não, mas eu acho que o próprio povo não vê isso como algo negativo. Existem alguns movimentos que tentam inserir um ou outro cântico, ou outro momento de latim na própria liturgia, dando um tom mais sagrado, alguma coisa de maior mistério, nas próprias celebrações, mas há sempre aquela preocupação de se colocar uma tradução, se mostrar o sentido, acho que isso é significativo, a gente não precisa perder todas as raízes da língua latina, que é a língua da Igreja, mas apresentar ao mesmo tempo esse esforço, para que as pessoas possam entender aquilo que está sendo dito, cantado, rezado, porque se não, realmente perde-se um pouco o sentido. Somente aquelas pessoas mais cultas, mais estudadas, que vão saber o que está acontecendo. O povão mesmo vai ficar sem saber o que está acontecendo.

O evento faz parte da memória coletiva da cidade?

5-Sem dúvida faz, por causa da própria história da cidade de Mariana, como primeira capital de Minas Gerais, a própria história de Mariana exige que a própria Semana Santa reflita um pouco essa história. Acho que isso está muito ligado aqui. Seria, por exemplo, diferente, se houvesse a comemoração como ocorre aqui em São Paulo, Rio de Janeiro, ou outra cidade que viesse a imitar um pouco, ou fazer um pouco parecido, não teria muito sentido, porque a história não iria caminhar muito com a própria manifestação da Semana Santa. Então eu acho que aqui a história e a Semana Santa acontecem conjuntamente, então a própria história de Mariana faz com que a Semana Santa seja celebrada da maneira com que acontece. A Semana Santa ajuda a construir a identidade de cidade e das pessoas daqui.

É importante relembrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira com que é feito em Mariana?

5-Eu acho que não somente fazer um esforço de preservar esse patrimônio histórico, mas muito mais ainda tentar fazer com que as pessoas tenham consciência daquilo que está sendo feito, porque se não a gente perde o real valor e sentido da Semana Santa, para que ela não se transforme naquele momento de se lembrar da história da cidade, do passado, de tempos idos, mas a gente não vai conseguir perceber o sentido pra nós hoje, para homens e mulheres do tempo de hoje, dos dias de hoje, das lutas que nós temos hoje em dia. Então é importante essa preservação da história, mas é importante também que as pessoas se preocupem em crescer na consciência do que realmente é a Semana Santa. Em sua essência, no seu cerne, é a celebração do mistério pascal, que é a celebração da paixão, da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Então, se este fio condutor é perdido, a gente transforma realmente a Semana Santa em um grande evento histórico, de rememoração histórica, mas nunca de preservação da consciência de fé que as pessoas precisam ter. Aliás, esse é um risco que a gente corre, de valorizarmos mais a dimensão do patrimônio histórico do que da própria consciência de fé que as pessoas precisam ter. Então, pra mim, as duas coisas tem que caminhar junta. Se um começar a pesar mais que o outro, corre-se o risco reduzir a nossa fé a só uma história passada e não perceber o valor do hoje, do agora.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

5-Eu acho isso muito complicado. Por exemplo, houve uma época em que a Igreja estava muito ligada ao poder político, não tinha como você separar muito isso. A história se desenvolveu, e o poder político e religioso foi então separado. Então, em termos de Semana Santa, eu acho que é sempre complicado a gente delimitar as fronteiras do que é responsabilidade do poder político e o que é responsabilidade do poder religioso. O que cabe ao Prefeito e seus ajudantes, e o que cabe ao Pároco, ao Bispo, e as pessoas que os ajudam. Delimitar essa fronteira é sempre muito

complicado, no que se refere aos patrimônios ligados à religião. Quem deve realmente tomar conta da Semana Santa? A Prefeitura e a Secretaria de Cultura e Turismo, ou o Pároco, os paroquianos e os conselhos? E, quando se pergunta se a Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana, eu vejo que de certa forma sim, mas eu acho que não existe um trabalho de empenho mais sistemático, mais voltado para a preservação desse patrimônio histórico e religioso dentro da cidade. Ao mesmo tempo em que eu falo isso, a gente esbarra nessa questão que eu estou falando. Até que ponto a Prefeitura e o poder público podem tomar decisões ou interferir pra fazer um trabalho consistente. Então esta é uma questão delicada, que exige das pessoas de direito conversas e diálogos, para montar projetos pra que isso possa acontecer.

Qual a participação do turismo na dinâmica da Semana Santa?

5-Existe a presença do turista enquanto uma forma que a cidade encontra de conseguir-se manter economicamente. Então o turista que vem à cidade traz também dinheiro, a possibilidade de que pessoas possam se articular em torno de trabalhos para esse turista. Então ele gera renda pra cidade neste sentido. Em termos religiosos, é aquilo que já falamos, sobre a participação do próprio turista. Agora, eu vejo assim: eu vejo que nas nossas celebrações na Semana Santa ainda há pouca participação efetiva dos turistas enquanto turistas. Até podem participar, mas não há uma ênfase de que são turistas que estão participando, são pessoas que estão ali, em comum, com as outras pessoas. Eu não sei se de alguma forma poderia ser trabalhado uma dimensão onde eles pudessem estar participando, enfatizando que são os turistas que estão participando, para que a própria cidade possa também perceber o quanto ela pode acolher essas pessoas que vem de fora, o quanto elas podem participar, para que a dinâmica do turismo não aconteça só entre quem vem de fora, mas de quem está aqui dentro, para valorizar a questão da acolhida, da participação conjunta, e eu vejo que não há muito isso. Há essa participação, mas é muito no meio do povo, e quando você está no meio do povo não há como distinguir quem é turista ou não. Todo mundo é povo de Deus ali.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

5-Geralmente, a divulgação fica restrita a dimensão paroquial. As paróquias se organizam, montam os seus eventos, olham o que vai acontecer durante a Semana Santa, fazem seus panfletos e cartazes, e distribuem. De vez em quando fala-se nas rádios. Então, eu acho que é sempre uma programação que é feita sem muita ênfase. A Semana Santa já é algo tão natural, que realmente acontece todos os anos, que as pessoas não acham que haja tanta necessidade de se fazer propaganda, de se destacar, e tudo mais. Parece natural que as pessoas, durante a Semana Santa, procurem as cidades do interior, voltar para os locais de origem, essa dimensão não é muito trabalhada, pelo menos em minha opinião, é o que eu percebo. Eu penso que uma divulgação maior poderia ajudar o próprio evento, inclusive essa programação poderia motivar ainda mais as pessoas que são as responsáveis por fazer a Semana Santa acontecer. Se elas sabem que o trabalho que elas desenvolvem vai ser divulgado com maior ênfase, com maior destaque em outras regiões, elas também podem participar de uma forma mais efetiva, podem se dispor ainda mais porque sabem que estarão acolhendo pessoas que vieram participar de longe daquele momento. Isso de certa forma vai mexer com o orgulho das pessoas envolvidas, é a forma que eles tem de se mostrar e de se apresentar ao mundo.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

5-Isso é interessante. Eu nunca vi, por exemplo, discussões sobre colocação de banheiro público na Semana Santa, ou no Sermão do Descendimento da cruz, acho que isso até entra na dimensão do sacrifício que se faz, de ficar de pé, enfim, porque tradicionalmente é assim, não faz sentido, por exemplo, nós quisermos que num Sermão do Descendimento da cruz todo mundo esteja sentado em poltronas, tranquilamente, para ouvir o pregador. Isso contradiz com o próprio espírito de sacrifício do dia, que é a Sexta-Feira Santa. Agora, em termos de organização, eu acho que ainda continua sendo a nível paroquial. Os Conselhos se reúnem, nas devidas Paróquias, geralmente com os membros das comunidades que já tem o costume de participar, e ali eles vão passando em revisão àquilo que vai ser feito, e as pessoas que eles vão poder contar na comunidade. Então, depois essas pessoas são convidadas, sendo que geralmente estão dispostas há muito tempo, pois sempre participam da Semana Santa. Tem cadeira cativa uma participação deles, por exemplo, numa Quinta-Feira Santa, onde se vestem de algum personagem bíblico. Algumas pessoas tem nisso a própria tradição, quando chegava o período da Semana Santa, eles iam participar na procissão. De certa forma, as pessoas já aguardam pro próximo ano. E é interessante que isso é algo que vai passando de pai pra filho. O pai que sempre participou do Lava-pés, quando ele tem que sair, ele pergunta pro filho se este vai substituí-lo. E então se da continuidade. Então a organização ainda é muito familiar, nesse sentido. E isso é interessante, os conselhos da comunidade, com as pessoas que sempre participaram, as dimensões aqui da Confraria aqui de Mariana, as Ordens de São Francisco, do Carmo, assim por diante, são pessoas que se reúnem para discutir o que vai ser feito, e os horários geralmente também estão de acordo com as possibilidades dos Sacerdotes, daqueles que vão fazer acontecer a Semana Santa. Para fazer o Sermão do Descendimento da cruz tem que ter aquele que pregue, pra poder fazer o Lava-pés é preciso ter o celebrante, e assim por diante. Então, tudo depende muito das pessoas que irão celebrar a Semana Santa. Por exemplo, na questão da alteração dos horários de procissão no Domingo da Ressurreição. Praticamente, efetivamente, a participação é maior depois que se deu a mudança do horário. Então, em termos de participação, isso é positivo, porque você vai atingir um número maior de pessoas que vão poder participar da celebração. Então, geralmente, quando acontece uma mudança de horários na Semana Santa, é sempre na tentativa de possibilitar a maior participação das pessoas. Geralmente isso acontece dessa forma. Quando um horário prejudica as pessoas de participarem, procura-se um novo horário para que as pessoas possam participar de uma forma mais expressiva, mais tranqüila, num horário em que seja melhor pra todo mundo. Essa questão do horário se articula em dois momentos: dependendo de quem virá celebrar, das pessoas que estão à frente das celebrações, e dependendo também justamente da participação do povo. A dificuldade de participação no horário faz com que o horário seja repensado num outro horário onde eles possam participar mais.

Como se relacionam os poderes público e privado no que se refere à organização da Semana Santa?

5-Como eu já disse, realmente há uma questão difícil pra você saber delimitar a fronteira entre os poderes, sobretudo quando na região, não somente em Mariana, mas em qualquer lugar onde se tenha um conflito entre o poder político e o poder religioso, aí fica mais complicado ainda delimitar essa questão. Quer queira, ou não, eles irão se encontrar em algum momento, em algumas oportunidades vai estar presente o poder político lá nas celebrações, o Pároco ou o Bispo também estarão presentes, então é sempre muito complexo delimitar um pouco isso. Agora, eu acho

que é possível, desde cada um saiba se colocar no seu lugar, e entender os papéis, que tem que ser feitos. Eu acho que esta dimensão do turismo é uma possibilidade de que o próprio poder político possa dar o devido apoio à infra-estrutura da própria Semana Santa. Ele vai visar justamente à participação das pessoas que vem de fora pra cidade, eu acho que uma das funções do poder político nesse momento é justamente dar um amparo, para que esses turistas que vêm à cidade possam encontrar aqui uma forma de expressarem sua fé, ou, pra aqueles que não tem fé, de participar de uma forma tranqüila do evento em si. Agora, pra mim é sempre muito complicado delimitar os papéis, acho que isso nunca fica muito claro.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

5-Renovação de fé, e rememoração da história. Acho que as duas coisas precisam caminhar juntas. E eu sempre busco perceber isso, fazer um movimento de renovação d fé, que a gente está celebrando, que é o mistério pascal de Cristo, e também de relembrar a própria história, não deixar que esta história, e que esta memória, se percam. Porque, se a gente perde a memória, a gente descaracteriza aquilo que marca essencialmente Mariana, que é a cidade primaz de Minas Gerais. Acho que as duas coisas tem que caminhas juntas, o nosso esforço, não só daqui de Mariana, mas também as pessoas que vem de fora, é perceber isso, é um momento de renovação da fé e de rememoração da história da cidade.

Entrevistado 06

O que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única, e quais as suas principais características?

6-O que faz com que ela seja única é por causa da tradição que vem desde o início da cidade, de religiosidade, porque aqui é uma cidade que tinha, e tem até hoje, mas funcionava muito os seminários, conventos, internatos, isso aí era o que fazia com que a cidade aglomerassem muitas pessoas da área religiosa, e fez com que essa tradição fosse se arrastando ao longo dos tempos. As principais características seriam isso mesmo, os conventos, os seminários, e isso ai caracterizou a cidade como uma cidade de alta religiosidade.

Qual a importância da Semana Santa para o povo de Mariana?

6-Bom, já que a Semana Santa é uma tradição, a coisa se torna importante, porque o mundo lembra da cidade como uma cidade religiosa. Então para o povo isso é importante, porque também o caracteriza, é característica do povo de Mariana o fato da religiosidade ter vindo de muito tempo atrás.

A população de Mariana sente-se identificada com o evento?

6-A população, mesmo nos tempos modernos hoje, que existem muitas outras religiões, quando um monte de gente debandou de uma religião para outra, dispersando bastante, mas a gente percebe que os remanescentes que ficaram na Igreja Católica continuam muito identificados com o que faziam nas épocas passadas. Isso não é questão de minoria não, porque apesar de ter diminuído bastante, a população participa muito, e continua bastante identificada. Por isso eles participam e demonstram essa vontade de preservar. Agora o porquê disso é porque toda tradição traz um nome, fica ligado a um nome, então isso se passa de pai para filho, e mesmo os jovens de hoje participam, em Mariana, de forma diferente, nos centros comunitários, nas reuniões, tem a participação nos corais, tem os eventos interligados que em outras cidades já estão acontecendo também, mas aqui já é mais ativo.

Como o evento se desenvolveu em sua trajetória histórica?

6-O desenvolvimento aqui, bem, coisa de tradição não tem muito desenvolvimento. Eu creio que hoje ela é mais divulgada pela mídia, o que é um fato novo que veio integrar esse movimento. Agora, quanto mais copiar o que era feito anteriormente, mais o evento vai ser significativo hoje. Então não houve, assim, um desenvolvimento não. Houve uma agregação de divulgação e participação de outras pessoas. Porque isso era feito dentro da comunidade, e hoje é feito com a presença de pessoas que vem de fora, o que mudou foi isso. Pode-se considerar que melhorou, porque hoje participam mais pessoas. O que não piora, a tendência é que se melhore.

O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?

6-Faz parte, com certeza, devido a tudo isso que a gente já falou aqui. Isso porque até hoje continua tendo as procissões, tendo os eventos religiosos, toda a cerimônia completa como existia desde quando começaram as celebrações aqui. Até hoje ainda em Mariana, não tão fortes, mas ainda existem os Seminários, e não existe mais o convento, mas existe o Colégio Providência, que ainda é lembrado como um convento antigo.

É importante relembrar a morte e a ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

6-Com certeza é importante, porque primeiro por que segue a tradição, e outra que é sempre bom lembrar que aquilo que não é representado, às vezes fica esquecido. Tem cidades que pararam de representar a Semana Santa, então já ficou esquecida, já não se sabe mais o que mantém a história, você repetir, contanto a história, repetidamente durante algum tempo.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

6-Acho que está, porque é o que mantém as Igrejas, que é feita basicamente dentro dos templos que existem hoje, ela é feita geralmente no centro histórico, apesar de que nos bairros cada um tenha uma igreja, mas a Semana Santa aqui é enfocada no centro histórico. Aqueles passos que são feitos no meio da rua, então ela repete o mesmo ritual de sempre. Mesmo tendo evoluído as igrejas para os bairros, nos bairros você quase não vê falar em Semana Santa, isso é feito à parte.

Como se dá a participação do turismo na dinâmica da Semana Santa?

6-Na dinâmica do evento em si eu não vejo tanta participação não. Vejo uma participação maior não na dinâmica, mas como expectadores mesmo, não é uma participação assim, como se diz, ativa, é mais passiva. Se conseguissem que o turista participasse mais ativamente, aí é claro que a manutenção e o desenvolvimento do evento seria maior, teria um maior desenvolvimento. Então, citando o exemplo daquela Semana Santa do norte, em Nova Viçosa, em que a população participa e os turistas participam também. Então o que acontece é que lá evoluiu muito mais em termos de turismo, em termos de repercussão pelo Brasil inteiro, e até pelo mundo. Então, eu acho que em Mariana o turista é passivo, se conseguisse arranjar um meio de fazê-lo participar mais ativamente, aí isso daria um desenvolvimento melhor. Na manutenção até que não influencia, porque ela é feita por transmissão, sempre vai ter, é mais o pessoal da cidade que a mantém. Tem que ter a participação dos locais para olhar a questão da manutenção do evento.

Qual a sua opinião sobre a divulgação do evento?

6-Acho que melhorou bastante, hoje já fala-se da Semana Santa na televisão, nas grandes emissoras de televisão, nos jornais, já fazem a divulgação. Quer dizer, divulgação é sempre bom que se tenha mais e mais, quanto mais divulgação, melhor. O que pode haver é uma divulgação assim mais distribuída, durante o ano já

dar uns toques, porque se falar muito em cima da hora a pessoa fica mais difícil de planejar. Se você começar a falar desde o início do ano, por exemplo, sobre a Semana Santa, ou no final do ano agora já começa a falar da Semana Santa do próximo ano, e falar o que vai ter. Aí isso vai depender da organização da cidade em termos de apresentação, é preciso saber o que vai ser apresentado, para poder falar, porque se for dito sobre a Semana Santa mas a pessoa não souber o que vai acontecer, não dá, é preciso gerar informação. Muitos têm curiosidade de saber, já outros não. Mas a pessoa vai falar: eu vou lá por isso, isso e isso.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

6-Bom, essa questão eu não tenho muito como falar, porque é mais da Prefeitura, não sei como é feito esse entendimento. Trânsito, procissões, isso é mais do órgão público, em conjunto com a entidade religiosa, para poderem juntos administrar isso. Os responsáveis então são a entidade pública e religiosa também, porque o evento irá depender de um e de outro, é preciso haver um entrosamento entre as duas.

Como se relacionam o poder público, privado, turistas e Igreja no que diz respeito à Semana Santa?

6-Com certeza a Semana Santa em Mariana traz muito turista, porque como aqui é uma Pousada, sempre tem procura, o reflexo que a gente pode dar opinião é isso. Se a Pousada está muito cheia, com muita reserva, é porque o evento tem sucesso. Se o evento não encheu a Pousada, não teve procura, ninguém telefonou, tem pouca gente, é porque o evento não está legal. A Semana Santa é um dos maiores atrativos da cidade de Mariana. Mesmo deixando a desejar pela apresentação, porque tem muita gente que fala que esperava um pouco mais, no geral, justamente por causa da divulgação, e por causa da organização. Às vezes a pessoa vem para a Semana Santa, e sente falta do entrosamento da entidade pública com a religiosa, pra poderem os dois montarem um programa satisfatório. Se a entidade pública pretende trazer gente para a Semana Santa, mas a religiosa não concordar, por exemplo, que seja também um ato turístico, igual já aconteceu algumas vezes aí, que ficou fechado, não ofereceram nem programas, foi feito com o objetivo estritamente religioso, aí a coisa não funciona. Então tem que chegar num acordo que, apesar de ser religioso, o evento atrai também a parte turística, que pode ser dividido com outras pessoas, isso aí não vai afetar o grau de religiosidade, não vai atrapalhar, nem diminuir. Só vai contar com a participação de mais pessoas de fora. Seja curioso, seja o que for, se eu estou na Igreja rezando, pra dez pessoas ficarem me olhando, qual o problema? Eu estou é rezando, mas se eles não me incomodarem, estão observando, achando interessante eu lá, ajoelhado rezando, então deixa. Eu não tenho nada com isso, não preciso me preocupar de fazer a minha oração. Então na Semana Santa é a mesma coisa. Se você está lá, fazendo a procissão, com cem pessoas religiosas na procissão, se chegarem mais quinhentas, que estão acompanhando por curiosidade, achando interessante, mas não estão interferindo, dando uma interferência negativa, não estão fazendo bagunça ou desrespeitando, então não tem problema nenhum.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

6-Depois de tudo que foi dito, fica até difícil formular uma frase, mas eu penso que ainda é uma coisa boa pra cidade, pra população, pra sociedade, porque religião nunca é demais. Eu acho que mesmo a pessoa não sendo religiosa, a religião faz bem para quem é e para quem não é. É preferível ter, do que viver sem acreditar em nada, sem participar de nada. Ou, se você não participa, estando por perto já faz bem.

Entrevistado 07**Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única? Quais as suas principais características?**

7-É uma cerimônia em que, normalmente, o católico, principalmente o marianense, ele leva muito a sério esse problema da Semana Santa, ele atua, ele participa com muito fervor, com muito entusiasmo, então por esse motivo que a Semana Santa é sempre muito famosa. O que a caracteriza é principalmente as procissões, que são normalmente seguida à risca na parte litúrgica, e com todo entusiasmo principalmente por parte da Banda União.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade de Mariana?

7-Primeiro, é que a Semana Santa é uma renovação, quando a pessoa se prepara para a Páscoa, e isso é muito importante, levar isso bem a sério. Para Mariana, é a divulgação da cidade, no âmbito municipal, estadual e federal.

Em sua opinião, a população de Mariana se sente identificada com o evento?

7-Sim, sim, o povo de Mariana gosta, prestigia e sempre com o intuito de preservar a Semana Santa tradicional. Isso é muito importante para unir as pessoas e preservar a Semana Santa.

Em sua trajetória histórica, o que foi mudado ao longo dos anos?

7-Eu acredito que a intenção da mudança foi pra melhorar, mas no fundo, a Semana Santa há quarenta anos atrás, ela era mais empolgante, de uma maneira ou de outra, ela era mais importante. Na época, nós tínhamos o apoio dos Cônegos, do próprio Bispo que dava uma atenção muito especial à Semana Santa, eu, por exemplo, no meu tempo, me lembro do Cônego Braga, Cônego Cota, Cônego Monsenhor Diniz, e outros, Monsenhor Mauro, pelo entusiasmo de Dom Helvécio, depois com a presença de Dom Oscar, então eles davam muito apoio e tinha mais tempo também, para poder se dedicar a esta causa. Hoje em dia eu gosto da Semana Santa, mas eu fico lembrando que a tradição antiga era mais imponente.

O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?

7-Sim, não pode haver Mariana sem a Semana Santa não. Isso porque a Semana Santa marca o tempo da Quaresma, e marca o tempo da ressurreição da Páscoa.

É importante lembrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

7-Sim, porque a celebração já é uma tradição, e essa tradição não pode ser mudada e nem também podemos deixar terminar essa tradição.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

7-Ela é um patrimônio, da cidade de Mariana. Independente das mudanças, hoje ela ainda é peça fundamental para o povo de Mariana.

Em sua opinião, qual a importância do turismo para a dinâmica da Semana Santa?

7-De certa maneira, o turismo ajuda a Semana Santa, mas se procurar, renovar a própria liturgia, com mais entusiasmo, com a participação do povo, recebendo mais apoio, eu acredito que isso vai ser muito importante para o turismo marianense.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

7-Hoje a divulgação é pequena. Há 25, 30 anos atrás nós tínhamos a Rádio Guarani, que vinha pra Mariana na Quinta-Feira Santa, e ficava até o Domingo da Ressurreição, fazendo transmissão para todo o Estado de Minas Gerais, e parte do Brasil. Então, nessas alturas, a Semana Santa era muito bem divulgada. Hoje não

tem tanta divulgação assim mais. A própria rede de televisão divulga muito pouco a Semana Santa de Mariana, poderia ser feito muito mais, não tenha dúvida.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

7-Os horários normalmente são os horários adequados não somente para os fiéis, mas para a Banda. Agora, banheiro público, Mariana já está necessitando dele há muito tempo. Não precisa ter banheiro público gratuito não, pode ter uma taxa, mas que há necessidade de ter banheiro público, há.

Como se relacionam os poderes privados e públicos no que se refere à Semana Santa?

7-A Prefeitura sempre deu apoio à Semana Santa, sempre deu apoio, e os fiéis sempre também colaboraram com a Semana Santa. Então, pode ter alguma melhora tanto da parte do poder público quanto da parte dos fiéis, mas isso hoje com a divisão de tanta seita em Mariana, outras religiões, está havendo uma pequena divisão. Isso dá um número menor de participantes, embora a cidade tenha crescido muito, desenvolveu muito, mas a divisão de religião, de crença, foi muito grande.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

7-É o momento de preparação para a Páscoa de Cristo, onde devemos parar para pensar na própria vida, e agradecer a Cristo o sacrifício que ele fez por nós.

Entrevistado 08

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única?

Quais as suas principais características?

8-Olha, a Semana Santa em Mariana vem das tradições antigas, como em todas as cidades antigas, mineiras e do Brasil inteiro. A Semana Santa começa de acordo com a liturgia da Igreja Católica, no Domingo de Ramos, e termina no Domingo da Ressurreição. Geralmente, os turistas procuram muito esses dias para visitar as cidades históricas, como Mariana, Ouro Preto, São João Del Rey, Diamantina, Sabará, e outras mais. Então, Mariana tem feito muito, principalmente na parte do turismo, no sentido de trazer mais turistas para Mariana, principalmente na Sexta-Feira Santa e no Sábado de Aleluia, que são os dias onde vêm mais turistas para Mariana por ocasião das festas da Semana Santa. As principais características da Semana Santa em si é a celebração da paixão e morte do Nosso Senhor Jesus Cristo, que a Igreja comemora todos os anos. Conforme eu disse, começa no Domingo de Ramos, com a entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém. Nós temos aqui em Mariana o folclore que é muito importante, da procissão de Domingo de Ramos, que é o Cristo montado no cavaleiro, o que é exatamente o que aconteceu há dois mil anos atrás, quando Cristo chegou a Jerusalém. O próprio Evangelho fala sobre este jumentinho, quando ele pede um dos apóstolos para trazer, para ele entrar na cidade de Jerusalém.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade de Mariana?

8-Trata-se de uma questão totalmente de fé, quando o povo todo se reúne na sua religiosidade, sua vivência de fé, lembrando a morte e ressurreição de Cristo.

Em sua opinião, a população de Mariana se sente identificada com o evento?

Qual a sua participação?

8-Olha, a juventude hoje não se interessa muito com essa questão religiosa não. A grande maioria pouco se interessa por essas festas religiosas. E a cidade está envolvida com questões de drogas, bebidas, infelizmente. Mas, em si, para nós que somos mais velhos, nós temos a Semana Santa como a semana mais importante do

ano litúrgico da Igreja, justamente por causa da paixão e morte de Jesus. Então para nós de Mariana a Semana Santa é de suma importância, para o povo católico.

Em sua trajetória histórica, o que foi mudado ao longo dos anos?

8-Em minha opinião, alguma coisa foi muito importante, mas em outros pontos, a tradição foi quebrada. Por exemplo, no Domingo de Ramos, nós tínhamos a procissão litúrgica, que saía da Igreja de São Francisco e ia para a Igreja da Sé, acompanhada dos padres, do clero, e tal. E à tarde, então, é que saía então a procissão paralitúrgica que era com o cavalinho, com o Cristo no cavalo. Hoje, mudou. Eles fazem isso tudo à noite. Eu sou contra, mas os padres quiseram fazer assim, vieram uns padres novos para cá e modificaram isso. Em Ouro Preto, a procissão do Domingo de Ramos continua sendo até hoje na parte da manhã. E a procissão principal do Domingo de Ramos, ela é de manhã. No Domingo da Ressurreição, também, tem de manhã lá, e aqui tudo passou para noite. Eu sou contra, mas o que eu posso fazer? Os padres quiseram e querem assim. A população aceita tudo, ainda mais que uniram agora as duas paróquias, tem a Paróquia São Sebastião, e a Paróquia aqui do centro da Nossa Senhora da Assunção. No meu ponto de vista, eu acho que cada paróquia deveria fazer a sua Semana Santa, por exemplo, lá em São Sebastião, comemora lá, e a nossa aqui em cima continua a mesma coisa, os mesmos horários. Isso é um ponto de vista meu, mas não resolve, porque os conselhos se reúnem, e o Padre insiste em ser daquela maneira, o que eu posso fazer?

O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?

8-Faz, porque a Igreja Católica foi imposta por lei, no Brasil. Então, ela se torna parte ativa da história de Mariana. A Semana Santa da religião católica. A Coroa Portuguesa trouxe pra cá, logo que descobriu o Brasil, os padres, bispos, etc., e formaram o clero católico no país, e aqui em Mariana, principalmente por se tratar de uma cidade antiga, tanto que foi a primeira capital de Minas Gerais, o primeiro Arcebispado do Estado. Ouro Preto, apesar de sua fama, sua tradição, lá não tem Bispo, Mariana tem, é uma cidade de Bispo, Ouro Preto não é uma cidade de Bispo. É subjugada aos bispados de Mariana.

É importante relembrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

8-Sim, porque a Igreja costuma fazer as cerimônias de acordo com o evento. Por exemplo, existe o descendimento da cruz, e inúmeras celebrações que valorizam justamente o ato que se quer celebrar. Por exemplo, a liturgia que é muito bonita na Sexta-Feira da Paixão. Antigamente, era nove horas da manhã, mas passou a ser onze horas da noite. As bênçãos dos óleos é uma outra parte da liturgia que apenas na cidade do Bispo ocorre. São as questões que tornam importantes e únicas tudo o que se celebra em Mariana.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

8-A Semana Santa está preservada, sim. Poderia ser mais tradicional, mas cortaram aí muitas coisas. Por exemplo, o que eu já disse antes aí, as alterações dos horários das procissões, no Domingo de Ramos, em outros dias também. Se fossemos olhar juntamente com o Evangelho, os horários não eram como se celebrava aqui. Então, era errado, mas a tradição fez com que aqui fosse assim. Esses tapetes foram criados de uma certa época pra cá, não é tradição dos séculos passados, eles devem ter mais ou menos uns 40, 50 anos, antes não tinha não. Costumava-se enfeitar mais eram as sacadas, com a procissão pela Rua Direita, com as participações dos anjinhos, que sempre estiveram presentes. Desde menino eu lembro deles. Os sinos das Igrejas, por exemplo, hoje não obedecem mais o rito,

mas antigamente tocavam perfeitamente de acordo com as tradições, os horários, tudo mais. Hoje eles são substituídos também pelas matracas, que funcionam na sexta, aos sábados substituindo os sinos, para que os sinos retornem a tocar na meia-noite do sábado, o que simboliza o silêncio em respeito à morte de Jesus Cristo.

Em sua opinião, qual a importância do turismo para a dinâmica da Semana Santa?

8-Muitos turistas vêm aproveitando o feriado da Semana Santa, como o termo falado hoje, de feriadão, emendando a sexta, o sábado e o domingo. Igual, agora nós vamos ter o feriadão de Sete de Setembro, que vai dar numa sexta-feira. Então, as pessoas aproveitam esses feriados para visitar as cidades antigas, com as propagandas hoje que as evidenciam, as cidades antigas de Minas. Mas, ao mesmo tempo, muito já vem e ficam dois, três dias, para participar da festa da Semana Santa. Eles ajudam mais é no comércio, às vezes eles contribuem financeiramente, lá na hora, das cerimônias religiosas, então aí eles ajudam sim.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

8-O que eu vejo é que a cada ano que passa quem divulga mais é a Prefeitura, colocando postos de informação, com os horários das procissões, falam na Rádio, isso acaba que traz muita gente, com excursões, e tal. Essa divulgação traz mais pessoas para a cidade, e ajuda a divulgar o evento.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

8-Olha, existe uma parte responsável, que é a própria Igreja. A outra parte, de banheiro, essas coisas, quem mexe mais é a Secretaria de Cultura e Turismo. Elas geralmente são harmoniosas sim.

Como se relacionam os poderes privados e públicos no que se refere à Semana Santa?

8-A Prefeitura faz a sua parte, mas a população também deve fazer a sua, juntamente com a Igreja. A Semana Santa é da cidade de Mariana, deve ser tratada com muito carinho, devido a sua grande importância para a cidade e o povo de Mariana.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

8-A Semana Santa é expressão viva do sacrifício que Jesus fez por todos nós, devemos preservá-la, cuidar, para que os próximos também se vangloriem com esta manifestação.

Entrevistado 09

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única? Quais as suas principais características?

9-O que a torna única entendo que seja primeiro a tradição. A cidade é a primeira Arquidiocese de Minas, então a parte litúrgica principalmente é uma parte bem tradicional, da mesma forma que outro fator que influencia muito é o patrimônio edificado, o patrimônio material, as Igrejas, as Irmandades, enfim, a própria tradição. Acho que isso tudo é que faz com que Mariana se torne, a Semana Santa se torne única, principalmente por ter sido a primeira Arquidiocese de Minas. Pelas principais características, primeiro eu destaco o Setenário das Dores, que é uma tradição daqui, que excede a própria Semana Santa, as procissões, a Via Crucis, os passos, as próprias imagens apresentadas nas celebrações, que são imagens mais que

centenárias, e eu acho que o espírito de fé, o próprio clima da cidade faz com que gere esse clima de fé, esse clima de introspecção, de reflexão mesmo.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

9- Se você considerar que a cidade é composta pela tradição religiosa, a Semana Santa no aspecto cultural, de tradição, ela é importantíssima para a cidade. Eu analiso, por exemplo, principalmente, aquelas famílias mais tradicionais da cidade, aquelas famílias que já acompanham. A nossa expectativa, o que a gente vislumbra é que justamente as novas gerações, novas famílias também venham a aderir a essa tradição.

Em sua opinião, a população de Mariana se sente identificada com o evento?

Qual a sua participação?

9- Eu entendo que muito da tradição se perdeu, eu acredito que pela própria linha que a Igreja adotou. A linha mais progressista da Igreja ela deixa de lado um lado mais ritualístico, mais tradicional. Então eu entendo se nós trabalhássemos um pouco mais, voltássemos mais para a tradição, eu acho que a Semana Santa poderia ser mais implementada, poderia ter uma outra visão. Talvez o que gere uma certa discussão é a questão da Semana Santa com o turismo, mas se você pegar a Semana Santa como tradição, valorizando os rituais tradicionais, valorizando e voltando as procissões pelos itinerários normais, eu acho que com isso a cidade teria muito a ganhar. Ainda que exista uma ala que prefira uma Semana Santa mais “moderna”, o tradicional é o subsídio mesmo para inclusive o turismo. A população mais tradicional ela passou a não se identificar tanto com o evento, nos últimos anos, principalmente quando você tira, por exemplo, uma encenação bíblica, que poderia estar acontecendo, dentro de um preceito tradicional, onde você mantenha o itinerário das procissões, a população passa a se identificar mais, ela vai ser mais introspectiva, vai ser mais reflexiva, eu acredito que vai levar até mais a ser mais valorizada.

Em sua trajetória histórica, o que foi mudado ao longo dos anos?

9- Por exemplo, a questão tradicional. Você tinha, anteriormente, uma procissão chamada Procissão de Fogaréus, que acontecia no período da Semana Santa, e que hoje não acontece mais, houve aí uma quebra do ritual. Algumas missas que eram cantadas todas em latim, também não existem mais, ou foram bastante alteradas. Eu entendo que o evento, se nós considerarmos aí cinquenta, sessenta anos, após o Concílio do Vaticano que fez algumas alterações na Igreja, houve essas mudanças que a nossa geração não presenciou, mas a gente tem notícia, mas em contrapartida manteve-se uma certa tradição. Agora, de uns dez, quinze anos para traz, muito desse ritual foi quebrado, houve uma quebra disso. Você observa que alguns locais, por exemplo, que são altamente divulgados na Semana Santa, e a gente questiona porque a cidade aqui não é tão divulgada, é porque naquela cidade, naquela localidade, se mantém aquelas tradições seculares. Então muitas vezes a gente vê determinados lugares que não tem a tradição, não tem o tempo, não tem a idade cronológica que Mariana tem, mas ela sobressai mais porque ela mantém um ritual tradicional que em Mariana, muitas vezes, já foi eliminado. A própria trajetória da Semana Santa a gente vê que existiam rituais que até alguns séculos eram mantidos, posteriormente houve uma alteração dentro da própria direção e orientação da Igreja, mas nos últimos anos, principalmente de uns vinte anos pra cá eu acho que mudou bastante, fugindo um pouco do tradicional, que eu acho que é muito importante. Comparando com as outras cidades históricas, diria até que as alterações aconteceram mais aqui, pela própria filosofia de quem dirige a Arquidiocese. Isso é fato, após Dom Oscar, com Dom Luciano, houve uma mudança

enorme na tradição, pela própria linha da Igreja que ele adotou. Hoje, a Igreja de Mariana é de uma linha progressista, então determinados rituais, determinadas orientações se perderam, principalmente pelos párocos, que quebraram com a tradição. Isso é fato. Então, quando você muda, por exemplo, o trajeto da Procissão da Ressurreição, que acontecia às oito horas, com um cerimonial na Igreja da Sé, às dez horas saía uma procissão pela Rua Direita, quando os moradores enfeitavam com tapetes, enfeitavam as próprias casas. Hoje, esse trajeto mudou, mudaram o trajeto. Colocaram a procissão às 17 horas, saindo de outro bairro, então quebraram essa tradição que tinha na Igreja, que tinha na cidade. Quem são os responsáveis? Os Padres? Os Padres, e o povo de Deus, guiados por eles. Nós, inclusive, a Secretaria, especificamente, como trabalhamos a Semana Santa. A Semana Santa é uma tradição do povo de Deus, da Igreja, ela é direcionada pela Igreja, a Secretaria está à disposição para aquilo que a Igreja quiser, e na medida do possível nós conversamos e nos entendemos. Mas, por exemplo, esse ano nós levamos uma proposta para voltar com a procissão pela Rua Direita, com a missa da Ressurreição no mesmo horário de antes, fazendo o mesmo trajeto tradicional, com paradas e adorações, mas eles disseram que não, que a juventude queria a Procissão às 17 horas saindo da Cartucha. E como podemos interferir nisso? Eu, enquanto católico, dentro do próprio trabalho que eu desenvolvo hoje, e pela tradição da minha família, pela tradição dos meus antepassados, valorizo isso. Não é ser retrógrado não, não é a questão de não evoluir com o tempo, mas acho que tem determinadas tradições que devem ser mantidas.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

9-Ela está preservada quando você considera que ela acontece, no seu aspecto de continuidade, ela está preservada. Agora, no aspecto de tradição e de ritual, principalmente na questão de tradição, é que ela não está preservada. Quando você muda o itinerário de uma procissão, que já tem aquela tradição, você quebra essa tradição. Você interfere numa coisa que está preservada. A Semana Santa ela está preservada, porque os rituais que acontecem, as procissões que acontecem, isso está mantido, mas a maneira como acontece, isso não está mantido. Eu entendo que deveria haver uma participação maior da comunidade. A justificativa que nos dão é que a comunidade que quer assim, mas será que alguns católicos que desejam o retorno do antigo, participam dessas reuniões? Eu acredito às vezes que possa esta havendo uma omissão por parte dos católicos, que simplesmente aceitam. Eu mesmo, enquanto católico, às vezes deixo de participar dessas reuniões. Mas, enquanto poder público, a gente está aí para apoiar, da maneira que for melhor. Enquanto poder público, não deve haver interferência ou ingerência. A gente precisa apoiar. Então, por exemplo, se pede um apoio pra gente, constrói um calvário, toda a parte de folhagem do calvário, iluminação da praça, sonorização da praça, a questão de policiamento, interdição de rua, nós estamos juntos. Mas o poder público não pode chegar e dizer que quer mudar isso ou aquilo.

A Semana Santa faz parte da memória coletiva da cidade de Mariana?

9-Com certeza, porque dentro dessa perspectiva de tradição mesmo, muito disso é lembrado, muitas pessoas contam, eu falei com você, que foi um tempo que eu não vivi, por exemplo, mas eu tenho notícia, inclusive já vi fotos da Procissão de Fogaréus. Outra referência que a gente tem e que hoje não vimos mais, são as amêndoas distribuídas pelos anjos nas procissões, as figuras bíblicas que poderiam estar melhor trajadas, o canto da Beú, que está aí, que a gente ainda preserva. Havia as pessoas tradicionais que carregavam o esquife, então isso são um conjunto de memórias, o próprio Sermão, a visitação dos passos, os enfeites nas ruas, os

trajetos das procissões. Esse ano, por exemplo, houve uns questionamentos assim, sobre a mudança até das procissões, como a do Encontro, que aconteceram em outros lugares. Isso quebra completamente essa tradição. Isso é muito complexo de se compreender.

É importante celebrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

9-Eu acho que sim, porque isso está dentro do preceito da própria religião, e da tradição. Eu falo em tradição porque não podemos perdê-la, é um subsídio, o que motiva e amplia a cultura da cidade. A partir de uma tradição novas coisas são criadas, aprimoradas, melhoradas, mas eu penso que ela é imprescindível, principalmente numa cidade secular como Mariana.

Em sua opinião, qual a importância do turismo para a dinâmica da Semana Santa?

9-A questão da participação do turismo ocorre quando existe um apoio por parte do turismo, da Secretaria especificamente, e ela acontece também em termos de infraestrutura. A questão da divulgação, do apoio às cerimônias, a questão do apoio ao evento em si. Acho muito importante a gente ressaltar o seguinte: a Secretaria está pronta para apoiar, ela não pode interferir, mas pode e deve apoiar, pois, além de ser uma tradição da cidade, é um importante produto turístico, não há como negar isso. Mas muito antes de um produto turístico, é um evento cultural, que faz parte da cultura secular do município. Em termos de informação, existe um trabalho maior no receptivo, junto aos monitores, damos uma orientação acerca dos horários, a divulgação feita através de uma agenda cultural, também pelo apoio à folderia, com anúncios, então ela se estrutura nesse sentido, e também principalmente com uma orientação e apoio aos hotéis, aos restaurantes, o envolvimento da própria Guarda Municipal, pela questão de trânsito, então existe todo um envolvimento por parte da Secretaria e da Administração sobre o evento da Semana Santa, que é considerada como um dos maiores atrativos da cidade de Mariana. Claro que ela poderia ser mais implementada, principalmente se a tradição for mantida. Se houver a preservação da tradição, e a sua implementação, você tem uma Semana Santa com quadro ao vivo, o que vai atrair mais turistas, você tem a queima do Judas, que é uma tradição, outra questão que a gente também trabalha é a Procissão de Miserere, então quando você trabalha e apóia essas manifestações, você cria o produto turístico e o implementa, aumentando o fluxo turístico, naturalmente. Hoje a cidade tem a Semana Santa, mas esta poderia ser incrementada, principalmente se houver um resgate maior das tradições culturais.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

9-A gente utiliza sempre o Departamento de Imprensa do Município, então toda programação é passada para os contatos, principalmente com a mídia, isso é feito por eles. Quando se reportam à Secretaria, ela também dá todo aporte e estrutura que é solicitada, com apoio a jornalistas visitantes, enfim. Agora, a questão da divulgação pode ser mais implementada, mas principalmente quando você volta com algumas tradições. Eu vou divulgar a Semana Santa informando que a procissão da Ressurreição vai acontecer no domingo às 17 horas. Será que o turista vai ficar aqui até lá, ou ele preferiria acompanhar a procissão às 10 horas da manhã? Então, a divulgação terá um retorno melhor se você der uma condição também melhor para o turista. Se o turista passa aqui a Sexta-Feira da Paixão, o Sábado da Ressurreição, tendo um atrativo, uma atividade no Sábado, ele vai ter também a Procissão pelo domingo de manhã. Mas se ela ocorre às 17 horas, o turista já voltou para casa. Mesmo se ele quisesse, não teria condições de participar. As estradas estarão mais

comprometidas, o movimento estará maior, ele tem o trabalho na segunda-feira de manhã.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

9-Relativamente à questão organizacional, normalmente os Párocos reúnem os fiéis, discutem, fazem a programação, e esta é trazida para nós, que vamos viabilizar aquilo que está dentro das nossas possibilidades, e dentro das solicitações. Quanto à questão de trânsito a gente assenta, conversa, verifica, monta um esquema de trânsito, de acordo com a programação que nos é trazida pronta, pelo menos nesse ano que eu estou aqui a programação não foi discutida conosco, sendo definida pelas Paróquias e trazidas. E eu me sinto pouco à vontade porque nas reuniões eu fui convocado na hora, e não tive como ir, e não tive alguém que eu pudesse mandar. Mas sempre que possível coloco a Secretaria à disposição, para juntos fazermos o melhor pela cidade. Aquilo que é solicitado à Secretaria, nós atendemos. Hoje o que se observa é que se está criando uma Associação dos Hotéis e Restaurantes da cidade, sendo a Patrícia Camelo a Presidente da Associação. Eu acho que neste ano não houve nenhuma reunião para discutir a Semana Santa.

Como se relacionam os poderes privados e públicos no que se refere à Semana Santa?

9-É uma relação harmoniosa, acredito que poderia ser melhorada, se houvesse uma maior participação da cadeia produtiva do turismo, e também da própria população, que deve se envolver mais. Quando ela se envolve num projeto, dá tudo de si, e o benefício é amplo e irrestrito.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

9-A tradição e o espírito de fé, se tornam o maior sentido da Semana Santa em Mariana.

Entrevistado 10

O que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única, e quais as suas principais características?

10-Se você for conversar com um historiador, ele vai dizer que a Semana Santa antigamente em Mariana, eu não sou historiadora, mas eu li sobre isso pra poder fazer, enquanto Secretária de Cultura e Turismo pela Prefeitura em 2002, então o que acontecia era que, por ser sede do Arcebispado, os estudantes e os diáconos, e todo mundo que estudava no Seminário, eles saíam nas procissões da Semana Santa. Então era uma Semana Santa muito tradicional, era a mais forte de Minas Gerais, por ser a sede do Arcebispado, as Irmãs do Colégio Providencia desfilavam, quando ela era feita pela manhã, tinha todo um ritual, saíam os paramentos do Museu, todas as peças saíam do Museu, então ela era muito tradicional. Era uma Semana Santa que contava mesmo com a participação dos padres e dos Seminaristas, isso no século 19, 20, fazendo com que Mariana tivesse a Semana Santa mais forte e expressiva de Minas Gerais. Aí, o que aconteceu. Com a mudança de pensamento, filosofia, e mudança dos padres mesmo, a Semana Santa aqui em Mariana passou a ser comemorada na parte da noite. Por ser Ouro Preto muito forte, de manhã, e com procissão de tapetes, enfim, essas coisas todas, nós mudamos o olhar da Semana Santa para uma procissão à noite, com luz. Começou um envolvimento dos bairros de Mariana, e os padres acharam por bem a procissão mudar os trajetos. Um ano saía de um bairro, indo para a Sé, outro ano saindo da Chácara e indo para o São Pedro, então tirou-se do centro histórico para que os

bairros participassem. Com isso, houve uma mistura, uma diferença, porque como você enfeitava uma rua da Chácara até a Sé? Por isso que nós fizemos à noite. As pessoas faziam lanternas e todo mundo vinha com as lanternas vermelhas e azuis, feitas pela própria comunidade, com bambu e papel crepom, e vinham à noite. Isso se manteve, isso aí já começou até a virar tradição, tem seis anos que isso acontece. Houve uma mudança daquela Semana Santa tradicional, religiosa, com os padres, aquela coisa de manhã, para uma procissão à noite, e tendo a iluminação como uma novidade. Isso se tornou a principal característica, é tanto que tem seis anos que essa procissão acontece à tarde, a maior procissão é na Sexta-Feira, que é maravilhosa, que já vem todo mundo com vela, e depois a de Domingo, que também ficou agora com essa iluminação, virando até ícone para o Estrada Real, que tem até um filme de divulgação onde ele coloca as imagens de Mariana. Ele coloca as imagens de Ouro Preto durante a manhã, com flores no chão, e coloca o outro ícone da Semana Santa com a iluminação, à noite, feita por essas velas.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

10-Pra Minas Gerais, o evento da Semana Santa é o mais importante evento. É o que mais traz turistas. Como tem Carnaval em Salvador, desfile de Escola de Samba no Rio de Janeiro, a Semana Santa ficou comprovada que ela é o mais forte atrativo turístico de Minas Gerais. Com isso, falta um pouco que a cidade se comprometa com isso. Algumas pessoas se comprometem, nem todas as pessoas se comprometem. Se houvesse um comprometimento da população para transformar Mariana na Semana Santa Cidade Luz, não sei, em procissão, ela teria o mesmo mote que Ouro Preto tem. Agora, por incrível que pareça, o mais importante da Semana Santa e o que atrai mais turistas em Mariana é a Procissão das Almas, de sexta pra sábado, é o maior atrativo, o maior apelo que Mariana tem durante a Semana Santa, ganha de Ouro Preto, na Procissão das Almas, agora que também poderia ser completamente revitalizada, muito mais trabalhada.

A população se sente identificada com o evento?

10-É o que eu falei antes, algumas pessoas participam, algumas pessoas se integram completamente dentro da ação, mas nem todas. Por exemplo, nós poderíamos ter panos roxos em todas as janelas, no entanto a Prefeitura uma vez comprou os panos, deu os panos para as pessoas, e esse ano eu verifiquei que nem todo mundo colocou os panos nas janelas, então faltou mobilização da Prefeitura junto à comunidade, a ação da própria comunidade colocar o pano na janela, o roxo na sexta e o branco no domingo, entre outras coisas. Algumas pessoas demonstram desejo em preservá-la, o que é mais bacana é que algumas pessoas do centro histórico têm essa mentalidade, de preservação, o que deveria acontecer na cidade inteira. O pessoal do centro histórico apresenta o maior desejo de preservação, mas não é todo mundo que adere, mas principalmente as pessoas que moram aqui há muitos anos, ou então aquelas pessoas que vieram pra Mariana com um compromisso de preservar a cidade. É muito diferente, um lado oposto do outro. Eu te dou o exemplo da Dona Hebe, que mantém a tradição, é uma pessoa que já é tradicional na cidade. E tem outra pessoa que é o Catim, que veio pra cá há um ano e que também busca manter, aí você vê a diferença. Algumas pessoas daqui mesmo não dão tanto valor, elas vão pra procissão, à noite, se você vê à noite todo mundo descalço, até as pessoas que freqüentam bares, que moram no centro histórico, mas não têm aquela identidade de colocar a casa dela dentro de um roteiro. Acho que falta muito nas cidades históricas um envolvimento com identidade patrimonial, de preservação. Falta uma consciência, uma sensibilização, em todas as cidades.

Em sua trajetória histórica, o que foi mudado ao longo dos anos?

10-Começou com o envolvimento dos padres, e houve as mudanças que eu te falei. Isso eu respondi acima, quando houve a alteração do olhar, principalmente foi uma mobilização do poder público, porque se dependesse das pessoas, alguns grupos tentaram, a Amar Mariana tentou, mas não conseguiu mudar a cabeça dos padres em mudar o horário da procissão para de manhã, mas ao mesmo tempo elas também não entenderam que voltasse com a procissão de manhã, não adianta querer concorrer com Ouro Preto, que manteve a sua tradição nas ruas, o que Mariana perdeu. Então, o novo olhar da iluminação seria o que esse grupo deveria tentar manter, mas eles não mantêm, por briguinhas, ou porque a idéia não é deles, é do poder público, então até isso interfere. Quanto ao turismo, esse horário prejudica, porque não tem turista, não adianta que isso você não consegue trazer, mas se houvesse um comprometimento das pessoas da cidade com esse olhar da noite, talvez você não trouxesse o turista, mas talvez você atendesse a um pedido da comunidade. Comunidade feliz traz o turista. Se eu de manhã, num hotel, e alguém chegasse e falasse para eu não perder a procissão à noite, que ela é linda, ele pode não ficar no domingo, mas fica no sábado, na sexta, quando a procissão é à noite. Mas aí todo mundo deveria ter o comprometimento do mesmo projeto, da mesma iluminação, todo mundo com a vela, mas aí não tem. Aí eles fazem o envolvimento no domingo à noite, mas não tem mais turista, e nem a comunidade participante. Então, a gente fica no meio termo, porque não perdeu, ganhou a parte da iluminação à noite, uma iluminação cênica, uma vez que nós iluminamos todas as Igrejas de roxo, e isso atraiu, isso mobilizou a comunidade, mas aí não houve continuidade, no outro ano não fez. Isso é uma questão de continuidade. A preservação deve ser contínua, não se pode começar um trabalho num ano, e no outro parar. Deve, sim, melhorar o trabalho anterior, e isso é o que não acontece, infelizmente, em Mariana. Se os Padres tivessem mantido as procissões pela manhã, com todos os diáconos, com todo o clero, Mariana seria muito maior que Ouro Preto, mas não manteve, mudou, passando para a noite, mas sem referência, para envolver a comunidade, que não se envolveu, à noite não deu certo. Deu certo por um lado, com a iluminação, mas não é acompanhado durante a semana, e aí você não tem a continuidade.

O evento da Semana Santa faz parte da memória coletiva de Mariana?

10-Faz parte da memória, visto que as pessoas relembram como era o passado. Falam que no passado era maravilhoso, que as procissões do passado são maravilhosas, as procissões que contavam com a presença dos padres, enfim, essas procissões ficam na memória como maravilhoso, mas eles não querem resgatar isso mais, porque a própria Igreja já mudou o repertório.

É importante relembrar a paixão e morte de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

10-Acho que é importante, acho que tem uma encenação, que faz parte já com algumas pessoas tradicionais da cidade que levam o andor, que levam o Cristo, cheios de saudosismo, porque eles falam que as pessoas que faziam parte daquela encenação eram pessoas da sociedade de Mariana, que hoje já são pessoas de idade que não fazem mais parte, e falam que na época delas era melhor. Porque o ser humano é assim, a partir do momento em que está envolvido em algo, ele sempre é o melhor, pois ele está envolvido. E isso é lembrança, é saudosismo, agora isso não significa que piorou, significa que muitas dessas pessoas que falam isso elas não participam mais, então elas falam que na época delas era melhor, mas ela fazia parte do processo. Assim como para essas pessoas que fazem parte do processo hoje, daqui há alguns anos, alguém for ficar no lugar delas, elas também

vão falar que na época delas era melhor, porque elas participavam. Agora, não tem o cunho de passagem, não passa de pai para filho, não passa de família para família, essa história de fazer o teatro, a procissão, não tem essa mobilização. O grupo de teatro daqui não se mobiliza para fazer isso com ninguém. Aí se perde a força.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

10-Vai ser tanto de Mariana quanto de qualquer outra cidade, porque a Semana Santa é patrimônio de Minas Gerais. Agora, algumas cidades trabalham maravilhosamente bem, enquanto outras tentam trabalhar bem, e outras cidades não fazem nada. Tem aquela Semana Santa da comunidade, agora aqui eu acho que ela deve ser preservada, acho que isso ninguém vai mudar, porque já repercutiu dentro de alguns grupos.

Qual a participação do turismo na dinâmica do evento?

10-É o que eu te falei, na Sexta-Feira Santa, no Sábado Santo, existe turista, agora eles não vêm motivados pelo atrativo da Semana Santa, ninguém sabe que a cerimônia de Lava pés é feita pelo Bispo, tem os santos óleos também que é o Bispo que preside, nenhuma outra cidade tem isso, só Mariana. Mas o turista não sabe disso, ele vem fazendo o roteiro das cidades históricas, e o próprio guia não fala pra ele que aquela missa que está sendo feita ali está sendo celebrada pelo bispo. Numa cidade grande, as pessoas nunca vêem o Bispo delas. Então não existe mais, pelo turismo, a valorização da Semana Santa como religiosidade. Como atrativo em conjunto sim, ah, eu vim passear, vou conhecer os Museus. Os próprios guias nem incentivam a irem à Procissão das Almas. Nem os hotéis a divulgam. E isso é um atrativo turístico. Mariana tem um atrativo turístico muito forte que é a Sexta-Feira, sendo que foi trabalhada em uma época, mas não é trabalhado todo ano, sendo que deveria ser. A Queima do Judas. Antigamente era fantástico, e hoje não tem mais isso. O que era um atrativo turístico, pegando o link da Semana Santa, muitas pessoas não trabalham. É preciso colocar a Semana Santa como um atrativo turístico religioso, fazer com que o turista venha à cidade não só pela beleza da cidade, mas que ele saiba que tem a Procissão das Almas, que é uma coisa diferente, que ele tenha uma missa celebrada pelo Bispo, as procissões com asas de anjo. Tem uma mulher aqui que ela fabrica, ela mata os patos para fazer asa de anjo para as procissões. E o legal é que ela coloca os anúncios dela nas paredes assim: "Vendem-se asas de anjo". Quem é do Rio de Janeiro e olha aquele cartaz pensa: o que é isso? Então, até a asa do anjo é um atrativo turístico. Quem vem da cidade grande quer ver sim Igrejas, Museus, mas outros querem também esse apelo diferencial.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

10-Eu acho que a Secretaria de Turismo do Estado trabalha muito forte, sempre trabalhou, com todos os Secretários. E eu acho que a cidade também trabalha forte, apesar dela não ter o apelo que Ouro Preto tem, aí ela perde para Ouro Preto nesse apelo. Agora, eu acho que ela divulga. Poderia divulgar mais, pegar o eixo Rio - São Paulo e divulgar o evento muito mais. Se ela fizesse uma blitz com as operadoras, quinze, vinte dias, antes do fim do mês, por exemplo, em fevereiro, falando o que Mariana tem de diferente, seria ótimo.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

10-Iso é uma complicação, porque essa parte da população sociedade batia de frente com o pároco, porque eles queriam que voltasse a procissão de manhã, voltasse com aquele apelo todo, e aí ficava essa discussão. Agora, não tem banheiro público, não se pensa nisso. A Igreja é quem determina os horários das procissões. O transito é de responsabilidade da Prefeitura, mas a Igreja é quem tem que passar.

Agora, as pessoas não tiram os carros da rua, aí a procissão pára porque tem um carro estacionado, as pessoas entram na rua, quando os outros estão decorando a rua para procissão, e o carro passou por cima dos enfeites. Muitas vezes as pessoas estão decorando as ruas à tarde, com o sol quente, e quem mora na frente não é capaz de decorar, porque ela tem raiva porque a procissão é de noite, e não de manhã. Mas ela não entende que ela teria que se envolver, já que não poderia mudar o horário. Os responsáveis pela organização da Semana Santa é a Igreja, agora quem a apóia é a Prefeitura, que fecha o trânsito, que compra o xadrez, que compra as roupas do pessoal do teatro, que compra as asas de anjo, monta o palanque, arruma o som, paga as bandas, as gráficas, acaba que é um evento que a Prefeitura banca, mas a organização não é feita por ela. Se ela pudesse ser, cinematograficamente falando, teatralmente, aí sim, trariam artistas, como fazem algumas cidades, aí eu tenho certeza que traria uma mídia. Mas aí você também corre o risco de empurrar pela goela abaixo uma tradição que não é legal, você acaba com a cidade.

Como se relacionam os poderes privados e públicos no que se refere à Semana Santa?

10-Quanto ao poder público, se desse o poder para o poder público organizar uma procissão, eu acho que seria uma procissão melhor organizada, mas você correria o risco de empurrar para uma sociedade uma coisa pronta, contratando um teatro, luzes para a cidade, mas seria em termos de teatro mais bonito. Quanto às empresas turísticas, se houvesse uma blitz junto às operadoras que trazem turistas, e ir até elas e apresentar o produto. Mas aí você cai num problema, onde a própria Igreja já lança o horário faltando vinte dias, e você não tem como fazer isso direito. É preciso se organizar melhor, o poder público se organizar melhor junto com a Igreja, e já começar a trabalhar a Semana Santa em outubro, pra tudo já estar organizado em janeiro, para procurar as empresas. Aí sim você teria um destino turístico mais pontual. Em minha opinião, acho que deveria haver um grande debate sobre a Semana Santa, envolvendo as pessoas que trabalham com religião, com o poder público, para que elas decidissem o que eles querem realmente, e trabalhar em conjunto, mas isso é muito difícil, esse envolvimento. Quanto à demanda turística, ela é pouca, em relação a quantidade de turistas que visitam Minas, ela é muito pouca em Mariana, que tem um trecho muito curto nas operadoras, é mais ou menos meia hora, uma hora. Aí quando a gente vai perguntar às operadoras o porquê do tão curto tempo, elas respondem: porque vocês não têm um banheiro, não tem infraestrutura de restaurante adequado para receber um número de turistas maior, vocês não têm estrutura de bar, ou lanchonete, para receber esses turistas, não tem estrutura de ônibus para poderem estacionar, não tem guias turísticos para receber essa demanda. Isso já foi feito e comprovado, a Lucia da CVC já disse isso em uma reunião, a Pampulha Turismo e a Máster também. Porque Ouro Preto é um destino preferido, porque Ouro Preto tem tudo isso que eles precisam. Poderia aumentar sim, mas mediante uma divulgação mais direcionada para os turistas que vêm sozinhos, e esse eixo seria Rio – São Paulo.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

10-Religiosidade, acho que falta esse sentimento religioso na Semana Santa. Mais forte. Como você tem aí o Festival de Inverno, com várias apresentações nas ruas, acho que a Semana Santa poderia ser melhor trabalhada, de forma turística, com missas em latim, com apresentações de corais com cantos fúnebres dentro das Igrejas, enfim, coisas mais religiosas.

Entrevistado 11**O que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única e quais as suas principais características?**

11-Única, até que ela não está sendo, em Ouro Preto os eventos são mais organizados, são mais expostos na mídia, em Mariana também deveria ser assim, ter uma Semana Santa única, para que o povo soubesse. Mariana, enquanto a primeira cidade de Minas Gerais, primeira capital, então ela deveria ter também esse tipo de evento maior. As características acho que são iguais, porque celebra a paixão de Cristo, seu sofrimento. A própria Igreja segue o mesmo caminho, a mesma linha.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade e o povo de Mariana?

11-A importância maior que eu acho seria a crença que eles tem no maior, no poder superior, naquele que nos protege. Então, essa importância seria para qualquer cidade, pra qualquer católico, pra qualquer cristão. E o povo de Mariana principalmente, por já ter na sua raiz, por ter inclusive na cidade um Arcebispado, então a religiosidade aqui é mais forte.

A população de Mariana se sente identificada com o evento?

11-Olha, a população de Mariana se identifica demais com o evento, se você for a uma procissão, a uma missa, aos eventos em si da Semana Santa, você vai ver a participação em massa. É muita gente, a participação é muito grande, não só as pessoas mais velhas, mas em todas as faixas etárias, você vê que tem muita participação. E quanto ao desejo de preservá-la, nem seria desejo, mas obrigação para que tudo continue nessa linha, porque somos todos irmãos.

Como se desenvolveu ao longo da história?

11-Historicamente, eu acho que ela está começando a ficar um pouco pra traz, porque antigamente, em tempos atrás, as pessoas freqüentavam mais com aquela humildade, realmente seguindo os preceitos da Igreja. Hoje, com os vários segmentos que estão tendo na própria religião, muita coisa está ficando pra traz. Eu acredito que a vinda do Arcebispo novo vai resgatar muita coisa. Nós tínhamos também o coro do Nelson, que era quem mexia com essa parte, e que era muito tradicional. Não é que não esteja bem, mas eu acho que ela era bem mais histórica, tradicional, com mais raiz do que os dias atuais. Talvez seja porque teríamos que acompanhar os dias atuais, mas eu acredito que teria que ter realmente uma pessoa mais tradicional nessa parte. Sobre o que foi melhor ou pior, eu não acredito que tenha melhorado ou piorado, por razões dessa direção, dessa pessoa que teria que ter continuação com as raízes do passado. O tempo vai passando, tudo muda. Eu só vejo uma mudança hoje, nos dias atuais, há uns anos, é a Procissão da Ressurreição, que já era tradição em Mariana, que era aos domingos na parte da manhã, isso foi mudado há uns poucos anos, eu acho que isso quebrou um pouquinho aquele domingo ensolarado, onde iríamos à procissão, iríamos à missa, e o chegar em casa teria o almoço em família, eu acho que quebrou um pouco, e eu cheguei até a comentar com o Pároco, mas nós não podemos também saber o porquê, ou a razão.

O evento da Semana Santa faz parte da memória coletiva da cidade?

11-Muito, muito. Aqui é o berço da civilização cultural, religiosa, é muito tradicional. É a memória da cidade de Mariana, a primeira cidade de Minas Gerais, não tem como mudar isso não, faz parte da história, está enraizado, a cidade de Arcebispado, aqui

nós temos dois Seminários, da Teologia e da Filosofia. Então a memória da cidade tem de estar incrustada no festejo da Semana Santa mesmo.

É importante lembrar a morte e ressurreição de Cristo como é feito aqui?

11-Como é feito em Mariana eu não poderia falar, mas o importante de lembrar a morte e ressurreição de Cristo, isso deveria ser feito no dia-a-dia. Tudo nessa vida tem que ter um dia marcado, por várias razões. Porque a pessoa está na labuta, não é possível, mas deveria haver a celebração todos os dias. Mas, como é feito em Mariana, eu acho que por ter essa Semana Santa, eu acho que é muito bem lembrada. Então, isso não poderia nunca deixar de acontecer, porque é importantíssimo.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade?

11-Se ela não é, já deveria ter sido. Ela deveria ser. Ela tem que ser um patrimônio, principalmente na cidade de Mariana, que tem um Arcebispado, dois colégios de formação de padres, então ela teria que ser patrimônio mesmo.

Qual sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

11-Em meu ponto de vista, a Semana Santa deveria ter a mídia mais em âmbito nacional, como é feito nas outras cidades históricas, eu acho que a propaganda sobre a Semana Santa em Mariana, essa divulgação, está muito restrita, e isso realmente eu gostaria que alguém fizesse uma propaganda maior, uma divulgação maior. A Rede Globo de Televisão, no ano passado, fez um enfoque muito pequeno sobre Mariana, e bem maior sobre Ouro Preto, Tiradentes, e outras cidades. Não estou desmerecendo essas cidades, não. Eu acho que isso caberia à parte do turismo de Mariana, a divulgação mesmo, teria que haver mais.

Qual a participação do turismo na dinâmica do evento?

11-Quanto ao turismo, ela é muito grande. Eu posso te afirmar porque eu sou comerciante, e na época da Semana Santa nós temos muitos turistas, eles vêm principalmente pelas Igrejas, e pela Semana Santa em si. E o turismo pra Mariana realmente é muito bom, por esse lado material. Agora, sobre o desenvolvimento, já esta contribuindo isso, a manutenção. Agora, a organização da Semana Santa de Mariana a gente vê os cartazes que são feitos direitinho. Então eu acho que é o evento que traz muita produtividade para Mariana. Todos os visitantes que vem no meu balcão respeitam a festa, vêm realmente para seguirem a tradição, as procissões, as missas, acho que é uma coisa muito respeitosa. Vejo bastante respeito.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

11-A parte de turismo, como a Semana Santa não é uma festa como o carnaval, Festival de Inverno, essas coisas, quanto aos banheiros públicos não teriam muito problema porque os hotéis comportam, apesar de que agora Mariana também nessa parte de hotelaria está tendo um aumento significativo. Os horários das procissões, só vi aquela ressalva sobre a Ressurreição, no domingo, mas eu acho que não vai ter tanto problema, os horários são bem organizados, o transito também, porque em Mariana, além de ter a Polícia Militar nós temos a Guarda Municipal, que também são muito bons. Os responsáveis são a Igreja, com a ajuda da Prefeitura, e ajuda de alguns outros órgãos.

Como se relacionam os poderes no que se refere a Semana Santa em Mariana?

11-A relação é muito harmoniosa, porque a Semana Santa não é como um carnaval, que é um problema maior, com maior número de pessoas. Na Semana Santa vemos mais as questões de respeito, de ajuda, são feitos os tapetes, tem a ajuda de todos os segmentos, principalmente porque a gente percebe que havia muitas pessoas

idosas, mas esse ano eu vi muita juventude, gente mais nova, grupos de juventude que fazem catecismo, e estão bem atuantes.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

11-Eu dei uma entrevista agora para uma rede de televisão, sobre a Praça da Sé, que nós estamos revitalizando que é onde fica a Catedral Nossa Senhora da Assunção, que é a igreja maior de Mariana. Então, eu falei que como essa Praça é o coração de Mariana, e todos nós temos um coração. Deveria, da mesma forma, a Semana Santa ser o coração, com a divulgação, a elevação de Mariana. A Mariana não só está no coração de todos nós marianenses, como deveria estar também no coração de todos os mineiros e brasileiros.

Entrevistado 12

Em sua opinião, o que faz com que a Semana Santa em Mariana a torne única? Quais as suas principais características?

12-Bom, a Semana Santa em Minas, eu não diria, eu não sou mineira, mas ela é feita de uma forma diferente do que em outros lugares do Brasil. Então eu não diria que ela fosse única em Mariana, eu acho que ela é uma Semana Santa caracteristicamente mineira. Acho que muitas cidades históricas têm uma Semana Santa parecida com a de Mariana, como é o caso de São João Del Rey, que eu já passei uma Semana Santa lá. Algumas cidades nordestinas também têm Semana Santa muito interessante, diferentes das mineiras, mas também com muita festa na rua, muita procissão, muita história. Ouro Preto é muito impressionante, a primeira vez que eu passei a Semana Santa em Minas, eu passei em Ouro Preto, e como eu estava chegando em Minas, querendo conhecer as coisas, eu cheguei no sábado anterior ao Domingo de Ramos, e participei de toda a Semana Santa, de todos os eventos. Então eu fui a todas as procissões, fui a todas as Igrejas, nas festas principais, na lavação dos pés, porque eu queria entender o que era a Semana Santa. O que acontece em Minas é o que o que acontece nos últimos dias de Jesus é revivida, e Mariana faz isso, mas as outras cidades também fazem. O que aconteceu comigo eu Mariana é que eu passei a participar, tocando em algumas missas na Sé, então eu também acompanhei muito esse processo ao vivo, como não uma ouvinte, mas participante. O que eu acho de especial na Semana Santa é justamente essa atitude de reviver uma tradição, eu acho que isso ainda é feito de forma muito interessante, como se fazia há muitos anos atrás, com alguns novos elementos introduzidos na essência, como é o caso, por exemplo, dos cantos, que não são mais os tradicionais em muitas missas. Os cantos são modernos. O que é uma pena, porque em São João os cantos são mais antigos, ainda, então isso eu lamento. Mas, de qualquer forma, ainda tem um carinho, um calor diferente, de tradição muito forte.

Qual a importância da Semana Santa para a cidade de Mariana?

12-Bom, a importância se dá em dois níveis. Ela acontece, num primeiro nível, para a população de Mariana, cristã, que a vive como uma experiência de fé, o que acho que é uma coisa muito importante para as pessoas da cidade, existe uma parte dos turistas que vivem a Semana Santa como uma experiência de fé, e tem uma parte de turistas, ou de população flutuante, como a gente possa definir, que são familiares, marianenses ausentes, que nesse momento voltam à cidade, pessoas que passaram uma parte da sua vida aqui, então tem essa população que não é fixa, e também os turistas, que vêm uma vez só, e passam a Semana Santa uma vez só, e vem como

uma experiência turística, de curiosidade, folclórica, cultural, enfim, uma experiência que tem diversas dimensões, então eu acho que a experiência é múltipla, de muitos aspectos. Acho que essas pessoas vivem essa Semana Santa com intensidades muito diferentes. E tem também aquelas pessoas que querem aproveitar o feriado e fica bebendo nos bares. A cidade também deve estar preparada para receber esse perfil de turista.

Em sua opinião, a população de Mariana se sente identificada com o evento?

12-Como eu falei, acho que muitas pessoas sim, a gente vê em algumas procissões que as pessoas vão com um espírito de muita contrição. A Procissão do Enterro, por exemplo, eu acho que ali tem pouco folclore, muita gente faz promessa, acende as velas, acredita, canta junto, vai num ato de penitência, mesmo. Tenho muitos amigos mesmo que fazem jejum, ou que se abstém de algo neste período. Como eu não sou de origem católica, é uma experiência muito interessante perceber como as pessoas se envolvem, buscam na Quaresma toda. Então eu acho que existe uma parte da população que está preparada para viver a Semana Santa como um ato de fé. As pessoas que não vêm como ato de fé, e o receptivo da cidade, que vai entender a Semana Santa como um evento turístico, há pessoas que estão preparadas e há pessoas que não estão preparadas, e muitas vezes o atendimento deixa muito a desejar. Quanto à preservação, acho que tem os dois lados também. Por exemplo, no momento nosso Pároco Padre Paulinho ele não é uma pessoa muito ligada à preservação das tradições, eu não tenho por que esconder porque ele fala isso em público. Nós estamos passando por uma mudança de Bispo agora, esse atual Bispo já manifestou, por exemplo, que o Órgão volte a tocar nas missas, que faça uma música mais séria. Não vou dizer mais tradicional, mas litúrgica, porque de repente a missa deixa de ser um ato litúrgico, e fica muita festa, e às vezes pouca intensidade, fica um pouco informal demais. Aí se encontram pessoas com diversos pontos de vista. Eu sinceramente acho que falta um pouco mais de engajamento no sentido de preservação. Mariana mesmo é uma cidade de tantas Marianas, você tem a Mariana do centro e a da periferia, então eu acho que numa comunidade mais jovem, onde as pessoas não fazem parte da cidade, chegaram depois, não vejo problema em fazer uma missa mais alegre, mais externa, mais moderna. Mas nas Igrejas antigas, porque não preservar? Tem tão poucos lugares onde você pode preservar, onde se tem o privilégio de ter uma tradição, então eu fico sentido falta sim de que as coisas sejam mais adequadas, e que se façam eventos paralelos. Não se paga nada ao aproveitar todo o entorno, e cuidar de uma tradição que nos foi legada.

Em sua trajetória histórica, o que foi mudado ao longo dos anos?

12-Eu não sei responder totalmente, porque como estou aqui há apenas vinte anos, eu só posso falar desses vinte anos. Anteriormente, eu não faço muita idéia, eu escuto as pessoas falarem, eu escuto as pessoas mais velhas, e elas sentem saudades de como era bonito, quando os seminaristas saiam todos com batas, as pessoas colocavam as melhores roupas, as procissões eram muito longas, a cidade não tinha muita luz, era muito mais escura. Claro, hoje a cidade tem muita luz, a rua tem uma iluminação muito clara, e antes não tinha então as pessoas passavam com velas, e você via a cidade toda se mexendo com as velas, mais naquele centro, mais reduzido em Mariana, não existia aquele monte de montanha. Mesmo o bairro Rosário. Quando eu me mudei, há vinte anos, atrás da Igreja do Rosário não tinha nada, hoje existem três, quatro bairros. Então, era realmente muito mais íntimo, e, com certeza tinham menos atividades na cidade, então a população tinha mais religião, estava mais na Igreja, participavam mais nas festas. Então eu escuto muito as pessoas falarem, mas eu não estava aqui, então não sei exatamente. Acho que

há mais mudanças do que a gente imagina. Mas uma coisa que me chama a atenção é o fato das missas não serem mais celebradas dentro da Sé, já que hoje elas são quase todas campais. Então retiraram as celebrações de dentro da Igreja. Isso tem um lado interessante, porque a missa tem mais participação, pelas pessoas, quando tudo acontece do lado de fora, podendo aproveitar mais. Mas por um outro lado, a Igreja ficou vazia. E a Igreja é um lugar de culto. Eu acho que o que poderia ser feito seria celebrar mais missas, em mais Igrejas, podendo fazer uma missa campal, que é bacana porque muitos podem participar. O problema hoje é que quase todas as missas estão sendo fora da Igreja, que perdem um pouco da sua função. É uma coisa interessante, a gente tem lindas igrejas testemunhas de fé, e que não são mais usadas na Semana Santa, ou são usadas muito parcialmente. Hoje, a missa de Ramos é campal, a missa dos Passos é campal, a da Ressurreição também, os sermões são todos campais, então está tudo pro lado de fora, e se for fazer tudo pro lado de fora, tem que ter uma super organização, se não fica uma bagunça, com pessoas batendo papo, porque uma missa do lado de fora é uma missa complicada de se organizar. Vejo um monte de gente que não sabe muito bem o que está fazendo ali, então isso fica uma coisa perigosa. A procissão que acontece à tarde no domingo, as pessoas não conseguem mais fazer os tapetes. Os tapetes de Ouro Preto são maravilhosos, eu venho para Ouro Preto fazer tapetes, e isso é uma coisa tão bonita, comunitária, envolve as pessoas, os turistas passeiam então isso não é só um valor litúrgico, mas também um valor turístico, de agregar, de socializar, enfim.

O evento da Semana Santa faz parte da memória da cidade de Mariana?

12-Pois é, se nós não cuidarmos ele vai ser perdido. Acho que já morreu muita gente que tinha esse evento mais presente na memória, e com os últimos dez anos eu sinto uma diferença muito grande, de qualidade, envolvimento, uma perda mesmo. Hoje tantas missas feitas ao ar livre, tantas missas não tem mais cantos, eu sinto que isso já é uma perda, e sinto que muitas pessoas que há 10 anos atrás tinham na memória os cantos, e tudo, já morreram, ou já não estão mais presentes. E se os jovens não aprenderem esses cantos, essa liturgia, a coisa vai se perdendo. Por exemplo, tem uma pessoa que agora voltou que é o Efrain Rocha, que passou anos fora de Mariana, e chegava todo ano para a Semana Santa. E todo ano eu falava com ele que sem ele isso não funciona, porque ele sabe os atos litúrgicos mais do que as pessoas da própria Igreja, que não tiveram acesso aos ritos mais formais. Porque ele sabe usar os paramentos, sabe o que se tira do Museu, como se limpa, como se usa, todos os detalhes, qual material, qual canto, ele sabe da iluminação, dos enfeites, enfim. Então a gente percebe que se não houver os sacristãos que saibam esse pessoal do segundo plano da organização, que em minha opinião são as pessoas mais importantes, porque disponibilizam todo o material, lavam, passam, eles sabem informar, então essas pessoas são importantíssimas. Então o sacristão, o zelador, as senhoras das ordens que ficam ali disponíveis, são de muito valor, e se elas não passarem esse conhecimento, ele vai morrer. Era preciso dar aulas todo ano, fazem um curso sobre a manutenção das tradições, porque o que ele sabe, outros padres sabiam, e eram pessoas bem informadas sobre essa questão da liturgia. Mas hoje, os padres são formados numa outra base, então isso é preocupante.

É importante relembrar a morte e ressurreição de Cristo da maneira como é feito em Mariana?

12-Eu faria com mais cuidado, eu acho que nos últimos anos algumas cerimônias não tem sido tão bem cuidadas. Por exemplo, há anos atrás a gente fazia mais

reuniões, as pessoas se reuniam mais, planejavam mais. Teve uma organização melhor em relação às ruas, as pessoas que moravam no centro eram instruídas a colocarem panos, flores, toalhas, cores, então eu sinto falta disso, eu acho que a gente precisava estar mais preparada. A mesma coisa em relação aos turistas, suas atitudes. Eu vejo, por exemplo, na Sé, os turistas entram, na Sexta-Feira Santa, que é uma hora de muita contrição, e eu já vi turistas de bustiê e shorts sambando, balançando o corpo dentro da Igreja. Isso porque não há ninguém instruindo. Eu não deixo ninguém que entra na minha casa jogar papel no chão. Então não vejo porque deixar essas coisas acontecerem dentro da Sé. É uma questão de respeito. Então eu acho que se a gente tem consciência de que a gente é co-responsável pela Sé, pela segurança, pela limpeza, então, quando eu vejo uma pessoa fazendo aquilo, é um absurdo porque aquilo é sagrado, em primeiro lugar, e, além disso, é o meu lugar de trabalho, eu fico muito chateada. Isso são coisas que não podem acontecer. Essas pessoas não têm a ligação do culto da Semana Santa, como a população de Mariana tem, pois recebem educações distintas. Mas isso não exclui o respeito. Se o corpo de Jesus está exposto, tem uma adoração do Santíssimo, na sexta-feira, nenhum turista pode desrespeitar isso. Essas coisas me agridem, e me fazem muito mal. E eu tenho conversado isso com muita frequência com o clero, eu dou aulas no seminário, e eu tenho me exposto, falado como isso me agride. Eu acho que é uma coisa que não poderia acontecer. A Sexta-Feira da Paixão enquanto não tem cerimônia religiosa ela fica aberta e vira um verdadeiro horror, porque muitos turistas não estão preparados para entender que aquilo é um local sagrado, um espaço sagrado, e que deveriam ter um pouco de respeito. A população de Mariana, após tantas cerimônias religiosas vai pra casa, vai dormir, vai se preparar para a próxima celebração, e não fica um plantão de pessoas responsáveis na própria Sé para cuidar daqueles visitantes. Então essa falta de cuidado me agride muito, agride a própria fé, agride as pessoas que tem fé, e acho que isso tinha que ser mais cuidado. Eu sou muito crítica, eu acho que falta cuidado sim. Tanto em relação à própria festa como a maneira da própria organização.

A Semana Santa está preservada enquanto patrimônio da cidade de Mariana?

12-Mais ou menos, acho que parcialmente sim, ainda. Mas como eu já disse acho que merecia um pouco mais de cuidado. Eu vejo uma atitude de preservação, mas também vejo atitude um pouco modernista, de interferência. Acho que a população tem que dizer o que ela quer, também. Não adianta uma política de querer preservar, se outras pensam que não querem, ou pensam que é uma bobagem, acho que talvez a gente devesse sentar, conversar um pouco mais, ouvir as pessoas um pouco mais. A gente na verdade não sabe o que as pessoas querem, às vezes as coisas vão se mudando informalmente demais. E como Mariana tem muitas Igrejas, muitos padres, muita festa, eu realmente acho que algumas festas poderiam ser mais atualizadas e as outras mais tradicionais. Mas acho que se deveria pensar um pouco mais na Semana Santa, com um pouco mais de carinho.

Em sua opinião, qual a importância do turismo para a dinâmica da Semana Santa?

12-Aí você pega um ponto nevrálgico, tem muito problema. Eu acho que o Departamento de Turismo na atual gestão foi muito desprivilegiado, eu acho que nós temos uma Prefeitura que deu muito valor a uma série de coisas, sem saber escolher as equipes da área de turismo, não soube investir, não soube proteger os funcionários, que estavam sem estarem equipados. As pessoas até tinham boas intenções, mas não tinham equipamentos, não tinham como trabalhar. Eu tentei ajudar, escrevi textos, participei de reuniões, me envolvi muito com a questão,

tentando conversar, buscando achar uma solução, e acho que a Prefeitura precisa apoiar o Departamento de Turismo, nós não podemos continuar assim. As equipes precisam ser bem formadas, tem que ter equipamento, estagiários da área de turismo, não pode ser uma coisa informal demais, improvisada, feita de qualquer jeito, é preciso ter uma equipe de profissionais, que falem línguas, enfim. Mas não aconteceu até hoje. As pessoas não sabem porque trabalham, trabalham sem um planejamento, nem de turismo interno ou externo, ou um diagnóstico, não existe um programa, uma agenda, um calendário, se existe ele não é cumprido, e as pessoas não tem competência de lidar com a agenda ou o calendário. Então, por exemplo, eu vou à Secretaria de Turismo buscar um mapa, e não existem mapas disponíveis, e eu não consigo disponibilizar para os concertos da Sé uma dose mínima de 20 mapas para quando um turista pedir, a gente possa atendê-lo. Eu nunca consegui isso. Tanto que agora eu estou orçando mapas da cidade de Mariana para vender nos concertos, porque a Prefeitura não faz isso. Nós não conseguimos saber ao menos os horários que as Igrejas abrem e fecham, para informar aos visitantes. Então Mariana funciona assim até hoje, a gente é tão absurdamente sem equipamentos, que as coisas básicas não são atendidas. Então agora eu abro o meu projeto e estou dando um tempo pra mim, trabalhando em Tiradentes, São João, Salvador, no Rio, em Campinas e outros lugares. Porque eu estou tão cansada que eu desisti. As pessoas chegam em Mariana, e não conseguem ao mínimo o horário do concerto, sendo que é o mesmo horário há 14 anos. Se a Prefeitura não tem uma agenda, não tem pessoas da área, a Secretaria não fica profissionalizada, então a gente fica meio desesperado, porque o nosso público é de turistas o tempo todo, e eles reclamam o tempo todo. Isso só vai ter fim quando tratarem o turismo e a cultura, porque em Mariana o turismo é cultural, só que ninguém percebeu isso ainda. Se é difícil trabalhar com turismo, mais ainda com turismo cultural, pois não temos bibliografia sobre o assunto na cidade, as pessoas não tem como se informar. É como se o problema do turismo fosse um monstro diante da gente, e a gente não consegue resolver, não apenas em relação à Semana Santa, mas um problema social político que ninguém ainda resolveu olhar da maneira necessária.

Qual a sua opinião sobre a divulgação da Semana Santa?

12-Eu acho que a divulgação tem sido muito espontânea, não tem sido paga. Há uma tradição maravilhosa na mídia mineira de divulgar a Semana Santa, nacionalmente, mas ela não é uma divulgação que parte da gente, essa é muito pouca. Se houve uma divulgação paga, ela foi pouca, insuficiente.

Como são discutidas as questões organizacionais do evento?

12-Eu nunca fui chamada para discutir essas questões. Há uns anos houve um grupo que se encontrava uma vez por mês, composto por pessoas que ofereciam produtos alternativos, que já tinha um fluxo de reuniões regulares, e daí a gente tentava resolver algumas coisas entre nós. Agora, eu nunca fui chamada pela cidade ou pela Igreja para discutir as questões organizacionais do evento. Não sei nem se alguém discute isso. Os anos se passam e não se cria uma organização profissional.

Como se relacionam os poderes privados e públicos no que se refere à Semana Santa?

12-No momento para mim elas são conflitivas, tanto que eu já desisti de tentar. Enquanto o poder público não tratar o turismo de forma séria e profissional, não haverá turismo de qualidade na cidade.

Qual palavra ou sentimentos resumem o sentido da Semana Santa para você?

Acho que em Mariana temos secretarias de eventos e não secretarias de cultura e turismo. Como secretarias de eventos elas estão perdidas, o que dizer de secretaria

de cultura e turismo? As pessoas passam o ano correndo atrás de uma agenda: passa o carnaval chega a Semana Santa, passa a Semana Santa, começa o Corpus Christi, segue o Festival de inverno, emenda a Semana da Pátria, etc. Não existe política cultural nem planejamento - os envolvidos estão sempre correndo, não existem reuniões, ninguém se encontra. Sempre vi as secretarias assim - como organizadoras de eventos, tentando se organizar melhor, mas sofrendo essa pressão para organizar coisas e mais coisas, tudo completamente desconectado, parece que apenas para se popularizar os eventos, chamar turistas e a cidade aparecer na mídia. Ouro Preto peca pela mesma postura nesta gestão - não vejo o que possa ser feito, a não ser que pessoas e cabeças pensantes se juntem e tentem resolver essas questões em grupo.

ANEXOS**Folhetos, reportagens e fotografias da Semana Santa em Mariana (MG)**

Figura 02 – Folder Semana Santa, Igreja Católica de Mariana (MG)



Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Assunção, Mariana, MG. Semana Santa, 2007.

Figura 03 – Reportagem Semana Santa em Mariana

:: SEMANA SANTA ::

Mariana revive a saga da Paixão de Cristo

Especial Douglas Couto

Primeira capital do Estado, a cidade histórica de Mariana prepara um grande espetáculo de emoção e fé para reviver os passos da paixão, morte e ressurreição de Cristo na celebração da Semana Santa. O evento religioso atrai todos os anos, milhares de turistas para a cidade que nesta época do ano se contagiam com o espetáculo de fé.

De 01 a 09 de abril o cenário barroco de Mariana ganha um incremento especial: as cores dos tapetes de serragem e os enfeites nas janelas coloniais. É um momento especial de fé em que os fiéis revivem os passos de Jesus Cristo, manifestando a sua religiosidade numa demonstração de arte e cultura.

A Semana Santa é considerada um dos mais tradicionais festejos do calendário litúrgico da Arquidiocese de Mariana, que é a primeira de Minas Gerais, criada há 100 anos. A cidade histórica celebra a Semana Santa desde o século XVIII, e a festa começa com a "Procissão de Ramos", que relembra a chegada de Cristo a Jerusalém.

Nas mãos, os fiéis carregam pequenos ramos que serão abençoados pelo Senhor dos Passos. Os devotos levam os ramos para casa para, segundo reza a história, serem queimados nas fortes chuvas para acalmar a tempestade. Os ramos que ficam aos pés do Senhor dos Passos são utilizados na Quarta-feira de Cinzas do ano seguinte.

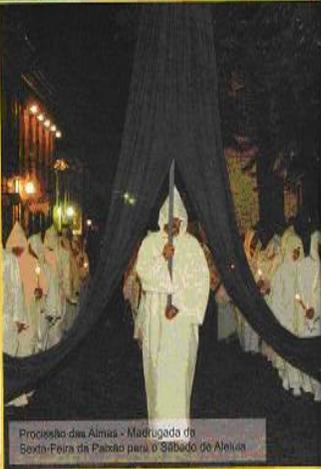
O sermão do encontro, na Terça-feira Santa é outra passagem bíblica que chama a atenção de quem assiste a cerimônia em Mariana. O evento ocorre na Praça Minas Gerais, que reúne um dos mais belos conjuntos arquitetônicos brasileiros. Fazem parte do conjunto as igrejas do Carmo e a de São Francisco, construídas bem próximas uma

da outra. Os santuários são o resultado da disputa de poder entre duas ordens.

Na Quinta-feira Santa, na Catedral Basílica da Sé, a cerimônia que marca tríduo pascal, com a consagração dos sacerdotes e a bênção dos Santos: o batismo, a crisma e a unção dos enfermos. À noite, há a celebração do Lava-pés, quando, numa linda cerimônia, onde se repete o gesto de humildade de Cristo e lava os pés dos seus discípulos.

A paixão e morte de Jesus Cristo, na Sexta-feira Santa, é marcada pelo Sermão do Descendimento, cerimônia que faz muita gente se emocionar e leva uma multidão para a procissão de enterro e o cortejo que segue pelo centro histórico. No Sábado de Aleluia, os fiéis ficam em vigília, à espera da chegada do Domingo da Ressurreição.

Uma tradição que se arrasta por séculos é resgatada no Domingo de Páscoa. As ruas voltam a ser enfeitadas pelos tapetes de serragem e as janelas das casas decoradas com colchas de retalho, toalhas bordadas e vasos de flores. Os sinos anunciam o início da procissão, uma tradição que acontece desde o século XVIII em Mariana.



Procissão das Almas - Madrugada da Sexta-Feira da Paixão para o Sábado de Aleluia

12 REVISTA DE BORDO

2007

Fonte: Revista de Bordo, p. 12-13, Ano II, nº. 10, 2007.

Figura 04 - A Rua Direita em Mariana enfeitada para a Procissão da Ressurreição



Fonte: Studio Elcio Rocha, 2005.

Figura 05 - Casa residencial na Rua Direita, enfeitada para a Procissão da Sexta-Feira da Paixão



Fonte: Arquivo pessoal. Semana Santa em Mariana (MG), 2007.

Figura 06 - Praça Minas Gerais, durante Sermão da Sexta-Feira Santa



Fonte: Arquivo pessoal. Semana Santa em Mariana (MG), 2007.

Figura 07 - Praça Minas Gerais, durante Sermão da Sexta-Feira Santa



Fonte: Arquivo pessoal. Semana Santa em Mariana (MG), 2007.

